

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	BISPO_DE_NOVA_IGUAÇU_DOM_ADRIANO_HYPÓLITO_125.15
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém páginas sobre o Bispo Dom Adriano Hypólito. Total de páginas: 110
Dia/ Mês/Ano	1986
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, no ano de 1986, sobre a Diocese Nova Iguaçu, o Bispo Dom Adriano Hypólito e a Baixada Fluminense. Este conjunto documental contempla recortes jornalísticos sobre o Bispo, sobretudo entrevistas e notícias do cotidiano que narram a sua trajetória eclesial. No que tange a Baixada Fluminense, há reportagens sobre campanhas eleitorais e candidatos a prefeitos para 1988 em Nova Iguaçu. Neste sentido, há menções às condições de saúde pública, assistência social, violência, e notas sobre a Diocese e eventos do período. A fonte também destaca notas sobre a vida do Bispo, a Diocese e a região escritas na língua alemã. É importante mencionar também os artigos de Frei Luís Thomaz que estão presentes com frequência, argumentando sobre pontos de vista e teóricos sobre a Baixada Fluminense. Para além disso, a fonte contempla notícias sobre a ordenação de um padre negro no mês da



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



	Consciência Negra.
Palavras-Chave	Baixada Fluminense; Dom Adriano Hypólito; Diocese; Nova Iguaçu, Bispo;
Notas explicativas	A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”. Lista das páginas em língua estrangeira: 08, 09, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 23, 24, 25, 80, 100, 101 e 105.

Bibliothek

Jon Adriano Hypólito

1988: Okt

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 125.15

Bibliothek

METTINGEN

06 10 10

10. 11. 1901

Bibliothek
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEED

IM

Visita a N. Iguaçú leva Darcy a ampliar campanha na Baixada

A calorosa recepção que teve durante a caminhada de sábado, dia 27 pela manhã, no calçadão de Nova Iguaçú, fez com que o candidato do PDT Darcy Ribeiro tomasse a decisão de concentrar sua campanha nos municípios da Baixada Fluminense. Neste domingo (amanhã), às 11 horas Darcy estará fazendo uma visita ao mutirão de Nova Aurora, onde o governo Brizola tem concentrado várias obras: construção de dois CIEPs, saneamento, construção de casas populares e abastecimento d'água.

A maratona de inaugurações de novos CIEPs também será mantida como uma forma de, semanalmente, o candidato comparecer a um bairro da região. O propósito do PDT é superar o percentual de votos obtidos por Brizola em 82, que somente em Nova Iguaçú conseguiu cerca de 170 mil votos. O presidente do diretório municipal do PDT, Ananias Batista, estima entre 60 a 70% o percentual a ser conseguido por Darcy.

Tamanho otimismo vai de encontro aos números anunciados pelo IBOPE, e veiculados através do sistema Globo de rádio, TV e jornal. "Essas pesquisas são fajutas demais.

Basta observar a aberração dos números, para perceber que ela não tem nenhuma credibilidade", afirma Ary Silva, candidato do PDT a deputado federal. Esse mesmo ceticismo em relação aos números do IBOPE é manifestado por Ananias Batista. Segundo ele, a Globo estaria a serviço do candidato da Aliança Democrática, Moreira Franco.

ADESOES

Ao percorrer a pé as ruas do centro de Nova Iguaçú, Darcy Ribeiro foi saudado por dezenas de populares que engrossaram o coro puxado por cabos eleitorais do PDT, dando conta de que "O povo não esquece, Moreira é PDS". A surpresa da visita foi principalmente devido à pouca preparação e divulgação, que não impediram, no entanto, que o presidente do PT de Nova Iguaçú, Ricardo Bernardes, comparecesse para expressar publicamente o seu apoio a Darcy Ribeiro. De cima do carro apelidado de "brizolinha", o professor Ricardo Bernardes explicou a sua posição destacando que o

candidato do PDT é o que tem mais condições de chegar ao poder. "Vamos apoiá-lo porque é preciso garantir o espaço da oposição e derrotar Moreira Franco", disse Ricardo, que depois foi duramente criticado por seus colegas de partido.

Na última quarta-feira foi a vez do candidato a deputado estadual pelo PFL Farid Abrão David, irmão do prefeito de Nilópolis, Miguel Abraão e do banqueiro de bicho, Aniz Abrahão, confessar a sua adesão ao candidato de Brizola. O clã da família vem há muito tempo dando apoio ao governo federal, através do deputado federal Simão Sessim e do representante na Assembleia Legislativa, Jorge David. Esses dois continuam com Moreira Franco.



Darcy Ribeiro recebe os cumprimentos de vários populares, quando de sua visita a Nova Iguaçú, no calçadão da Avenida Governador Amaral Peixoto, no último sábado

Darcy diz que vitória na Baixada decide sua eleição

"É extremamente desonesto dizer que Moreira Franco pode vencer na Baixada Fluminense. É aqui, nesses municípios, onde Brizola concentrou mais o seu trabalho, em favor dos mais carentes". A afirmação foi feita por Darcy Ribeiro, candidato do PDT à sucessão do governo estadual, durante sua estada no bairro Nova Aurora, em Nova Iguaçu, onde foi aclamado por mais de três mil pessoas, depois de ter visitado feiras-livres e bairros de Duque de Caxias, domingo passado, acompanhado do candidato a vice, Cibyllis Viana,

do prefeito do Rio, Saturnino Braga, e Jó Resende. Saturnino criticou duramente Moreira Franco e as pesquisas do Ibope que apontam este como primeiro colocado na preferência dos eleitores. "Na Baixada e em todo o Estado" — garantiu — "só dá Darcy, só dá PDT". O crítico mais duro à candidatura Moreira Franco, no entanto, foi Cibyllis Viana. Para ele, Moreira é o "candidato da corrupção" e do "sistema".

Em Nova Aurora, Darcy e sua comitiva foram recebidos

num clima festivo, em ato programado pelo presidente do Mutirão, Laerte Rezende, candidato a deputado federal pelo PDT. Considerado um "reduto brizolista fechado", Nova Auropa foi um dos bairros mais beneficiados pelo governador Leonel Brizola, na Baixada Fluminense, através do projeto "Cada Família um Lote". Centenas de famílias já foram beneficiadas com a concessão de lotes e financiamento popular para compra de material de construção, além de já dispor de um CIEP em pleno funcionamento.

Com o objetivo de fortalecer a candidatura Darcy Ribeiro, a campanha continuará a se desenvolver na Baixada Fluminense, onde Brizola, em 82, conseguiu os votos necessários à sua eleição. Na região, conforme dados já divulgados, é que, também este ano, será decidida a vitória do candidato a governador do Estado. Em vista da repercussão positiva nas duas recentes visitas que fez à Baixada, notadamente em Nova Iguaçu, Darcy Ribeiro acredita que conseguirá vencer a eleição de 15 de novembro.

NOSSA DIOCESE

O SOLDADO DEIXOU ROUBAR SUA ARMA

Fr. Luiz Thomaz — interior

A informação está chegando de procedências que se somam: nas comunidades das periferias de nossa Diocese, tem nego se fazendo passar por candidato da Diocese de Nova Iguaçu. Se diz funcionário da Mitra Diocesana, proclama amizade pessoal com o Bispo, alega família catolicíssima e dispara: "Sou candidato da nossa Diocese!" Para que as comunidades não se deixem enganar, voltamos ao assunto: a Igreja tem candidatos?

Função da Igreja é formar a consciência crítica. A Igreja alimenta o crescimento da autonomia dos cidadãos. Conseguem-se tais objetivos, quando não precisamos ser carregados no colo. Quando não haja mais preocupação de criarmos currais eclesiais, com iluminados mantendo o rebanho do infantilismo, empurrando-lhe candidaturas goela abaixo, em nome de interesses religiosos.

Precisamos votar nos melhores. Os melhores, porém não são detectados por indicações eclesiais. Candidato bom é aquele escolhido de plena consciência e de plena liberdade. Há tanta margem de erro, aí, como em qualquer outra indicação. Com um detalhe votando em candidatos de bolso do colete ou da batina, o cidadão deixa-se amputar no direito de escolher, acertar e errar. É esta consciência adulta que a Igreja alimenta. Por isso, quem se apresenta candidato da Diocese está mentindo. Não vote nele!

Quem são os melhores? Quais são os que merecem nosso voto? São aqueles que estiveram permanentemente presentes, nas lutas do povo da Baixada. Critério de nossa escolha é a vida pregressa do pretendente. Se ele desapareceu da Baixada, "subiu na vida", ficou por cima, nas rodas da gente bem, borracha nele! Se o candidato só agora descobriu as comunidades e sujas as paredes que quer ajudá-las, ele quer te enrolar. Se quer ser enrolado, vote nele.

Há candidatos que dedicaram sua vida à caminhada popular. O povo os conhece. Nas promoções das organizações populares, nas manifestações das comunidades, nas associações de moradores, nas lides sindicais, no apoio aos mutirões, na resistência à ditadura, em tantos momentos da caminhada popular, eles estavam presentes. Onde estavam os outros que agora se apresentam pedindo seu voto? Pergunte a ele! Se responder mentindo, borracha nele, é o que ele merece!

Vote em candidatos que deram presença e suor, participando nas lutas populares. Eles merecem o voto dos cidadãos livres. Se você quer continuar a ser enganado, a levar em frente a sina de burro de carga, apanhando e levando o peso, vote irresponsavelmente:

venda o voto, troque-o por favores ocasionais, dê o voto por simpatia pessoal, na onda da imagem na televisão. Tem muitas maneiras de votar errado. O resultado todos sabemos: a sociedade brasileira continuará funcionando contra Você, que deixou que roubassem seu voto, sua arma de cidadão.

MOSAICO

01. No próximo domingo, dia 19, a Igreja comemora o Dia das Missões. A Diocese de Nova Iguaçu celebra esse dia com muito carinho. Consideramos a nossa Baixada como uma Terra de Missão.

O trabalho Pastoral que realizamos deve anunciar a vida plena a que todo o homem, também o da periferia, tem direito, bem como denunciar as causas que impedem que essa vida se manifeste em plenitude. Será a vida prometida por Deus essa que a maioria dos nossos irmãos vão vivendo? Será que a vida que se leva em Nova Iguaçu ajuda os homens a se sentirem irmãos uns dos outros? Por que só uns poucos podem viver plenamente a vida? Como aperfeiçoar o nosso trabalho pastoral para que ele esteja verdadeiramente a serviço da Vida?

A programação de domingo é a seguinte:

- 10 horas na Catedral: Ordenação sacerdotal do diácono Gilberto Teixeira Rodrigues.

- 15 horas concentração no Seminário e a seguir caminhada até o IESA, onde haverá a confirmação dos Agentes dos vários ministérios.

Toda a Diocese está convidada a participar.

02. Na terça-feira, dia 07, houve a reunião mensal do Conselho Comunitário de Saúde de Nova Iguaçu, às 19.30 h, no Posto de Saúde Vasco Barcelos. Na ocasião foi feita a prestação de contas pela Cáritas do Projeto de combate ao dengue. Participou da avaliação a direção da SUCAM de Nova Iguaçu que falou sobre o desempenho do Projeto sob o ponto de vista técnico. Os dados do trabalho no campo foram apresentados pelos inspetores.

03. No próximo domingo, dia 19, a FAMERJ estará promovendo no Ginásio do Instituto Rangel Pestana, Nova Iguaçu, um amplo debate político com a participação de todos os candidatos a governador do Estado. O início está previsto para às 15 horas. As inscrições para participar devem ser feitas na sede do MAB, Rua Ataíde Pimenta de Moraes, 37 — Nova Iguaçu.

IO DA LAVOURA

BADO, 18 E DOMINGO, 19.10.1986

N.º 3.624

PREÇO DESTE EXEMPLAR — Cr\$ 1,04

Candidatos sujam as ruas com "santinhos" e promessas

Transpor toda a extensão do calçadão da Avenida Amarel Peixoto, no centro de Nova Iguaçu, exige um exercício corporal para não ser, a cada metro, interpelado por partidários de candidatos com "santinhos". A cata do voto, além de ter contribuído para o crescimento do número de ambulantes, tem gerado mais trabalho para o pessoal da limpeza pública, que diariamente retira das ruas várias toneladas de lixo, em sua maioria papéis com propaganda política.

Por todo o chão da cidade têm "santinhos" jogados. A rotina da distribuição já provocou uma rejeição automática de muitos eleitores que nem mais se dão ao trabalho de verificar quem é o que diz o candidato: a primeira reação é de amassar e jogar fora o papel. Outros, para evitar essa "descortesia", ficam de posse do material por mais alguns metros, para depois atirá-lo ao vento. A julgar pelo movimento das gráficas, nunca se fez tanto panfleto como ago-

ra. Talvez porque o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) esteja agindo com rigor em relação às pichações de muro, tão comuns em 82.

Logo cedo, meninas contratadas pelos mais ricos candidatos, prostram-se em um ponto estratégico do centro de Nova Iguaçu ou saem pelas ruas dos bairros periféricos, com a tarefa de convencer o eleitorado de que é preciso votar no seu "patrão temporário". Encarado como festa por esses adolescentes, a distribuição de papel é quase sempre feita de forma aleatória e pouco convincente. Ao invés de um panfleto (também chamado de filipeta) dão vários para em menor tempo cumprirem a tarefa de distribuição. Tal procedimento deixa quem recebe desconfiado do propósito do candidato.

DRAMA DOS ECOLOGISTAS

Entre as propostas constantes nas filipetas, algumas merecem uma avaliação mais contida. Nenhum candidato

é ruim. Todos prometem soluções para os problemas que mais preocupam a população, como segurança, desemprego, menor abandono e outros. Todavia, não dizem como pensam em fazer isso, é que em muitos casos estarão restritos às funções do cargo de deputado. Outros, no entanto, vão mais longe e garantem coisas do tipo: redução em 50% do preço dos alimentos, fim da cobrança de impostos prediais e territoriais urbanos. Desinformação (fica subentendido como incapacidade) ou demagogia?

Para os ecologistas, o problema se dá ao nível da contradição. Ao levantar a bandeira da proteção do meio ambiente, precisam utilizar do papel oriundo das florestas para tornarem conhecidas suas propostas. Tal como os outros candidatos, essa manufatura vegetal acaba tendo o mesmo fim: o chão do calçadão.

Os menos afortunados candidatos são obrigados a

inovar para tornarem-se conhecidos. O sambista Dicró, por exemplo, candidato a deputado estadual pelo Partido Nacional Democrático (PND), tem como slogan a expressão: "Pior por pior vote em Dicró". Há ainda aqueles que apelam para a veia religiosa do eleitorado, como o ex-pedetista Anibal Mendes, que mesmo sem nunca ter sido padre ficou conhecido como "Padre Anibal".

É prática corriqueira a promoção de festas do tipo "boca-livre" para deixar o eleitor satisfeito. A rodada de cachaça levou o candidato da Aliança Popular e Democrática, Moreira Franco, a distribuir copos de plástico com a inscrição de seu nome. Os pagodes eleitoreiros substituíram os tradicionais pedidos de jogos de camisas para os times de várzea. Mas cresceu a oferta de camisas ostentando estampa, nome e número dos candidatos. As confecções não dão conta de tantos pedidos.

was ich konnte .

Das Gericht fragt , was er nach seiner Entlassung tun wollte
Herbert S.: Wenn ich rauskomme / werde ich mich als Operator

Candidaturas e uso do nome de Deus

Tá no JB desta semana (15-10-86): **PASTOR-CANDIDATO SIMULAVA MILAGRE.** Sob a manchete, conta-se a estória de um pastor mineiro, da Igreja Missionária Reino dos Céus, candidato a deputado federal por seu Estado. O reverendo senhor acaba de ser indiciado por estelionato, curandeirismo, charlatanismo e exploração da credulidade pública, juntamente com sua mulher, candidata a deputada estadual. Nos cultos que promove em Belo Horizonte, o pastor usa um caminhão, onde faz preces e pede votos. A parte superior do veículo ostenta faixas dele e da mulher, além do nome do candidato a governador, pintado em letras garrafais no fundo do altar. O JB conclui informando: a Delegacia de Roubos e Furtos apurou que nosso pastor simulava milagres e estava rico à custa das doações dos fiéis.

Estou voltando de um a semana em Canindé, interior do Ceará. Acredite se quiser: Canindé, nos interiores calcinados do Ceará, é o maior centro de peregrinação franciscana do mundo. Ajudei no atendimento às dezenas de milhares deromeiros. Inclusive nas pregações. Este ano, o programa das romarias preparado pelo Conselho Pastoral da paróquia, pedia que, a partir da devoção dosromeiros, se explicasse a importância da Constituinte e das próximas eleições. As pregações, sobretudo as do bispo auxiliar de Fortaleza, orador oficial da novena, terminavam sempre com estrondosos e uníssonos aplausos, por parte do povão nordestino explorado, mantido na dependência sequioso das águas libertadoras da Palavra de Deus.

Esta semana, a revista VEJA faz seu relato do acontecimento, com o direito que tem de afirmar o que pensa, mas com extrema unilateralidade. Na reportagem, nem sombra da grandiosidade eclesial, nas festas de Canindé. Nenhuma palavra sobre os esforços de numerosa equipe, que se prepara o ano todo, para ajudar nosso povo a entender a realidade social brasileira, a fim de colocar-se livremente, com cidadania plena, perante este mundo batizado mas pagão, que o impede a vida plena e até mata. Durante a novena, foi publicado o seguinte: o encarregado do cemitério de Canindé — só da cidade de Canindé, sem computar os distritos e arredores — registrou o enterro de 154 adultos e de 370 crianças, de 1.º de janeiro a 27 de setembro deste ano. O normal é morrerem os velhos; no Brasil, normal é morrerem as crianças.

VEJA faz observações interessantes sobre as romarias de Canindé. No lugar do "conforto espiritual que buscavam, como fazem todos os anos, os devotos foram recebidos com discursos políticos pelos religiosos". "O descontentamento foi a tônica da festa". "Quem vem para cá não quer ouvir comício de ponta de feira". "Só queremos o conforto do Evangelho". — Ponta de feira foi, de fato, a basilica de São Francisco, único lugar não invadido pelos vendilhões da festa. São Francisco, ciosamente defendido por eles, é outro nome para seus lucros. Uma pergunta: onde foi que essa gente encontrou tanto conforto no Evangelho? no estábulo de Belém? no case-

Fr. LUIZ THOMAZ — interino

bre de Nazaré? no travesseiro de pedras caminhadas? na perseguição caluniosa dos escribas e fariseus? no pretório de Pilatos? ou na cruz do Calvário?

Os fatos acima explicitam a dubiedade perigosa no uso do nome de Deus. Deve ser o nome mais usado, na convivência humana. As mais das vezes, de maneira vã ou com objetivos contrários ao efeito que deve ter: para alienar, amansar, conformar, submeter-se, obedecer, deixar-se levar. Usa-se o Nome de Deus para impedir que as pessoas se libertem e construam, com suor e participação, a história social querida por Deus. Na mesma lógica de faturamento,

usa-se a Igreja ou as igrejas, como escadinha para a espertalhões subirem na vida. As eleições vêm aí e eis mais um critério para escolha de Seus candidatos: cuidado com os que usam Deus e Igrejas como bandeira eleitoral. Não votem neles! Além dos outros pecados, não levam Deus a sério, capazes que são de prostituir o mais sagrado, em benefício de míseras e passageiras vantagens.

MOSAICO

— **RETORNO DO BISPO DIOCESANO** Após cinco semanas, dom Adriano está de volta à Diocese. Esteve em Roma e no norte da Itália, na Suíça e Alemanha. Em Roma, visitou nossos dois padres estudantes, que em breve se formam e regressam. Do norte da Itália, procedem diversos padres que pelem croco, na Baixada. Suas famílias muito se alegraram, com a visita do bispo que acolheu seus filhos, no Brasil. Da Suíça, são várias irmãs de Santa Cruz de Ingenbohl, que assistem as paróquias de Santa Rita e Tinguá. Na Alemanha, dom Adriano manteve contato com amigos pessoais e entidades eclesiais, que subsidiavam diversos projetos pastorais. Todos damos boas-vindas ao nosso bispo!

— **RETORNO DE AZULEICKA** — Com dom Adriano, viajaram sobrinhos seus (Teresa e André) e a companheira Azuleicka Rodrigues, presidente da Federação das Associações de Moradores (MAB) de Nova Iguaçu. Azuleicka e os sobrinhos de dom Adriano viajaram a convite de uma Ação de Ajuda ao Brasil (Aktionskreis Pater Beda). Muito justo! Numerosas visitas chegam para conhecer o Brasil, a partir de Nova Iguaçu. Nossa diocese os recebe como irmãos. É justo que brasileiros também conheçam a Alemanha e outros países. Possibilita visão mais objetiva dos nossos problemas. A Europa ensina, que é possível a sociedade em que já se resolveram os problemas fundamentais da existência. Daí, precisamos continuar a luta pela justiça, contra a iniquidade estrutural da sociedade brasileira. Azuleicka é bem-vinda, de volta a essas lutas!

— **DIA DAS MISSÕES** — Dia de reflexão sobre a dimensão missionária da Igreja. Afirmações ambíguas, não? O mundo, sobretudo nossa Baixada, está

cheia de igrejas lutando por se expandir, com o nome de Cristo na boca. O que seria a dimensão missionária da Igreja? O imperialismo e vitória final de determinada Igreja, que se sobrepusesse e eliminasse as outras? Uma denominação religiosa se expandindo e encampando as concorrentes? Isso é jeito humano e pecaminoso de pensar. Igreja de Cristo é serviço despojado ao Povo de Deus. Por isso, a Igreja de Cristo expande-se, realizando a dimensão missionária, quando seu serviço ajuda o Povo de Deus a ser libertado, livre, adulto, dono de seus destinos.

— **DIA DAS MISSÕES** — Em nossa Diocese, o Domingo das Missões será celebrado com grande solenidade. Na parte da manhã, às 09 horas, na Catedral de Santo Antônio, o bispo diocesano conferirá a ordem do presbiterato ao diácono Gilberto Rodrigues que, há anos, vem ajudando na pastoral daquela paróquia. Na parte da tarde, às 16 horas, haverá a grande celebração do Dia das Missões, no auditório do IESA (Colégio das Irmãs). Em nossa Baixada de povão usado e enganado, é importante que sua Comunidade e nossa Igreja Diocesana sejam libertadoras: instrumento divino ajudando a expandir os limites da liberdade e da autonomia dos filhos de Deus. Parabéns ao Gilberto! Ele seja bem-vindo, na plenitude agora do serviço libertador ao Povo da Baixada!

Maranhense Chico Amaral leva Baixada ao governo

JORNAL DO BRASIL

Data: 19/11/86

Caderno pag. 7

Orivaldo Perin

As origens da história política do novo vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, Francisco Amaral, coincidem com a origem do vice-presidente que chegou ao Palácio do Planalto depois de morte que o país inteiro chorou. Como José Sarney (vice da Aliança Democrática costurada por Tancredo Neves) Amaral (vice da mesma Aliança, revivida no Rio por Moreira Franco) é do Maranhão. Sarney é de Pinheiros e Chico Amaral, como é mais conhecido, de Pedreiras. Ambos entraram na composição de suas chapas para conciliar votos e interesses. E as famílias dos dois chegaram a se conhecer em terras maranhenses.

"Quero que as coincidências parem por aí", brinca Chico Amaral, primeiro morador da Baixada Fluminense a conquistar um cargo importante no poder executivo estadual. "Quero ajudar Moreira Franco a cumprir uma administração que responda a todas as expectativas da população, não só da Baixada Fluminense, minha área de atuação, mas de todo o estado. Queremos um novo estado, uma nova era, que restaure a confiança do público na ação do governo. Fortalecido pela vitória nacional, o PMDB tem o dever de operar mudança que leve à modernidade administrativa do país, corrigindo nossas instituições e eliminando as injustiças sociais".

Funcionário aposentado do Banco do Brasil, advogado militante (especializado na área cível), Francisco Amaral completou 53 anos no dia 1º e, segundo seus amigos, tem formação moral que inclui os ensinamentos do pai e dos três anos que passou como seminarista entre jesuítas. O pai, Antenor Magalhães do Amaral, faleceu em 82, aos 86 anos, chorado por nada menos que 10 filhos, dois residentes em Brasília e o resto em Nova Iguaçu, onde a família chegou em 1948.

"Papai foi deputado na Constituinte de 34, eleito em Pedreiras pelo Partido Republicano Maranhense. Ele conhecia Carlos Macieira, pai de Dona Marly, a primeira dama do país. Dos 10 filhos, entretanto, só eu entrei na política", conta o novo vice-governador. Respeitado pelas associações de moradores de Nova Iguaçu (mora no centro da cidade) e pelas comunidades eclesiais de base (é advogado da Mitra Diocesana e amigo do bispo Adriano Hipólito), Chico é membro da Comissão de Justiça e Paz da diocese e tem uma história muito conhecida na cidade, como defensor de mutuários do BNH ameaçados de despejo, no final dos anos 70 e começo dos 80.

Quem quiser conversar com ele, primei-

ro parecia acostumar-se ao seu tom de voz, baixo, e ao seu jeito calmo. Em meio à euforia dos moreiristas, ele é uma exceção. A voz baixa provavelmente é resultado da disciplina que se impôs ao longo da vida, devido a um problema de audição que o obriga ao uso de pequeno aparelho de surdez atrás de um dos ouvidos. Chico Amaral tem grande respeito pela mãe, Dona Maria de Lourdes, que mora numa casa em frente à dele. Todos os dias, toma o café da manhã com ela e só depois disso — "e de ler o JORNAL DO BRASIL" — sai para o trabalho.

"Moreira não tem receio de seu vice. Ele é meu irmão de política e geografia"

"Vim parar no Estado do Rio de Janeiro porque meu pai, coletor federal, queria um lugar onde os filhos pudessem estudar. De Pedreiras, ele conseguiu transferir-se para Itaocara, no interior fluminense, em 1942. Em 48, viemos para Nova Iguaçu, de onde nunca saí. Aqui, me casei com Abadia Aurora e tive meus quatro filhos (duas mulheres e dois homens)", conta ele. A carreira política começou também em Nova Iguaçu, em 58, quando participou da campanha pela disputa do governo do velho Estado do Rio de Janeiro, trabalhando para o último grande líder da Baixada Fluminense, Getúlio Moura, que perdeu o pleito para Roberto Silveira.

Em 62, Chico Amaral, estudante de direito na Faculdade Nacional, aderiu à campanha de Sérgio Magalhães, que disputava o governo da extinta Guanabara com Carlos Lacerda. "O que eu fazia? Panfletava, como fazem todos os estudantes que hoje entram para a política partidária". O golpe de 64 pegou-o como funcionário da direção geral do Banco do Brasil, na Praça Pio X. "Eu era a favor das reformas de base", lembra ele. "Por isso, logo depois do golpe, ingressei no MDB e passei a ter militância política em toda a Baixada Fluminense. Em 74, Chico Amaral venceu a primeira eleição de sua vida: deputado estadual do velho Rio de Janeiro, pelo MDB, com 19 mil 200 votos.

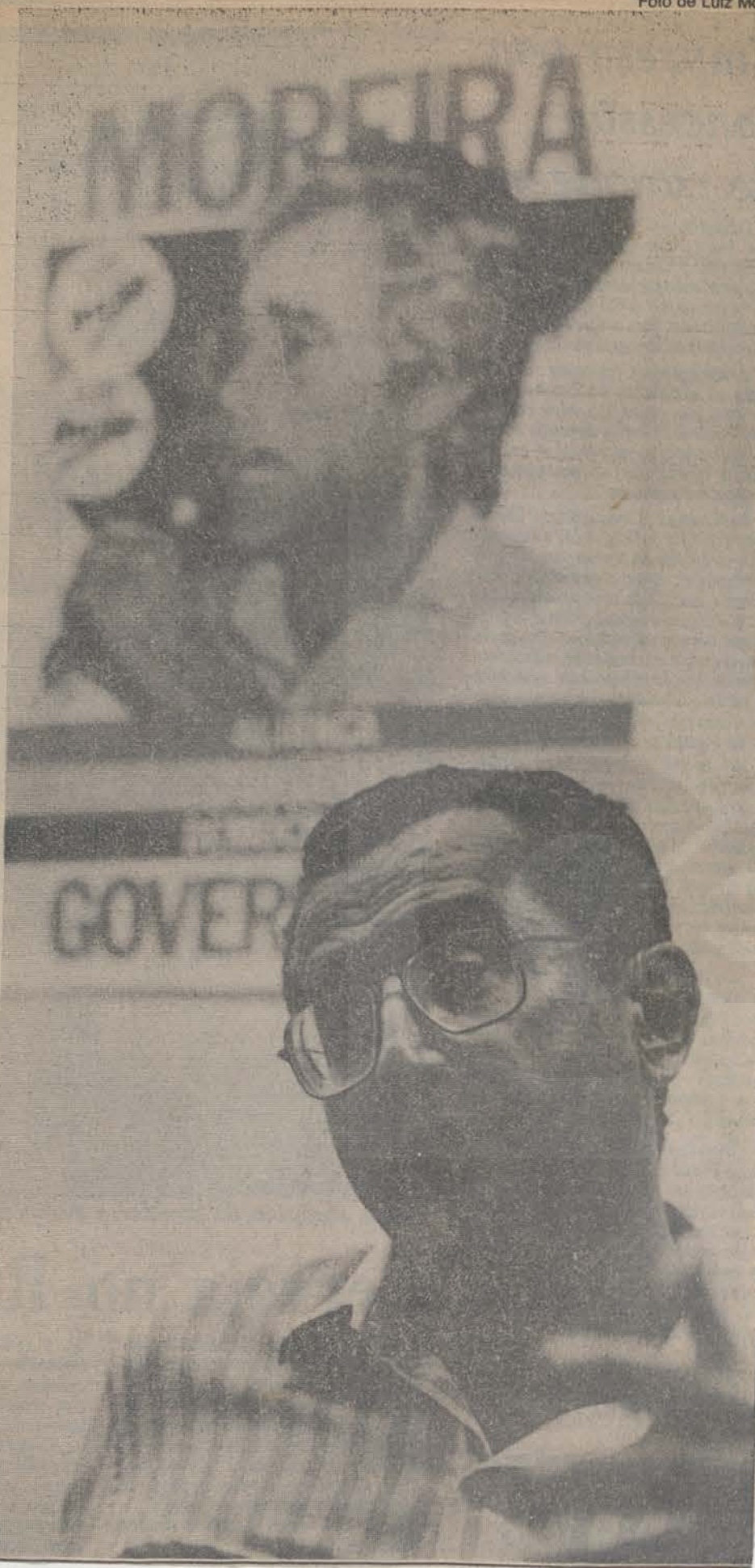
Em 76, depois da criação do novo Estado do Rio de Janeiro, disputou a Prefeitura de Nova Iguaçu, numa suglegenda do seu partido. Obteve 33 mil 800 votos e o eleito foi o candidato da Arena, beneficiado pela soma das sublegendas. Escolhido secretário-geral do PMDB no Estado, Chico Amaral voltou às urnas em 78, dessa vez para eleger-se com 25 mil 600 votos para a Assembléia Legislativa do novo Estado. "Minha votação sempre saiu de Nova Iguaçu, onde estou muito ligado a todas as lutas sociais dos moradores do município e da região."

"O que falta à Baixada? Tudo. A Baixada chegou a um ponto que, para chamar a atenção das autoridades, passou a interditar ruas e estradas. Só assim, a região conseguiu sensibilizar o poder público. Nela não há saneamento, os serviços de saúde são péssimos, os transportes são horríveis, a educação é problemática, enfim, é aquele rosário que todos estão cansados de conhecer. Sem contar a falta de segurança. A população da região (3 milhões de pessoas) não sente a presença da autoridade", diz ele.

Como vice-governador, ele pretende reverter essa situação. "Aceitei ser vice do Moreira Franco, meu amigo desde a campanha de 74 no velho estado (Moreira foi eleito deputado federal pelo MDB) porque, desde o começo, ele assumiu o compromisso de olhar mais para a região mais carente do Estado. Durante a campanha, esteve na Baixada nove ou dez vezes. Foi a região que ele mais visitou. Minha candidatura a vice consolidou-se depois de uma reunião com as associações de moradores locais. Uma reunião de mais de cinco horas, enriquecida por uma discussão com os líderes das comunidades. Devo dizer que a proposta do Moreira Franco impressionou o pessoal daqui".

Depois que perdeu a eleição de 82 (disputou uma cadeira na Câmara Federal) Chico Amaral voltou à atividade partidária, como presidente do PMDB em Nova Iguaçu e, entre suas atividades de advogado, incluiu a procuradoria da Prefeitura de Paracambi, a convite do prefeito Délio Leal. Em quatro anos de atuação em defesa dos interesses da prefeitura, nunca perdeu uma causa. "O convite para se vice-governador chegou quando eu tinha iniciado minha campanha como deputado estadual. Tanto que, em vários locais onde andei com o Moreira, encontramos propaganda dessa fase." conta ele.

Das suas semelhanças com o vice Sarney, ele lembra uma piada de Millôr Fernandes, no JORNAL DO BRASIL, que perguntou: "Moreira, você não tem receio de ter um maranhense como vice?" Claro, o Moreira não precisa ter receio. Ele é meu irmão de política e geografia. Nasceu no Piauí e eu no Maranhão".



O vice-governador eleito quer ajudar Moreira Franco a assegurar para o Estado do Rio de Janeiro "uma nova era"

(Übersetzung ins Deutsche des Briefes vom Zentrum fuer Menschenrechte in Nova Iguaçu RJ - Brasilien - an den Verleger des NATIONAL CATHOLIC REPORTER, P.O.Box 419 281 - Kansas City - MO 64141 - U.S.A.)

Geschätzter Verleger,

Das Zentrum für Menschenrechte in Nova Iguaçu hat vom Artikel "Brasilianischer Bischof nimmt Warnung von Rom zu Herzen", unterzeichnet von KEN SERBIN und herausgegeben im NATIONAL CATHOLIC REPORTER (24/2/1989), Kenntnis genommen. Wir erhalten die Wochenzeitung NATIONAL CATHOLIC REPORTER hier in Nova Iguaçu und schenken ihr grosse Beachtung. Ihre intelligenten und kritischen Artikel helfen uns in unsern sozialen Bestrebungen nach besseren Definitionen unserer Lokalkirche, die nach sichereren und befreienderen Wegen für das Volk Gottes sucht. Um der Wahrheit gerecht zu werden, teilen wir Ihnen mit: Der Artikel von Ken Serbin (welcher dies sicherlich nicht beabsichtigte) enthält ungerechte Behauptungen, die der Diözese von Nova Iguaçu und der Person des Bischofs Hypolito nicht unterschoben, und Verletzungen, die ihnen nicht zugefügt werden dürfen. Wir sind von dieser Diözese und kennen Bischof Hypolito. Im Namen der Gerechtigkeit bitten wir Sie dringlichst, dass der NCR unsere Stellungnahme und Erklärungen publiziert.

Zuallererst fällt uns die Ueberfülle von Anführungszeichen auf, ohne dass bei den betreffenden Bemerkungen und Erwähnungen ihr Urheber genannt wird. Das ist zum wenigsten befremdend. Es macht den Eindruck, dass nur eine Seite gehört wurde. In der heute herrschenden allgemeinen Verwirrung, die vielmal hervorgerufen wird durch gegensätzliche Interessen, fühlt sich der Journalist eingeladen, ebenfalls die andere Seite zu hören. Die andere Seite in unserem Fall ist die Diözese von Nova Iguaçu, ist die Mehrzahl ihrer Priester, Ordensleute, ist die Vielzahl ihrer engagierten Laien und Pastoralhelfer, sind die kirchlichen Gemeinden, die ihren Glauben wahrhaftig leben wollen ohne sich verwirren zu lassen. Hört man diese, erfährt man, dass unsere Diözese vielfältiger, tiefgründiger und viel reicher ist als alle Streitigkeiten, die ab und zu hervorgerufen werden von kleinen Gruppen, welche nicht repräsentativ sind für das, was wir sind und was wir wollen.

Der Artikel hinterlässt den Eindruck eines allgemeinen Aufruhrs in der Diözese von Nova Iguaçu und einer massiven Enttäuschung über Bischof Adriano. Dies ist falsch, es stimmt mit der Wirklichkeit nicht überein. In unserer Diözese besteht kein allgemeiner Aufruhr. Was wir erleiden ist die persönliche Reaktion einer kleinen Gruppe, die in ihrem Namen spricht und handelt. Die Mehrzahl dieser kleinen Gruppe gehört juristisch nicht einmal zur Diözese. Sie sind andern Diözesen eingegliedert, momentan jedoch unsere und Bischof Adrianos Gäste. An Stelle von Abweisung und Verwerfung gewann Bischof Adriano in der Diözese aufrichtige Bewunderung für das, was er ist, für seine grosse nicht enttäuschende Fähigkeit, die er besitzt, Bruder aller zu sein, besonders seiner Priester und Pastoralhelfer.

Der Artikel spricht von einem Rückwärtsgang, der in der Diözese bestehen soll. Wir stellen es in Frage, ob das die beste Auslegung der Tatsachen ist. Der Eindruck entsteht, wenn z.B. der Priesterrat nach reiflichen Erwägung den Entscheid fällt, die Koordinierung der Dekanate an die Priester zurückzugeben. Das wird als Klerikalismus gestempelt, geschieht aber aus der Ueberlegung, dass die Priester die Vollzeit für die Pastoralarbeit zur Verfügung haben, während die engagierten Laien, Arbeiter und Familienväter ihrem täglichen Verdienst in zermürbender Arbeit nachgehen müssen. Die Diözese kann ihnen nicht noch mehr Lasten auferlegen und mehr Opfer von ihnen fordern. In sozialer und pastoraler Situation wie die unsere sollten wir Priester die so schwere Last unserer Laien erleichtern.

Was der ange deutete Rückgang der politischen Bewusstseinsbildung in unserer Diözese betrifft, möchten wir an die gegenwärtige Gefahr erinnern, die alle Lokalkirchen laufen, von Wahlinteressen ausgenützt zu werden. Wir mühen uns ab in der Pastoralarbeit unserer Diözese und bemerken plötzlich die verwegene Annäherung von Ausnützern, welche die Kirche nicht lieben, nicht zu ihr gehören, nie für sie Kräfte einsetzen, sie vielleicht gar verachten, aber jetzt im Jahr der Wahlen, diese Kirche als einträgliches Sakral-Mittel für ihre politische Karriere entdecken. Offen gestanden ist es nicht möglich, unsere Bestürzung zu verhehlen über die Haltung von Ordensleuten, die mit Bischof Adriano arbeiten und mit ihm leben, die den Unsinn begehen, kirchliche Ziele mit irdischen und politisch gefärbten Interessen zu vertauschen.

Die Manipulation der Person des Bischof Adrianos ist unverantwortlich. Als Kommission der Menschenrechte und als erwachsene Christen dürfen wir manches, was die Kirche von oben aussagt, kritisch aufnehmen und diskutieren, weil solches Vorgehen die Autonomie des Gottesvolkes und die Situation der Lokalkirchen mit ihrer Eigentümlichkeit nicht genug in Betracht zieht. Wenn es sich jedoch um die Kirche - Volk Gottes und Familie von Brüdern handelt, berufen wir uns auf die Einheit als höchstes und erstes Gebot: Einheit mit unserem Bischof, mit dem Heiligen Vater als Zeichen und Garantie der Einheit der Kirche Christi. Keinesfalls erlaubt Bischof Adriano den Missbrauch seiner Person und seiner Pastoral als aufwühlerisches Element der unerlässlichen Einheit des Volkes Gottes, und wir protestieren, wenn solches mit ihm geschieht.

Die Reportage zeigt eine leichtfertige Sicht, die das kirchliche Leben als eine unversöhnliche Trennung zwischen Progressisten und Konservativen charakterisiert. Wir glauben, dass es andere Eingangstore gibt in dieses lebendige und komplexe kirchliche Universum als solche Bezeichnungen. Im jetzigen Zeitpunkt ziehen wir eine Gewissenserforschung im Sinne einer grösseren oder kleineren Kohärenz vor. Mehr als alle Abstempelung der Personen hilft der Sache des Gottesvolkes das Hineinhorchen in uns selbst, damit wir das, was wir sagen, was wir glauben und was wir in Wahrheit sind, auf den gleichen Nenner bringen können. Wenn wir so vorgehen, lösen sich Schein, Reden und Geräusche von selbst auf und zeigen, ob wir Silber oder Blech sind.

Indem der Artikel Wiederklerikalisierung argumentiert, hinterlässt er den Eindruck, dass auf der einen Seite der autoritäre und überhebliche Bischof steht und auf der andern die martyrisierte Gruppe. Dieser Eindruck ist falsch. Im Falle von Nova Iguaçu trifft es vielleicht gerade zu, dass der Bischof, der im Grunde genommen die Macht verkörpern könnte, der schwache Teil ist, weil er sich für evangelische Enttöserung entscheidet. Der "starke" Teil könnte die sich als Opfer bezeichnende Gruppe sein, wenn sie Unterschriftensammlungen benutzt, deren Manipulierung nachgewiesen werden kann, wenn sie zur Verstärkung ihrer Position widersprüchliche Kundgebungen macht, deren schädlicher Inhalt nur dazu beiträgt, die Spaltung im Volk zu nähren und zu vergrößern. Es ist überflüssig anzufügen, dass solches Vorgehen in nicht allzu ferner Zukunft nur dazu dienen kann, den Bewegungsräum derjenigen einzuengen, die glauben und sich für eine brüderliche Kirche anmühen.

Die Reportage scheint den Progressismus in der Kirche mit der Zugehörigkeit zur Arbeiterpartei zu verknüpfen. Wir können allerdings feststellen und bejahen, dass die Arbeiterpartei (PT) im Moment dem Volk vielleicht die Möglichkeit bietet, einen Schritt nach vorne zu kommen. Allerdings möchten wir die örtlich bestehenden Schwächen und Inkohärenzen nicht minimalisieren. Der PT zu vertrauen oder ihren Kampf mit der kirchlichen Bemühung zu identifizieren ist ein so grosser Unterschied wie zwischen einem freien, erwachsenen Christ und einem, der sich manipulieren lässt und erlaubt, dass seine Kirche politisch ausgenutzt wird. Genau das geschieht in manchen Kirchen, wenn Ordensleute von Drittpersonen manipuliert werden, die nicht zur Kirche gehören, sondern von politischen und nicht pastorellen Interessen motiviert sind.

Eine letzte Bemerkung zur 7. Zusammenkunft der kirchlichen Basisgemeinden, die im kommenden Juli in Duque de Caxias stattfinden wird. Die Reportage hinterlässt den Eindruck, dass Dom Adriano im erwähnten Rückwärtsgang gegen diesen Kongress wäre. Um der Wahrheit willen möchten wir folgendes sagen: Bei der Verwirklichung einer Zusammenkunft von nahezu 2000 Personen ist die Infrastruktur von fundamentaler Bedeutung und nicht der äussere Lärm. Schön: Bischof Adriano stellt alle der Diözese gehörenden Häuser und Ausbildungszentren dem 7. Kongress der kirchlichen Basisgemeinden zur Verfügung als Unterkunft für Gäste und Teilnehmer. Er suchte und fand Hilfe von auswärts, um 4000 Mahlzeiten pro Tag zu liefern, die in der Diözese vorbereitet, nach Duque de Caxias gebracht und dort serviert werden. Ist das nicht eine interessante Form Gegner zu sein!?

Im übrigen verfolgen wir mit Interesse und Sympathie die systematischer Bemühungen des NCR, der in seinen Reportagen die Kirche als wichtiges und wesentliches Element darstellt auf dem Weg des religiösen und unterdrückten Volkes mit seiner Sehnsucht nach mehr Gerechtigkeit, Wahrheit und Frieden.

Sada Baroud David P. Luís Thomaz OFM
Prof. Sada Baroud David - presidente Hochachtungsvoll
vice-presidente P. Luís Thomaz OFM - vice-presidente
CENTRO DE DIREITOS HUMANOS DE NOVA IGUAÇU
Rua Capitão Chaves 60 - Centro
26220 Nova Iguaçu, RJ - Brasilien

Bischof Adriano Hypólito von Nova Iguaçu, Brasilien

Adriano Hypólito ist Bischof der Millionenstadt Nova Iguaçu bei Rio de Janeiro. Arbeitslosigkeit und Slums sind die vordringlichsten Probleme dieser "Schlafstadt" von Rio. Wie Leonardo Boff gehört Adriano Hypólito dem Franziskanerorden an. Weitere Franziskaner aus Brasilien, die auch hierzulande bekannt sind, seien erwähnt: Kardinal Aloisio Lorscheider von Fortaleza und Kardinal Arns von São Paulo. Allen gemeinsam ist der Einsatz für die Armen. Die Kirche ist für sie "die Stimme all derer, die keine Stimme haben, die von den Mächtigen nie gehört werden." Das Sozialengagement wird nicht nur von Staat und Wirtschaft kritisiert, sondern auch vom konservativen Klerus.

"Im September 1976 wurde Dom Adriano von einem rechtsextremen Terrorkommando entführt, entblösst, verprügelt, mit roter Farbe beschmiert und in diesem Zustand auf der Strasse stengelassen. Als es ihm drei Jahre später mit der Hilfe gleichgesinnter Journalisten gelang, die Täter zu identifizieren (eine Zelle des Armeegeheimdienstes) ging unter dem Altar des Doms von Nova Iguaçu eine Bombe hoch. Die 'Unbekannten' liessen auf den Kirchenbänken ein Pamphlet liegen, in dem sie von den Gläubigen Verständnis für den Zwischenfall forderten. 'Gegen ihren Willen' hätten sie sich zu diesem Gewaltakt gezwungen gesehen, um den Bischof, einen 'kommunistischen Agitator', öffentlich zu warnen." (Tages Anzeiger, 4.1.84)

Adriano Hypólito wurde am 18. Januar 1918 in Aracaju geboren.

Studium bei den Franziskanern in Pernambuco und Bahia.

1942 Priesterweihe. Lehrer am Kleinen Seminar der Franziskaner.

1963 Weihbischof von Bahia.

1966 Ernennung zum Diözesanbischof von Nova Iguaçu.

1976 Entführung durch rechtsradikale Kreise.

1977 Verleihung des Ehrendokortitels der Universität Tübingen.

1979 Teilnahme an der Lateinamerikanischen Bischofskonferenz in Puebla.

1984 Verleihung der Ehrenbürgerrechte des Staates Rio de Janeiro.

Die Theologie der Befreiung aus der Sicht der Armen von Nova Iguacu

- a) - die Theologie war immer schon da; die Armen waren immer schon da. Warum hat sich die Theologie - die Wissenschaft von Gott - früher nie mit den Armen, den Lieblingen Gottes, beschäftigt?
 - Mein Theologiestudium (1940-1943) - die Vorlesungen, die Schulbücher - haben uns die Glaubenssätze doziert. Es war immer bei den Professoren und bei den verschiedenen Autoren, die wir damals benutzt haben - Tanquerey, Bertmann, Pohle usw. - die Sorge vorhanden, der Tradition, dem Lehramt, dem Papst treu zu bleiben, Wahrheiten über Unglauben mitzuteilen. Dabei wurde aber vergessen, die unmenschliche Situation unserer Völker in Lateinamerika und in Brasilien aus der Sicht des Glaubens zu betrachten. Der Glaube beschäftigte sich mit Gott, aber nie mit den unterdrückten Menschen, mit denen sich Jesus Christus identifiziert hat (vgl. Mat. 29 40 45).
- b) Das versucht die Theologie der Befreiung. Sie ist und will Theologie - Wissenschaft von Gott - sein. Sie schöpft aus dem Glauben, aber auch aus den Zeichen der Zeit, aus der Not des durch das Evangelium Jesu Christi zu erlösenden, zu befreienden Menschen. Dass gerade in Lateinamerika eine Theologie der Befreiung entstehen musste, ist nicht zu verwundern. Unsere Länder sind im vergangenen Jahrhundert, Brasilien am 7. September 1822 (also vor genau 162 Jahren) von den Kolonialmächten Portugal (Brasilien allein) und Spanien (die übrigen lateinamerikanischen Länder) unabhängig geworden. Aber diese politische Unabhängigkeit, an der sich der Klerus tatkräftig beteiligt hat (und das wird immer wieder herausgestrichen) ist bis heute nicht reif geworden. Im vergangenen Jahrhundert konnte Alexandre Herculano, der grosse portugiesische Dichter, sagen: "Für Portugal brachte die Unabhängigkeit Brasiliens nur Vorteile: ohne dass wir für Brasilien Verantwortung tragen, erhalten wir daher mehr Geld als in der Kolonialzeit" (frei nach dem Gedächtnis zitiert).
- c) Den Anstoss zur Theologie der Befreiung gab die gelebte und erlebte Theologie unserer Kirche in den Jahren nach dem Konzil. Die Pioniere waren für Brasilien ohne Zweifel:

- Propheten wie Dom Helder Câmara, Tristao de Athayde Martinho Michel usw.
- die katholische Aktion (JAC, JEC, JOC, JIC, JUC)
- "Circulos Operarios" (kirchliche Arbeiterbewegung) von den Jesuiten, Franziskanern, Weltpriestern geleitet
- die "Bewegung für eine bessere Welt" des Jesuiten P. Lombardi
- das zweite Vaticanum (1962 - 1965)
- die Bischofskonferenz von Medellin (1968)
- die CNBB - Brasilianische Bischofskonferenz

All dies hat uns auf die skandalöse Situation der meisten Menschen in Brasilien aufmerksam gemacht. Ihr Glaube wurde von den sozialen Ungerechtigkeiten, von den Missständen des politischen und wirtschaftlichen Systems angegriffen. Die Pastoral schöpft aus dem Glauben und aus der konkreten Erfahrung mit den Unterdrückten - d.h. den breiten Massen unseres Volkes - Kraft, sich für diese leidenden, kleinen Brüder und Schwestern einzusetzen. Die Kirche, die in den früheren Jahrhunderten bis tief in unser Jahrhundert hinein zu den Machthabern hielt, bekehrte sich zum Volk - ganz im Sinne des Evangeliums. Wenn Puebla 1979 eine "vorrangige Option für die Armen" macht, so ist diese Option keine Neuigkeit, sie ist ein Hauptanliegen unseres Herrn Jesus Christus. Diese Option dürfte keine "vorrangige" sondern einfach "eine Option für die Armen" genannt werden.

- d) Dass die Soziologie viel zu dieser Entscheidung unserer Kirche beigetragen hat, ist nicht abzustreiten. Dass selbst eine Ideologie, eine gottlose wie die marxistische, positive Elemente der Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung liefern konnte, darf man sich nur wundern, wenn man die Kirchengeschichte nicht kennt. Das Hauptanliegen unserer befreienden Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung ist, aus dem Glauben heraus, aus der Sicht des Glaubens, einen Beitrag zur Besserung unserer sozialen Missstände zu geben. Die Ideologien dürften etwas (z. B. Anregung, Begriffe usw.) dazu beitragen; das Entscheidende aber in der Pastoral und auch in der Theologie

der Befreiung kommt von Jesus Christus.

e) In den letzten Jahrzehnten ist unsere Kirche, die unter den laufenden Diktaturen unserer Länder viel leiden musste und immer noch leiden muss, zu einer Hoffnung für unsere Völker geworden. Die "Armen" - die kleinen Brüder und Schwestern, die am Rand des sozialen Progresses darben müssen, die praktisch keine Rechte haben, weil sie machtlos sind - zeigen sich fähig zu lernen. Sie können wachsen, sie verstehen, dass diese Kirche, die aus dem Glauben schöpft, sich für das Volk einsetzt, sich mit dem Volk identifiziert und mit dem Volk zusammengeht, die einzige Institution darstellt, die selbstlos für eine bessere soziale Ordnung mit dem Volk zusammen kämpfen kann und muss. Hoffentlich tut sie das überall in Lateinamerika, in Brasilien in der ganzen Welt.

f) So darf ich ruhig behaupten: die Armen in Nova Iguaçu verstehen diese Kirche, die ganz im Sinne der Frohbotschaft, die ganz in Treue zu Jesus Christus und zur Tradition unserer Kirche mit ihm zusammengeht und mit ihm für eine gerechtere soziale Ordnung - mit anderen Worten: für das Reich Gottes, das hier in diesem Aeon beginnen muss -, kämpft und leidet.

Ohne die Bedeutung sozialer Kategorien für die Pastoralarbeit zu leugnen sehen wir in unserem Volk ein "Gottesvolk", ein "Bundesvolk", ein "auserwähltes Volk", das von der Sünde, von einer persönlichen, von einer sozialen Sünde durch Jesus Christus erlöst, befreit werden muss.

Luzern, 1.9.1984

Como é perfeitamente previsível e estava até previsto e de data marcada por instituições de meteorologia, acontece mais uma seca no Nordeste. Mais uma vez, a monstruosa tragédia humana e social da seca nordestina. Mais uma vez, quanta gente honesta e trabalhadora de nosso Nordeste vai ser obrigada a arrancar-se de seu chão e de suas raízes afetivas! Quanta gente honesta e trabalhadora vai ser forçada a fugir de seu torrão natal, para sobreviver nas favelas inchadas de nossas periferias urbanas! Nós, da Baixada, conhecemos bem esta situação.

Quanto sofrimento humano significa uma seca no Nordeste! Quantos irmãos nossos, vivendo no equilíbrio de seu meio familiar, vão ser, mais uma vez, empurrados para longe do seu universo cultural e afetivo! Quantas famílias bem constituídas serão desfeitas pelas separações forçadas! Quanta gente profundamente honesta, que nunca pensou em tocar no alheio, vai ser obrigada a invadir e saquear para onde não é querido, a fim de sobreviver como bestas-de-carga, em trabalhos rudes e mal remunerados. De fato, a seca é uma tragédia monstruosa.

Qual a nossa atitude de cristãos, perante o sofrimento dos nossos irmãos do Nordeste? Apenas dar uma contribuição financeira, a fim de não pensarmos mais no problema? Seria muito pouco e muito pouco cristão. Um problema social é também ocasião para os cristãos das comunidades se conscientizarem do problema e assumirem as suas causas e soluções. Por que, apesar de séculos de repetição da seca, não se tomaram, até hoje, medidas efetivas, a fim de solucionar de vez este pavoroso flagelo que, em outros países, tão secos quanto o Nordeste, já foi resolvido definitivamente?

E quantas outras interrogações teremos que fazer, todas elas carregadas da maior gravidade: Por que o problema das secas que sempre voltam não é solucionado fora da seca? Por que a permanente insensibilidade de nossos governos para com as regiões pobres de nosso País? Por que nossas populações pobres são tão desconsideradas nos orçamentos, que preferem voltar-se para a faraônica das usinas atômicas e outras tantas suntuosidades que, muitas vezes, não leva a nada? Por que estas vaidades estão sendo mais importantes que o sofrimento do povo?

Na atual situação de desespero que vivem nossos irmãos nordestinos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a presente campanha nacional de ajuda. A CNBB aponta nossos irmãos flagelados do Nordeste como boa oportunidade de vivermos concretamente a definição de Igreja como Povo de Deus. E o faz não é para livrar-nos do problema com uma cédula de 10 cruzeiros que a gente puxa do bolso e joga no pratinho da coleta, mas sobretudo para lembrar-nos a fé que nos diz que formamos um povo de irmãos.

A Igreja da Baixada Fluminense tem especiais motivos de engajar-se nesta campanha. Para cá vieram e aqui vivem muitos nordestinos, emigrados de secas anteriores. Quase todos aqui construíram, no trabalho duro, melhores condições de vida para suas famílias. Pode ser que muitos até esqueceram o Nordeste, transformado pela seca em deserto, para caírem no deserto pior das ambições meramente individuais pequeno-burguesas. A seca atual, irmão nordestino da Baixada, toca o sino da boa alma que não morreu em você. Chegou a ocasião de você agradecer a melhor sorte que aqui encontrou para sua família.

No próximo domingo - dia 29 de março - nossa Diocese de Nova Iguaçu fará uma coleta oficial em favor dos flagelados do Nordeste. Lembre-se: mesmo que as chuvas voltem a cair, do novo plantio até a colheita os meses são compridos. Nesta semana, faça um sacrifício: renuncie a um maço de cigarros, a uma garrafa de cerveja, a uma partida de futebol, a um lanche na rua, a um picolé que seja. E ofereça o preço de seu sacrifício aos seus irmãos, vítimas da seca no Nordeste.

A CNBB encarregou as Caritas Diocesanas de coordenar esta ajuda. Ela abriu, no Banco Real de Brasília, a conta nº 32.000, para coletar as ofertas de todas as Dioceses do Brasil. Aqui em nossa Diocese, entregue sua oferta na missa do próximo domingo. Ou a leve para a Catedral e para a matriz de sua paróquia, num envelope assim escrito: "Caritas Diocesana. Minha ajuda para os flagelados do Nordeste".

P. Jaime Meagher, coordenador diocesano de pastoral

Um Processo De Ataques Contra A Igreja Que Nasce Do Povo

Segunda edição revista e corrigida

Animadas pela prática do Evangelho na realidade de um povo empobrecido e crente — e preocupadas com a ofensiva do silêncio contra as novas formas de ser Igreja — onze entidades ecumênicas e ligadas à pastoral popular vêm reunindo-se, em São Paulo, desde a segunda quinzena de maio passado, para uma reflexão conjunta.

Nesses encontros, foi seguido um caminho com três dimensões: 1. compreensão mais profunda do processo que resultou na

condenação ao "silêncio obsequioso por um tempo conveniente" do teólogo Leonardo Boff; 2. o estágio atual da liberdade de expressão e reflexão teológica e 3. o apoio decidido às novas formas de ser Igreja, a partir da prática popular.

Como um primeiro resultado dessa união de esforços, foram produzidos estes documentos que, agora, são colocados à disposição de todos os que estão atentos aos sinais dos tempos.

1. No decorrer dos últimos vinte anos a Igreja na América Latina vem experimentando um processo de renovação que não tem precedentes na sua história. Por outro lado, tem tomado consciência de que deve haver uma opção preferencial pelos pobres e pela vida abundante para os pobres, o que a levou a ser solidária com os setores populares da América Latina. Os mesmos, por sua vez, irrompem nas Igrejas, encontrando nelas espaços onde sua humanidade é reconhecida, onde podem organizar-se para reivindicar suas necessidades, e onde também podem celebrar sua fé no Deus da vida. Esta nova postura das Igrejas encontra sua legitimidade nos documentos do Concílio Vaticano II, das Conferências do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968) e de Puebla (1979), assim como também em declarações e tomadas de posição das Igrejas, reunidas em torno do Conselho Mundial de Igrejas.

2. Esta renovação eclesial não somente dá frutos para a vida da Igreja, mas, por sua vez, tem suas consequências a nível da sociedade latino-americana. É difícil pensar em processos de mudanças sociais significativos ocorridos durante os últimos 15 anos da história latino-americana que não tenham relação com esta Igreja que nasce do povo. Trata-se de uma nova forma de ser Igreja, cuja prática esta testemunhada pelas CEBs, por algumas congregações evangélicas inseridas nas lutas populares, pelos agentes e animadores que vivificam as ferramentas criadas por essas práticas nesse período.

3. Diante desta constatação, as forças interessadas em manter o status-quo na América Latina, há mais de quinze anos vêm indicando sua preocupação. O povo que se organiza e que "busca o Reino de

Deus e sua justiça", faz com que aqueles que há muito tempo se aproveitam do poder que exercem sobre o povo, sintam temor. Isto já estava expresso pelo Informe que Nelson Rockefeller preparou para a Administração norte-americana de Richard Nixon em 1969, quando dizia que os EUA deviam dar especial cuidado e atenção ao que estava ocorrendo em duas instituições da América Latina: o Exército e ... a Igreja.

4. Certamente, os exércitos latino-americanos, na sua maioria, se alinham com os interesses defendidos pelos EUA. Porém, isso não ocorria com todos os setores das Igrejas. Entre os mesmos, havia um grupo pequeno — que foi crescendo desde então e que tomava posição em favor dos pobres e oprimidos. As personalidades mais notórias deste grupo começaram a ser perseguidas e ameaçadas. Havia proibição expressa de falar deles através dos meios de comunicação social. Basta lembrar, como um exemplo, Dom Hélder Câmara, "condenado ao silêncio" pela grande imprensa burguesa. Procurava-se desprestigiar-las e desautorizá-las através de ações que tinham, muitas vezes, sua origem e assessoramento nos serviços especiais de informação do Estado.

5. Em alguns casos, os ataques tiraram a vida das pessoas. Sacerdotes, freiras, leigos e leigas da Igreja chegaram a ser mártires que caíram vitimados por aqueles que queriam calar aqueles que, como cristãos, pretendiam ser "voz dos sem voz". Os nomes de Henrique Pereira Neto, no Brasil, de Hector Gallegos no Panamá, de Mons. Angelleli na Argentina, são apenas uns poucos exemplos de "uma nuvem de testemunhas" que deu conta de sua fé no Deus libertador que se encarnou em Jesus Cristo.

I (P)

P
M
II (P)

n
M (P)

to

Ex 4
Dua (6)

don
las
8) Mel

35. O documento da SCDF ("Instrução sobre a Teologia da Libertação") distingue uma corrente aceitável da Teologia da Libertação (TL) e outra que não o é. Esta última é criticada porque: a) confunde a libertação do Evangelho, principalmente com as libertações sócio-econômicas; b) pelo seu uso de instrumental marxista, que segundo o texto da Instrução, a leva ao marxismo, que é uma ideologia atea; c) pela aplicação de uma hermenêutica política ao texto bíblico; e d) por suas conseqüências pastorais (sem nomeá-las, começa a se atacar as formas de Igreja que nascem do povo).

36. Em 6 de Setembro de 1984, teve lugar a entrevista de Frei Leonardo Boff na sede da SCDF no Vaticano. Durante a segunda parte da entrevista, participaram junto ao Frei Leonardo Boff os Cardeais Arcebispos de Fortaleza e de São Paulo, D. Aloísio Lorscheider e D. Paulo Evaristo Arns respectivamente, ambos também pertencentes à Ordem Franciscana. A imprensa mundial deu ampla repercussão a este fato. Em geral, Frei Leonardo apareceu perante a opinião pública como o representante dos teólogos, cuja liberdade no exercício da reflexão teológica devia ser respeitada.

37. No final do ano, na revista italiana "Jesus" foi publicada uma entrevista do Cardeal Ratzinger, na qual este ressalta a necessidade de encontrar um "novo equilíbrio" na vida da Igreja Católica, dando a entender que logo após o Concílio Vaticano se foi muito mais além do devido na colocação prática de algumas reformas. Nesse contexto ele colocou em juízo a legitimidade das Conferências Episcopais Nacionais, de acordo com o novo Código de Direito Canônico aprovado no final de 1983, e começou a falar de "restauração" na vida da Igreja.

38. Nas vésperas da viagem de João Paulo II à Venezuela, Equador, Peru, Trinidad-Tobago, em Janeiro de 1985, o Papa convocou um Sinodo Extraordinário para o fim deste ano. Ao mesmo tempo, em declarações oficiais do Vaticano, se atacou a Teologia da Libertação. Curiosamente, ocorreu um fato importante: do grupo de jornalistas que acompanha correntemente o Papa em suas viagens, foi excluído um jornalista do jornal "La República", de Roma, que havia feito críticas públicas ao Papa, em seu artigo.

39. Durante sua viagem, João Paulo II falou da "opção preferencial pelos pobres", mas também alertou contra os perigos da Teologia da Libertação.

40. No dia 20 de Março de 1985, a SCDF deu a conhecer o documento com suas críticas ao Frei Leonardo Boff, continuando assim o juízo ao mesmo, após sua entrevista do dia 6 de setembro de 1984.

41. Nos EUA, o presidente Reagan que havia enviado um projeto de lei aprovando a ajuda oficial contra-revolucionária anti-sandinista, ressaltou, numa conferência à imprensa, que sua ação contava com o apoio do Papa. Isto motivou um desmentido do Arcebispo de Nova York e do Nuncio Apostólico em Washington, Mons. Pio Laghi (Abril de 1985).

42. Na Assembléia Anual da CNBB, para a qual se havia preparado um texto de estudo em vista da elaboração de um documento sobre **Liberdade Cristã e Libertação**, um grupo de bispos de tendência conservadora se opôs à análise do mesmo, dando a conhecer, antes da assembléia, críticas àquele texto. O documento deveria ser, segundo a orientação da Me-

sa e da CNBB, a contribuição do episcopado brasileiro ao novo texto prometido pela SCDF sobre a Teologia da Libertação. Por causa da atuação dos conservadores, liderados pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, não se chegou a um consenso para publicar um texto definitivo, dando apenas pistas para continuar a reflexão. Privou-se assim a CNBB de contribuir, mais efetivamente, na elaboração do novo documento da SCDF.

43. No final de Abril de 1985, João Paulo II nomeou 28 Cardeais, dos quais 12 para funções na Cúria Vaticana, e somente 4 residem no Terceiro Mundo. Destes últimos, dois estão na América Latina: Mons. Fresno Larrain, Arcebispo de Santiago do Chile e José Obando y Bravo, de Manágua. Ambos são conhecidos por suas tendências claramente conservadoras. Uma leitura destas nomeações permite compreender que se reforça, desta maneira, o centro burocrático e as posições que não acompanham a caminhada de uma Igreja libertadora.

44. No dia 8 de Maio, foi levada ao conhecimento público a decisão da SCDF e da Sagrada Congregação dos Religiosos, de impor silêncio por "tempo conveniente" a Frei Leonardo Boff. Essa decisão foi seguida de uma série de reações do setor conservador da CNBB, apoiando claramente à mesma. Entre outras coisas, a imprensa deu a conhecer a opinião do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro que havia dito: "Quem não está de acordo com ela, que saia da Igreja".

Conclusões Provisórias:

Este processo está longe de chegar à sua conclusão. Irá continuar. Entretanto, provisoriamente, podem indicar-se algumas conclusões:

1. Objetiva-se uma perda de dinamismo na instituição eclesial na América Latina, à medida em que se distanciam, no tempo, o Concílio Vaticano II e a Assembléia dos Bispos de Medellín. Até aquela época a Igreja estava tentando priorizar, no seu trabalho, os setores médios da sociedade. As opções levantadas no Vaticano II e em Medellín exigiram que a Igreja se posicionasse dando prioridade aos pobres. Esta opção pelos pobres criou perplexidades que nem todos os setores da Igreja chegaram a assumir como suas.

2. Existe, pelo menos a partir do tempo do Informe Rockfeller, uma decisão do poder imperialista ocidental e de seus aliados, de atuar contra as CEBs e a Teologia da Libertação. Isso foi sendo organizado progressivamente, o que demonstra a manipulação da instituição eclesial por parte do poder conservador.

3. Observa-se uma convergência entre esta decisão e a linha oficial do CELAM.

4. Ao mesmo tempo, durante os últimos cinco ou seis anos, também é possível observar uma relação mais estreita e convergente, sobre alguns pontos, entre a Santa Sé e a atual administração dos EUA.

5. Em termos concretos, se constata uma escalada (que as indicações permitem pensar que irá continuar) contra as CEBs e a Teologia da Libertação. Os ataques à Nicarágua e a imposição do silêncio ao Frei Leonardo Boff, são, entre outros exemplos, manifestações da mesma.

6. Isto cria um espírito de preocupação e até de frustração entre o povo de Deus que se entusiasmou com a Igreja que nasce do povo, com a opção preferencial pelos pobres. Com uma triste surpresa, percebe-se que a Igreja que tomou uma posição de "sa dos direitos humanos durante os últimos vinte anos de história latino-americana, infelizmente reproduz estas violações em seu próprio seio. Mas também o povo percebe que isto é exclusivo de alguns setores da hierarquia, pois há outros que mantêm sua coerência. Estes últimos setores são os que ajudam a manter a esperança na caminhada do povo de Deus para o Reino de Justiça prometido por Jesus Cristo. São os setores que ainda mantêm a prioridade da

evangelização e o serviço sobre outras coisas, tais como a ordem e a lei.

7. Tudo isto leva a pensar que o "Reino de Deus sofre violência" (Mat. 11:12): a caminhada do Povo de Deus é desconsiderada por aqueles que se apoderam pela força do "Reino de Deus". Esta situação, para aqueles que participam das novas formas de ser Igreja, exige:

- espiritualidade para resistir.
- vigiar e orar para não perder o espírito.
- uma fidelidade militante, sem a qual não se recebe a "coroa da justiça".

A Reflexão Teológica Na Vida Da Igreja

Em milhares de lugares de nosso país, o povo pobre da periferia das cidades e nos campos, reúne-se depois do trabalho, nas casas, em salões comunitários, em capelas e igrejas. Nesses encontros de irmãos, colocam juntos as coisas da vida, lêem e comentam a Palavra de Deus na Bíblia e nos acontecimentos, rezam, cantam e, quando é possível, repartem com alegria o pão da Eucaristia. Saem dali com mais força e coragem para transformar a sua vida, a da comunidade e para combater a injustiça e a maldade do mundo.

Esse matutar sobre a vida, iluminado pela palavra de Deus e pela sabedoria dos irmãos e que vira logo solidariedade, luta pela justiça, fazendo surgir compromissos, gestos de perdão, de misericórdia, é um jeito novo de fazer Teologia. Ela já foi chamada "teologia da enxada", pois era feita por quem estava com as mãos cheias de calos do trabalho e trazia para a reflexão da comunidade os problemas da terra, da seca, da exploração, da fome e da angústia de quem trabalha, não fica com aquilo que produziu e sabe que "Deus não quer isso não". Essa reflexão foi também chamada de "teologia pé no chão" porque era feita por gente bem pobre, precisando andar descalça ou só de chinela no pé. Mas também porque era uma teologia bem concreta, bem assentada no chão da vida e já pronta para botar o pé na estrada e não ficar parada esperando as coisas caírem do céu.

Essa teologia ganhou também um outro nome muito bíblico: Teologia da Libertação. Libertação foi a resposta de Deus, quando viu a opressão do seu povo no Egito, ouviu os seus clamores e decidiu tirá-lo da terra da escravidão e levá-lo para uma terra onde corria leite e mel (ex. 3.7.10). Libertação estava também na boca de Maria, quando ela viu que Deus estava vindo salvar seu povo, ao escolhê-la para mãe do Messias, derrubando, ao mesmo tempo, "os poderosos do seu trono, e exaltando os humildes, enchendo de bens os famintos e despedindo os ricos sem nada". (Lc. 1,52-53). Libertação foi ainda o resumo do programa do Reino de Deus que Jesus anunciou na Sinagoga de Nazaré e apresentou como sinal de que o Reino já estava no meio de nós: "O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu e me en-

viou para anunciar a boa nova aos pobres, para proclamar a remissão dos cativos, aos cegos a recuperação da vista, a libertação aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor". (Lc. 4,18-19).

Quando o povo sofrido do Brasil e da América Latina foi levantando seu grito contra as injustiças, a fome e a opressão e foi se organizando para alcançar a libertação, ressuscitou a mesma fé do povo de Israel, o povo passou a ter a certeza de alcançar o que estava esperando e de tocar as realidades que não se vêem (Heb. 11,1). Passou a ter certeza de que Deus estava visitando o seu povo (Lc. 7,16), preparando os caminhos da libertação e guiando seus passos pelos caminhos da paz (Lc. 1,76,79). Esse jeito de viver a fé e de refletir sobre ela, foi apontado pelos Bispos em Puebla, como o caminho para se descobrir a presença de Deus no meio de nós, escondido no rosto das classes e dos grupos sociais historicamente oprimidos na América Latina. Foi um convite para que a Teologia continuasse a ser feita partindo da realidade dos mais pobres. "Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofridas do Cristo, o Senhor que nos questiona e nos interpela" (P.31) Entre as feições do Cristo estão as dos indígenas e dos negros, "os mais pobres dentre os pobres", as dos camponeses sem terra, as dos operários mal pagos e roubados nos seus direitos, as dos subempregados e desempregados, as dos marginalizados, as das crianças, desnutridas, as dos jovens sem futuro, as dos velhos colocados à margem da sociedade. (P.32-39).

A força da reflexão e da fé das comunidades converteu o coração de muitos bispos, atraiu para si, também, gente que não era pobre, trouxe padres e profissionais, seminaristas e estudantes, religiosas, biblistas e teólogos que foram se colocando a seu serviço e a serviço das suas lutas. A caminhada da comunidade ganhou também mais força com os bispos confirmando e animando sua fé, com os biblistas ajudando a clarear as histórias do passado que o povo tão bem enxergava nas suas lutas de hoje e com teólogos que passaram a aprender da vida do povo e a refletir juntos sua experiência de fé.

de ternos melhores à sorte da Igreja e da Humanidade". O Papa João vê a Igreja como "vibrante de vitalidade... socialmente fortalecida na unidade, intelectualmente revigorada, interiormente purificada, pronta, dessa forma, a enfrentar todos os combates da fé" (Bula *Humanae Salutis*)

Este otimismo do Vaticano II se afirma especialmente no campo da Liberdade Religiosa. Há uma confiança básica na força da Verdade que não precisa de coação para se impor: "Da mesma forma, ainda professa o Sacro Sinodo... que a verdade não se impõe senão pela força da própria verdade, que penetra de modo suave e ao mesmo tempo forte nas mentes". (Declaração sobre a Liberdade Religiosa n.º 1535).

Dai vem, por parte do Concílio, um grande respeito para a Liberdade de Consciência de cada ser humano: "Os homens todos devem ser imunes de coação tanto por parte de pessoas particulares quanto de grupos sociais e de qualquer poder humano, de tal sorte que, em assuntos religiosos, a ninguém se obrigue a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela, em particular e em público" (Declaração sobre a Liberdade Religiosa n.º 1536) Até em casos em que a pessoa humana não busca a verdade, deve-se respeitar a liberdade dela: "O direito a essa imunidade continua a existir ainda para aqueles que não satisfazem a obrigação de procurar a verdade e a ela aderir". (L.R. n.º 1536). Uma consequência é que cada um tem direito de apresentar e defender livremente as suas idéias no campo religioso: "Para que consigam desempenhar o seu dever, seja reconhecido aos fiéis, clérigos ou leigos, a justa liberdade de investigação e de pensamento, bem como a justa liberdade de exprimir as suas idéias com humildade e firmeza, nos assuntos de sua competência". (Gaudiem et Spes n.º 411).

É nessa linha do Vaticano II, otimista e esperançosa, que se edificou posteriormente a Teologia da Libertação e sua realização concreta: as CEBs, o Vaticano II não é ponto de chegada, mas ponto de partida. O trabalho das igrejas da América Latina nestes 20 anos, representa algo novo em relação ao Concílio. Mas a continuidade está essencialmente neste es-

pirito de simpatia para o mundo e de esperança, tão característico de João XXIII e do Vaticano II. Neste espírito consiste o próprio Evangelho que é Boa Nova. Ambientes de desconfiança e punição devem ser afastados da Igreja para que se continue o trabalho do Espírito.

Conclusões

Este é um tempo de desafios para vida da Igreja. É um tempo para aumentar a oração, a conversão e fortalecer o compromisso com os pobres e suas lutas, com a justiça e a verdade.

É também o tempo para buscar incansavelmente o diálogo, na certeza de que a causa dos pobres é a causa de Deus e deve ser necessariamente a causa de toda a sua Igreja.

É o tempo para as comunidades guardarem firme a sua esperança e a unidade com os seus pastores e aqueles que as acompanham com sua reflexão teológica.

É o tempo de se lutar para que se respeitem os carismas e a diversidade dos membros dentro da Igreja.

É o tempo da Igreja não se fechar sobre seus próprios problemas, mas de prosseguir atenta aos sofrimentos e apelos de toda a humanidade.

É o tempo de as várias Igrejas cristãs aprofundarem entre si os laços da unidade, da comunhão fraterna e do serviço ao mundo.

É o tempo de manter as portas e janelas abertas aos que buscam a Deus por outros caminhos religiosos e aos que, sem ter fé, servem aos irmãos com sinceridade de coração, lutando pela justiça e pela paz.

É o tempo de preservar a liberdade dentro da Igreja e de confiar no Espírito que atua em toda a Igreja.

É tempo de apostar no diálogo e não na punição como meio de se resolver os conflitos e diferenças na Igreja.

É tempo de manter, com toda a força, a fé, com toda firmeza, a esperança e, com toda a generosidade, a caridade fraterna.

Assinam estes documentos:

- 1) CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- 2) CDHAL - Cristãos pelos Direitos Humanos na América Latina
- 3) CEMI - Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista
- 4) CEPE - Centro de Evangelização e Pastoral Frei Tito de Alencar
- 5) CEPIS - Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae
- 6) CESEP - Centro Ecumênico de

- Serviço à Evangelização e Educação Popular
- 7) CPT - Comissão Pastoral da Terra - Nacional
- 8) CPT - Comissão Pastoral da Terra - Regional São Paulo
- 9) Instituto Sedes Sapientiae
- 10) PACOM - Centro de Pastoral da Comunicação
- 11) UBRAJE - União Brasileira de Juventudes Ecumênicas

Expediente:

Esta publicação foi elaborada pela revista

tempo e presença

Do CEDI Centro Ecumênico de

Documentação e Informação

Av. Higienópolis, 983 — CEP:

01238 — S. Paulo — SP —

Jornalista Responsável:

Dermi Azevedo —

Reg. Prof. n.º 239

Diagramação:

Sérgio Allí

Composição e impressão:

Cia Editora Jorúés

Rua Artur de Azevedo, 1977

São Paulo — SP

Missionsschwestern als Seelsorger

InTingua fallen die Tabus

Von Horst Hohmann

Als um 10.30 Uhr über der Sandpiste zwischen Nova Iguacu und Tingua noch immer keine Staubwolke in Sicht ist, gibt Schwester Josefina das Warten endgültig auf. Sie kehrt wieder in die Kirche zurück, erklärt den Hochzeitsgästen, daß mit dem Pater heute wohl nicht mehr zu rechnen sei, und fragt, ob man wohl einverstanden sei, wenn sie nun die Trau-Feier leite? „Klar, Schwester“, kommt es aus allen Ecken, „Sie kennen wir, den Pater nicht!“

Die schlanke Waliserin atmet erleichtert auf. Nach sieben Jahren „Weiberherrschaft“ haben die Ordensfrauen das volle Vertrauen ihrer Pfarrkinder. Ihre Autorität ist unbestritten und ihre Kompetenz schon ganz und gar. Was sie tun, machen sie gründlich, liebevoll und mit einer fröhlichen Unbefangenheit. Schwester Josefina, die Chefin



der weiblichen Pastoren-Riege, die die Arbeit der Ordensfrauen koordiniert, für die Familienpastoral verantwortlich zeichnet und im übrigen Mädchen für alles ist, hat am Morgen unseres Besuches Sprechstunde. Sie muß Papiere für die Schule, das Finanzamt und die Einwohnermeldebehörde ausfüllen helfen. Kreditwünsche werden an sie herangetragen, da sie nebenher auch die kleine „Bankfiliale“ der Pfarrei verwaltet. Sie hört sich die Beschwerden der 30jährigen Dona Luisa an, die schon zweimal mit einer schweren Tuberkulose im Krankenhaus lag, von ihrem Mann vor kurzem verlassen wurde und sich jetzt bitter beklagt, daß ihr Ehemaliger die beiden Kinder weggeholt habe. Vor der Tür wartet bereits der 37jährige Joaquim Avaris, der seit früher Kindheit gelähmt ist und als Gelegenheitsarbeiter in

den Wochenendhäusern der reichen Leute hier in den Bergen ein Auskommen sucht. In der Krankenstation der Pfarrei hat er sich Eisenpräparate abgeholt. Schwester Josefina hat ihm versprochen, ihn mit dem Ford-Jeep des Pfarr-Teams nach Hause zu fahren.

Als der Motor anspringt, fordert die Ordensfrau zum Gebet auf. Die Handbremse des 2 Jahre alten Gefährts sei kaputt, sagt sie und schwört, daß der Schaden demnächst behoben würde. Da der Wagen aber rund um die Uhr beansprucht wird, ist an eine Reparatur vor Monatsende nicht zu denken. Für den Nachmittag z. B. hat Schwester Magdalena, jugendliche Münsterländerin aus der Reiterhochburg Warendorf, schon wieder Fahrt-Recht angemeldet. Sie muß nach Nova Iguacu, um den angehenden Postulantinnen ihrer Ordensge-

meinschaft Unterricht zu erteilen. Hauptberuflich ist sie Kindergärtnerin in der Pfarrei. Zusammen mit ihrer Helferin, Frau Iracema, gibt sie den 32 Jungen und Mädchen heute Anleitungen beim Geschenke-Basteln zum Muttertag. Die Lernziele, die die immer zu Späßen aufgelegte Ordensfrau in den beiden spärlich eingerichteten Räumen des Kindergartens verfolgt, finden indes nicht bei allen Eltern Anklang. „Manchen Leuten will es einfach nicht in den Kopf“, stöhnt sie, „daß wir den Kindern nicht schon jetzt das Lesen und Schreiben beibringen.“ Sie besteht aber darauf: „Zuerst müssen wir die Kinder in die Gemeinschaft einüben und ihre Persönlichkeitsentwicklung steuern. Viele von ihnen sind verhaltensgestört und hoch aggressiv.“ Was Schwester Magdalena bei den Kindern im Vor-



schulalter beginnt, setzt Schwester Geralda, Welisauerin aus dem Kanton Luzern, dann in der wöchentlichen Katechese fort. Die Ordensfrauen haben ihre Bildungsprogramme genau aufeinander abgestimmt. „Roter Faden“ ist nicht die Vermittlung von Wissen, sondern die Lebens-Orientierung.

63 000 Kranke

Mütter müssen Schwester Geralda und die häufig überbelasteten 7 hauptamtlichen Katechisten von Tinguá in den Schulen vertreten. Die Ordensfrau sieht das so: „Dinge, für die man Zeit geopfert hat, lernt man schätzen. Es ist immer gut, wenn man weiß, wovon man spricht.“ An den reinen Versorgungsbetrieb von früher möchten die Kreuz-Schwwestern in Tinguá nicht anknüpfen. Auch Schwester Anna, eine waschechte Graubündnerin, arbeitet in der Krankenstation „nur in wirklichen Notfällen für lau“. Die gelernte Hebamme, die am vergangenen Montag alleine zwischen 8.30 und 11.30 Uhr 31 Patienten verarztet hat und selbst im „Belagerungszustand“ nie die Nerven verliert, muß sowieso „gewaltig kalkulieren“. „Ohne die Hilfe aus Deutschland und der Schweiz wären mir die Hände gebunden“, sagt sie und fügt hinzu, „1976 kamen 6 300 Leute hierher, um sich behandeln zu lassen. Über 300 Hausbesuche habe ich gemacht. Was das an Verbandszeug, Medikamenten und Instrumenten kostet, kann man sich ja ausrechnen.“

Und noch am Herd

Je nach Finanzkraft vereinbart die Schwester mit ihren Patienten eine Jahrespauschale zwischen 5 und 10 Cruzeiros. Letzten Monat betrug die Einnahmen 440 Cruzeiros. „Wenn mein Labor etwas besser ausgestattet wäre“, meinte sie, „könnte ich den Leuten hier manche teure Arztrechnung ersparen.“ Neben ihrer Arbeit in der „Praxis“ macht sie in den Mütterklubs noch Hygiene- und Säuglingsberatung. Sie hilft bei den Eheseminaren und Taufgesprächen und steht auch, wenn sie an der Reihe ist, hinterm Kochtopf, weil „mittags und abends ja schließlich was auf dem Tisch sein muß!“

Mit dieser Lösung ist sie und sind auch ihre Mitschwwestern zufrieden. „Jede von uns“, erklärt Schwester Anna, „muß sich einen Blick für das Ganze bewahren. Sobald wir unsere Aufgabenbereiche stur trennen würden, wären wir für die Leute nur noch halb soviel wert.“

Entrevista

DIOCESE
DE NOVA
IGUAÇU

25 ANOS A SERVIÇO DO POVO



Localizada na Baixada Fluminense — conhecida como uma das regiões mais violentas do Rio —, a diocese de Nova Iguaçu celebra 25 anos de criação. Durante esse tempo a proposta de ação pastoral de d. Adriano Hipólito, bispo da diocese desde 1966, encontrou algumas resistências. Mesmo assim, conseguiu fazer uma bela caminhada. É sobre essa caminhada que d. Adriano fala, com exclusividade, ao leitor de *Família Cristã*

FC — Há quanto tempo o senhor é bispo nesta diocese e como desenvolveu a pastoral?

Dom Adriano — Tenho a graça de viver há quase 19 anos como bispo em Nova Iguaçu, e considero graça de Deus servir numa diocese apresentada como a “mais difícil” do Brasil.

Ao tomar posse, em novembro de 1966, recebi informações aterradoras: pior diocese do Brasil, alta criminalidade, domínio absoluto das seitas e da umbanda, etc. Este quadro da realidade poderia ter-me causado medo. Mas, francamente, não me deixei impressionar, e com alegria comecei o meu serviço. Agora devo confessar que não errei em minhas intuições. Pelo contrário. Confirmei minha esperança. A problemática é complexa, sem dúvida, mas em compensação o povo é bom e aberto, rico em valores espirituais, apesar de viver em meio a tanto sofrimento.

FC — A diocese de Nova Iguaçu celebra 25 anos de criação. O que significa esse tempo na vida de uma diocese como a sua?

Dom Adriano — Pela abundância de problemas que existem nesta região e por sermos uma diocese marcada pelo Concílio Vaticano II, temos o dever de parar um pouco, agradecer ao Pai as maravilhas acontecidas e divisar alguns aspectos para o futuro.

FC — O jubileu foi aberto no início do ano. Como foi desenvolvido até hoje?

Dom Adriano — Ele foi aberto com a consagração da Catedral de Santo Antônio, no dia 26 de março. Foi uma festa que, dentro das muitas possibilidades da liturgia de hoje, teve a marca da participação do povo. Foi uma aproximação real daquilo que deve ser a liturgia: a celebração dos filhos de Deus.

Para o encerramento, no dia 25 de março do próximo ano, está prevista a inauguração do Seminário Diocesano Paulo VI. Além disso, sem que estivesse programado, foram ordenados, em nossa diocese, quatro novos sacerdotes, no dia 11 de agosto último. Quer dizer, a programação do jubileu foi organizada com muito carinho, e vai aconte-

NEUZA KLEIN

A Palavra do Irmão - Bispo

D. ADRIANO, bispo diocesano

Evidentemente todas as dioceses da Igreja se identificam no fato de serem a Igreja una, santa, católica e apostólica. Ou segundo a síntese de São Paulo: «Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que vocês foram chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos» — (Ef. 4,4-6). «Para nós existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos» (1 Cor. 8,6).

1. OS FUNDAMENTOS COMUNS

Todas as dioceses da Igreja têm assim laços comuns, fundamentos comuns que as identificam como unidades de Igreja espalhada pelo mundo inteiro. Quais são estes fundamentos, estas notas comuns a todas as dioceses? Resumidamente, podemos dizer que são as seguintes:

a) a mesma fé: todas as dioceses aceitam o mesmo depósito da fé, sem qualquer restrição ou diminuição. O que acreditamos em Nova Iguaçu é o que se acredita no Recife, em Brasília, em Bom Jesus da Lapa, em Afogados da Ingazeira ou em qualquer diocese fora do Brasil. Cremos no Deus uno e trino; cremos em Jesus Cristo Deus e Homem, único salvador da humanidade; cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica. Cremos na vida eterna. Cremos na presença real de Jesus Cristo na Eucaristia. Podemos passar uma a uma todas as verdades de nossa fé: em toda a parte, no mundo inteiro, a Igreja acredita nas mesmas verdades e procura viver segundo a fé.

b) a mesma moral: embora se possa admitir discussão quanto a certos aspectos particulares, é inegável que todas as dioceses da Igreja aceitam e praticam uma só e mesma moral que se baseia na tradição bíblica e na doutrina do magistério. Com isto não se nega o fato de que, diante de problemas novos, a Igreja tateie no escuro durante algum tempo até encontrar a resposta clara. Pode ser mesmo que em certos momentos a Igreja não ache nenhuma solução satisfatória.

c) a mesma Liturgia: sabemos que existem diferenças litúrgicas, não só entre o Oriente e o Ocidente, também na própria Igreja Latina. Mas nos elementos essenciais, que se baseiam na Fé, a Liturgia da Igreja tem uma unidade fundamental que se encontra, de um ou de outro modo, presente em todas as liturgias particulares.

d) a unidade com Pedro: na decisão de Jesus, Pedro é o sinal da unidade da Igreja visível. De modo que é em Pedro que encontramos a pessoa de referência no que toca à unidade da Igreja. Daí a palavra de Santo Agostinho: «Onde está Pedro, está a Igreja». Ou: «Roma falou, a questão terminou». A fidelidade a Pedro é um sinal comum de todas as Igrejas particulares, mesmo que em determinadas situações, haja conflitos e tensões. Serão tensões e conflitos que partem da fé e por isto nunca chegarão à rotura e à separação. Também não devemos esquecer que no correr da História a Igreja de Roma, que é

a Igreja de Pedro-Papa, tem assumido atitudes de centralização maior ou menor que, em si mesmas, não têm nada que ver com a estrutura mas com o comportamento histórico da Igreja. Sabemos assim que o Vaticano II procurou corrigir alguns exageros da centralização iniciada no Concílio de Trento.

e) a consciência de ser Igreja: com maior ou menor clareza, em determinados momentos com mais segurança, as Igrejas particulares sentem-se todas não como parte da Igreja Católica, mas como a própria Igreja Católica presente e realizada na Igreja particular. As Igrejas particulares sentem-se profundamente ligadas entre si e têm consciência clara de que formam a Igreja universal na qual Pedro-Papa é o sinal da unidade visível e a pessoa de referência para a Igreja peregrina. A fecundidade espiritual e apostólica de uma Igreja particular está em função do grau de consciência da unidade que nela existe. Com outras palavras: quanto mais integrada for uma diocese no mistério da Igreja, tanto mais fecunda será em frutos de santidade e de apostolado.

2. AS NOSSAS DIFERENÇAS

Todas as dioceses da Igreja são diferentes. Lembro de novo o texto de São Paulo citado na introdução (Ef. 4,4-6) que continua assim: «Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo» (Ef. 4,7). Em Rom 3,4-8 ensina Paulo: «Assim como num só corpo temos muitos membros — e os membros não têm a mesma função —, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros. Tendo, porém, dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada, aquele que tem o dom da profecia, que o exerça segundo a proporção da nossa fé; aquele que tem o dom do serviço, o exerça servindo; quem o do ensino, ensinando; quem o da exortação, exortando. Aquele que distribui seus bens, que o faça com simplicidade; aquele que preside, com diligência; aquele que exerce misericórdia, com alegria». Novamente em Ef. 4,11-13: «É Ele (Jesus) que concedeu a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo».

a) as diferenças são legítimas: já que as

diferenças se inscrevem no plano de amor de Deus, são dons de Deus, para o bem da Igreja, é necessário admitir que são legítimas e mesmo indispensáveis à economia da salvação. Assim como somos, cada um de nós, somos membros da Igreja. O que vale coletivamente de muitos cristãos, vale da comunidade santa que formam. De acordo com o tempo, o lugar, a tradição, os carismas pessoais, as comunidades de Igreja — desde as pequenas, como são as comunidades eclesiais de base, através das paróquias e das regiões pastorais até a diocese — têm também seus carismas particulares, suas preferências, seus desafios, suas responsabilidades, seu estilo e, assim, sua identidade própria.

Bischof Adriano Hypólito von Nova Iguaçu, Brasilien

Adriano Hypólito ist Bischof der Millionenstadt Nova Iguaçu bei Rio de Janeiro. Arbeitslosigkeit und Slums sind die vordringlichsten Probleme dieser "Schlafstadt" von Rio. Wie Leonardo Boff gehört Adriano Hypólito dem Franziskanerorden an. Weitere Franziskaner aus Brasilien, die auch hierzulande bekannt sind, seien erwähnt: Kardinal Aloisio Lorscheider von Fortaleza und Kardinal Arns von São Paulo. Allen gemeinsam ist der Einsatz für die Armen. Die Kirche ist für sie "die Stimme all derer, die keine Stimme haben, die von den Mächtigen nie gehört werden." Das Sozialengagement wird nicht nur von Staat und Wirtschaft kritisiert, sondern auch vom konservativen Klerus.

"Im September 1976 wurde Dom Adriano von einem rechtsextremen Terrorkommando entführt, entblösst, verprügelt, mit roter Farbe beschmiert und in diesem Zustand auf der Strasse stengelassen. Als es ihm drei Jahre später mit der Hilfe gleichgesinnter Journalisten gelang, die Täter zu identifizieren (eine Zelle des Armeegeheimdienstes) ging unter dem Altar des Doms von Nova Iguaçu eine Bombe hoch. Die 'Unbekannten' liessen auf den Kirchenbänken ein Pamphlet liegen, in dem sie von den Gläubigen Verständnis für den Zwischenfall forderten. 'Gegen ihren Willen' hätten sie sich zu diesem Gewaltakt gezwungen gesehen, um den Bischof, einen 'kommunistischen Agitator', öffentlich zu warnen." (Tages Anzeiger, 4.1.84)

Adriano Hypolito wurde am 18. Januar 1918 in Aracaju geboren.

Studium bei den Franziskanern in Pernambuco und Bahia.

1942 Priesterweihe. Lehrer am Kleinen Seminar der Franziskaner.

1963 Weihbischof von Bahia.

1966 Ernennung zum Diözesanbischof von Nova Iguaçu.

1976 Entführung durch rechtsradikale Kreise.

1977 Verleihung des Ehrendokortitels der Universität Tübingen.

1979 Teilnahme an der Lateinamerikanischen Bischofskonferenz in Puebla.

1984 Verleihung der Ehrenbürgerrechte des Staates Rio de Janeiro.

Die Theologie der Befreiung aus der Sicht der Armen von Nova Iguacu

a) - die Theologie war immer schon da; die Armen waren immer schon da. Warum hat sich die Theologie - die Wissenschaft von Gott - früher nie mit den Armen, den Lieblingen Gottes, beschäftigt?

- Mein Theologiestudium (1940-1943) - die Vorlesungen, die Schulbücher - haben uns die Glaubenssätze doziert. Es war immer bei den Professoren und bei den verschiedenen Autoren, die wir damals benutzt haben - Tanquerey, Bertmann, Pohle usw. - die Sorge vorhanden, der Tradition, dem Lehramt, dem Papst treu zu bleiben, Wahrheiten über Unglauben mitzuteilen. Dabei wurde aber vergessen, die unmenschliche Situation unserer Völker in Lateinamerika und in Brasilien aus der Sicht des Glaubens zu betrachten. Der Glaube beschäftigte sich mit Gott, aber nie mit den unterdrückten Menschen, mit denen sich Jesus Christus identifiziert hat (vgl. Mat. 29 40 45).

b) Das versucht die Theologie der Befreiung. Sie ist und will Theologie - Wissenschaft von Gott - sein. Sie schöpft aus dem Glauben, aber auch aus den Zeichen der Zeit, aus der Not des durch das Evangelium Jesu Christi zu erlösenden, zu befreienden Menschen. Dass gerade in Lateinamerika eine Theologie der Befreiung entstehen musste, ist nicht zu verwundern. Unsere Länder sind im vergangenen Jahrhundert, Brasilien am 7. September 1822 (also vor genau 162 Jahren) von den Kolonialmächten Portugal (Brasilien allein) und Spanien (die übrigen lateinamerikanischen Länder) unabhängig geworden. Aber diese politische Unabhängigkeit, an der sich der Klerus tatkräftig beteiligt hat (und das wird immer wieder herausgestrichen) ist bis heute nicht reif geworden. Im vergangenen Jahrhundert konnte Alexandre Herculano, der grosse portugiesische Dichter, sagen: "Für Portugal brachte die Unabhängigkeit Brasiliens nur Vorteile: ohne dass wir für Brasilien Verantwortung tragen, erhalten wir daher mehr Geld als in der Kolonialzeit" (frei nach dem Gedächtnis zitiert).

c) Den Anstoss zur Theologie der Befreiung gab die gelebte und erlebte Theologie unserer Kirche in den Jahren nach dem Konzil. Die Pioniere waren für Brasilien ohne Zweifel:

- Propheten wie Dom Helder Câmara, Tristao de Athayde, Martinho Michel usw.

- die katholische Aktion (JAC, JEC, JOC, JIC, JUC)

- "Circulos Operarios" (kirchliche Arbeiterbewegung) von den Jesuiten, Franziskanern, Weltgeistlichen geleitet

- die "Bewegung für eine bessere Welt" des Jesuiten P. Lombardi

- das zweite Vaticanum (1962 - 1965)

- die Bischofskonferenz von Medellin (1968)

- die CNBB - Brasilianische Bischofskonferenz

All dies hat uns auf die skandalöse Situation der meisten Menschen in Brasilien aufmerksam gemacht. Ihr Glaube wurde von den sozialen Ungerechtigkeiten, von den Missständen des politischen und wirtschaftlichen Systems angegriffen. Die Pastoral schöpft aus dem Glauben und aus der konkreten Erfahrung mit den Unterdrückten - d.h. den breiten Massen unseres Volkes - Kraft, sich für diese leidenden, kleinen Brüder und Schwestern einzusetzen. Die Kirche, die in den früheren Jahrhunderten bis tief in unser Jahrhundert hinein zu den Machthabern hielt, bekehrte sich zum Volk - ganz im Sinne des Evangeliums. Wenn Puebla 1979 eine "vorrangige Option für die Armen" macht, so ist diese Option keine Neuigkeit, sie ist ein Hauptanliegen unseres Herrn Jesus Christus. Diese Option dürfte keine "vorrangige" sondern einfach "eine Option für die Armen" genannt werden.

d) Dass die Soziologie viel zu dieser Entscheidung unserer Kirche beigetragen hat, ist nicht abzustreiten. Dass selbst eine Ideologie, eine gottlose wie die marxistische, positive Elemente der Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung liefern konnte, darf man sich nur wundern, wenn man die Kirchengeschichte nicht kennt. Das Hauptanliegen unserer befreienden Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung ist, aus dem Glauben heraus, aus der Sicht des Glaubens, einen Beitrag zur Besserung unserer sozialen Missstände zu geben. Die Ideologien dürften etwas (z. B. Anregung, Begriffe usw.) dazu beitragen; das Entscheidende aber in der Pastoral und auch in der Theologie

der Befreiung kommt von Jesus Christus.

e) In den letzten Jahrzehnten ist unsere Kirche, die unter den laufenden Diktaturen unserer Länder viel leiden musste und immer noch leiden muss, zu einer Hoffnung für unsere Völker geworden. Die "Armen" - die kleinen Brüder und Schwestern, die am Rand des sozialen Progresses darben müssen, die praktisch keine Rechte haben, weil sie machtlos sind - zeigen sich fähig zu lernen. Sie können wachsen, sie verstehen, dass diese Kirche, die aus dem Glauben schöpft, sich für das Volk einsetzt, sich mit dem Volk identifiziert und mit dem Volk zusammengeht, die einzige Institution darstellt, die selbstlos für eine bessere soziale Ordnung mit dem Volk zusammen kämpfen kann und muss. Hoffentlich tut sie das überall in Lateinamerika, in Brasilien in der ganzen Welt.

f) So darf ich ruhig behaupten: die Armen in Nova Iguaçu verstehen diese Kirche, die ganz im Sinne der Frohbotschaft, die ganz in Treue zu Jesus Christus und zur Tradition unserer Kirche mit ihm zusammengeht und mit ihm für eine gerechtere soziale Ordnung - mit anderen Worten: für das Reich Gottes, das hier in diesem Aeon beginnen muss -, kämpft und leidet.

Ohne die Bedeutung sozialer Kategorien für die Pastoralarbeit zu leugnen sehen wir in unserem Volk ein "Gottesvolk", ein "Bundesvolk", ein "ausgewähltes Volk", das von der Sünde, von einer persönlichen, von einer sozialen Sünde durch Jesus Christus erlöst, befreit werden muss.

Luzern, 1.9.1984

Sínodo homenageia trabalho de Dom Adriano

17/11/84
A H

O 1º Sínodo da diocese de Nova Iguaçu será lançado neste domingo, dia 18, às 10 horas, no Instituto de Educação Santo Antonio (Colégio das Irmãs). O evento tem como objetivo homenagear o bispo dom Adriano Hypólito, que completa 50 anos de trabalho pastoral como franciscano. "A Baixada busca um Deus Libertador" é o tema do Sínodo.

Segundo frei Luiz Thomaz, membro da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, o 1º Sínodo fará um levantamento do trabalho realizado pela igreja e uma avaliação sobre as perspectivas do futuro. "Queremos passar a limpo nossos métodos pastorais e os conteúdos que estamos transmitindo. É imensa responsabilidade de ser Igreja da Libertação na Baixada Fluminense, aqui onde tanto se engana o povo em nome de Deus".

DESENCONTRO E UNIDADE

O "jubileu de ouro de vida religiosa" de dom Adriano Hypólito nasceu da experiência deste religioso, no ano passado, em suas visitas pastorais às paróquias e comunidades. Assim surgiu o projeto para a realização do 1º Sínodo Diocesano, que significa, segundo Frei Thomaz, "uma espécie de assembléia constituinte do povo de Deus que vive na diocese de Nova Iguaçu".

O evento pretende corrigir possíveis "desencontros" e a "necessidade de mais unidade orgânica da igreja de Nova Iguaçu, com a participação dos fiéis de todas as paróquias. "Porque acentuar isso?", pergunta frei Luiz Thomaz para responder:

"Para afastar qualquer aparência de centralismo autoritários. As comunidades de base deram a motivação e darão também o ponto de partida. Elas é que apresentarão a primeira realidade, farão a primeira problematização, vão sugerir os primeiros encaminhamentos para que daqui a alguns anos tenhamos emendado fios partidos, sintonizado fios desencontrados, desfeito os curto-circuitos e voltemos a viver, com mais autenticidade, a vocação de sal, fermento e luz".

DEUS E CRISTO

A homenagem pelos 50 anos de vida religiosa foi escolhida pelo próprio bispo, através do 1º Sínodo. Frei Luiz Thomaz fala

brevemente sobre a importância de dom Adriano:

"Há 50 anos, o jovem Fernando Polito concluiu seu curso colegial e ingressava no noviciado da Ordem dos Frades Menores. Dentro da Ordem, tornou-se sacerdote e posteriormente bispo. Nova Iguaçu deve muito a dom Adriano. Tem gente que quanto mais o tempo passa mais assume suas modestas proporções; e tem gente que quanto mais o tempo passa mais cresce e vivo se torna. Arrisco o seguinte: só o passar do tempo levará Nova Iguaçu a descobrir o valor do bispo que teve", acrescentando que dom Adriano "não é muito de homenagens".

Ao comentar o tema do 1º Sínodo - "A Baixada busca Deus Libertador" - frei Thomaz fala sobre as dificuldades que a igreja enfrenta com as pessoas que usam os nomes de Deus e Cristo.

- Como se fala em Deus na Baixada Fluminense! Nosso ar está cheio dos nomes de Deus, de Cristo, de salvação, de outra vida, de redenção e tantos outros. Estas palavras, quando pronunciadas pelos funcionários das diversas Igrejas, despertam sentidos e conotações diferentes e antagônicas. Deus e Cristo, muitas vezes, são usados para atrapalhar a dimensão político do ser humano e para impedir que o homem descruze os braços. Nosso 1º Sínodo quer ajudar o povo da Baixada a escutar o Deus Libertador, que ordena quebrar as correntes e caminhar para um Brasil socialmente menos iníquo.

CRESCER DEVAGAR

Frei Luiz Thomaz classifica o Sínodo - "palavra meio fora do linguajar comum" - como um "caminho comum, caminhada comum, convergência de todos" que tem como objetivo a busca da "unidade, contrário da divisão, virtude ou força ou força maior da Igreja, cuja mensagem essencial é a fraternidade".

- Nossa Igreja participa inevitavelmente da confusão geral na Baixada Fluminense. Área de desencontros e disfunções que afetam igualmente os comportamentos pastorais. Região de humanidade rotativa, também no clero e nos agentes eclesiais, o que deixa arquivadas decisões anteriormente assumidas, que sofrem então a solução de continuidade. Há um acervo enorme de experiências pasto-

rais, decisões passadas, que precisam ser retomadas na avaliação, para que se chegue à unidade.

Para a realização do Sínodo - "reunião oficial da Igreja universal ou de uma Igreja local" -, foram realizados planejamentos e formadas as comissões sinodais, todos incumbidos de organizar pesquisas e estudos sobre o trabalho desenvolvidos pela Igreja na Baixada Fluminense em geral e em Nova Iguaçu em particular.

Assim frei Luiz Thomaz define a participação das bases no 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu: "Vai ser uma caminhada longa de alguns anos. Não tem pressa! O que é vivo não é aumentado de fora para dentro, mas cresce organicamente de dentro para fora. E o que é vivo e cresce, cresce devagar! Vejam bem: não vai ser uma promoção de cima para baixo. Tudo vai ser refletido primeiramente nas bases; das bases os encaminhamentos chegarão aos círculos posteriores".



A realização do 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu, foi a homenagem que Dom Adriano escolheu para comemorar 50 anos de trabalho pastoral.

Nova Iguaçu já tem 15 prefeitáveis para 88

Em política o silêncio funciona como uma boa estratégia, já disseram muitos mineiros ilustres como Tancredo Neves, que apesar de ter ouvido o clamor popular pedindo as diretas, conseguiu eleger-se Presidente através do Colégio Eleitoral. Contra essa tática se interpõe, contudo, a validade pessoal e a necessidade de uma articulação ampla, principalmente quando os sonhos são muito altos. Daí, os iguaçuanos que vivem o dia-a-dia da política local, enumeram uma lista de pelo menos 15 prefeitáveis para as eleições de 88. No interior dos partidos a cabalagem de simpatia é a tônica. Tratando o caso

como uma questão de honra o PDT acredita possuir grandes chances de eleger o próximo prefeito. "Desde que consigamos um nome expressivo", adverte um militante que não quis identificar-se, mas fez questão de dizer que não poderá ser nenhum dos candidatos de 86, nem ninguém pertencente a Executiva do Diretório. Na avaliação do Presidente Ananias Batista, o PDT bateu o candidato Moreira Franco com uma diferença de mais de cem mil votos. Ananias sempre assegurou estar dando ao partido um caráter realmente democrático e socialista. Ele é candidato a

além de um nome expressivo será preciso grande soma em dinheiro para competir em pé de igualdade com o PMDB.

Surgem, ainda como prováveis candidatos, que certamente contarão com o Governador Brizola como seu principal cabo eleitoral, o ex-deputado estadual e atual delegado de polícia, Zorly Martins, além do empresário Valcir Almeida. Não está afastada, no entanto, a possibilidade do ex-prefeito do Rio, Marcelo Alencar, vir a concorrer a prefeito pela cidade, que garante conhecer tão bem. Marcelo Alencar coordenou a campanha do

PDT em Nova Iguaçu, no pleito de 82.

Dois fatores contribuem para uma previsão de racha no PMDB. Enquanto de um lado o partido deverá ganhar uma nova força com a posse de Moreira Franco, de outro o fim da sublegenda implicará na escolha de um único candidato entre os prefeitáveis João Batista Lubanco, Ernani Boldrim e Jorge Gama. O vereador João Luis do Nascimento Junior é outro que vinha alimentando a possibilidade de sentar na cadeira que pertenceu ao pai, João Luiz do Nascimento, prefeito por ocasião do Golpe Militar de 1964.

(Conclui na

Sindicato quer acompanhar o inquérito de motorista morto

O desaparecimento do Inspetor Anísio do local, onde na madrugada do dia 7 de janeiro, foi assassinado por três desconhecidos, o motorista Carlos Alberto do Nascimento, fez com que a polícia concentrasse as investigações junto ao grupo de funcionários da empresa Nossa Senhora da Glória, responsável pela segurança. Na verdade a empresa mantém esses homens para intimidar motoristas e cobradores, em que pese o anúncio estampado nos coletivos dando conta de que o transporte é feito "com amor".

De parte do sindicato dos trabalhadores rodoviários de Nova Iguaçu, no qual Carlos Alberto ocupava a função de suplente de diretoria, a intenção é que o caso seja apurado até o final. Segundo a advogada da entidade, Neli Azevedo Santos, através do departamento jurídico, foi nomeada uma comissão de advogados para acompanhar o inquérito policial em nome da esposa e filha do motorista morto. De cabeça fria, mas ainda emocionados, os motoristas já não falam mais em fazer justiça com as próprias mãos, como foi cogitado durante a passeata que fizeram pelas ruas do Centro de Nova Iguaçu e por ocasião do sepultamento de "Carlinhos", como era comumente chamado pelos colegas.

Neli Azevedo Santos afasta a possibilidade do atentado ter sido em represália ao sindicato. "Nosso relacionamento com todas as empresas é amistoso. Nunca existiu ou existirá rivalidade entre o sindicato e as empresas, só quando entra no campo dos direitos trabalhistas de classe", ressalta ela. Sobre a constância do número de infrações contra os trabalhadores, Neli confirma que em geral as empresas cometem diversas irregularidades trabalhistas, como a do turno único e o pagamento por avarias nos coletivos. Já houve casos em que a dupla responsável pelo ônibus foi obrigada a restituir à empresa, a importância perdida em decorrência de assaltos. Outro dos problemas enfrentados pela categoria e ainda sem solução por parte do sindicato, diz respeito a rotatividade de mão-de-obra.

Aluno não participa da própria formatura por achar ensino ruim

O aluno Miguel Arcangelo Ribeiro, formando em 86, de uma das turmas de Formação Geral do Colégio Monteiro Lobato, afirma em carta aberta à população iguaçuana que não irá fazer parte das solenidades de formatura, enquanto aluno, marcada para às 19 horas de hoje, sábado, no Ginásio de Esporte do Monteiro Lobato. Miguel considera estar despreparado para prestar conta à sociedade do que aprendeu. "Tenho consciência que o conteúdo programático dado nos três anos, com a excessiva falta de professores e a qualidade de ensino de nível baixíssimo, sem matérias didáticas foi insignificante", confessa publicamente.

A falência do outrora melhor colégio da rede pública de ensino da cidade vem sendo denunciada há bastante tempo. O próprio Miguel Ribeiro, através da

União Iguaçuana de Estudantes Secundaristas (UIES), entidade que preside, levou o problema ao conhecimento do prefeito Paulo Leone, que, entretanto, continua concordando com o loteamento político das escolas municipais e demais órgãos ligados à Educação. "Nos últimos três anos que estudei no colégio, o Monteiro Lobato nunca recebeu uma atenção do Governo. O que eu vi, foi troca de direção, como se estivessem trocando de camisa; de acordo com os interesses pessoais", diz.

De fato a nomeação dos diretores do Monteiro Lobato, como de resto de todas as secretarias, principalmente as inoperantes (Ciência e Cultura; Turismo, Esporte e Lazer Habitação e Trabalho, e Agricultura) são para atender a pedidos de vereadores e amigos de Paulo Leone. Miguel dá exemplos: "A

professora Lindalva Garrido, era indicação do vereador Mário Marques (PDS), quando este divergiu do prefeito, ela foi exonerada do cargo de Diretora do Monteiro. Para o seu lugar veio o professor Ney Alberto, indicado pelo vereador Sebastião Corredeira (PFL), que foi exonerado por apoiar o Grêmio Estudantil da escola e a greve dos alunos, para complementação do quadro de professores da escola. O atual diretor, professor Clélio Barroso Valentim (irmão do vereador Celso Valentim) é indicação do vereador Cláudio Cardoso", conclui.

Para Miguel esse comportamento de lesa-educação demonstra que "as autoridades não vêem o Monteiro Lobato como um órgão de formar, educar e qualificar os jovens para viverem numa sociedade tão cheia de contrastes". Com esse gesto de desobediência civil, o estu-

dante Miguel Ribeiro quer chamar, mais uma vez, a atenção da população para o caso que se instalou na rede de ensino de Nova Iguaçu, onde o secretário é obrigado a saber mais sobre os rachas e cambalachos da Câmara de Vereadores, que sobre as coisas relacionadas à sua função, sob pena de ser afastado "ex officio". Logo mais à noite, quando os formandos estiverem colando grau, Miguel Ribeiro, promete estar presente, só que na condição de presidente da UIES. Para aqueles alunos que irão permanecer nas escolas do município ele reivindica das autoridades que olhem a educação como um instrumento responsável pela formação e qualificação dos jovens; "nunca como um trampolim político eleitoral, de interesses individual e mesquinho de quem só quer fazer política com nossa Educação".

NOSSA DIOCESE

O 1.º Sinodo Diocesano de Nova Iguaçu

D. Adriano — bispo diocesano

Deus me deu a grande alegria de conviver e compartilhar, já por vinte anos, a sorte do Povo da Baixada Fluminense. Altos e baixos. Sofrimentos, alegrias e esperanças. Mais: meu ministério de bispo de Nova Iguaçu correspondeu a dois grandes acontecimentos históricos, um eclesial de Igreja Católica — o Concílio Vaticano II — e outro político, brasileiro — a Revolução de 1964. Não é o momento de aprofundar, basta lembrar sumariamente que tanto o Vaticano II como a Revolução Militar atingiram a Baixada Fluminense e marcaram, de maneira profunda embora diferente, o nosso trabalho pastoral.

Nos seus quase vinte e sete anos de vida a Diocese de Nova Iguaçu fez uma caminhada difícil e variada. Teve três bispos, além de dois administradores apostólicos durante alguns meses. Teve muitíssimos padres que, por revezarem-se constantemente, marcaram de riqueza apostólica mas também de diversidade a sua Pastoral. Participou das alegrias, das incertezas, das buscas, dos exageros, das esperanças, das realidades do período altamente fecundo que veio depois do Concílio. A diocese fez muitos tipos de experiência pastoral, algumas que ficaram, outras que passaram, mas sentiu-se sempre alguém e abaixo dos agressivos desafios da Baixada Fluminense. Meu Deus quanta coisa por fazer. Quanta coisa mal feita. Quanta coisa incompleta.

Mas nos seus quase vinte e sete anos — serão completados no próximo dia 26 de março deste ano de 87 —, esta diocese tem de celebrar com gratidão e humildade as maravilhas que Deus realizou no seu Povo e através do seu Povo humilde da Baixada. A Igreja de Nova Iguaçu, em sua peregrinação histórica de apenas cinco lustros e meio, adquiriu sua identidade, descobriu sua missão específica dentro do grande contexto da Igreja do Brasil, tem consciência de sua missão. Ao menos confusamente. Ao menos por intuição.

O 1º Sinodo Diocesano de Nova Iguaçu, que agora é lançado em nível diocesano, quer ser a grande reflexão de gratidão e humildade da nossa diocese sobre si mesma, sobre sua missão, sobre sua história. Durante pelo menos dois anos (1987-1988) as forças vivas de nossas comunidades, de nossos movimentos, de nossos conselhos, de nossas organizações e instituições farão um esforço sincero de reflexão, de conscientização, de procura, de descoberta, para verificar com clareza os traços de sua identidade, as linhas pastorais que têm norteadado nosso trabalho, as falhas e virtudes, para divisar o que se deve fazer agora e no futuro. Queremos refletir, para saber amar e servir melhor.

A diocese de Nova Iguaçu quer ter

consciência clara do que é, do que tem feito, do que deve fazer. Quer, com a graça de Deus, perseverar no serviço dos irmãos pequenos e, para ser mais fiel ao mandamento de Jesus, achar meios de servir melhor.

Alguma coisa neste sentido temos tentado por ex., quando comemoramos em 1970 o primeiro decênio; quando em 1980, celebramos o centenário de nascimento do P. João Müsch; quando em 1985, festejamos o jubileu de prata da diocese. Também o seqüestro e o caso do Riachão contribuíram para aprofundar nossa consciência eclesial. Mas o 1º Sinodo Diocesano será, com a graça de Deus, a primeira grande reflexão sistemática da Igreja de Nova Iguaçu. Para ser mais fiel à sua missão e para servir melhor os irmãos pequenos e pobres.

MOSAICO

● Neste sábado, às 15h00 realiza-se no CEPAL a assembléia geral da Caritas Diocesana, para eleição de sua nova di-

retoria. Estão convidados todos os que, pelo Estatuto, têm direito a voto. Pelo importante papel que a Caritas Diocesana tem representado na vida de nossa diocese, sobretudo no setor social — Direitos Humanos, ocupações, conscientização, assistência jurídica, colaboração com o poder público na área de saúde etc —, todos acompanhamos com interesse os trabalhos e os resultados dessa assembléia geral.

● As 10h00 deste domingo dia 18 de janeiro, representantes de todas as nossas comunidades estarão reunidos no Instituto de Educação S. Antônio (IESA), no Colégio das Irmãs, para celebrar o lançamento do 1º Sinodo Diocesano de Nova Iguaçu. O bispo diocesano concelebrará a S. Missa com os padres de nossa diocese, com a participação do Povo. Na ocasião Dom Adriano quer agradecer também publicamente as graças de Deus nos seus cinqüenta anos de vida franciscana, dos quais vinte passaram em Nova Iguaçu.

● Com data de 1º de janeiro o S. Padre João Paulo II declarou o ano de 1987, como "Ano Mariano". A abertura do Ano Mariano será na festa de Pentecostes (Espírito Santo), dia 7 de junho. O Ano Mariano quer ser o ensino de aprofundamento, pela mão de Maria SSma., o mistério da salvação que Deus realiza por Jesus Cristo na Igreja.

● Lembrando que em 1987, ocorre a comemoração dos vinte anos da Encíclica "O desenvolvimento dos Povos", do Papa Paulo VI, escreve o S. Padre João Paulo II, na sua mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz deste ano: "A frase do mesmo Paulo VI — o desenvolvimento é o novo nome da paz — indica uma das chaves para a nossa busca da paz. Poderá existir paz verdadeira, enquanto houver homens, mulheres e crianças que não podem viver a sua plena dignidade humana? Poderá haver paz duradoura, num mundo onde predominam as relações — sociais, econômicas e políticas — que favorecem um grupo ou uma nação à custa de outros? Poderá estabelecer-se uma paz genuína, sem o reconhecimento efetivo daquela verdade sublime, segundo a qual nós somos todos iguais em dignidade, iguais porque fomos criados à imagem de Deus, que é nosso Pai?" (introdução)

● Viajou para a Itália o P. Jacinto Miconi que era o vigário da paróquia de Mesquita. Vai passar um ou dois anos em sua diocese de origem Udine, no Friul (Itália). Desejamos boa viagem ao P. Jacinto, boa estada na Itália e, se Deus quiser, um feliz regresso. Por ora, a paróquia de Mesquita fica confiada aos padres da Região Pastoral I. — Também deixa a diocese o P. Marcos Ockerman CICM que nos últimos tempos foi pároco do Riachão. Vai trabalhar na diocese de Itaguaí. Em lugar dele veio o P. Jacinto que trabalhou anteriormente na diocese de Itabira.

● No dia 14 Dom Adriano celebrou o jubileu de franciscano (50 anos) na capela das Irmãs Clarissas, com a participação de familiares.

● No primeiro período (ja/jun de 1987) o trabalho do Sinodo será preparar os animadores de comunidades que as paróquias escolheram. A formação dos animadores será feita no Seminário, por uma equipe especial. Os animadores voltarão às suas comunidades para fazerem o trabalho sinodal de primeiro grau: uma pesquisa de campo sobre a catequese e a formação de todos os que estão engajados na Pastoral. Daí nascerão propostas, sugestões, votos, críticas, opiniões, experiências que serão sistematizadas e aproveitadas em nível de paróquia. Do trabalho das "bases" pastorais vai depender em grande parte o resultado do Sinodo.

A Baixada busca Deus Libertador

— LEMA DO SÍNODO —

Cam. Fev. 87

Todo momento histórico ou acontecimento público de grande importância tem seu lema. Na vida política temos, por exemplo: "Diretas Já!" ou "Povo Unido, Jamais Será Vencido". Na vida religiosa, a Campanha da Fraternidade nos apresenta, a cada ano, um aspecto da missão da Igreja. Este ano o lema vai ser: "Quem acolhe o menor, a MIM acolhe". O Sinodo é para nós um desses momentos históricos muito importante. Precisava também de um lema. É o que foi feito há poucos dias.

UMA ESCOLHA DIFÍCIL

De um leque de mais de 50 propostas, os agentes de pastoral da diocese — na sua reunião mensal de janeiro —, ficaram com quatro lemas, dos quais um seria escolhido definitivamente para o Sinodo. Eram eles: "Para que a Baixada creia", "Para a vida deste povo", "Não tenhas medo de evangelizar", e "A Baixada busca Deus-Libertador". A escolha foi difícil, porque cada um destes lemas tinha e tem seu sentido profundo e muito válido. Foi colocado em discussão o pró e o contra de cada lema, e deu o seguinte:

● "Para que a Baixada creia" — É muito bom, mas na Baixada existem tantas crenças e só algumas apresentam um Deus que

quer a libertação do seu povo; um Deus que quer os homens realmente à sua imagem e semelhança.

● "Para a vida deste povo" — De fato, Jesus veio para dar a vida plena a todos, mas para muitos, a vida se limita ao bem-estar material e individual. Assim, o lema não ia, talvez, atingir a dimensão de um povo que luta pela sua libertação; um povo adulto e capaz de fazer a sua história conforme o plano de Deus.

● "Não tenhas medo de evangelizar" — É muito válido e bonito, já que a missão da Igreja é evangelizar; já que não é fácil proclamar o Evangelho. Mas procurávamos um lema específico para a nossa Baixada e a evangelização é missão da Igreja e não específica da Baixada.

BUSCAR DEUS-LIBERTADOR

Finalmente, "A Baixada Busca Deus-Libertador" foi o mais votado. A nossa missão de Igreja, aqui na Baixada, é buscar, encontrar e proclamar um Deus que liberta o povo de todo o tipo de opressão.

O que caracteriza, infelizmente, a Baixada, é a miséria e a violência — consequências de uma opressão generalizada. E como a Igreja é o Povo de Deus, ela deve ser sinal de esperança de libertação e de vida plena prometida por Jesus. Só assim a Igreja da Baixada cumprirá sua missão.

A Palavra do Irmão-Bispo :

O Primeiro Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu

Dom Adriano, bispo diocesano

Deus me deu a grande alegria de conviver e compartilhar, já por 20 anos, a sorte do Povo da Baixada Fluminense. Altos e baixos. Sofrimentos, alegrias e esperanças. Mais: meu ministério de bispo de N. Iguaçu correspondeu a dois grandes acontecimentos históricos, um eclesial de Igreja Católica — o Concílio Vaticano II — e outro político, brasileiro — a Revolução de 1964. Não é o momento de aprofundar; basta lembrar sumariamente que tanto o Vaticano II como a Revolução Militar atingiram a Baixada Fluminense e marcaram, de maneira profunda embora diferente, o nosso trabalho pastoral.

Nos seus quase 27 anos de vida, a Diocese de Nova Iguaçu fez uma caminhada difícil e varia. Teve três bispos, além de dois administradores apostólicos durante alguns meses. Teve muitíssimos padres que, por rezearem-se constantemente, marcaram de riqueza apostólica, mas também de diversidade, a sua Pastoral. Participou das alegrias, das incertezas, das buscas, dos exageros, das esperanças, das realidades do período altamente fecundo que veio depois do Concílio. A diocese fez muitos tipos de experiência pastoral, algumas que ficaram, outras que passaram, mas sentiu-se sempre aquém e abaixo dos agressivos desafios da Baixada Fluminense. Meu Deus, quanta coisa por fazer. Quanta coisa mal feita. Quanta coisa incompleta!

Mas nos seus quase 27 anos — serão completados no próximo dia 26 de março deste ano de 87 —, esta diocese tem de celebrar com gratidão e humildade as maravilhas que Deus realizou no seu Povo e através do seu Povo humilde da Baixada. A Igreja de Nova Iguaçu, em sua peregrinação histórica de apenas cinco lustros e meio, adquiriu sua identidade, descobriu sua missão específica dentro do grande contexto da Igreja do Brasil, tem consciência de sua missão. Ao menos confusamente. Ao menos por intuição.

O 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu que agora é lançado em nível diocesano, quer ser a grande reflexão de gratidão e humildade da nossa diocese sobre si mesma, sobre sua missão, sobre sua história. Durante pelo menos dois anos (1987-1988) as forças vivas de nossas comunidades, de nossos movimentos, de nossos conselhos, de nossas or-

ganizações e instituições, farão um esforço sincero de reflexão, de conscientização, de procura, de descoberta, para verificar com clareza os traços de sua identidade, as linhas pastorais que têm norteado nosso trabalho, as falhas e virtudes, para divisar o que se deve fazer agora e no futuro. Queremos refletir, para saber amar e servir melhor.

A Diocese de Nova Iguaçu quer ter consciência clara do que é, do que tem feito, do que deve fazer. Quer, com a graça de Deus, perseverar no serviço dos irmãos pequenos e, para ser mais fiel ao mandamento de Jesus, achar meios de servir melhor.

Alguma coisa neste sentido temos tentado, por ex.: quando comemoramos em 1970 o primeiro decênio; quando em 1980 celebramos o centenário de nascimento do P. João Musch; quando em 1985 festejamos o jubileu de prata da diocese. Também o sequestro e o caso do Riachão contribuíram para aprofundar nossa consciência eclesial. Mas o 1º Sínodo Diocesano será, com a graça de Deus, a primeira grande reflexão sistemática da Igreja de Nova Iguaçu. Para ser mais fiel à sua missão e para servir melhor os irmãos pequenos e pobres.

BAIXADA URGENTE

Febr. 87 Lou.

O Sacerdote, o Levita, o Samaritano e a Baixada Fluminense!

Fr. LUIS THOMAZ

Um homem subia de algum lugar para algum lugar na estrada de Santa Rita e caiu nas mãos dos assassinos. Assaltantes? Polícia? Polícia Mineira? O outro bando? Lá estava domingo de manhã, na contramão da rua, o "presunto" crivado de balas, olhos esbugalhados na contemplação do mistério maior. Eu ia passando, ia celebrar a missa na capela de Vila Iguaçuana. De longe avistei a pequena aglomeração e parei para ver. O homem caído era jovem e negro, o tipo comum do brasileiro jogado na periferia geográfica, social e humana das grandes cidades.

Padre, na direção da missa, indo falar pra comunidade o evangelho da dignidade humana, senti a agressividade repugnante da situação. Eu na direção da missa, o outro, o irmão, jogado na sarjeta como cachorro morto. O que fazer? Fazer alguma coisa? Dá pra fazer alguma coisa? Pelo menos marcar presença sacerdotal e dizer palavras de conscientização, me agregando ao grupinho em redor, engasgado de silenciosa impotência? Tá quase na hora da missa. O povo está esperando, vai se chatear com o atraso. Se eu não for e ficar por aqui, vou dar a impressão de irresponsável! Passei adiante e fui celebrar a missa, com gosto de cinza na boca.

Ali perto, deve ter alguma igreja evangélica. Enquanto eu estava parado estirando o pescoço, desceu do ônibus um senhor mulato, jeito de pastor protestante, enfatiado com tudo que tem direito, a Bíblia afetuosamente apertada ao peito. Na minha curiosidade, prestei atenção e vi o pastor fazer paradinha, na periferia do grupo. Dirigiu a palavra a alguém, deve ter-se informado, esticou o pescoço, deu sua olhada desengajada no "presunto" e se mandou, carregando consigo a mesma impotência.

Deve ter descoberto que estava na hora. O rebanho estava esperando, para a escola dominical. Esse mundo não tem jeito mesmo! É só pecaminosidade e afastamento de Deus! O resultado é o que estamos vendo. Traçando o caminho no meio das coisas materiais, não chegamos a lugar nenhum! A solução é nos apegarmos com Deus. Se aquele jovem tivesse aceito o Senhor Jesus, não terminaria daquele jeito! O pastor passou adiante, fortalecido no projeto de afastar o rebanho das coisas do mundo! E deve ter coordenado a escala dominical no maior enlevo cristão.

Na volta da missa, duas horas depois, restavam pessoas conversando baixinho, na porta do bar. De curiosidade, parei e perguntei como tinha sido resolvido o problema. A turma contou. A mãe-de-santo do terreiro ali perto enfrentou. Conhecia a família do morto, não podia deixar na rua o cadáver daquele cristão! O que fazer? Dá para fazer algo? As perguntas de sempre! Sem perder tempo na perguntaria pequeno-burguesa, a filha de Ogum tomou o ônibus para a Delegacia. Em clima hostil, reclamou e insistiu, digeriu más vontades e suplicou, empurrada de uma porta bateu na outra, até ser atendida, até lhe darem solução.

Há dois meses, o cadáver de um homem assassinado de madrugada aqui perto do CEPAL ficou na rua, até as 7 da noite, quando foi apanhado, por interferência alheia. O homem na estrada de Santa Rita foi recolhido mais cedo, pela insistência compassiva da dona do terreiro. O cadáver não ficou o dia inteiro no sol quente, feito cachorro morto na Dutra ou, mais ofensivo ainda: feito chaga aberta desta sociedade perversa, distribuindo a todos o mau exemplo e o cheiro envenenado de uma lepra moral que é de todos nós, por mais prática que tenhamos de lavar nossas mãos.

RIO DE JANEIRO

Lucro certo*negócio da China feito
em Nova Iguaçu*

Ao apagar das luzes, o governo Leonel Brizola vê-se perseguido por mais um escândalo. Na semana passada, a Companhia Estadual de Habitação (Cehab), órgão da Secretaria do Trabalho e Habitação do Rio de Janeiro, emergia no centro de uma operação fácil de entender mas difícil de explicar. Para cumprir uma promessa de Brizola, feita durante sua campanha eleitoral, segundo a qual assentaria 2 000 famílias no início do programa Cada Família um Lote, a Cehab pagou há mais de um ano R\$ 8,89 bilhões de cruzeiros por um terreno ondulado no município de Nova Iguaçu que não oferece condições para a construção de casas e valeria, conforme uma avaliação do prefeito da cidade, Paulo Leone, dezenove vezes menos do que foi desembolsado por ele.

O terreno, de 1 140 hectares, foi comprado da Gleba Modesto Leal Ltda. com a entrega de Obri-

gações Reajustáveis do Tesouro do Rio e vários imóveis, entre eles 82 apartamentos e sete salas de escritório com garagem, que foram transferidos à Cehab pelo Banerj, o banco oficial do Estado do Rio. Até hoje, o governo Brizola não assentou famílias na terra adquirida para esse fim. No entanto, os imóveis dados em troca dessa terra produziram uma fartíssima safra para seus novos proprietários. Habib Issa e Caio Marcello Mano Gallo, donos da Gleba Modesto Leal, receberam, por exemplo, as sete salas comerciais, localizadas no prédio de número 700 da Rua Jardim Botânico, no Rio, por 33 milhões de cruzeiros cada uma. Dois meses

depois da transação, todas elas estavam escrituradas para novos donos pelo valor mínimo de 95 milhões de cruzeiros cada uma.

Apartamentos do conjunto habitacional Capemi Iris, em Campo Grande, entregues pelo Banerj à Gleba Modesto por 20 milhões de cruzeiros cada unidade, três meses depois eram vendidos a 75 milhões. Entrou ainda no negócio um imóvel localizado em São Bernardo do Campo, São Paulo, o Hotel Nivaroy, hoje Hotel Park Plaza, com 180 apartamentos. Seis meses depois de o Banerj repassá-lo por 7,2 bilhões de cruzeiros, era vendido por 38 bilhões. O presidente da Cehab, Antônio Carlos

Bonfim, reconhece que desde o início a transação era triangular. Ele se coloca como mero intermediário de um negócio que sua companhia não tinha interesse em realizar. "A decisão final foi do governador Brizola", diz Bonfim. "Não cabia a mim discutir." Para o governador Brizola, a denúncia sobre esse caso é infundada e tem como único objetivo prejudicá-lo. "A intenção é denegrir meu governo", afirma, colocando-se no papel de vítima, como faz com frequência em situações difíceis. ●



RONALD SALGADO

O prédio da Rua Jardim Botânico: valorização imediata



Entre Paulo Rattes e d. Adriano, Moreira disse que vai cuidar melhor da Baixada

Moreira promete a d. Adriano maior cuidado com a Baixada

O governador Moreira Franco prometeu ontem ao bispo de Nova Iguaçu e presidente da Pastoral da Terra, Dom Adriano Hipólito, maior cuidado com a Baixada Fluminense e disse que vai interferir junto ao ministro da Reforma Agrária, Dante Oliveira, para que seja assinada a desapropriação das terras da fazenda São Bernardino, em Vila

de Cava, onde já foram despejadas nos últimos dias 13 famílias. A ação de despejo foi sustada, mas 147 famílias estão sendo ameaçadas por jagunços. Após audiência de menos de 20 minutos, a qual estiveram presentes dois posseiros de Vila de Cava e o secretário de governo, Paulo Rattes, Dom Adriano Hipólito

disse que o governador Moreira Franco determinou ao secretário de Polícia Militar, Coronel Manuel Elycio dos Santos, que tome providências para garantir policiamento na Baixada, visando evitar de imediato qualquer conflito que possa ocorrer, entre posseiros e os proprietários da terra.

1-4-87 Cam.
A palavra do Irmão - Bispo

Transmitir a Fé : Serviço da Humanidade

A comunidade, assistida e animada pelo Espírito Santo, é a primeira e grande mestra da Fé. Dentro da comunidade de Fé, que é a Igreja, cabe a missão de transmitir a Fé em primeiro lugar aos Pais que apresentaram seus filhinhos à pia batismal, para receberem o sacramento da nova vida em Cristo. São os Pais os primeiros mestres da Fé.

Dentro da comunidade encontramos os demais mestres da Fé: o Papa, em nível de Igreja universal; o bispo em nível de Igreja particular; o padre, os catequistas, os professores de religião, etc. no seu campo específico de trabalho.

Característico de todos os mestres da Fé, com as particularidades que os carismas particulares impõem, é que são servidores da Palavra de Deus e por isto mesmo servidores da comunidade.

O mestre da Fé transmite a Fé que recebeu e que, com a luz do Espírito Santo, procura preservar de qualquer transgressão ou violação. Paulo podia dizer a propósito da Eucaristia: "Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti" (1 Cor 11, 23). Na história da Igreja primitiva, que são os Atos dos Apóstolos, lemos esta passagem significativa: "Eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na vida comum, na fração do pão e na oração". (At 2, 42).

O Mestre da Fé é Servidor dos Irmãos

Na consciência do seu extraordinário carisma de transmitir a Fé o cristão engajado sente uma profunda humildade. Sente-se servidor dos irmãos. Sente-se servidor da Palavra de Deus. Daí por que procura, com renovado interesse, aprofundar o conhecimento da Fé; mais ainda: procura viver intensamente a Fé que vai proclamar pela palavra e pelo exemplo. Esta humildade profunda e autêntica, que é simplicidade, que é pobreza interior, que é infância espiritual, está diante dos olhos de Jesus quando fala ao Pai: "Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu

e da terra, por teres ocultado estas coisas nos sábios e prudentes e as haveres revelado aos simples. Sim, Pai; tal foi o teu bem-querer". (Mt 11, 25-26)

Qualquer que seja o nível de atuação do mestre da Fé, tem de sentir-se e de atuar como servidor da Palavra, como servidor dos irmãos.

Por isto nada prejudica a transmissão da Fé tanto como o orgulho, a vontade de poder, o autoritarismo, a autossuficiência, o farisaísmo.

Pregamos Jesus Cristo e Cristo crucificado

Na palavra de Paulo, que resume o conteúdo da Fé, nós pregamos Jesus Cristo e este crucificado (cf 1 Cor 2, 2). Como vamos pregar a mensagem salvífica de Jesus Cristo, homem e Deus, que se fez pequeno no presépio, na cruz, na eucaristia, na sua palavra, carregando no coração e exprimindo por nossas palavras e gestos nossa ambição, nosso orgulho, nossa vontade de poder? A transmissão da Fé opõe-se ao orgulho, ao autoritarismo, à autossuficiência. A transmissão da Fé exige a humildade, a pequenez interior, o despojamento.

Para todos os que têm a missão de transmitir a Fé, nos mais diversos graus, valeria a pena releer sempre de novo o Sermão da Montanha (Mt 5-7), a mensagem de Jesus sobre o espírito de serviço e sobre o espírito farisaico (Mt 23), sobre o amor do irmão como critério básico do julgamento final (Mt 25, 31-46), a teologia de Paulo sobre o poder da cruz de Jesus Cristo (1 Cor 1, 18-2, 16).

Nestas e noutras passagens do Novo Testamento temos pontos de referência que, de um lado, nos animam a realizar nosso ministério-serviço de transmitir a Fé de Jesus Cristo e, do outro, nos preservam de todo orgulho e de toda a manipulação.

ADRIANO, bispo diocesano



April 88
Cam. junnt.

D. Adriano, 70 anos: a homenagem familiar

Recebemos um convite honroso para transmitir aos presentes, as alegrias que envolvem as famílias Mandarino e Hipólito, pela passagem do aniversário natalício (70 anos) de Dom Adriano, conhecido no seio familiar por Fernando.

Na realidade, da união de Nicolau e Isabel, as duas famílias foram premiadas com o primeiro sobrinho, recebendo-o e tratando-o com amor e carinho. Pois o menino Fernando, desde a tenra idade, demonstrava caráter e personalidade marcantes, bondade e amor a Deus e ao próximo.

No seu lar tinha o exemplo de um pai trabalhador, honesto e fiel à sua família, complementada pela dedicação de sua mãe. Portadora de uma coragem e fé incomensuráveis. Piedosa, assídua frequentadora do Convento de São Francisco, em Salvador, onde mais tarde foi sepultada. Nos franciscanos, Isabel encontrou seus verdadeiros amigos e responsáveis pela formação moral e cristã de seu filho.

O seu desejo era vê-lo sacerdote. Para tanto, implorava a proteção de Santo Antônio, que atendeu às suas súplicas, que o fez também Pastor de uma Diocese cujo padroeiro é Santo Antônio.

Acreditamos na ressurreição dos mortos, o que não é inválida que meditemos sobre essa verdade — que seus pais, irmãos, tios e confrades, também estejam alegres e felizes com as homenagens justas, prestadas a um sacerdote, exemplo de virtudes, modéstia e grandeza de es-

pírito.

A Fé que o encoraja, nos transmite tranquilidade e paz. A Esperança que o acompanha, nos leva a prosseguir na caminhada, sem vacilação ou desânimo. A Caridade de que é possuidor, deixa em cada um de nós, o desejo de aprofundar nossos sentimentos e ver no próximo o irmão e filho do mesmo Pai. O que é tão fácil para ele. "Amar ao próximo como a si mesmo" não é impossível. Mas é difícil entendermos a força do amor, ditada por esse mandamento.

Acompanhamos sua vida sacerdotal, desde a ordenação em 1942, onde as duas famílias se faziam presentes. Hoje, somente uma tia sobrevive, sobrinhos e primos, afora os diocesanos da Baixada Fluminense, que constituem a família unida pelo Cristo e que reconhecem a sua ação pastoral, porque não se trata de um homem somente capaz de fazer promessas, mas de realizações e de ação.

Como é bom ser bom! Nesta oportunidade, queremos agradecer a colaboração que lhe vem sendo prestada, por ser ele muito querido. Jóia de valor inestimável, estrela de primeira grandeza, relicário de valores morais.

Agradecemos pedindo a todos que não desanimem. A estrada é longa, mas a caminhada é certa.

Que Maria Santíssima, Mãe de Deus e dos homens, acolha-o sempre em seu manto de rainha. Acolhei-o em vosso manto de rainha, em vosso véu de Virgem, em vosso coração de Mãe para sempre.

Transmitir a Fé : Serviço da Humanidade

A comunidade, assistida e animada pelo Espírito Santo, é a primeira e grande mestra da Fé. Dentro da comunidade de Fé, que é a Igreja, cabe a missão de transmitir a Fé em primeiro lugar aos Pais que apresentaram seus filhos à pia batismal, para receberem o sacramento da nova vida em Cristo. São os Pais os primeiros mestres da Fé.

Dentro da comunidade encontramos os demais mestres da Fé: o Papa, em nível de Igreja universal; o bispo em nível de Igreja particular; o padre, os catequistas, os professores de religião, etc. no seu campo específico de trabalho.

Característico de todos os mestres da Fé, com as particularidades que os carismas particulares impõem, é que são servidores da Palavra de Deus e por isto mesmo servidores da comunidade.

O mestre da Fé transmite a Fé que recebeu e que, com a luz do Espírito Santo, procura preservar de qualquer transgressão ou violação. Paulo podia dizer a propósito da Eucaristia: "Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti" (1 Cor 11, 23). Na história da Igreja primitiva, que são os Atos dos Apóstolos, lemos esta passagem significativa: "Eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na vida comum, na fração do pão e na oração". (At 2, 42).

O Mestre da Fé é Servidor dos Irmãos

Na consciência do seu extraordinário carisma de transmitir a Fé o cristão engajado sente uma profunda humildade. Sente-se servidor dos irmãos. Sente-se servidor da Palavra de Deus. Daí por que procura, com renovado interesse, aprofundar o conhecimento da Fé; mais ainda: procura viver intensamente a Fé que vai proclamar pela palavra e pelo exemplo. Esta humildade profunda e autêntica, que é simplicidade, que é pobreza interior, que é infância espiritual, está diante dos olhos de Jesus quando fala ao Pai: "Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu

e da terra, por teres ocultado estas coisas aos sábios e prudentes e as haveres revelado aos simples. Sim, Pai: tal foi o teu bem-querer". (Mt 11, 25-26)

Qualquer que seja o nível de atuação do mestre da Fé, tem de sentir-se e de atuar como servidor da Palavra, como servidor dos irmãos.

Por isto nada prejudica a transmissão da Fé tanto como o orgulho, a vontade de poder, o autoritarismo, a autossuficiência, o farisaísmo.

Pregamos Jesus Cristo e Cristo crucificado

Na palavra de Paulo, que resume o conteúdo da Fé, nós pregamos Jesus Cristo e este crucificado (cf 1 Cor 2, 2). Como vamos pregar a mensagem salvífica de Jesus Cristo, homem e Deus, que se fez pequeno no presépio, na cruz, na eucaristia, na sua palavra, carregando no coração e exprimindo por nossas palavras e gestos nossa ambição, nosso orgulho, nossa vontade de poder? A transmissão da Fé opõe-se ao orgulho, ao autoritarismo, à autossuficiência. A transmissão da Fé exige a humildade, a pequenez interior, o despojamento.

Para todos os que têm a missão de transmitir a Fé, nos mais diversos graus, valeria a pena reler sempre de novo o Sermão da Montanha (Mt 5-7), a mensagem de Jesus sobre o espírito de serviço e sobre o espírito farisaico (Mt 23), sobre o amor do irmão como critério básico do julgamento final (Mt 25, 31-46), a teologia de Paulo sobre o poder da cruz de Jesus Cristo (1 Cor 1, 18-2, 16).

Nestas e noutras passagens do Novo Testamento temos pontos de referência que, de um lado, nos animam a realizar nosso ministério-serviço de transmitir a Fé de Jesus Cristo e, do outro, nos preservam de todo orgulho e de toda a manipulação.

ADRIANO, bispo diocesano

Recado ao ^{Moi 87} Novo Governador

Pouco antes das eleições, o candidato Moreira Franco solicitou e obteve audiência com o bispo diocesano de Nova Iguaçu, dom Adriano Hypolito. Compareceu acompanhado do seu candidato a vice, Francisco Amaral, e mais alguns postulantes eleitorais da frente partidária vitoriosa. Dom Adriano, como de costume, chamou para a entrevista a Comissão de Justiça e Paz e outras lideranças comunitárias. Pergunta vai resposta vem, trava-se adulta discussão política no melhor sentido da palavra, sem rasga-seda e ajeitamentos por cima, tão abjetamente próprio de nossos políticos e também do trato de cidadãos brasileiros com as autoridades.

No sadio calor do debate, o candidato Moreira Franco deixou claro, em presença de testemunhas qualificadas, que governaria, se eleito, adensando mais ainda a participação do povo organizado e o respeito às comunidades locais. Em seu governo, a polícia não funcionaria como instrumento das elites para reprimir o povo trabalhador. Como governador, resgataria o dinamismo produtivo do Estado do Rio, para recuperação de nossa economia. Os possíveis equívocos do governo anterior seriam retificados, mas seriam aprofundados os aspectos sociais dele, tão percebidos e valorizados pelo povo aqui da Baixada Fluminense.

Moi 87
Câm. Frei Luís Thomaz

De lá para cá, houve as eleições, com os resultados conhecidos, Brizola declarando na despedida que o povo de nosso Estado começaria breve a ter saudades dele. Pois bem, Governador Moreira Franco, as comunidades de Nova Iguaçu já estão tendo motivos para começar a sentir saudades do Brizola: no dia anterior à sua posse — tudo indica que pelo fato de ser o senhor que ia tomar posse — foram despejados os agricultores pobres, posseiros no Mutirão de Pedra Lisa. E, no dia seguinte à sua posse, principiou-se no maior entusiasmo, como se tratasse de inimigos satisfazendo antigas vinganças, o despejo de 100 famílias de miseráveis posseiros, na Fazenda São Bernardino.

O que é a Fazenda São Bernardino e quem são os posseiros? É uma gleba até há dois anos totalmente improdutiva e abandonada, na periferia de Nova Iguaçu. Um tal Gavazzi, estrangeiro, décadas atrás enricou ali, cortando as matas para vender carvão. Da mata, na área, só resta sapê. Em São Bernardino, encontra-se a sede imponente da antiga fazenda, prédio que, em qualquer país responsável e de respeito ao povo, teria sido conservado e recuperado, como patrimônio

cultural da alma brasileira. Na realidade, a sede da fazenda foi devastada e transformada em reles ruínas, em decorrência também da pilhagem de gente fina aqui da área, cidadãos acima de qualquer suspeita.

Nas últimas três décadas, a Fazenda São Bernardino não deve ter produzido um pé de couve. Há dois anos atrás, as extensões improdutivas começaram a ser ocupadas e trabalhadas. Agricultores pobres, migrados de nossos interiores e expelidos socialmente para as periferias urbanas do Grande Rio, reencontraram, em São Bernardino, trabalho e subsistência para suas famílias. Em vez de permanecerem mendigando nas ruas e sendo social e familiarmente destruídos nesta sub-vida, levantaram seus barracos em São Bernardino e passaram a plantar seu aipim. Desta maneira, se reencontraram com a cidadania a que têm direito e para a qual devia funcionar o que chamamos de pátria.

Numa gleba abandonada, deixada ao léu para valorizar-se financeiramente na especulação imobiliária, umas cem famílias de brasileiros de procedência rural encontraram trabalho, saíram da marginalidade econômica e assumiram a dignidade humana, no reencontro com a possibilidade de sustentar seus filhos. Durante o governo anterior, Governador Moreira Franco, foi-nos sempre possível encontrar as portas abertas, discutir os problemas dos pobres, buscar soluções, encontrar saídas. Pois bem, Governador Moreira Franco, quando os oficiais de justiça e os policiais militares iniciaram o despejo em São Bernardino, ouviu-se de suas bocas: — "Vão agora chamar o governador!" Isto é, seu nome, Governador Moreira Franco, está sendo usado para avalizar o pisoteamento dos pequenos.

Talvez lhe interessem, Governador Moreira Franco, algumas opiniões expressadas durante os despejos em Pedra Lisa e São Bernardino: — "A extrema direita está se aproveitando do vácuo de poder, entre as duas administrações!" — "A polícia aproveita o interregno para se vingar do Governo Brizola e sua defesa dos Direitos Humanos!" — "Foi-se o tempo deste negócio de Direitos Humanos! Agora, com Moreira Franco, estes marginais (isto é, nosso povo desrespeitado) vai entrar na linha, na base do cacete!"

Governador Moreira Franco, é isto que estão fazendo, aqui na Baixada, com seu nome, para oprimir os mais indefesos!



Nossa Diocese

D. ADRIANO - BISPO DIOCESANO

Gritos de um silêncio

Fr. Luiz Thomaz — interino

Na semana do despejo na fazenda São Bernardino, em Nova Iguaçu, aconteceu a mobilização dos posseiros em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo. Com lágrimas nos olhos, o bispo da região, dom Angélico Sândalo Bernardino, conclamou os mais de 10 mil posseiros reunidos: "Fechem os guarda-chuvas! Que a água da chuva caia sobre nós e lave o povo de todo o seu sofrimento!" Sob a chuva fina, eles ouviram exortações à "resistência" nos terrenos ocupados e até mesmo à invasão da sede da Secretaria Estadual de Habitação, caso o secretário não vá ao local, com uma decisão oficial sobre a questão das ocupações.

"Querer conter este movimento com força policial é, no mínimo, uma covardia!" desabafou irado dom Angélico. Em seu discurso, ouvido em silêncio pela multidão, ele culpou "o descaso, a preguiça daqueles que não fazem a reforma agrária, pela perigosa situação que se criou em toda a região da cidade, a mais pobre e densamente povoada de São Paulo." "Não é a Igreja, nem o PT, nem o PC do B que estão fazendo a subversão. Quem faz a subversão são os poderosos, aqueles que têm terra", afirmou o bispo, para depois exortar os milhares de posseiros a continuar com a ocupação. Dados do JB 06/04/87.

Os jornais de hoje (11/04/87) reportam a celebração eucarística no mutirão da fazenda São Bernardino, em Nova Iguaçu. A bela fotografia, no JB, mostra posseiros pobres, religiosos e os celebrantes, vestidos de alva e estola, no meio do mato. Antigamente só se via isso dentro da Igreja! "É para dentro da Igreja que eles devem voltar, é dentro da Igreja que eles devem ficar!" — vociferaram oficiais de polícia, comandantes do despejo, e juizes cristãos, que sentenciam sistematicamente contra os pobres. A indignação deles é sadia prova de que o fermento escapa de sua prisão.

Assim, porém, não pensam os empresários, donos da grande imprensa. Eis o que escreve um editorial (JB 7/04/87): "O bispo da Zona Leste de São Paulo é brasileiro; mas o tratamento que dá à realidade brasileira não tem nada a ver com a dignidade do cargo que ocupa. Seu discurso é o de quem não tem nenhum compromisso com a realidade social, com as leis existentes, com a existência de representantes do poder civil". No editorial do dia seguinte: "Em seu tom melífluo, o cardeal de São Paulo diz o que alguns de seus assessores repetem a plenos pulmões: a crise da moradia tem de ser resolvida pelo fato consumado, pela invasão pura e simples". O jornal terroriza que isso vai provocar choque, que a democracia não resistirá.

Os editoriais expressam a cabeça das minorias brasileiras, acostumadas a amontoar às custas da submissão silenciosa dos operários e agricultores. Não é novidade, neste

país, a falta de compromisso de nossas elites com a realidade social, constituída de brutal desproporção entre os poucos que possuem e as totalidades destituídas. Até anos atrás, a Igreja comungava com tal sistema. Hoje, se desliga dos poderosos, como condição para comprometer-se com a realidade social.

O fermento se espalha; prova disso é a descrença das Comunidades Eclesiais nas leis existentes. A legalidade pode ser profundamente ilegítima. E é, quando as leis formulam os interesses dos dominadores ou quando são usadas a favor deles, poderosos e endinheirados. No papel de consciência moral, a Igreja tem que denunciar muitas leis brasileiras, que funcionam como diques que impedem a passagem do povo, na conquista do seu país. É preciso também denunciar a corrupção do poder judiciário, que se monta hipocritamente na justiça formal, para manietar o povo, na luta por seus direitos.

Os representantes do poder civil também deviam mostrar seu compromisso, dando presença na luta do povo por terra e moradia. Quase nunca estão porque, após as eleições, seus compromissos são com outra ordem de interesses. Os jornalões da grande empresa sermoneiam o retorno necessário

dos "clérigos" às sacristias. Não pnsamos assim. Muito pelo contrário, saindo da sacristia e afastando-se dos palácios para ficar no lado do povo, religiosos estão recuperando a dignidade que perderam, toda vez que aceitaram dar o grande amém à ordem social, que nada tem a ver com amor fraterno e distribuição igualitária. (FLT).

«!

MOSAICO

— Sábado passado, nossa Diocese fez avaliação do lançamento da Campanha da Fraternidade/87. Todos concordam: o lançamento diocesano, com sua caminhada e reflexões pelas ruas de nossa cidade, foi manifestação eclesial belíssima e ato profundamente político; no sentido de cobrança popular por uma sociedade menos iníqua, menos máquina de produção da subhumanidade desrespeitosa do Povo de Deus, menos geradora de perversidades sociais, como os milhões de menores abandonados: vítimas inocentes que não podem se defender, que mal podem se organizar, na denúncia e na luta por seus direitos.

— A avaliação da Campanha da Fraternidade ocupou-se sobretudo da continuação. Continuidade como? Sairam sugestões, apresentaram-se propostas, que serão estudadas, organizadas e votadas, em próxima reunião. Eis algumas: no enfrentamento do menor abandonado, fazer aliança com movimentos populares e entidades comprome-

tidas, como Associações de Moradores, FEEM, FEBEM, Igrejas evangélicas, Sindicatos. Com o objetivo, a médio prazo, de criarmos, em Nova Iguaçu, um Conselho Municipal do Menor; à maneira do Conselho Municipal de Saúde, que já existe e, aguerridamente, intervém, em nome do povo organizado, no encaminhamento geral de soluções para os problemas de saúde pública, em nosso município.

— Ponto importante, em nossa avaliação: de que forma passar do trabalho pastoral/social pelo menor e para o menor, para o trabalho com o menor; melhor ainda, o trabalho dirigido e feito pelos próprios menores de rua, em organização assumida por eles. Para tanto, nossa Diocese, servidora, precisa criar espaço onde nossos menores de rua se encontrem; talvez diariamente, para uma sopa, para um banho e, sobretudo, para se encontrarem com pessoas que lhes queiram bem, sorriam para eles, se ocupem um pouco com eles, os acolham como pessoas bem-vindas. Nossa avaliação achou que tal espaço teria que ser no

— DIGA NÃO AO ABANDONO EM NOVA IGUAÇU! DIGA NÃO À CORRUPÇÃO! O MAB/FAMERJ convocam nossa população para passeata e grande ato público contra o descalabro na prefeitura de Nova Iguaçu. Eis a íntegra da convocação: "A situação de Nova Iguaçu está insuportável. As escolas municipais já não funcionam. Nem os postos de saúde, nem o saneamento básico. Os transportes estão uma verdadeira calamidade. Continuamos a pagar pela iluminação pública que não temos, os impostos têm preços absurdos. A "dengue" atinge milhares de pessoas e o liqü tomou conta do município. As autoridades não atendem aos que lutam por terra para plantar e morar!" Centro, perto do trem e das rodoviárias.

— DIGA NÃO AO ABANDONO EM NOVA IGUAÇU/ (2). Continua a conclamação do povo organizado: "A prefeitura, que nada faz pelo povo, está atolada em negociatas e escândalos. A Câmara de Vereadores ameaçou afastar o prefeito, mas acabou "se entendendo" com ele e arquivou o processo. O MAB está sendo processado porque falou verdades nas ruas, no ano passado. Voltaram a cobrar taxa para os protocolos na prefeitura. É necessário mudar esta situação. O povo precisa sair às ruas e lutar contra essa calamidade pública. **TODOS À MANIFESTAÇÃO NO DIA 8 DE MAIO, ÀS 9 HORAS DA MANHÃ, NA PRAÇA DA LIBERDADE!**" "Nossa Diocese", através de seu redator interino, apóia a luta do povo organizado e reforça seu convite, para a manifestação do dia 8 próximo.

Professores da Baixada

3
4
entram em greve

*7. 10neu vrom
einen subjektive besteben.*

plicar por qual motivo eles se tornaram prisioneiros dentro de seus estabelecimentos.

O diretor da Divisão de Defesa da Vida, antiga Delegacia de Homicídios, delegado Peter Gersten, admite que a Polícia não dispõe de recursos suficientes para acabar com esse tipo de crimes, mas não acredita na existência de um Esquadrão da Morte. Ele acha que muitas vezes as execuções são praticadas pela própria comunidade (comerciantes e moradores) que, cansada de ser agredida pelos delinquentes, se organiza para limpar a área:

- Se houvesse um Esquadrão da Morte atuando efetivamente, esse grupo agiria em termos de grandes marginais. Eu nunca ouvi dizer que um Escadinha ou um Carlinhos Gordo tenham sido encontrados em um terreno baldio com vários tiros pelo corpo. Quem morre assim, via de regra, é o bandido pé-de-chinelo, que assalta tendinhas e moradores do local. A comunidade, querendo fazer justiça, acaba cometendo a maior das injustiças, que é tirar a vida do semelhante.

O delegado também não concorda com a afirmação de que as polícias mineiras sejam sempre compostas por policiais e ex-policiais da PM. Segundo ele, cada caso é um caso, e não cabe uma generalização. Embora admitindo a presença de policiais (não só militares, mas também civis), ele diz que não há base para comprometer toda a instituição policial:

- O que temos notado é uma presença maciça de indivíduos que foram expulsos da corporação e apresentam problemas psiquiátricos graves e de outros que, apesar de nunca terem sido policiais, gostariam de sê-lo, mas que, por despreparo ou por sofrerem de doenças mentais, não foram aceitos. São verdadeiros malucos que avocam

para si uma função que não lhes cabe e, pior, saem por aí matando, o que é um ato inadmissível para quem quer que seja.

Peter Gersten revela que existem alguns fatores que favorecem esse tipo de crime. "Nas vezes em que estive na Baixada ouvindo diversos segmentos sobre o problema, o que mais escutei da comunidade é que as áreas desertas, a falta de iluminação e as dificuldades de comunicação aliadas à falta de recursos da Polícia criavam condições propícias para a matança:

- A Polícia para atuar bem tem que ser sinônimo de agilidade. Ora! Em áreas pobres onde não há telefones e ninguém se arrisca a sair de noite, nós só somos acionados pela manhã, quando o crime já foi consumado e os matadores já estão longe. Para dificultar ainda mais, quando chegamos ao local ninguém se dispõe a testemunhar. O nosso interesse é acabar com essa situação. Queremos apurar tudo não importa se o envolvido é policial ou não. Isto é intolerável, pois, se não houver repressão, quem mata hoje e fica impune continua a matar amanhã e isto acaba se tornando um hábito.

- O delegado Luiz Gonzaga de Castro, chefe do Serviço Geral da Defesa da Vida da Baixada e antigo responsável pela parte operacional da extinta Comissão Especial do DGPC para apurar crimes de autoria desconhecida com características de grupo de extermínio, concorda que a falta de recursos da Polícia é a principal causa do crescimento desses crimes:

- No tempo da Comissão nós dispúnhamos de um efetivo de 30 homens, mais três delegados, um promotor, um coronel da PM e cinco viaturas. Hoje eu só conto com 10 detetives, dois escrivães e três veículos que passam a maior parte do tempo na oficina. Seis dos detetives são da última turma formada

e não têm experiência. Eu não posso mandá-los sair sozinhos, porque eles seriam presas fáceis dos perigosos bandidos que atuam por aqui. Até o telefone que eu uso é de favor, pois pertence à 64.ª Delegacia, São João de Meriti, que ainda nos empresta uma sala que é a nossa sede.

Para Luiz Gonzaga, a própria existência da Comissão conseguiu diminuir os crimes de execução, pois os responsáveis ficavam intimidados, pois sabiam que poderiam ser descobertos. Nesse tempo, foram realizados 180 inquéritos, com o indiciamento de quase 200 pessoas acusadas de envolvimento. O delegado explicou que o mecanismo de atuação da Comissão possibilitava a agilidade nas investigações, pois o coronel da PM tinha o maior interesse em identificar esses elementos e facilitava ao máximo a apresentação de qualquer PM suspeito. Segundo ele, a presença de um promotor ele, a presença de um promotor apresentava já estivesse com a prisão preventiva decretada:

- Do total de inquéritos que instauramos, conseguimos concluir 153, com a prisão e condenação de muitos envolvidos. O ex-PM Américo Assem Ayache e Paulo Alves Ferreira, Paulo Hulk, perigosos matadores, estão cumprindo pena na Penitenciária Milton Dias Moreira. Vários outros também tiveram o mesmo destino. Já outros, como os ex-PMs João Reimó Duarte Filho, Careca, e Jorge Oliveira de Souza, o De Souza estão soltos. O primeiro apesar de condenado conseguiu fugir. O segundo foi absolvido em um dos inquéritos, está em liberdade e vende segurança com um grupo a comerciantes de Vilar dos Telles. Mas isso não é problema nosso. O que tínhamos que fazer foi feito e, se esses indivíduos não estão atrás das grades, não foi por falta de empenho.



Uma cena comum na Baixada: os homens do "rabecão" conduzindo mais uma vítima



Em Belford Roxo, os comerciantes usam grades há muito tempo contra os assaltos

-A fama maior nos tempos de Médici-

A existência de grupos de extermínio é uma coisa antiga. Segundo o falecido jornalista Otávio Ribeiro, o **Pena Branca**, considerado o maior repórter da crônica - policial brasileira, o **Esquadrão da Morte** teria mais de 30 anos. Mas foi em 1970, quando o general Médici era o Presidente da República, no auge da repressão promovida pela ditadura militar, que ele ganhou grande fama.

Tudo começou em 1969, quando o general França, secretário de Segurança do Rio na época, nomeou um grupo de onze policiais, escolhido entre o que ele chamava de elite da classe, para acabar com a criminalidade. Esse grupo, logo denominado de **Os 11 Homens de Ouro**, seria totalmente independente e poderia atuar em qualquer ponto do Estado, só prestando contas de seus atos ao próprio secretário.

Não demorou muito para que se descobrisse que junto com ouro havia lama misturada. Além das denúncias do envolvimento de alguns dos membros do grupo com todo tipo de criminosos, havia as acusações de que muitos delinquentes presos pelos **Homens de Ouro** eram encontrados mortos em áreas desertas da Baixada Fluminense. Essas execuções tinham sempre as mesmas características: tiros de diversos calibres e marcas de tortura pelo corpo, onde era preso um cartaz com o símbolo do **Esquadrão** (uma caveira e duas tibias cruzadas) e com frases de advertência aos criminosos.

A certeza da impunidade era tanta que alguns dos executados eram retirados das delegacias onde estavam presos - hoje, há quem acredite que muitos dos corpos não identificados encontrados na Baixada Fluminense naquela época, eram de presos políticos mortos pela repressão. Com o estouro de um escândalo atrás do outro, sendo que os principais acusados eram os então

De Sousa

detetives Mariel Mariscot (condenado em vários processos e que acabou assassinado na guerra do jogo do bicho) e Nelson Duarte (absolvido em todos os processos e ainda trabalhando na Polícia) o general França não teve alternativa senão dissolver o grupo.

Como era de se prever, a extinção dos **Homens de Ouro** não foi suficiente para terminar com a existência do **Esquadrão da Morte**, que se tornou presença constante nas manchetes dos jornais e no noticiário policial, e acabou fazendo escola, inspirando os vários grupos

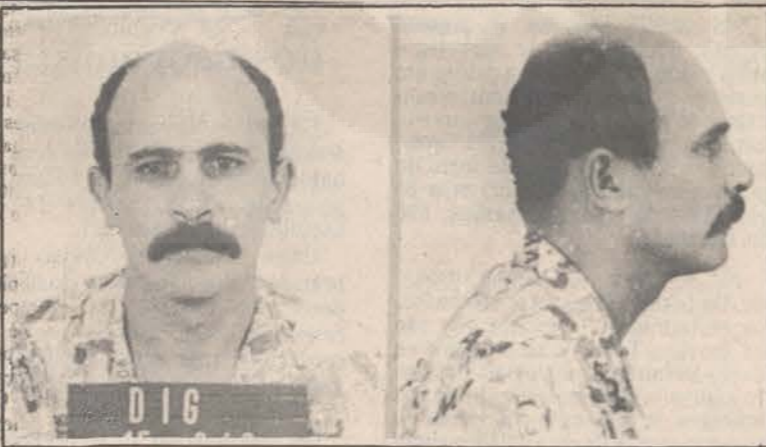
de extermínio que o sucederam e adotaram os seus ensinamentos como base de atuação.

Foi assim, que surgiu no fim da década de 70 o não menos famoso **Mão Branca**. Suas vítimas eram executadas a tiros após serem espancadas e torturadas. Junto ao corpo, os cartazes ou uma luva branca indicavam o autor dos crimes que se auto-intitulava de **Justiciero da Baixada**. Na verdade, grande parte dos bandidos assassinados não agiam naquela área, era apenas **desovados** ali. O capitão PM Levy foi o principal acusado de encarnar o estranho personagem, mas nada pôde ser provado. Muitos acham impossível que o **Mão Branca** fosse o responsável por todos aqueles crimes, e acreditam que outros grupos agiam sob a sua sombra.

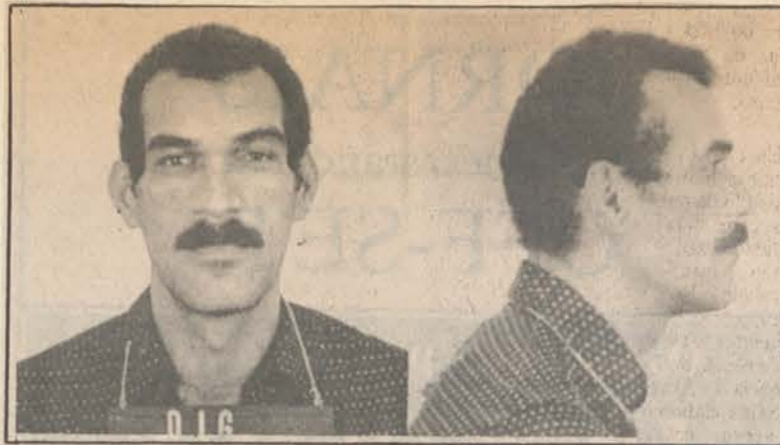
De 1984 para cá, reinam absolutas as temíveis **Policías Mineiras**. Fazem parte dos seus quadros, PMs, ex-PMs, a maioria policiais civis, X-9 (alcaguetes) e até mesmo

bandidos. Há informações de que esses grupos, que vivem a soldo dos comerciantes da Baixada Fluminense a quem protegem contra assaltantes, contam com a conivência da polícia local, chegando a circular livremente pelas delegacias de batalhões da Polícia Militar, e a proteção de políticos.

A audácia e sofisticação desses grupos de extermínio chegou a tal ponto que eles já vendem serviços para áreas fora dos seus redutos. São os casos do major do Exército, Luiz Fernandes Bernardes, morto em um **frescão** no Aterro do Flamengo, e do empresário Samuel Mendes Vieira, morto na garagem do prédio em que morava na Tijuca. A sofisticação fica por conta do esclarecimento do caso da universitária Anneliese Olga Volkmann, sequestrada e morta com várias facas, em um mistério que, durante 20 dias, atormentou a vida da polícia.



Careca



Paulo Hulk



Américo Apache

Caminho do

A palavra do irmão — Bispo:

Preparação dos animadores sinodais

ADRIANO,
bispo diocesano

A grande maioria das paróquias escolheu e enviou as pessoas — homens e mulheres, também muitos jovens — que vão fazer o curso de preparação para animadores sinodais.

Que são os animadores sinodais?

Falamos de sinodais quando nos referimos àquelas pessoas que assumirão a fase final e definitiva do Sinodo Diocesano. Serão previsivelmente cerca de 200-250. Terão à sua disposição o rico material juntado nos três períodos anteriores, contribuição das comunidades, das paróquias, dos movimentos, das associações, dos organismos diocesanos, também contribuições particulares. E deste material, que os próprios sinodais ainda poderão enriquecer, se fará o documento sinodal, em quatro redações provavelmente, que orientará o trabalho pastoral de nossa diocese nos próximos anos ou talvez mesmo decênios. Estes são os sinodais.

Animadores sinodais — que provavelmente darão muitos sinodais do período final — são aquelas pessoas, que, depois de uma boa formação e treinamento, irão às paróquias e às comunidades para o trabalho de formação e de conscientização no sentido do sinodo. Contamos que cheguem a várias centenas.

Podemos dizer que os trabalhos dos animadores sinodais é essencial para o bom resultado do Sinodo. Já porque o Sinodo não é nem pode ser esforço de uma pequena elite. O Sinodo quer atingir todas as forças vivas da Pastoral de nossa diocese. Quer conscientizar todos aquelas muitos cristãos que, numa dedicação admirável, se consagram nos diversos ministérios e atividades pastorais. Esse trabalho será feito pelos animadores sinodais.

Graças a Deus já começaram alguns cursos de preparação para os animadores. Viu-se bastante cedo que era impossível concentrar todos os candidatos num lugar só

para um só curso. Cresceu a equipe de formação que está sob a orientação geral e eficiente do nosso P. Pedro Geurts com seus numerosos colaboradores. Sendo assim, é possível também dar vários cursos ao mesmo tempo. O curso parte da dinâmica cristã, que o próprio P. Pedro desenvolveu em Nova Iguaçu nos anos 70, com os elementos novos sugeridos pelo tema do Sinodo: "transmitir a Fé" pelo escolhido lema: "a Baixada busca o Deus libertador".

O curso dá conteúdo e oferece técnicas de atividades. Mas ao mesmo tempo procura envolver os participantes numa atmosfera de espiritualidade e de comunhão participativa que atinge a pessoa toda e todos os membros do grupo. O curso joga os participantes dentro da Comunhão dos Santos. O curso faz as pessoas sentirem-se comunidade e comunhão. Mais: o curso, além da parte intelectual, atinge também o coração e a emoção dos participantes, comunicando entusiasmo e alegria, desejo de servir e doação.

Não admira que sejam bem positivos os primeiros resultados.

Temos assim fundadas esperanças de que os animadores poderão fazer um excelente trabalho nas comunidades (2º período) e nas paróquias (3º período); de que as forças vivas da Pastoral serão atingidas e se sentirão em "estado de Sinodo", quer dizer: dispostas e entusiasmadas a participarem ativamente.

Comunicando essas coisas boas, lembro que o Sinodo é ação do Espírito Santo para o bem do Povo de Deus, tem uma dimensão de Fé que é a mais importante. Por isto precisamos rezar muito pelo nosso Sinodo. Já foi publicada a oração do Sinodo. Talvez seja um pouco longa. Mas pode ser rezada em partes. Além disto é possível formular qualquer oração, espontaneamente. Contanto que assumamos também este aspecto do 1º Sinodo Diocesano de Nova Iguaçu.

**D. Adriano quer
fim de grupos
de extermínio**

Em reunião ontem com os secretários de Polícia Civil, Marcos Heusi, e de Justiça, Tércio Lins e Silva, D. Adriano Hipólito, bispo da Diocese de Nova Iguaçu, exigiu segurança contra o Esquadrão da Morte na Baixada Fluminense. "São 20 anos de matança. Já apelei para tudo e para todos, mas só o governador Brizola me deu atenção", disse ele.

Presente à reunião, a presidente da Comissão de Justiça e Paz do Movimento de Amigos dos Bairros, Sada David, criticou o Judiciário, que "absolve os matadores que a polícia consegue prender e mandar a julgamento". Marcos Heusi, que qualificou a situação de terrível, prometeu não poupar esforços contra os grupos de extermínio. (Cidade; página 5)

Bispo afirma que chega de matança na Baixada

— São 20 anos de matança na Baixada Fluminense. Já apelei para tudo e para todos. Apenas o governador Brizola me deu atenção e a ação dos grupos de extermínio diminuiu. Agora voltou tudo e ninguém me ouve. Estou farto de tudo — o desabafo é do bispo D. Adriano Hipólito, da Arquidiocese de Nova Iguaçu, durante a reunião que foi realizada ontem, na Cúria Metropolitana daquela cidade, entre ele, a comunidade de base, o vice-governador do Estado, Francisco Amaral, e os secretários de Polícia Civil, Marcos Heusi, e de Justiça, Tércio Lins e Silva.

A presidente da Comissão de Justiça e Paz do MAB (Movimento de Amigos dos Bairros), Sada David, pediu postos policiais de emergência ("nem que sejam barradas de lona ou cabanas com policiais e rádio") em pontos críticos e reclamou do Poder Judiciário, "que absolve todos os matadores que a polícia consegue prender e mandar a julgamento". Marcos Heusi disse que "tudo isso é terrível e vamos enviar esforços para que se ponha fim à matança". Depois da reunião, que durou mais de duas horas, o secretário de Polícia Civil fez uma visita inesperada à 54ª DP e à de Vigilância da Baixada; ambas em Belford Roxo.

O bispo Adriano Hipólito declarou que "o quadro da Baixada é arrasador. Não podemos imaginar que isso seja um problema de hoje ou de ontem. Desde 1967 venho lutando contra os grupos de extermínio, aos quais se juntaram muitos policiais. Teve até um governador que me afirmou não poder fazer nada porque a corrupção vinha de cima, da Secretaria de Segurança. São 20 anos de matança na Baixada. Não quero ser derrotista, mas já estou farto.

— Os crimes podem acabar, mas só depois que a miséria acabar também. Os pobres aqui estão abandonados pelo governo e vivem de migalhas. Para eles, o resto, o que sobra da sociedade. O crime organizado na Baixada é um cancro social muito profundo — desabafou.

Após a reunião, Heusi seguiu para Belford Roxo, onde visitou as delegacias (54ª DP e Vigilância da Baixada).

No início da tarde, Heusi estivera no IML de Nova Iguaçu e saiu dali impressionado, com a mão direita tapando o nariz por causa do mal cheiro dos cadáveres. É que as geladeiras do IML estão enguiçadas há mais de um ano e o diretor, médico Bernardino de Melo, que está no cargo há 15 anos, não tomou as devidas providências.



Nova Iguaçu, RJ — Geraldo Viola

Dom Adriano disse a Francisco Amaral (C) e Heusi que a violência tem de acabar

Conselho Comunitário vi

2 A criação de um Conselho Comunitário de Segurança para fiscalizar a atuação da Polícia na Baixada Fluminense, lutar contra os grupos de extermínio e o comércio ilegal de ouro e armas e selecionar jurados não comprometidos com policiais criminosos para julgá-los foi decidida ontem entre o Bispo de Nova Iguaçu, Adriano Hipólito, o Vice-Governador Francisco Amaral e os secretários de Polícia Civil, Marcos Heusi, e de Justiça, Tércio Lins e Silva, e vários líderes comunitários, em reunião que durou mais de três horas na Central Pastoral de Nova Iguaçu.

6 A reunião foi realizada após a exibição de um teipe da edição de anteontem do programa Globo Repórter, da Rede Globo, em que matadores profissionais entrevistados pelo repórter Domingos Meireles disseram que matam assaltantes a soldo de comerciantes e policiais encapuzados afirmaram que existe o "Esquadrão da Morte" na região. Os líderes comunitários que tomaram parte na reunião pediram que ela não fosse assistida por repórteres, temendo a divulgação dos autores das denúncias graves que levaram ao Vice-Governador e aos secretários. Como a reunião foi realizada num auditório com as janelas abertas, os repórteres puderam ouvir algumas queixas:

— Se o senhor não retirar da região os delegados comprometidos com os grupos de extermínio, a violência continuará como está — disse a Marcos Heusi a Presidente da Comissão de Justiça e Paz, Sada Barold David. — E a Justiça de Nova Iguaçu, incluindo os jurados que julgam esses criminosos, está comprometida com eles — acrescentou, dirigindo-se

a Tércio Lins e Silva. Tércio disse que a Secretaria de Justiça fará o possível, em colaboração com a comunidade, para enfrentar o crime organizado e a conivência policial. A mesma garantia foi dada por Marcos Heusi:

— Vamos enfrentar o crime organizado, combater os grupos de extermínio com todas as nossas energias, porque essa é uma determinação do Governo Moreira Franco. Se delegados fizerem parte desses grupos, irão para casa ou para a cadeia. Queremos a comunidade colaborando e fiscalizando a Polícia.

— As diligências ostensivas da Polícia servem apenas para divulgação nos jornais e na televisão — cobrou Sada David —, mas o que queremos é um trabalho cotidiano, sério, de policiais em quem a comunidade confie, principalmente nos bairros, onde o Governador Moreira Franco prometeu colocar trailers com policiais para anotar queixas dos moradores.

Marcos Heusi manifestou-se surpreso com a promessa e Sada folheou o livro de atas da Central Pastoral, indicando a data e a promessa escrita do então candidato, quando em reunião com a comunidade de base. O Secretário informou que o Governo enfrenta dificuldades, mas está investindo o quanto pode na região.

— Estamos começando por coisas como consertar em 15 dias as duas câmaras frigoríficas do necrotério do Instituto Médico Legal local, que incredivelmente estão enaguçadas há um ano e meio. O Governador conseguiu CZ\$ 100 milhões para a Polícia



Tércio, Heusi, Francisco Amaral e D

Civil e outros tantos para a Polícia Militar e grande parte desses recursos serão aplicados na segurança da região.

Azuleica Sampaio, Presidente da Federação das Associações de Moradores do município (MAB), protestou:

— Mais de 400 policiais civis e militares foram hoje impedir a mani-

O GLOBO Sábado, 6/6/87

GRANDE RIO • 13

giará Polícia na Baixada

festação que cerca de três mil moradores fariam no quilômetro 13 da Rodovia Presidente Dutra, interrompendo seu tráfego por 15 minutos como única forma de chamar a atenção para os problemas da região.

Marcos Heusi disse ser favorável à liberdade de manifestação, mas afirmou não poder concordar que se interrompa o tráfego de uma rodovia como a Dutra, o que, na sua opinião,

não é democrático.

Após a reunião, Francisco Amaral, Tércio Lins e Silva e Marcos Heusi disseram que, com a criação do Conselho Comunitário de Segurança, os contatos serão frequentes entre os órgãos de segurança e a comunidade. Francisco Amaral e Marcos Heusi fizeram uma rápida visita à 54ª DP (Belford Roxo) e à Delegacia de Vigilância da Baixada, ao lado.



om Adriano, em primeiro plano, assistem ao videoteipe do Globo Repórter

K-11 quer a volta dos velhos tempos

11/6/84
JdH

O K-11, bem próximo ao centro de Nova Iguaçu, já foi um exemplo de bairro. Limpo, sem entupimentos em redes de esgotos, com ruas decentes para trafegar, seguro e acima de tudo, tranquilo. Hoje, o quadro mudou radicalmente. Terrenos baldios servem de depósitos de lixo, onde proliferam ratos; chuvas inundam o bairro e fazem transbordar esgotos por excesso de sujeira; buracos ameaçam a vida dos motoristas; residências são assaltadas e a violência já se faz presente com assassinatos à luz do dia. A Prefeitura ignora a situação, como se quisesse se iludir com a imagem de um bairro quase perfeito de algum tempo atrás.

Os problemas começam com os terrenos abandonados. O lixo chega a invadir as ruas, sendo retirado pelos próprios moradores. Além de dar origem aos ratos também é foco de mosquitos, que acarretam várias doenças, inclusive a dengue, muito comum. Até cobras já foram vistas. Na residência de Tereza Alves, na Rua Sebastião Lacerda, nº 410, ao lado de um desses terrenos, os ratos cavam túneis no jardim e o mau cheiro incomoda bastante, o que é atribuído também ao esgoto, correndo à céu aberto indo passar por baixo das casas. "A gente pede, pede e pede à Prefeitura, mas não adianta nada", acentua Tereza.

Quando chove, as ruas do K-11 ficam alagadas. Lixos, pedras e, até, móveis velhos descem do morro, encalhando nas portas das residências. A invasão das águas não permite nem que os carros trafeguem e moradores relatam que até um esportista, aproveitou em um desses dias, para colocar seu caiaque no trecho da Rua Irajá com Maurício Rodrigues Francisco, navegando tranquilamente. O fato se dá, devido ao saturamento do mecanismo da rede de esgotos, o mesmo acontecendo na Rua Jussara, e em muitas outras do bairro.

A Rua Bernardino de Melo, beirando a estação, passa pela região e, no encontro com a Rua Sebastião Lacerda, existe um grande buraco, por onde corre um esgoto com a manilha quebrada, responsável por vários acidentes, por enquanto sem vítimas, quando carros ou ônibus,



Nos terrenos baldios, matagal e lixo são focos de ratos e até cobra já foi visto.



Clélia Cardoso - "K-11 já foi um bairro bom."



Sebastião Leite - "Com o Leone não adianta conversar".

vindos dos dois sentidos tentam desviar. Há cerca de 15 dias, a Prefeitura, ou a Cedae, (os moradores não sabem informar ao certo), tentou amenizar a situação com um trabalho mau feito, colocando duas placas de concreto para tampar o buraco. Foram suficientes 15 dias para que cedessem e piorassem a situação.

O morador Sebastião Leite, preocupado com o burado diz que "à noite, fico com o coração na mão, temendo um acidente grave", e ameaça mudar-se para outro bairro, já que "o K-11, vítima do desmazelo político, se encontra desvalorizado pouco a pouco".

Segurança é outro ponto que aflige a comunidade. Há poucos dias um homem foi assassinado a tiros, aproximadamente às 14h, no centro do bairro; casas são freqüentemente assaltadas; e muitos carros já foram roubados. João Damasceno, morador da Rua Benjamin Chambarelli, onde ocorreu o assassinato, acha que "a única providência que pode ser tomada pelos moradores é contratar vigias que, embora não venha resolver o problema, dificulta o trabalho dos maus elementos". Para Clélia Cardoso Marsenal, "não tem quem se interesse pelo bairro" e ela ressalta a saudade que tem dos "velhos tempos".

OF
DE
DA
TO:
OL

Secretário comandará ação contra violência na Baixada

16-1-87

Da Sucursal do Rio

O secretário de Polícia Civil do Rio de Janeiro, Marcos Heusi, 49, vai comandar pessoalmente investigações sobre a violência na Baixada Fluminense, onde nos meses de abril e maio foram assassinadas 392 pessoas. No último fim-de-semana foram mortas com violência no Estado 34 pessoas, a maioria delas na Baixada Fluminense.

No próximo dia 23, Marcos Heusi vai transferir a Secretaria de Polícia Civil para a 52ª Delegacia Policial, em Belford Roxo, distrito de Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), onde ficará durante uma semana comandando diligências e fazendo levantamento dos lugares mais perigosos. Em cada região considerada crítica

será instalada uma barraca com dois soldados da Polícia Militar.

Segundo a assessoria de imprensa da Polícia Civil, no mês de abril foram assassinadas na Baixada Fluminense 209 pessoas e no mês seguinte esse número baixou para 183. Em todo o Estado, nesses dois meses, foram registrados 38.326 crimes, entre assassinatos, estupros, roubos e assaltos. No mês de abril, a secretaria registrou 19.323 e no mês seguinte 19.003. Para a assessoria de imprensa, esta estatística mostra que a criminalidade está baixando. Entre março, abril e maio do ano passado foram registrados 64.084 crimes de toda a espécie e no mesmo período de 87 foram registrados 56.341, segundo dados fornecidos pela assessoria.

Violência aumenta no Rio e a Igreja pede mais ação

Menos de um mês após ter assumido o governo do Estado do Rio, em abril, Wellington Moreira Franco convocou a imprensa para anunciar triunfante que o índice de criminalidade no Estado havia diminuído em sua gestão. O jogo de cena correspondia mais à uma jogada política do que à realidade. Leonel Brizola, o governador que saía, era e continua sendo um candidato em potencial à Presidência da República.

As últimas semanas, no entanto, foram pródigas em revelar as verdadeiras faces da criminalidade no Rio de Janeiro: o jornalista Leon Eliachar foi assassinado num crime passional; o elegante Othon Palace Hotel e seus hóspedes brasileiros e estrangeiros foram desfalcados em US\$ 250 mil por uma quadrilha de profissionais; e um helicóptero da Polícia Civil despencou no ar em Bangu, matando cinco policiais. A provável causa do acidente: falta de manutenção. O crime mais bárbaro da série foi o assassinato de dois copeiros, moradores numa favela em Jacarepaguá. Policiais civis figuram como os principais suspeitos. Os corpos foram encontrados mutilados e queimados.



Dom Adriano: "A polícia não tem mais credibilidade".

A ação dos "grupos de extermínio" levou o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, a reunir-se na semana passada com os secretários da Justiça, Tércio Lins e Silva, e da Polícia Civil, Marcos Heusi. "Os padres presentes à reunião relataram os crimes que acontecem em suas áreas, numa proporção que aumenta dia-a-dia", diz Dom Adriano.

Da reunião ficaram as promessas dos secretários de intensificação do policiamento para reprimir a ação de marginais e grupos de extermínio. "O aumento da violência, principalmente na Baixada Fluminense, coincidiu com

a troca de governador. Já são 20 anos de matança e nesse período o único que deu atenção ao problema foi o governador Brizola", relata Dom Adriano Hipólito.

Segundo o Bispo de Nova Iguaçu, durante os quatro anos da gestão de Brizola, uma Comissão de Direitos Humanos, formada por promotores públicos, "impôs respeito e a matança, se não terminou, diminuiu bastante". Hoje, segundo o Bispo, esta comissão está desativada e não há perspectivas a curto prazo de que volte a agir.

E a violência tem mudado até

os hábitos religiosos da população da Baixada Fluminense. "A população vive num estado de insegurança tão grande que a Missa de Natal, por exemplo, foi rezada às oito horas da noite no último ano. Na Vigília da Páscoa, este ano, os horários tiveram que ser antecipados porque ninguém se arrisca a ficar até tarde na rua".

Para Dom Adriano, o foco maior dos grupos de extermínio são a "Polícia Mineira" (ex-policiais que colaboram com comerciantes, fornecendo-lhes "segurança") e as próprias polícias civil e militar. "A autoridade policial perdeu completamente a credibilidade. Hoje, no Rio de Janeiro, a população tem medo tanto do marginal quanto do policial", analisa Dom Adriano.

Apesar das promessas das autoridades cariocas, Dom Adriano, não vê perspectivas de solução do problema a curto prazo. Para ele, "o papel da Igreja neste caso é denunciar constantemente e exigir planos a curto, médio e longo prazos de combate à violência. E, o mais importante, é dar continuidade a essa ação. Cada governo que entra abandona o que o outro fez por motivos políticos".

Bispo diz que só justiça so

A Operação Baixada, iniciada na sexta-feira passada pelas Polícias Civil e Militar, com o objetivo de diminuir os índices de violência na região e acabar com os grupos de extermínio, não surtirá efeito algum se não forem tomadas simultaneamente medidas para solucionar a médio e longo prazos os problemas sociais causadores dos delitos que a ação policial pretende eliminar. A previsão é do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, Presidente de Honra da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu, e de Azuleika Sampaio Rodrigues, Presidente da Associação de Moradores de Nova Iguaçu, Município mais populoso da Baixada e o sexto em número de habitantes no País. Ambos afirmam que o erro da Operação Baixada é se preocupar mais com o efeito do que com a causa.

Há 20 anos atuando na Baixada, Dom Adriano Hipólito foi quem mais ouviu durante todo esse tempo as queixas dos moradores da região e hoje pode afirmar que as pessoas que vivem ali têm mais medo da Polícia do que dos marginais. Por isso, pede um expurgo imediato na Polícia, para que sejam colocadas pessoas de comprovada idoneidade moral nos postos de chefia do policiamento da Baixada. Se isso for feito — sentencia ele —, a criminalidade cairá pelo menos 50 por cento.

Desde que chegou à Baixada, Dom Adriano Hipólito sempre ouviu falar dos grupos de extermínio conhecidos como polícia mineira ou esquadrão da morte, que ele define como bandos formados por policiais, ex-policiais ou bandidos que cometem qualquer tipo de crime desde que devidamente pagos, na maioria das vezes por comerciantes. Segundo ele, a

polícia mineira é resultante do abandono e omissão do Governo do Estado, que não fornece a devida segurança à população e deixa um vácuo que permite a proliferação de grupos que não hesitam em matar para oferecer segurança clandestina, em troca de vultosas quantias.

A omissão dos Governos Municipais também é apontada como uma das principais causas da violência na Baixada. As conclusões de uma Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu, por exemplo, se transformaram num processo que tramita na Justiça pedindo a saída do Prefeito Paulo Leone, do PFL. A Presidente da Federação de Associações de Moradores de Nova Iguaçu, Azuleika Rodrigues, que também responde na Justiça a um processo de calúnia e difamação movido pelo Prefeito, acusa Paulo Leone de corrupto, incompetente e inoperante, afirmando que desde que ele assumiu não realizou nenhuma obra de vulto. Ela acredita que um Prefeito mais atuante atenderia as necessidades da população e assim colaboraria para a queda do índice de criminalidade.

A única saída para o labirinto que se formou na Baixada, segundo Dom Adriano Hipólito, é a adoção imediata de um plano global de emergência para a região, que inclua projetos de melhoria de saúde, transporte, saneamento e urbanização, principalmente nas áreas das favelas e da periferia. Ele acha que de nada adianta a presença dos Secretários das Polícias Civil e Militar diariamente na região, se eles não estiverem acompanhados dos demais membros do Secretariado, a fim de elaborar um plano conjunto. Caso contrário, na sua opinião, tudo não vai passar de uma das ondas cíclicas de preocupa-

ção das autoridades com a Baixada, que fazem os índices de violência diminuírem num primeiro momento, para recrudescerem em seguida.

Além do controle de venda de armas, fiscalização de firmas que comerciem ouro e prata, controle dos ferros-velhos e repressão aos pontos de tráfico de drogas, medidas já adotadas pela Polícia na Operação Baixada ora em curso, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz de Nova Iguaçu aponta como providências a serem tomadas a curto prazo o reaparelhamento das delegacias e a instalação de minidelegacias. Tais providências, no entanto, segundo a Comissão, só reduzirão a criminalidade de forma definitiva se tomadas juntamente com medidas de médio e longo prazo para modificar a infraestrutura de serviços e melhorar a qualidade de vida na Baixada.

— De nada adianta implantar pura e simplesmente um plano para causar impacto no jornal. O que interessa é que as medidas tenham ação continuada neste e nos próximos Governos. Por isso, sou a favor da criação de Conselhos Comunitários, que fiscalizem a aplicação do plano, caso ele seja realmente adotado — disse Dom Adriano.

Para o Bispo de Nova Iguaçu, o combate à violência, principalmente na Baixada, não pode ter prazo pré-estabelecido. Ele acha que o problema não será resolvido em seis meses, como prometeu o Governador Moreira Franco:

— Essas declarações foram movidas pelo desespero diante da grave situação. O principal combate é contra a violência moral que acomete as elites. E preciso mudar sua mentalidade de tomar sempre o partido da classe dominante.

Secretário acha que 'desovas' são desafio ao Governo

A prisão de três policiais civis e três PMs envolvidos com grupos de extermínio, nas primeiras 72 horas da Operação Baixada, deixou o Secretário de Polícia Civil, Marcos Heusi, bastante otimista. Decidido a acabar com as desovas de cadáveres na Baixada Fluminense — que, segundo ele, são um desafio ao Governo Moreira Franco e à sua Secretaria —, Heusi passou a considerar o sucesso da Operação um ponto de honra. Ele acha que essas desovas seriam parte de uma manobra política visando a desestabilizá-lo.

O começo da Operação, inicialmente marcado para amanhã, foi antecipado para sexta-feira passada.

Heusi decidiu antecipar a operação na quarta-feira passada, quando recebeu uma denúncia de que na madrugada seguinte haveria uma grande matança na Baixada. O Diretor do Departamento de Polícia do Interior (DPI), Delegado Heraldo Gomes, recebeu a mesma denúncia e pediu ao Diretor do Departamento de Polícia Especializada (DPE), Delegado José Nicanor, providências imediatas.

Um informante da alta cúpula da Polícia disse que naquela noite vários Delegados haviam se reunido durante horas na Delegacia de Vigilância e Capturas (DVC-Polinter). O tema da reunião — que não era de rotina — não foi divulgado e o Secre-

tário não foi convidado. O informante não soube precisar se o fato contribuiu para a decisão de Heusi de antecipar o início da Operação.

— Existe um grupo na própria cúpula da Polícia que pretende me tirar do cargo. A questão não é pessoal. Haverá uma rejeição sempre que algum titular desta Pasta apresentar uma proposta igual à minha, de acabar com a corrupção. Nunca ninguém mexeu tão fundo na estrutura da Polícia como eu. E isso está incomodando um grande número de pessoas. A segurança é um item que não pode ser politizado através de facções ou grupos interessados em ascender ao poder — disse Heusi.



Policiais revistam pessoas na porta de um bar durante a Operação Baixada

Intensificação de combate a grupos de extermínio já tem dia marcado

Os Secretários da Polícia Civil, Marcos Heusi, e da Polícia Militar, Coronel Manoel Elycio dos Santos, anunciaram para amanhã uma "grande varredura em toda a Baixada Fluminense", como um reforço à chamada Operação Baixada, realizada desde sexta-feira passada contra os grupos de extermínio, para reduzir a "índice suportáveis" a criminalidade na região. Os 200 homens e 60 carros da Polícia Civil e 1.520 soldados com 65 carros da PM empenhados na Operação Baixada serão aumentados amanhã para 280 policiais e cem carros da Polícia Civil e 2.200 homens e 120 veículos da Polícia Militar. Quando participava de uma blitz ontem, o Subsecretário de Polícia Civil, Néelson Marabuto, foi atropelado, mas sofreu apenas escoriações. O motorista atropelado, embriagado, foi detido.

Segundo Heusi, a Operação Baixada não tem prazo para terminar e será desenvolvida com variações de pique — às vezes mais fraco, outras mais intenso — para os grupos de extermínio serem surpreendidos. Ele mostrava-se satisfeito ontem com o fato de, durante dois dias, não terem havido crimes praticados por grupos de extermínio na Baixada.

— Esse fim de semana foi tranqüilíssimo, o que era de se esperar pelo fato de o clima estar aquecido, com muitos policiais. Os bandidos saíram da área e por isto vamos ter de enfraquecer o pique, para depois surpreendê-los.

Anteontem, segundo dia dessa ação policial integrada, houve 70 detenções para averiguação, cinco prisões por porte de armas e três por agressão, o que significa que nos dois primeiros dias foram feitas 150 detenções, 23 prisões — 18 ligadas a grupos de extermínio, inclusive de três PMs e três policiais civis — e oito flagrantes de porte de armas. Hoje, somando esses números aos do período de ontem até a manhã de hoje, o Secretário de Polícia Civil vai apresentar um balanço ao Governador Moreira Franco, com quem tem um despacho às 17h. Até a hora da audiência, ele estará em Belford Roxo, de onde sairá em helicóptero para ir ao Palácio Guanabara, retornando em seguida à Baixada.

Ontem, os dois Secretários comandaram pessoalmente batidas no Lote Quinze, em Nova Iguaçu, um dos locais considerados mais perigosos na Baixada. O Subsecretário de Polícia Civil, Néelson Marabuto, foi atropelado pelo motorista da Belina NZ 7396, que dirigia alcoolizado ao lado de dois filhos, mas sofreu apenas escoriações num joelho. O motorista foi levado para 54ª DP.

Os Delegados Juarez Lisboa, da Delegacia de Vigilância e Capturas da Baixada, Hélio Vício, da Divisão de Roubos e Furtos, e Luís Marcondes, da 54ª DP, comandaram ontem uma batida no Vale da Mangueira. Outras blitz estavam em andamento ontem à noite.

Para Moreira Franco, os assaltos na Baixada Fluminense são 'provocação'

Paulo Whitaker - 11. jun. 86

Da Sucursal do Rio

"Um acinte, uma provocação", afirmou ontem o governador do Rio, Moreira Franco, ao saber que um dia antes dois crimes desafiaram todo o aparato montado pela polícia para reduzir os índices de violência na Baixada Fluminense (zona norte do Rio). Em um deles, assaltantes roubaram Cz\$ 84 mil de uma agência bancária de Nova Iguaçu, no momento em que centenas de soldados faziam uma blitz no município. Em outro, o corpo de um homem foi deixado no muro do quartel do 16º Batalhão da PM, com um bilhete no qual os criminosos desafiaram o comandante a combater o "esquadrão da morte".

Moreira Franco deu entrevista, pela manhã, para falar dos primeiros cem dias de seu governo, mas ouviu grande número de perguntas sobre como vai conter a criminalidade. O governador afirmou que a violência é o "calcanhar de Aquiles" de sua administração, mas que continuará "perseguindo a meta de reduzir a taxa de criminalidade nos primeiros seis meses de administração". Segundo Moreira Franco, a Polícia só não conteve o crime organizado porque ainda



O governador do Rio, Moreira Franco está desaparecida. "As fábricas de automóveis estão adiando a entrega de 270 carros que compramos para reforçar a frota policial", disse ele.

O governador declarou que um remanejamento na Polícia Militar já transferiu dos serviços burocráticos para o patrulhamento das ruas cerca de 1.500 soldados. A situação é mais crítica na Polícia Civil, que tem um déficit de seis mil homens (o efetivo atual, de nove mil detetives, é o mesmo de dez anos atrás).

Três assaltos a bancos ocorreram ontem no Rio, o maior deles na agência do Inamps de Bonsucesso (zona norte da cidade), no qual três homens armados fugiram com Cz\$ 4 milhões, após perderem um malote com mais Cz\$ 5 milhões, recuperados pela polícia. Os dois outros contra agências do Bamerindus no centro da cidade, no qual dois homens levaram Cz\$ 90 mil, e na ilha do Governador (zona norte), onde um só assaltante levou Cz\$ 17 mil.

A Polícia Civil fechou na manhã de ontem um cassino clandestino que funcionava no bairro da Penha (zona norte), apreendendo 735 notas falsas de US\$ 100,00 cada uma, carteiras de identidade e de habilitação de motoristas falsas, armas e munições. Foram presas cinquenta pessoas que estavam no cassino, liberadas após pagamento de fiança.

Também pela manhã, a polícia prendeu, no município de Barra do Pirai (122 km a sudoeste do Rio), dois homens acusados de terem assaltado a residência de um casal em Santos (SP).

Em Nova Iguaçu,
encontro discutirá
solidariedade na AL

28/16/87 FLP
Da Reportagem Local

Os teólogos Leonardo Boff e frei Betto, bispos brasileiros e latino-americanos, pastores, militantes das Comunidades Eclesiais de Base e de outras pastorais, além de lavradores e membros da Pastoral Operária, participarão do 7º Encontro Internacional D. Oscar Romero (arcebispo salvadoreño assassinado em 1980, em El Salvador) sobre o tema "A solidariedade nas práticas de libertação na América Latina", que será realizado de 12 a 19 de julho próximo, na diocese de Nova Iguaçu (RJ). O encontro é promovido pelo Secretariado Internacional Cristão de Solidariedade D. Oscar Romero, com sede na Cidade do México.

O Encontro está sendo organizado no Brasil pelo Movimento de Cristãos pelos Direitos Humanos na América Latina —presidido pelo bispo de Duque de Caxias (RJ), d. Mauro Morelli—, pelo Centro de Evangelização e Pastoral Frei Tito de Alencar (de São Paulo), pela Renovação Cristã do Brasil (movimento católico leigo) e pela União Brasileira da Juventude Ecumênica. Os organizadores prevêem a participação de 300 convidados da Europa, América do Norte, América Central e América do Sul.

Boff fará palestra, dia 13 de julho, sobre o tema central do encontro, numa perspectiva teológica. No dia 14, o sociólogo e historiador padre José Oscar Beozzo, vigário capitular da diocese de Lins (SP), falará sobre os 500 anos da evangelização da América Latina. Os participantes do encontro debaterão, também, a conjuntura eclesial latino-americana, a questão da dívida externa no continente, os resultados da atuação do Grupo de Contadora e do Grupo de Apoio —integrado, entre outros países, pelo Brasil— que tentam uma solução negociada e pacífica para os conflitos centro-americanos. O encontro deverá traçar diretrizes para uma maior integração entre as experiências de base nas igrejas tanto da América Latina, quanto da América do Norte, Central e Europa.

Impressões na Diocese de Nova Iguaçu

Jul' 87

Pe. ARMINDO CATTELAN

Cam

- 1º — É palpável o clima de liberdade que se respira e se vive nesta diocese. Aqui se pensa, se fala e se age no mais amplo espaço de liberdade que se possa desejar, o que não ocorre em muitos outros lugares. E aí está um primeiro sinal do Reino.
- 2º — Não é preciso ter mais que dois olhos para perceber que a diocese segue uma linha pastoral, ainda que não claramente definida, mas suficientemente evidente para situá-la como uma Igreja identificada com o Concílio, com Medellín e Puebla. Suportando a carga de estruturas tradicionais e da religiosidade devocional do povo, e transparente o esforço das lideranças na afirmação de algumas prioridades:
 - a participação comunitária e de base,
 - o compromisso social e político da fé;
 - a atenção às pastorais específicas.
- 3º — A impressão mais forte que se tem, ao chegar nesta diocese de Nova Iguaçu, é a de encontrar *uma Igreja perseguida*. Salta aos olhos o fato de que ela não manifesta nenhuma subordinação ou atrelamento aos Poderes Públicos. Ciosa de sua autonomia, goza da liberdade da denúncia profética. Para exemplificar, basta recordar a celebração da Sexta-Feira Santa, quando a diocese inteira, tendo à frente o seu bispo, se reuniu junto aos lavradores do mutirão de Vila de Cava. Lá, catedral viva da diocese, celebrou a Paixão e Morte do Senhor, num protesto eloqüente contra a paixão e morte do nosso povo. Essas atitudes autenticamente evangélicas lhe valem a oposição dos poderes que lhe negam as benesses e lhe dificultam o desenvolvimento normal das suas atividades. E aí está outro sinal evidente do Reino.
- 4º — Quando o bispo, interpretando sua própria missão, não se diz "pai", mas "irmão mais velho", está afirmando sua condição de servidor do povo e companheiro de luta. A diocese de Nova Iguaçu goza desse privilégio, na pessoa de Dom Adriano.
- 5º — A emergência constante de contradições internas e conflitos comprovam que a diocese não se refugia no imobilismo. Da mesma maneira, a insatisfação face ao descompasso de alguns e os debates que precedem as deliberações de caráter diocesano dão testemunho que aqui se busca a participação de todos.
- 6º — Quando se conseguir ampliar mais e articular melhor os serviços nas Comunidades, a diocese contará com uma estrutura de base que a tornará um sinal menos aparente e mais eficaz de transformação.

Julio P. Am.

Palavra do irmão Bispo

João Paulo II proclama o Ano Mariano

É conhecido que o Papa João Paulo II tem uma grande devoção a Nossa Senhora. A cor azul e o M do escudo pontifício traduzem, como programa, a mentalidade mariana do Santo Padre. Frequentemente o Papa se refere a Nossa Senhora, com profundo amor filial.

Não admira assim que, depois de ter publicado três encíclicas sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Papa tenha dedicado à Virgem Santíssima uma encíclica especial, "Redemptoris Mater — A Mãe do Redentor", sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho".

A maneira de tom fundamental João Paulo II principia com estas palavras: "A Mãe do Redentor tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque 'ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama 'abba-Pai!' (Gál. 4, 4-6). Red. Mater, nº 1).

Com esta encíclica, datada de Roma, 25 de março de 1987 — o Papa anuncia e determina a realização de um Ano Mariano que se estende da festa de Pentecostes (07-06-87) à festa da Assunção de N. Senhora (21-08-88).

Depois de recordar alguns documentos marianos de Paulo VI (a quem chama de "meu grande Predecessor"), o Papa expõe como nasceu a idéia do Ano Mariano:

"A circunstância que agora me impede também a mim a retomar este assunto é a perspectiva do Ano Dois Mil que já está próximo, no qual o Jubileu milenário do nascimento de Jesus Cristo, nos leva a volver o olhar simultaneamente para a sua Mãe." (Red. Mater, nº 3).

Mais tarde (nº 48) o S. Padre explica o "sentido do Ano Mariano":

"O vínculo especial da humanidade com esta Mãe foi precisamente o que me levou a proclamar na Igreja, no período que an-

tecede a conclusão do Segundo Milênio do nascimento de Cristo, um Ano Mariano. Uma iniciativa semelhante a esta já se verificou no passado, quando o Papa Pio XII proclamou o ano de 1954 como Ano Mariano, para dar realce à excepcional santidade da Mãe de Cristo, expressa nos mistérios da sua Imaculada Conceição (definida exatamente um século antes) e da sua Assunção ao Céu. Segundo a linha do Concílio Vaticano II, anime-me o desejo de pôr em relevo a presença especial da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da sua Igreja. Esta é uma dimensão fundamental que dinamiza a Mariologia do Concílio, de cujo encerramento já nos separam mais de vinte anos." (nº 48)

Mais adiante escreve o Papa: "Assim, por meio deste Ano Mariano, a Igreja e chamada não só a recordar tudo o que no seu passado testemunha a especial cooperação materna da Mãe de Deus na obra da salvação em Cristo Senhor, mas também a preparar para o futuro, na parte que lhe toca, os caminhos desta cooperação salvífica, dado que, com o final do Segundo Milênio cristão, se abre como que uma nova perspectiva" (Nº 49).

Como nossa diocese participará do Ano Mariano?

Temos de confessar uma sobrecarga intensa que pesa sobre nós. E no entanto não podemos ficar à margem de um acontecimento da Igreja universal como é o Ano Mariano. Tentaremos unir Sinodo e Ano Mariano. Tentaremos utilizar o que temos, as festas de N. Senhora, as devoções populares, as associações de espiritualidade mariana (como Pia União, Congregação Mariana, Legião de Maria). Provavelmente poderemos inaugurar enfim a capela do Seminário Diocesano, dedicada a N. Senhora do Rosário (vitrais representando os 15 mistérios do Rosário!). Aproveitaremos o mês de outubro deste ano e o mês de maio de 1988. Dentro de nossas limitações que aceitamos com profunda humildade, vamos participar do Ano Mariano e corresponder assim ao desejo do S. Padre João Paulo II.

Dom ADRIANO,
bispo diocesano

DEU NO JORNAL

NOVA IGUAÇU NO PODER

No fim de semana, uma secretária de Moreira dizia a um deputado do PMDB, vindo do PDS: "Coitado do Jorge Gama. Não tem poder nem para arrastar a mesa do Paulo Rattes". E é uma pena. Um dos melhores dirigentes do PMDB do Rio, mas sem a malícia, a garra, a capacidade de decisão que o Poder, sobretudo o quintal do Poder, exige. Facilitou, pisou na grama, a cobra morde. Parece uma maldição de Nova Iguaçu. Seus líderes do PMDB são gente com todas as virtudes e nenhuma força. O Jorge Gama, exemplar como cabeça política e cidadão, dia e noite a serviço dos interesses de seu pobre e abandonado povo da Baixada, é a outra banda do Chico Amaral, o vice-governador, também, como ele, um cidadão a caminho certo do céu, mas ingênuo demais para as maldades da terra. Jorge Gama é o Chico Amaral que ouve.

(S. Nery, T. da Imprensa — 16-6-87)

CONSTITUINTE E PERFUMARIAS

Quem lê os jornais superficialmente pode enganar-se, vendo que a Constituinte está com algumas teses politicamente avançadas e que deverão ser aprovadas. Tudo é pó-de-arroz. A direita é competente. Ela sempre dá algumas jóias para manter os dedos. Na parte política, institucional, ela faz concessões, porque sabe que não vão alterar a realidade. Enquanto ficar no discurso, na teoria, nas generalidades, no blablablá, tudo bem. Ela negocia, cede, deixa passar. Podem encher a Constituição de "direitos humanos", "liberdades individuais", "democracia", essas perfumarias todas que ficam apenas na letra, no papel, depois não funcionam. Na hora de se tratar das coisas concretas, da economia, da reforma agrária, da reforma urbana, do ensino público, das finanças, dos problemas sociais, da propriedade, da defesa dos interesses do povo e dos desprotegidos, aí a direita joga tudo. E acaba fazendo o que fez na maioria das subcomissões. Ganha todas pelo voto traidor (de 8 a 4) do PMDB que se diz "centro", mas na realidade é o PMDB do "lobby" e do voto comprado. (S. Nery, T. da Imprensa, 27-5-87)

Julio 87, Cam.

7 Juli 87 Cam.

Entrevista:

AZULEICKA E O MOVIMENTO POPULAR

CAMINHANDO — Como o Movimento Popular vê, no momento, a participação das comunidades eclesiais nas lutas do povo organizado?

AZULEICKA — A orientação e o incentivo às comunidades para participar dos movimentos populares já foi maior; hoje pouco se fala e, quando um membro da comunidade se engaja num trabalho popular diminuindo sua participação interna, é como se ele deixasse de ser cristão. O conceito de Comunidade é muito restrito.

C — Como você, presidente da Federação, julga esta participação da Igreja?

Az. — Timida, muito mais voltada para dentro de si mesma. Forte na conscientização e fraca na ação.

C — Você está sendo processada pelo Prefeito Paulo Leone. Por que?

Az. — Em maio de 1986, o MAB realizou uma manifestação pedindo a saída do prefeito e denunciando seu envolvimento em corrupção e má administração e eu dei uma declaração dizendo que a Prefeitura se transformou em um antro de corrupção.

C — Que apoios você tem recebido em função deste processo?

Az. — Jurídico pela CDJP. Uma nota divulgada pela CDJP que acredito, nenhuma comunidade deve ter discutido ou até tomado conhecimento.

C — As Comunidades eclesiais têm demonstrado solidariedade efetiva e presença, no caso deste seu processo provocado por sua liderança no Movimento Popular?

Az. — Pessoas isoladas, sim. Como organismo, não. Já fui à Vara Criminal 2 vezes e lá não senti a força das comunidades. Mas o que me preocupa é o fato das comunidades e da Diocese não terem, até hoje, tomado uma posição oficial sobre a situação da Prefeitura, uma ação pública. Já solicitei apoio e participação; e digo que é muito complicado a gente querer atingir o sistema sem atacá-lo na base, que é o município e o Estado.

C — Como você vê as contradições que existem entre a teoria pastoral e a prática popular, na Diocese de Nova Iguaçu?

Az. — Acho que é fruto da contradição entre ser católico e ser cristão. É muito difícil seguir os princípios de Jesus Cristo, mesmo porque todos somos frutos de uma sociedade conflitiva, buscando novos caminhos e nessa busca, que também é política, se vive as contradições da mesma. Se prega a liberdade, a democracia, a confiança, participação, fraternidade, etc., mas não se vive esses valores. A grande contradição é que o mundo entrou mais na Igreja do que a Igreja no mundo.

C — Como você viu o último congresso da Famerj?

Az. — Uma luta atroz pelo poder, onde pessoas simples são violentadas com os combates das correntes políticas, usando muitas vezes de expedientes idênticos aos do sistema que todos queremos derrubar. O problema é muito complexo e tem que ser refletido profundamente, há muita divisão que está enfraquecendo a luta conjunta, porque o resultado de um congresso norteia os rumos do movimento.

C — Está havendo politização partidária do Movimento Popular? Como você julga esta partidarização nas grandes lutas que interessam ao povo todo?

Az. — O grande perigo é que se tente colocar os interesses do partido acima dos interesses coletivos e concretamente se corre esse risco, se não se refletir e buscar uma convivência equilibrada entre as forças políticas que estão dentro do Movimento.

C — Para sentir-se realmente bem na Diocese de Nova Iguaçu, o que você gostaria que deixasse de existir, em nossa convivência e em nossas práticas?

Az. — Posso dizer que gostaria que existisse franqueza. Debate aberto, sobre idéias e ideais, respeito mútuo, fraternidade, e que as pessoas possam ser julgadas pelo seu trabalho e não pela sigla partidária. Acabar com o patrulhamento ideológico.

Frei L. Thomaz

EM CARTAZ, A VIOLÊNCIA DA BAIXADA

Frei LUIS THOMAZ

Por esses dias, tem andado bem inflado o balão da badalação da violência, produzida na Baixada Fluminense. Acontecem reuniões de cúpulas governamentais com lideranças comunitárias, acompanhadas de muita televisão e muita manchete. Ganham as ruas reuniões nos palácios administrativos, em alto clima de indignação perante as repetidas matanças. Com estradalhaço, transferem-se para a Baixada autoridades responsáveis pelos problemas de segurança. É a Baixada Fluminense vivendo seus esporádicos dias de glória, participando, como sempre, na sorte dos pobres, que se tornam importantes na hora de pêsames, quando morre alguém na família.

Em dia de junho de particular incidência de chacinas, as Associações de Moradores de Nova Iguaçu promoveram manifestação na Via Dutra. Durante meses, aquele pessoal percorreu todos os caminhos, recorreu a todos os recursos, bateu em todas as portas, bateu com a cara em todas as portas, para pedir muito pouco: conclusão e funcionamento dos CIEPs. Nada foi conseguido. Daí, a população apelou para o recurso extremo, a fim de chamar atenção para seu abandono e seus direitos: bloquear a Via Dutra por 15 minutos. Lá estavam milhares de pessoas vivendo momentos de sociedade nova, o povo novo que deixou atrás a violência animal e descobriu a força sadia de sua organização como sendo o real motor na construção do Brasil diferente. Lá estava, reunido e pacífico, o bom povão brasileiro oferecendo, de graça, a fórmula pronta de superação da violência, pelo caminho único, que é a mobilização comunitária.

Pois bem: lá onde menos precisava; lá onde não havia possibilidade de suceder nenhuma violência — nosso vice-governador sabe disso — lá onde eram dados mais passinhos na direção da sociedade brasileira respeitada e atuante; lá onde a massa virou povo e conquistou espaços ocupados pelo caldo confuso de cultura produtor das sementes de violência: lá estavam, a tempo e a hora, 400 soldados das variadas polícias, armados dos mais esquisitos armamentos, carregando cassetetes e escudos de batalha, postados em linha de combate, para reprimir o povo organizado e impedi-lo de executar, ordeiramente, a manifestação terminal de seus problemas e de seus direitos.

Notícia fresquinha: semana passada, só em Nova Iguaçu, foram demitidas várias diretoras de CIEPs, de forma autoritária, sem aviso-prévio nem consulta à comunidade. As diretoras demitidas são conhecidas pela sintonia funcional e afetiva com a comunidade de seus bairros. Na nova administração estadual, elas têm que dar a vaga a diretoras comprometidas com os interesses do partido no poder. Diante disso, a pergunta: a atual preocupação com a violência é seria? Servem-se prontas premissas que geram conclusões inevitáveis: ainda não dá para levar a sério o combate à violência criminal, que não toma conhecimento ou reprime belicosamente a única solução da violência, que é a caminhada do povo em suas associações, se organizando por seus direitos. Aparatosas liturgias terminarão, mais uma vez, não levando a nada. Ou aumentando a violência da sociedade!

RIO DE JANEIRO

Um grande fracasso

Num mutirão contra a violência na Baixada Fluminense, a polícia faz mais barulho do que prisões

No sábado 20, o governo do Rio de Janeiro pôs em curso uma ação espetacular na Baixada Fluminense — quatro municípios próximos à capital que abrigam os índices de violência mais altos do país. Com um helicóptero, 2 000 policiais, reforço de 200 carros e a transferência do gabinete do secretário de Polícia Civil, Marcos Heusi, para a

extermínio — tiros de vários calibres e marcas de tortura. Apenas no final de semana anterior, a violência dos esquadrões havia feito 23 mortos.

Ao longo da operação, porém, a investida de Moreira Franco contra a criminalidade desabou por ingenuidade — e transformou-se numa ação que produziu mais espalhafato do que resultados



O cemitério de Marapicu, em Nova Iguaçu: covas abertas com antecedência

região, o governador Moreira Franco abriu uma investida para conter a ação dos grupos de justiceiros que, a pretexto de matar bandidos, mantém um clima de terror na Baixada. Com comandos policiais espalhados pelas cidades de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Nilópolis, as primeiras 24 horas da Operação Baixada anunciava resultados animadores. Nas revistas realizadas em ônibus, carros e motocicletas, a polícia recolheu um arsenal de dezenas de armas ilegais e prendeu oitenta suspeitos. "Nunca houve um tempo tão calmo na Baixada Fluminense", chegou a comemorar o secretário Marcos Heusi, numa semana em que apareceram dois cadáveres com a marca dos grupos de

concretos. A polícia errou, por exemplo, ao escolher os endereços para instalar seus comandos. Em vez de subir os morros onde os bandidos se escondem, optou por revistar ônibus e automóveis de passeio — e o que mais encontrou foram cidadãos sem documentos. A polícia teve de enfrentar ainda seus laços históricos com os bandidos da Baixada e, assim, cada passo dos homens sob o comando de Heusi já era conhecido, de antemão, pelos marginais que eles deveriam prender. Na terça-feira passada, por exemplo, dia da Operação Varredura, que devia bater o recorde de detenções na região, o que se conseguiu foi a apreensão de apenas três armas de fogo — uma escopeta, uma espingarda e uma

pistola — e uma nova leva de presos que logo seriam liberados. Até a quinta-feira o balanço da Operação Baixada registrava que, das duas centenas de pessoas detidas, apenas dezoito continuavam atrás das grades — e seis delas, integrantes da própria polícia, já haviam sido presas antes do início das ações. "Eles só estão fazendo média com a gente", diz o estudante Roberto Gregório Sales, 23 anos, um dos moradores de Duque de Caxias que acompanhavam a ação policial, preocupado com a retomada da violência quando a região voltasse à rotina.

À VONTADE — Pelo menos uma cena de cumplicidade entre a polícia e os bandidos teve testemunhas. Em Duque de Caxias, os matadores "Eliseu Bombeiro" e "Renato da Feira" foram avisados na quarta-feira de que deviam esconder-se até o final da operação. "Avisem ao Bombeiro que ele deve sumir por uns tempos", pediu numa roda de feirantes um informante do 59.º Distrito. Na favela Gogó da Ema, travou-se um diálogo ríspido e revelador. "Duvido que vocês tenham coragem de subir aqui", desafiou um traficante armado de metralhadora diante de um grupo de policiais que patrulhava a área. "É suicídio enfrentar metralhadoras com nossos revólveres", respondeu um dos policiais. Durante toda a semana passada, o secretário Marcos Heusi fez apelos para que a população denunciasse integrantes dos grupos de extermínio. A julgar pelos resultados da Operação Baixada, não foi ouvido.

Na área de 1 250 quilômetros quadrados dos quatro municípios que formam a Baixada Fluminense, região rasgada de ruas de terra e valas de esgoto, onde morre uma criança a cada hora e se comprime uma população maior do que as de Cuiabá, Goiânia e Fortaleza somadas, a inoperância da polícia deixou os criminosos agir à vontade — e levou muitos cidadãos a reagir por seus próprios meios. Policiada regularmente por menos de 100 carros, a área assistiu, nos primeiros cinco meses deste ano, a mais de 1 000 assassinatos atribuídos aos esquadrões da morte. Em cemitérios de indigentes, como o de Marapicu, em Nova

Justiça susta aumento de ônibus em Nova Iguaçu

O Juiz da 5ª Vara Cível de Nova Iguaçu, Pedro Diniz Pereira, respondendo pela 6ª Vara Cível, concedeu ontem liminar suspendendo o aumento de 20 por cento nas tarifas dos ônibus municipais, que vigorava desde as 23h do dia 12 de junho passado (com o aumento, a mais barata estava custando CZ\$ 6,00), data em que, de acordo com o Plano Bresser, os preços e salários ficaram congelados. Desde ontem, voltaram a vigorar as tarifas anteriores ao reajuste.

Depois de tomar a decisão, no fim da tarde de ontem, o Juiz mandou um oficial de justiça avisar ao Sindicato das Empresas que o aumento, concedido por decreto do Prefeito Paulo Leoni (PFL), havia sido sustado até o julgamento do mérito da questão. A liminar foi impetrada pelo Vereador Mauro Vasconcelos (PFL), através do advogado Ronaldo Machado.

No Estado do Rio, Paulo Leoni foi o único Prefeito a conceder aumento de tarifas de ônibus depois que entrou em vigor o Novo Plano Cruzado. Anteontem, em Nova Iguaçu, onde as passagens de ônibus são mais caras do que no Rio, um coletivo da linha Nova Iguaçu-Queimados foi depredado e queimado.

Policiais na pista dos incendiários

Policiais da 56ª DP (Comendador Soares) já estão na pista dos líderes do bando de 20 pessoas que, no espaço de uma semana, invadiu, depredou e incendiou dois ônibus da Linave Transportes, no quilômetro 185 da Via Dutra, altura de Morro Agudo, em Nova Iguaçu. O trabalho de investigação foi reforçado a partir de 22h30m de segunda-feira, devido ao segundo ataque, contra um veículo que, como o anterior, fazia a linha Nova Iguaçu-Queimados.

O primeiro caso ocorreu na noite de terça-feira da semana passada, horas depois da depredação dos ônibus no Centro do Rio. Um casal aceitou, o motorista parou o ônibus pensando que eram passageiros e foi dominado pelos baderneiros que apareceram, chamados pelo casal. Uma patrulha do 20º BPM (Mesquita) colocou o bando em fuga.

O segundo caso foi praticamente igual. O casal fez sinal, desta vez para José Pereira dos Santos, que conduzia 20 passageiros. Aproveitando-se da parada, outras 20 pessoas, com armas de fogo, paus e pedras, entraram pela porta traseira e incendiaram o ônibus.

Trens apedrejados por falta de energia

Dois trens, entre eles o noturno paulista, foram apedrejados na manhã de ontem por passageiros depois que a falta de energia elétrica provocou a paralisação de um deles na linha 2, entre Triagem e Pavuna. A falta de luz, das 7h às 7h50m, deixou a composição UDA-22 parada entre as estações de Cavalcanti e Tomás Coelho. Vários vidros do trem foram quebrados pelos passageiros, que tiveram que desembarcar. O noturno que havia saído anteontem à noite de São Paulo também teve várias de suas vidraças quebradas quando passava pelo local. A composição não teve que parar porque é movida a diesel. A revolta dos passageiros, que lotavam a Estação de Cavalcanti, mobilizou diversos agentes da Polícia Ferroviária e soldados do 9º Batalhão da PM. Com a volta da energia, a composição foi levada para a garagem da Alfredo Maia, próxima à Praça da Bandeira, a fim de ser reparada. O noturno paulista foi levado para a gare de São Diogo para que alguns vidros fossem trocados.

Foto de Jorge Marinho

Iguaçu, abrem-se meia dúzia de covas para esperar novos corpos todos os dias, na certeza de que elas serão preenchidas nas horas seguintes. "Sou a favor daqueles que matam para manter o lugar limpo", diz o farmacêutico Nilson Vieira Mota, 29 anos, de Nova Iguaçu, que tem uma arma carregada ao alcance da mão desde que foi assaltado, há oito meses. "Se o vagabundo der moleza, não há dúvida de que vou atirar nele."

FORTALEZAS — Desprotegida, a população do lugar estabeleceu um pacto ilusório que está na raiz dos grupos de extermínio. Esse pacto consiste em pagar a um grupo de marginais para se proteger dos assaltos. Com o passar do tempo, ocorre o inevitável: os antigos protetores se transformam em algozes e passam a investir contra sua velha clientela. O resultado, misturado às guerras entre quadrilhas de ladrões e traficantes, é uma matança geral. Numa situação que dá a dimensão desse caos, a dona de casa Iraci de Souza Paixão, 35 anos, acusa o segurança Francisco das Chagas, o "Chiquinho Russo", dono de uma agência de guardas-noturnos de Nova Iguaçu, de ter matado seu irmão Ubiraci de Souza Silva, que tinha recusado uma proposta para integrar um grupo de extermínio. "Por isso Chiquinho Russo matou meu irmão e minha cunhada", sustenta Iraci. Num outro caso, o funcionário público Uiraquitam Inácio de Souza, que não tinha passagens pela polícia, foi seqüestrado e morto no domingo de Páscoa — quando se divertia numa esquina próxima a sua casa, ouvindo um amigo tocar violão.

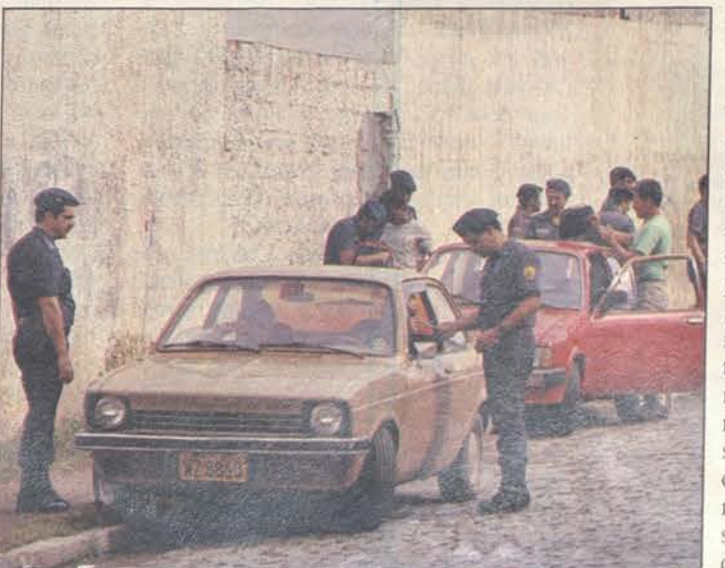
Na Baixada Fluminense, é difícil para a população saber a quem recorrer para denunciar um crime. Membros do próprio Esquadrão da Morte afirmam que até há algum tempo eram favorecidos por dois ex-juizes de Duque de



Kate, na escola com portão gradeado: roubos comuns



Heusi: "O fim de semana mais calmo da Baixada"



Um comando policial da operação: longe dos morros

Caxias. Ambos, segundo ex-policia que diz ter per a conta de quantos homens matou, expediam carteiras oficiais de justiça para integrantes do esquadrão. Adonados à própria sorte, donos de pequenos bares, recursos para financiar maças, passaram a gradear as varandas. Ali, são comuns as varandas com muros intransponíveis e há até casos de escolas protegidas como fortalezas. "É normal o roubo de rendas escolares, buijões e até panelas", diz a professora Kate Nascimento, 42 anos, diretora do Centro terescolar de Nova Iguaçu que é protegido por um portão de grades semelhante de uma cadeia.

PRAZO RENOVADO — Com sua política de segurança falida, em que seu ex-secretário de Polícia Civil Arnaldo Campana terminou envolvido com a máfia do videopôquer, Leonel Brizola deixou a Prefeitura Fluminense à míngua. Na delegacia de São João Meriti, por exemplo, restou no final do governo uma única viatura para patrulhar o município. Em Nova Iguaçu, há três delegacias em que o delegado titular não é plantonista para seu posto. Ao assumir o governo, Moreira Franco anunciou que a questão da segurança era uma de suas prioridades. Na semana passada, ao fazer o balanço de seus primeiros 180 dias de administração, o governador teve pelo menos o mérito de reconhecer que a criminalidade aumentara — renovou uma velha promessa de controlar a violência no Estado em 180 dias. "O prazo permanece o mesmo", afirmou Moreira. Ao lado da criminalidade, a questão social também agita a Baixada Fluminense. Além dos assaltos, roubos e estupros, acontecem saques periódicos a estabelecimentos comerciais. O último deles, ocorrido há duas semanas, foi registrado na delegacia de Belford Roxo em Nova Iguaçu.



O trem noturno procedente de São Paulo com a vidraça estilhaçada a pedradas, na estação de Tomás Coelho

Baixada Fluminense reage e cobra promessas políticas

Orivaldo Perin

A Baixada Fluminense, maior bolsão de pobreza do Brasil (1 mil 240km² e 2 milhões 654 mil habitantes), está começando a dar sinais de que as populações carentes das grandes cidades brasileiras mudaram bastante perante políticos e administradores públicos, acostumados a arrancar-lhes votos e paciência através de promessas jamais cumpridas.

Apoiados em associações, comunidades orientadas pela Igreja e por movimentos de negros, moradores da Baixada integram hoje a região urbana mais combativa e exigente do Estado, revelando um comportamento que a médio prazo poderá transformar socialmente a periferia do Rio e ainda servir de exemplo a todas as populações urbanas pobres do país.

— Conhecida por seus grupos de extermínio, formados pela própria polícia — diz o bispo de Duque de Caxias, d Mauro Morelli — a Baixada já começa a ganhar nome nacional pelo trabalho de seus grupos organizados de moradores.

D Mauro completa hoje seis anos de trabalho na região, onde já encontrou d Adriano Hipólito, há 20 anos bispo de Nova Iguaçu. Os dois comandam as duas dioceses mais progressistas da Igreja no Estado do Rio de Janeiro, apoiadas em cerca de 500 Cebis (Comunidade Eclesiais de Base), que se apóiam em quase 300 associações de moradores, espalhadas pelos quatro municípios que formam a região: Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti.

Os sinais de insatisfação e impaciência da Baixada estão nas manifestações e passeatas quase diárias em suas cidades; nas interdições da Cia Dutra; nas caravanas em direção às prefeituras locais (duas do PT e duas do PFL) e ao Palácio Guanabara; nos protestos contra autoridades e, principalmente, na atuação marcante de conselhos de moradores junto a setores do governo, sobretudo saúde, saneamento e educação.

— Temos nessa região uma explosão de desmando — diz a professora Sada Baroud David, presidente da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu. — Há um desgoverno sem precedentes, uma desorganização social, geográfica e política quase absoluta. A gente convive com a incompetência, corrupção e irresponsabilidade das autoridades.

Diante disso, só um processo pedagógico de organização social pode render frutos.

— É isso que começou a ser feito por d Adriano há 20 anos. A mesma dependência que gerou o paternalismo e o clientelismo político está agora servindo de fermento para a conscientização geral sobre os direitos de cada um como cidadão. A Baixada era uma escola de mendicância e está se transformando numa escola de cidadania. Ou seja: em vez de mendigar e trocar o voto por um favor político, o povo está aprendendo a exigir — lembra frei Luís Tomás, que atua há 16 anos em Nova Iguaçu.

Nas últimas eleições, houve candidatos que já esbarraram nessa nova Baixada. José Távroa tentou se eleger pelo PFL construindo pontes e até igrejas protestantes (fez três) mas só recebeu 8 mil votos. Políticos tradicionais da área estão perdendo espaço e, desesperados, começam a fundar, com dinheiro próprio, associações de moradores paralelas às organizadas espontaneamente pela população. Das quatro cidades da área, só Nilópolis, com 170 mil habitantes, apresenta um movimento de moradores ainda fraco (só 10 associações) talvez por sofrer o domínio da família Abraão David, que é dona de quase tudo na cidade, tradicional reduto do PDS e agora do PFL.

Em Nova Iguaçu (1 milhão 350 mil habitantes), Azuleicka Sampaio Rodrigues (que acusou Paulo Leone, o prefeito, de corrupto e está sendo processada por ele) comanda o MAB (Movimento dos Amigos dos Bairros), uma federação com sede própria que congrega cerca de 180 associações de moradores. Em Caxias (680 mil habitantes), José Zumba preside o MUB (Movimento de União dos Bairros), com 100 associadas. E em São João de Meriti (470 mil habitantes) a ABM (Associação dos Bairros de Meriti), dirigida por Ury Gomes Machado, reúne 50 filiadas. Azuleicka, Zumba e Ury são hoje mais conhecidos pelo povo do que os prefeitos eleitos.

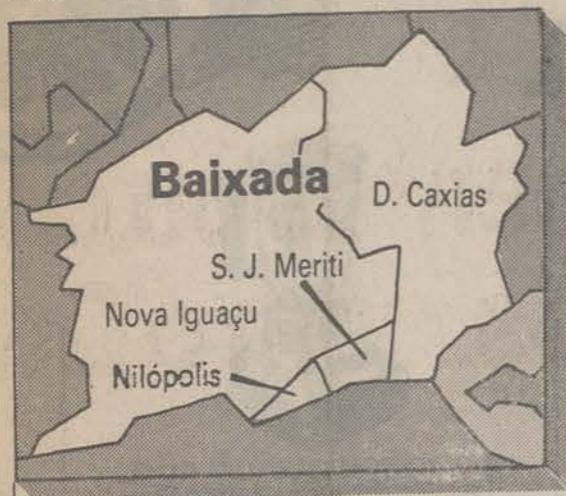
— O que une a gente é a pobreza, é a carência. Foi a união em torno de um mesmo problema que levou o povo a incendiar os ônibus no Rio outro dia. E esta é a nossa única saída hoje. Chegamos a um ponto onde temos que reivindicar para sobreviver — afirma Azuleicka.

O movimento organizado dos moradores da Baixada está diante de um impasse. Até hoje, sua força podia ser explicada também por sua independência perante os partidos, mas seus líderes discutem a necessidade de ocupar cargos políticos para ampliar o poder de pressão. Nas últimas eleições, dois candidatos identificados com o movimento conseguiram se eleger (Ernani Coelho, do PT, e Carlos Correa, do PDT). Tudo indica que nas eleições municipais de 88 as associações de moradores terão peso decisivo.

José Roberto Serra



Zeelândia segue os princípios do pai



Estruturada em movimentos com grande poder de mobilização, todas as cidades da Baixada têm feito protestos permanentes



Bispos trabalham em conjunto

Quando chegou a Caxias, há seis anos, o Mauro Morelli trazia na bagagem uma longa experiência no trato com populações periféricas (trabalhou nos arredores de São Paulo durante dez anos) e uma dificuldade: como organizar uma população carente de estruturas sociais básicas? Mas o trabalho de D. Adriano Hipólito, cuja diocese incluía também Caxias, facilitou sua tarefa. Ele encontrou 115 comunidades de base, hoje ele vadas a 220. "Em seis anos", lembra, "conseguimos comprar 160 terrenos para instalação de comunidades em nossa diocese."

É a partir delas que o movimento das associações de moradores se orienta (normalmente, a Ceb e a associação de um bairro são coordenadas pelas mesmas pessoas) em toda a Baixada Fluminense. Em cada Ceb e associação funcionam comissões encarregadas de trabalhar sobre as diversas dificuldades dos moradores: saúde, saneamento, educação, transporte, habitação, segurança. No âmbito municipal, elas se reportam a conselhos. Em Nova Iguaçu, por exemplo, o Conselho Comunitário de Saúde administra hoje toda a verba do Inamps para o município (cerca de CZ\$ 4 milhões por mês) aplicada na operação de 23 minipostos de saúde.

— Temos de reconhecer que o papel da Igreja na organização social da Baixada vem sendo decisivo — diz Lourenço Andrade de Almeida, vice-presidente do Cepeba (Centro de Pesquisas e Estudos da Baixada Fluminense), instalado no centro de Caxias e criado por moradores da região interessados em dar suporte técnico e científico à luta da população. A presidente do Cepeba, Maria José de Souza, destaca o trabalho das mulheres nos movimentos. "Elas estão presentes em todos os atos e reuniões."

Religiosos negros — Além das comunidades de base e das associações de moradores, a organização dos moradores da Baixada ganhou este ano um ingrediente novo: o movimento dos

religiosos negros, apoiado pelos franciscanos e coordenado por um deles, frei David Raimundo dos Santos, que tem longa vivência de trabalho na região. "Cerca de 70% dos moradores da Baixada são de origem negra", diz Sílvia Cristina de Mendonça, tesoureira do Cepeba. Por isso, é possível que a cor, aliada à pobreza, venha a ser o mais novo elemento de referência na luta dos moradores da região. D. Mauro Morelli admite essa hipótese e trabalha com ela.

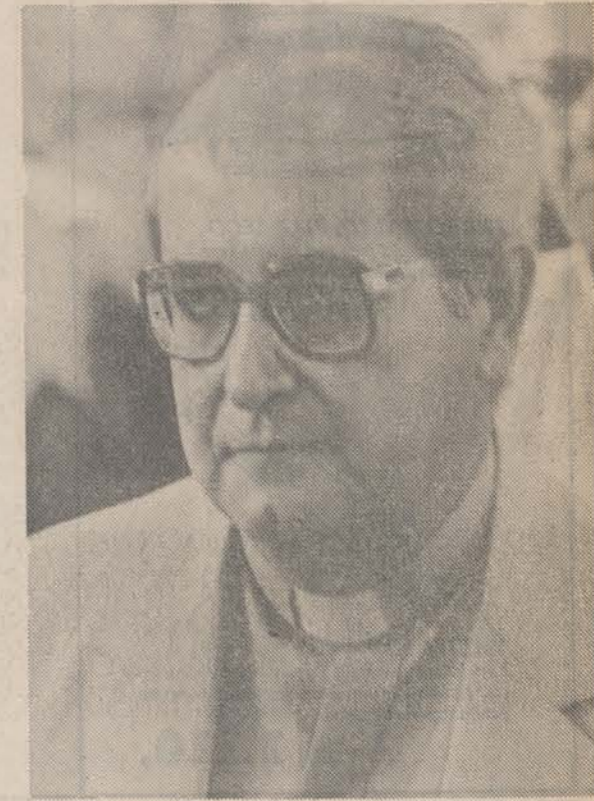
"Quando cheguei a Caxias, notei que a pregação pastoral voltada para a dignidade e importância da raça negra na formação do país podia ser incentivada", conta ele. Hoje, os agentes negros de pastoral estão se espalhando pelas 500 Ceb's, organizando uma série de manifestações com as quais pretendem marcar o centenário da Lei Áurea, ano que vem, quando a Campanha da Fraternidade, da Igreja, terá o negro como tema. Segundo D. Mauro, os negros e pobres da Baixada acabam de ser vítimas de uma farsa representada pelo governo estadual, que instalou toda sua força policial na região para acabar com os grupos de extermínio.

— Nos dias em que eles estiveram aqui não apareceu nenhum corpo nas áreas mais pobres da Baixada. Depois que eles foram embora, as mortes voltaram. Isso prova que, na Baixada, quando a polícia não mata, ninguém morre — sustenta o bispo de Caxias.

Frei Luiz Thomaz, que trabalha com D. Adriano Hipólito, também não aprovou a atitude do governo estadual. "Acho que a Baixada é, hoje, o satélite urbano que mais ameaça o comando de uma grande área metropolitana no país. Pena que a Igreja que grita aqui não é a mesma que grita no Rio", diz ele, numa alusão à linha de conduta mais moderada do cardeal Eugênio Sales, arcebispo do Rio de Janeiro. "Em São Paulo", lembra frei Luiz, "a luta das populações da periferia tem apoio do cardeal". Ele acha que, num futuro próximo, a forma de luta dos moradores da Baixada será adotada nas periferias de todas as grandes cidades do país.



D. Adriano Hipólito



D. Mauro Morelli

MAB lembra caso Darci a Moreira

“O Darci Ribeiro, candidato do Brizola, perdeu as eleições de 86 na Baixada porque o governador que o indicava virou as costas para o movimento organizado dos moradores da região”. O diagnóstico é da presidente do MAB, Movimento dos Amigos dos Bairros de Nova Iguaçu, Azuleicka Sampaio Rodrigues, que avisa: “O Moreira Franco só ganhou a eleição aqui por causa disso. Até agora, ele não fez nada para ganhar outra vez”.

Dos 7 milhões 138 mil eleitores do Estado, 1 milhão 931 mil estão nos quatro municípios da Baixada, formando o segundo maior colégio eleitoral do Rio de Janeiro. Em Nova Iguaçu, são 609 mil eleitores; em Caxias, 338 mil, em São João de Meriti, 228 mil e, em Nilópolis, outros 96 mil eleitores. Juntos, eles só perdem para o colégio eleitoral do município do Rio de Janeiro, o segundo do país, com seus 3 milhões 324 mil eleitores.

Ao longo da história, estes votos sempre foram disputados por políticos populistas (da linha de Tenório Cavalcanti) ou clientelistas, que dominaram e ainda dominam a Baixada, prestando e cobrando por serviços que o Estado deveria oferecer gratuitamente, sobretudo nos setores de saúde e educação.

Através das associações, das Cebas e do movimento negro, os moradores da área estão descobrindo que é preciso mudar os políticos da Baixada. E desde já, preparam-se para as eleições municipais de 88, quando a região vai eleger 96 vereadores e 4 prefeitos. O movimento de religiosos negros, por exemplo, está incentivando seus integrantes a se lançarem como candidatos em todos os partidos, do PDS ao PT. “O importante é ocupar todos os espaços possíveis com nossa maneira de pensar e de lutar”, diz o coordenador do movimento de religiosos negros, frei David Raimundo dos Santos.

Filha de João Cândido é um exemplo de luta

O almirante negro João Cândido, que os livros de história apresentam como líder da Revolta da Chibata (uma sublevação de marinheiros que, em 1910, se insurgiram contra castigos físicos aplicados pela Marinha brasileira), tem uma representante de sangue e idéias na Baixada Fluminense: Zeelândia Cândido de Andrade, 63, sua filha. Em São João de Meriti, ela é membro ativo do PT, de uma Ceb (Comunidade Eclesial de Base), do Movimento Negro e ainda atua como líder comunitária na Amcorá (Associação dos Moradores de Coelho da Rocha), bairro onde mora.

Zeelândia vive na Baixada há 40 anos e é um exemplo típico da evolução da consciência crítica dos moradores da região nos últimos anos. Seu plano reivindicatório inclui até uma ação judicial contra a União, na qual pretende pleitear uma indenização pela expulsão do pai dos quadros da Marinha e um pensão para os herdeiros. “Soube que uma neta do Tiradentes está recebendo uma pensão. Acho que os filhos do João Cândido também têm esse direito”, diz ela. Para tanto, Zeelândia vai procurar o advogado Evaristo de Moraes Filho, cujo pai defendeu João Cândido e os marinheiros sublevados no início do século.

— Meu pai liderou uma luta que conseguiu acabar com o castigo corporal na Marinha brasileira — conta ela. — Cada marinheiro que ofendia a disciplina era punido com prisão na solitária a pão e água em caso de faltas leves, ou 25 chibatadas, em caso de faltas graves. Em novembro de 1910, ele e quase 2 mil 400 praças ocuparam cinco grandes navios da Marinha do país, na época a terceira maior força naval do mundo, enviaram carta ao presidente Hermes da Fonseca, ameaçaram bombardear o Rio e, ao fim de cinco dias, conseguiram o que queriam.

— O que acontece com o povo da Baixada Fluminense — compara Zeelândia — é mais ou menos o que acontecia com os marinheiros do Brasil. Nós sofremos chibatadas sociais, diariamente. Aqui falta água, esgoto, hospital, escola, transporte, casa, tudo. Os castigos físicos que a Marinha aplicava sobre os marujos até 1910, os governantes aplicam no povo da Baixada hoje em dia.

Ela acha que a região está vivendo um momento importante, com a descoberta das vantagens proporcionadas por movimentos sociais organizados. “A gente não tem cinco navios para ocupar, mas pode interromper a Via Dutra, fazer passeatas, acampar em frente a prefeituras e palácios”, compara outra vez.

Com diploma apenas de curso primário (“meu pai não tinha dinheiro para educar os filhos”), Zeelândia, cujo nome foi tirado de um navio chamado *New Zeelander*, que João Cândido viu atracado no porto do Rio, conta que o almirante negro foi casado três vezes e quatro de seus nove filhos estão vivos, com uma prole que chega a quase 40 netos. A maioria mora na Baixada Fluminense e vive com dificuldades. João Cândido, segundo ela, serviu à Marinha por 14 anos (entre 1896 e 1910) e era gaúcho, filho de mãe cabocla e pai argentino. Seu nome todo era João Cândido Felisberto, mas, como havia um oficial com o mesmo sobrenome, ele, que era praça, teve que optar pelos prêmios para continuar como militar. Morreu em 6 de dezembro de 1969 e está sepultado no Cemitério do Caju.

— Depois da Revolta da Chibata — conta ela —, meu pai ficou por dois meses numa masmorra da Ilha das Cobras, junto com vários colegas. Muitos deles morreram, a exemplo dos que, também por castigo, foram enviados à Amazônia no navio *Satélite*. Durante o resto da vida trabalhou no mercado de peixe da Praça 15. Sempre quis voltar para a Marinha, mas guardava uma mágoa muito grande pela expulsão. Seu nome ficou proibido lá dentro.

Baixada, uma favela de 2 milhões

12/7/82 m
Orivaldo Perin

Quem chega ou sai do Rio pela Via Dutra, atravessa uma região que pode ser considerada hoje como o maior estopim de uma possível reação popular à situação de abandono que caracteriza as periferias das grandes cidades brasileiras. Trata-se da Baixada Fluminense, uma área de quatro municípios espalhados por 1.249 km², com 2 milhões 654 mil habitantes (conforme projeções do IBGE para 87), onde, a cada quatro anos, os políticos vão renovar promessas eleitorais jamais cumpridas.

A Baixada (Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti) simplesmente não tem rede de esgoto, conta com uma rede de água que só chega a 30% da sua população, dispõe de apenas três hospitais públicos gerais, apresenta um serviço de transporte urbano precário e um sistema viário que é basicamente o mesmo de 20 anos atrás, quando a população da área correspondia a metade da atual e tem, por suas ruas, cerca de 300 mil crianças perambulando, sem vagas na rede escolar oficial.

Comparados com o vizinho município do Rio de Janeiro, que está com 6 milhões de habitantes, os 2,6 milhões de moradores da Baixada (ou mais de 3 milhões, segundo eles próprios calculam) vivem numa imensa favela. Em 1980, por exemplo, o Rio tinha 6 mil 843 quilômetros de rede de água. Caxias, tinha 55 quilômetros, Nilópolis, outros 80, São João de Meriti, 37, e Nova Iguaçu, 121 quilômetros. Somadas as redes de abastecimento das quatro cidades, a Baixada

chegava a 303 quilômetros de canos, menos de 10% da extensão oferecida aos cariocas.

Nos últimos sete anos, a situação do abastecimento d'água pouco mudou. E ao lado dele, piorou o saneamento básico: a Baixada Fluminense não tem sequer um quilômetro de rede de esgoto. Todo o esgotamento sanitário dos quatro municípios é feito junto com as galerias de drenagem e águas pluviais, sendo despejado diretamente em rios e canais a céu aberto, hoje conhecidos como valas negras, responsáveis pelo ressurgimento da dengue, por uma elevada taxa de mortalidade infantil e pela proliferação de todas as doenças infantis típicas de regiões miseráveis.

Para eliminá-las, além de construir um serviço de esgoto, a Baixada precisaria de um sistema de saúde que está longe das necessidades. No município do Rio, há 28 hospitais públicos (14 do Estado e 14 do Inamps). Na Baixada, há apenas três, um do Inamps e dois municipais, sempre com problemas de falta de médicos e medicamentos. A distorção aumenta quando se compara a situação dos 2,6 milhões de moradores da Baixada com os militares residentes no Rio, que dispõem de quatro grandes hospitais gerais para servi-los. A saúde da Baixada está nas mãos dos donos dos hospitais particulares, que oferecem 95% dos leitos disponíveis e consomem 85% dos recursos do Inamps para a região. Segundo o médico David Spichler, que trabalha no único hospital federal da Baixada, a área precisa, hoje, de pelo menos 10 hospitais gerais públicos.

Único município a ultrapassar a barreira de 1 milhão de habitantes, excluídas as capitais, Nova Iguaçu, com 1 milhão 346 mil moradores, tem 12 cinemas (o Rio tem 109) e apenas 222 mil crianças matriculadas em escolas de 1º grau, contra 850 mil matrículas na rede de 1º grau do Rio de Janeiro. Para medir o transporte urbano na região metropolitana do Rio, o IBGE acabou descobrindo os números que revelaram o perfil de região-dormitório sempre atribuído à área. Dos 44 milhões de passageiros transportados em 1980, ano da pesquisa, 10 milhões tiveram o Rio por destino. E deles a maioria teve a Baixada como ponto de origem.

Dos 6 milhões 600 mil que em 80 saíram de Caxias, por exemplo, 3 milhões viajaram para a capital do Estado; dos 2 milhões que saíram de Nilópolis, 1 milhão 100 mil foram para o Rio; de Nova Iguaçu, saíram 5 milhões 400 mil, metade deles com destino ao Rio, e de São João de Meriti partiram 4 milhões 200 mil, dos quais 1 milhão 200 mil viajaram para o Rio e 1 milhão 400 mil para Caxias. A Baixada Fluminense oferecia, no Censo de 80, cerca de 120 mil empregos para uma população de 2,2 milhões à época. E a média salarial dos que trabalham na área varia de um a três salários mínimos.

Na última pesquisa para apurar os principais problemas da área, a população dos quatro municípios elegeu a insegurança como a principal questão a ser resolvida pelos administradores públicos. Segundo 74% de seus moradores, a Baixada é insegura e violenta; 65% acham que falta saneamento e saúde.

Inamps revoluciona atendimento na Baixada

W30. 23-07-87

Projeto integrado consegue mudar situação de crise

Israel Tabak

A revolução médica da Previdência — quem diria — começou em Nova Iguaçu. Lá, médicos atenciosos examinam longamente os doentes, não faltam ao trabalho e não deixam os consultórios vazios à tarde. Visitam pacientes em casa, fazem palestra sobre educação sanitária e se integram à vida comunitária. Tudo exatamente ao contrário do que costuma ocorrer nos postos do Inamps.

São 23 minipostos comunitários de saúde, com 54 generalistas e pediatras, espalhados pelos bairros mais carentes de Nova Iguaçu, num projeto onde morador também tem poder de decisão. No concurso de admissão, as bancas foram formadas por médicos e moradores, com as mesmas prerrogativas para aprovar candidatos. Um médico já foi despedido, por exigência da comunidade, porque faltava demais.

O próprio Inamps repassa verbas para a Caritas diocesana de Nova Iguaçu, gerente do projeto, que só toma decisões depois de ouvido o conselho comunitário de saúde da cidade. Livres do atendimento pulverizado, impessoal e apressado dos Pams (Postos de Assistência Médica) do Inamps, os moradores elogiam o zelo e o carinho dos médicos contratados pelo projeto, todos também residentes na região. E retribuem como podem: seus presentes são ovos de quintal, sacos com laranjas ou singelas espigas de milho embrulhadas em jornal.

Toda essa reviravolta não está ocorrendo em Nova Iguaçu por acaso: seus habitantes já sentiram que só um forte movimento associativo e reivindicante pode despertar o poder público para as suas enormes carências. Essa consciência, em parte despertada pela ação da diocese local, coincidiu com o início das ações integradas de saúde, um dos pilares da reforma sanitária e que tem na participação comunitária uma de suas principais características.

O Inamps preferiu trabalhar diretamente com a comunidade, em vez de continuar repassando verbas para clínicas privadas, que dão um atendimento ainda pior que os dos Pams. As associações de bairro tiveram de tirar do seu caminho a Prefeitura, que se revelou ineficiente e omissa nos convênios que fazia para colocar médicos nos postos comunitários. Pediram então à Caritas que gerenciasse a verba do Inamps diante do sucesso de

um projeto anterior, semelhante, quando o Instituto repassou recursos para o combate à dengue. Assim surgiu o convênio Caritas-Inamps, para o projeto de atendimento comunitário em Nova Iguaçu.

Uma prova diferente — Os iguaçuanos sabiam muito bem o que não queriam: médicos que davam consultas em menos de um minuto, sem olhar para a cara do doente; o jogo do empurra, com o paciente sendo remetido de um especialista para outro, sem resolver seu problema; a falta de uma relação médico-paciente (a cada consulta a pessoa se deparava com um profissional diferente); consultórios fechados à tarde; médicos que sempre faltavam; postos de difícil acesso e sempre congestionados, com filas. Estes são apenas os exemplos mais citados.

Por isso ao fixar as normas da prova de admissão, em comum acordo com as associações de bairro, o Inamps pretendia ter ao seu dispor médicos generalistas, conhecedores da problemática de saúde da Baixada, e com capacidade para resolver 90% dos problemas que surgissem. Teriam de morar na região e não poderiam atender a mais de 16 pessoas num turno de quatro horas. Os examinadores não foram apenas médicos, mas também simples moradores, que aferiam sobretudo o espírito comunitário dos candidatos. Os aprovados ainda fizeram um curso de especialização de 45 dias, quando se familiarizaram com as patologias típicas da área e tomaram contato com os principais anseios dos moradores.

Todos os postos tem pelo menos um clínico — apto também a prestar atendimento ginecológico básico e fazer primeiros socorros — e um pediatra, pela manhã e à tarde. Ficam em modestas sedes de associações de moradores ou em construções religiosas e contam, além do médico, com um auxiliar de enfermagem e um agente de saúde, todos também contratados por concurso. Os moradores de determinado bairro ou loteamento são atendidos sempre pelo mesmo profissional, formando-se assim uma verdadeira relação médico-paciente. É a volta do médico de família, que visita o doente em casa, se isso for necessário e se torna também, além de educador sanitário, um conselheiro e confidente dos seus pacientes. Conhecendo melhor a história clínica e psicológica de cada um, o profissional fica assim mais apto a avaliar as implicações de cada caso, evitando procedimentos desnecessários.

Foi aos 75 anos que Jovenila Vieira Paulino recebeu, pela primeira vez, a visita de um médico, em casa. Sem poder andar, com problemas derivados de um diabetes e pressão alta, mesmo assim Jovenila abre um sorriso quando alguém pergunta sobre a consulta em casa: "É uma coisa muito boa moço. O doutor vem aqui, me examina, verifica os curativos, conversa, me orienta. Já imaginei se eu tivesse que sair, carregada, pra entrar na fila do Instituto?"

Os vizinhos e parentes ainda ficam espantados quando o médico José Jorge Dória, estetoscópio no pescoço, bate palmas, em frente à casa de Jovenila, na Vila Operária, em Nova Iguaçu. Uma cena antes rara na Baixada, mas que já começa a virar rotina nestes primeiros três meses do projeto de medicina comunitária. Os moradores comentam — com bom humor, que nos locais perigosos só o médico — além do padre — tem trânsito livre. E até agora nenhum foi assaltado ou teve o seu posto depredado ou saqueado.

Para o clínico e dermatologista, José Jorge Dória, 32 anos, esta não é a primei-

Médico já visita doente em casa

ra experiência comunitária, mas, certamente, o trabalho mais compensador de sua vida profissional: "Particpei do projeto do então secretário Hugo Tomassini, em Niterói, quando o prefeito era Moreira Franco. Mas esse projeto nem de longe conseguiu integrar a população no trabalho, como vemos agora".

Um dermatologista pode identificar facilmente doenças que têm origem na miséria e nas más condições sanitárias, como a lepra e a sarna, ambas com presença significativa na Baixada. José faz visitas frequentes aos hansenianos (leprosos) em casa e aproveita para falar à comunidade sobre cuidados sanitários e a necessidade de reivindicar não só saneamento, mas também melhor poder aquisitivo.

— É o contato com as populações carentes, o conhecimento do seu meio social que nos fornece os principais dados sobre as suas doenças. E elas estão aprendendo que para ter saúde, não basta só pedir médicos e remédios.

Jorge trabalha no posto de Vila Operária e conta, satisfeito, que "o doente

sempre volta para dizer que melhorou". No atendimento tradicional do Inamps, "médicos e pacientes simplesmente não se conhecem. Aqui é diferente. Ficamos cada vez mais íntimos, e o morador acaba não só falando da doença, mas também desabafando seus problemas e frustrações".

A clínica Maria Cristina Azevedo Russo, 27, ficou impressionada com os altos índices de pressão arterial entre os clientes do posto do bairro da Viga, onde trabalha. As mulheres, em sua grande maioria, aparecem com queixas vagas como "falta de ar, muito nervosismo", que indicam mais problemas psicológicos do que propriamente doenças localizadas: "enquanto os maridos trabalham, as mulheres vem se queixar deles, também. Falam de suas brigas, do alcoolismo, da vida difícil".

Para Maria Cristina, que atendia em média 40 pessoas em quatro horas numa clínica particular e não ganhava mais do que três salários mínimos por período, está sendo "uma bênção" poder atender não mais de 16 pessoas no mesmo período

do e ganhar mais de CZ\$ 20 mil mensais por quatro horas diárias: "E a toda hora ocorre um fato que nos gratifica. Outro dia visitei uma senhora idosa que não saía mais de casa porque estava cega. Vi que era catarata e a cirurgia já está marcada. Ela custou a acreditar que vai voltar a enxergar".

O pediatra Jorge José Jorge, que trabalha ao lado, acha que a experiência, mesmo com apenas três meses "já é vitoriosa". Ex-contador, formado tardiamente em medicina, está com 41 anos e se sente recompensado: "Fazendo esse tipo de trabalho, dispensei clínica particular" confessa. Sua colega também pediatra, Ana Maria Ferreira de Souza, que trabalha no posto do Jardim Iguaçu, mostra, emocionada, a maca do consultório, feita por moradores do local, que também colaboram com remédios e material de enfermagem: "O pessoal é pobre mas ajuda como pode. E a toda hora traz um agrado. É a mãe que me traz uma bolsa com laranjas ou a criança que oferece uma orquídea. A gente nota um efeito imediato do trabalho. Está valendo a pena".

Banca de exame também tem morador

Comunidade ganha poder de julgar

Vera Lúcia Machado, moradora em Vila Operária (Nova Iguaçu) jamais imaginou que um dia iria integrar uma banca examinadora de um concurso para médicos. Mas, de repente, ela e outros moradores se viram em comissões paritárias, com poderes para aprovar ou reprovar os candidatos ao projeto de medicina comunitária.

— Foram as falhas constatadas em projetos anteriores que fizeram o Inamps, em conjunto com a comunidade, tomar esta decisão. Os moradores, melhor do que ninguém, é que podem aferir qual a possibilidade do médico ser bem-sucedido nesse tipo de projeto. Precisávamos de pessoas identificadas com os nossos propósitos, capazes de superar as dificuldades inerentes a uma área pobre. E, sinceramente, fiquei surpresa com a humildade e a consciência demonstrada pelos candidatos.

Ao invés da tradicional reclamação sobre a "falta de condições de trabalho", os médicos aprovados passaram a discutir com os interessados qual a melhor maneira de superar os problemas que iriam encontrar. E sabiam que vez por outra teriam que ajudar até na limpeza e arrumação dos postos.

Outro líder comunitário, Ademo Maganha, presidente da Associação de Moradores da Vila Operária acha que a seleção "foi muito bem feita. Agora nós temos o

direito de saber qual é a nossa doença. Antes o pessoal se queixava de que o médico passava remédio mas nem dizia qual a enfermidade da pessoa. Era muita desconsideração". Maganha lembra ainda que os moradores também estão se conscientizando de que "não é só a medicina que vai resolver o seu problema".

Mas por enquanto, moradores e coordenadores do projeto preocupam-se em resolver os problemas concretos do projeto: abastecer de remédios a farmácia central, ainda quase vazia, é uma das prioridades. Deverá ser feito um convênio com a Fundação do Remédio Popular de São Paulo, que juntamente com a Central de Medicamentos ficarão encarregados de suprir os 23 postos da rede. A farmácia central fica num dos postos, o de Vila Operária, e sua responsável, a farmacêutica Alice Maria Rocha Faria, informa que brevemente um veículo vai levar diariamente para cada posto os remédios receitados.

Um outro problema, o dos exames de laboratório, também deverá ser resolvido de forma semelhante: a médica Lucía Souto, coordenadora do projeto (pelo Inamps), adianta que o Centro de Saúde estadual Vasco Barcelos de-

verá fazer esses exames. Os próprios postos de saúde farão as coletas que serão posteriormente transportadas, de carro, para o centro estadual.

Reinaldo Paulino Filho, presidente da associação de moradores do bairro da Viga, revela que, diante do sucesso do projeto, os proprietários das clínicas privadas já estão se movimentando, sentindo a diminuição da clientela: "Eu mesmo recebi algumas cartas bem estranhas, de donos destas clínicas, oferecendo seus serviços para os moradores aqui da área". Chegaram, também, informações à Coordenação da Caritas de Nova Iguaçu, de que donos de clínicas estariam fundindo falsas informações, falando em "fracassos" e "falhas" no projeto de medicina comunitária.

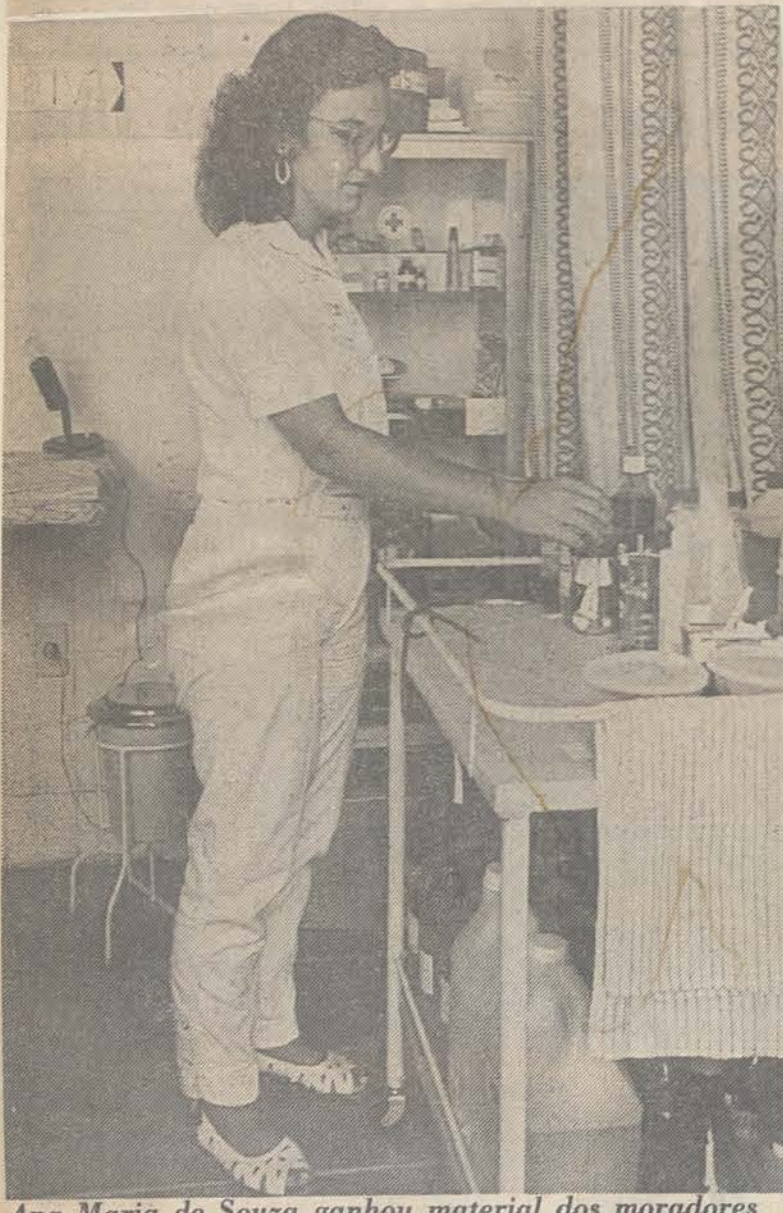
— Eles têm razão para ficar preocupados — comenta Paulino com ironia.



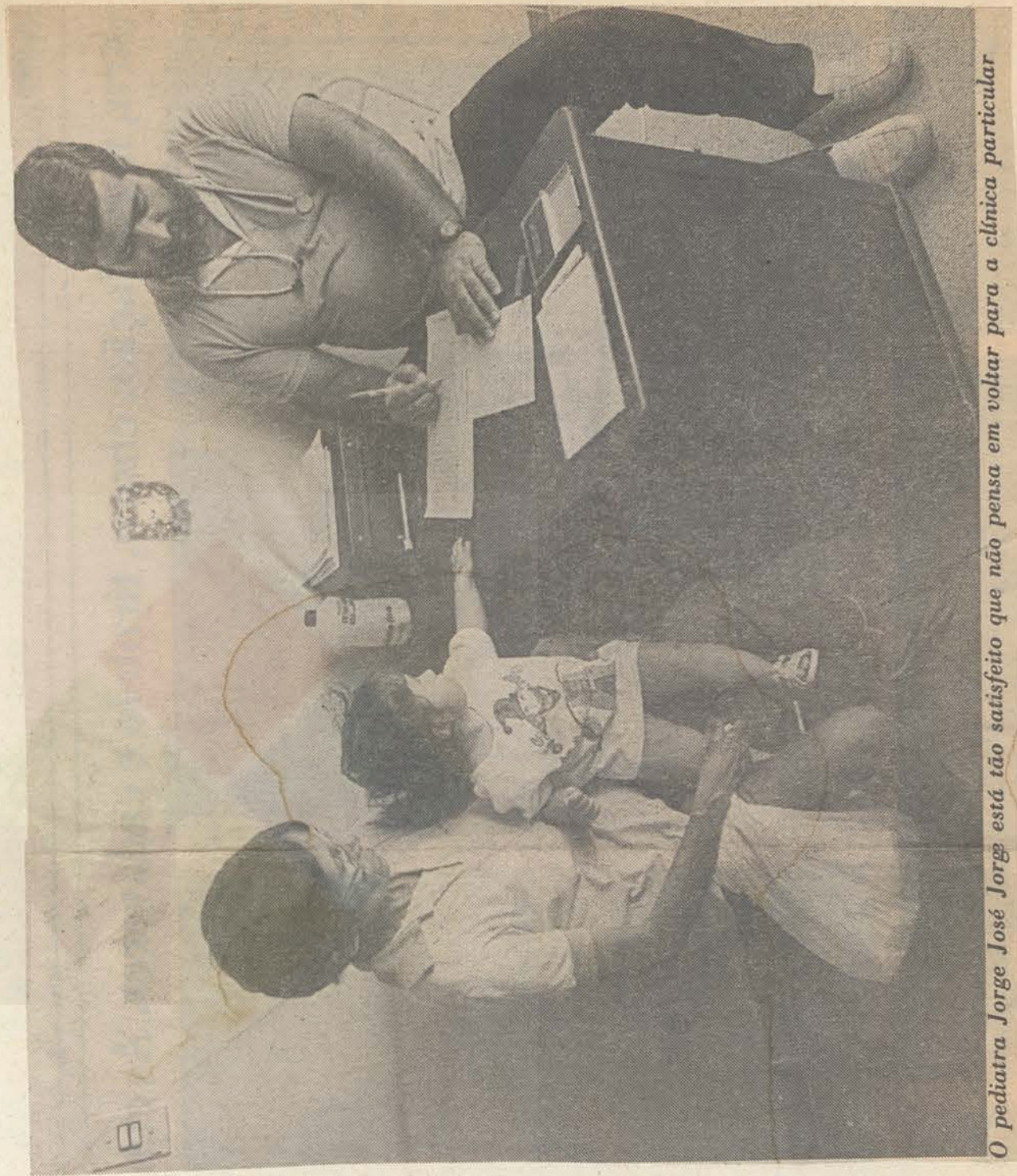
Até hoje os parentes se espantam quando o clínico José Jorge Dória vai visitar Jovenila em casa



Vera Lúcia Machado virou examinadora de médico



Ana Maria de Souza ganhou material dos moradores



O pediatra Jorge José Jorge está tão satisfeito que não pensa em voltar para a clínica particular

DIOCESANO
Nova Iguaçu
Postal 77285
Nova Iguaçu - RJ
BRASIL

Nova Iguaçu, 01 de agosto de 1987.

Carta do irmão bispo, convidando os animadores sinodais e agentes de Pastoral para o Encontro do Envio em 22 de agosto.

Prezados agentes de Pastoral,
Prezados animadores sinodais:

Acompanhamos com alegria a realização de nosso 1º Sínodo Diocesano em sua primeira etapa.

Quase todas as comunidades atenderam o meu convite e mandaram, dentre os seus agentes de Pastoral, dois a quatro para fazerem o curso de animadores sinodais.

Graças ao P. Pedro, à Prof. Sada e sua esforçada equipe foi possível dar vários cursos de preparação tanto no CEPAL como nas paróquias, de acordo com os desejos das comunidades e as possibilidades da equipe.

Perto de encerrar a primeira etapa do Sínodo, pareceu conveniente convidar todos os animadores sinodais - estes de modo particular, mas também outros agentes de Pastoral interessados - a se reunirem no dia 22 de agosto, sábado, a partir das 15,00 horas, no Instituto de Educação Santo Antônio.

De acordo com um programa bem elaborado, de hora e meia, teremos ocasião de recolocar de maneira amena e intuitiva alguns aspectos ventilados no curso. Nessa ocasião o bispo diocesano fará o envio oficial dos animadores sinodais, ressaltando no contexto do 1º Sínodo a importância fundamental deste ministério.

Este encontro permitirá aos animadores sinodais e a toda a nossa diocese sentir o que o espírito do Sínodo está operando em nossas comunidades e em nossos agentes de Pastoral. Queremos, com a graça do Espírito Santo, descobrir na complexidade dos desafios de nossa Baixada Fluminense, o que é a vontade de Deus, como sinal do que devemos fazer para servir melhor o Povo de Deus e para apressar a libertação daqueles que o Pai confiou à nossa caridade missionária.

O encontro do dia 22 de agosto próximo está marcado pelo tema do 1º Sínodo Diocesano: que é "transmitir a Fé"; e pelo nosso lema: "A Baixada busca o Deus libertador".

Confiando em suas orações e aguardando sua presença numerosa no dia 22, abençoa-os com profunda estima seu irmão bispo.

+ *Adriano*
Bispo Diocesano

Aut. St. Caminh.

Baixada, Morros e a Bandidagem de Direita

Com o título de barões das biroskas, o admirável Hélio Pellegrino publicou no Jornal do Brasil (9-9-87) considerações sobre as guetilhas urbanas do Rio. Do alto da sabedoria do nosso Hélio Pellegrino, contemplemos a Baixada Fluminense. E, com ele sintamos: a atual violência urbana, nos morros e baixadas, nada tem de revolucionário. É o capitalismo selvagem se reproduzindo nas periferias, bandidos assumindo lideranças populares para reproduzir a opressão, a violência e o inferno, em cima dos mais pobres e indefesos.

«O morro é o gueto, o apartheid — a pobreza absoluta posta à margem. A favela existe porque a reforma agrária não é feita. Levas e levas de párias migrantes se deslocam do campo para a cidade grande. A miséria do campo é inerarrável. As populações camponesas, atraídas pela miragem da cidade grande, se movem no sentido de sua sinistra luz. As grandes cidades incham, a mão-de-obra aviltada pelo subemprego — ou desemprego — se encarpita nos morros. Os mais valentes e aguerridos sucumbem à tentação da delinquência, incrementada pelo status quo social e político.»

«O morro é sintoma da doença brasileira, pus que escorre da chaga produzida pela injustiça. Para que se possa tratar a ferida, é necessário submeter o capitalismo selvagem a uma cirurgia radical. É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar no campo o homem do campo. É preciso rever o conceito de propriedade, derrubando-o de sua posição de fetiche. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos. Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos. Não esqueçamos que o latifúndio, em nosso país, tornou-se aliado da burguesia nacional.»

«O processo de industrialização foi, em seu início, liderado pelos barões da aristocracia rural. Não houve, entre nós, contradição grave entre o latifúndio e o capitalismo nascente e crescente. Essas forças sociais, ao contrário, sempre estiveram juntas e aliadas. O capitalismo selvagem brasileiro, tal como está, atende com perfeição aos interesses das classes possuidoras. Existe, no país, uma nata de ricos, que nada fica a dever aos potentados in-

ternacionais. A concentração de renda e a despossessão dela decorrente criam entre nós um desnível social dos mais altos do mundo.»

«Qualquer transformação da sociedade brasileira, no sentido da democracia, da justiça e da igualdade, provoca nos estratos dominantes choro e ranger de dentes. A dita burguesia progressista é «apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!» Por isso, é mais barato e lucrativo manter o sintoma do que enfrentar e desarraigar a doença. Não convém que ela seja operada, ou melhor: a doença o é apenas para as grandes massas espoliadas. Para os dominadores, constitui sarna capaz de transformar-se, ao fim das contas, em cafuné e deléite. Es o motivo profundo pelo qual as favelas seguem e prosseguem. Não há interesse em erradicá-las, uma vez que tal medida implicaria transformações sociais lesivas ao egoísmo da classe dominante.»

«A favela, portanto, cresce e se multiplica ao preço de que suas lideranças fiquem nas mãos de traficantes e de delinquentes. A ordem perversa dos morros, ao contrário do que parece, faz o jogo do conservantismo de direita... Os poderes vigentes entregam a favela a Zaca, a Dên's, a Cabeludo a Escadinha, uma vez que estes pró-homens da miséria do povo não querem resolvê-la politicamente, mas estabilizá-la e estruturá-la, sem riscos para a Vieira Souto...»

«Delinquência desse tipo é coisa de direita — nunca de esquerda. Dizer-se que a favela, como está organizada, constitui perigo revolucionário, é afirmação ingênua — ou de má fé. Não há revolução sem consciência política, levada a um grau inigualável de lucidez e paixão. Se as favelas existem é porque, como tais, não representam perigo maior para a ordem política e social. As classes dominantes brasileiras sabem se defender com a crueldade e a eficiência necessária. O esmagamento da guerrilha no Brasil, após o golpe de 64, dá desse fato um testemunho inesquecível... Os trabalhadores que habitam o morro precisam organizar-se politicamente para enfrentar, passo a passo, a estrutura de poder da delinquência. Com a finalidade de desobstruir, em nome da verdadeira luta de classes, o caminho da justiça e da paz.»

PALAVRA DO IRMÃO-BISPO

Quem são os animadores sinodais? *Rui J. Campes*

Dcm Adriano, bispo diocesano

Desde o início tínhamos a preocupação de fazer as comunidades participar do processo sinodal, isto é: do esforço de nossa diocese em realizar o seu primeiro Sinodo. Com outras palavras: longe de ser iniciativa do bispo e do clero, o Sinodo deveria ser um trabalho de todos aqueles que participam na Pastoral e têm interesse pela evangelização do Povo de nossa Baixada.

A intenção era séria e clara. Mas como realizá-la? como criar instrumento de participação?

Uma primeira medida foi convidar todas as comunidades a escolherem dentre seus agentes de pastoral dois a quatro que assumissem o Sinodo em sua segunda e terceira etapa. Na escolha livre de seus representantes começou a participação. E quase todas as comunidades corresponderam a esse convite. Cerca de seiscentos agentes de pastoral, vindos das bases, apresentaram-se, para fazer o curso de formação que os capacitaria a realizar sua missão: implantar o Sinodo nas suas comunidades (segunda etapa) e nas paróquias (terceira etapa).

Se perguntarmos quem são os animadores sinodais, a resposta é a seguinte: Animadores sinodais são os agentes de pastoral que as comunidades escolheram, para poderem, depois de um curso intensivo, implantar o Sinodo nas suas comunidades e nas paróquias.

Desta definição vê-se claramente a importância dos animadores sinodais. Podemos explicar melhor o que vão fazer.

O curso de dinâmica cristã que fizeram sob a orientação do P. Pedro Geurts e sua equipe, fê-los recordar e reviver pontos fundamentais de nossa Fé Católica, com orientação para os trabalhos do Sinodo. O curso foi uma vivência de Igreja e também uma descoberta ou redescoberta da dimensão comunitária de todo o trabalho eclesial. Na teoria e na prática.

Por sua riqueza sacramental, que emana de Jesus Cristo, a Igreja é uma comunidade santa. Apesar de nossas misérias e pecados. E é por minha imersão consciente e humilde no mistério da Igreja santa que eu alcanço a salvação. É por Jesus Cristo que vive na comunidade eclesial, que se realiza o mistério da salvação, em cada um de nós e em toda a comunidade eclesial.

A formação eclesial dos animadores sinodais, toda baseada na Fé e na comunidade da Igreja, será a garantia da boa participação das comunidades e das paróquias no Sinodo.

Os animadores sinodais receberão subsídios, pistas e orientações que ajudarão o bom desempenho de sua tarefa. É necessário que nas reuniões de agentes de pastorais (que os animadores vão orientar e animar), se dê a máxima liberdade de manifestação. Os participantes poderão exprimir tudo o que quiserem a respeito da Pastoral e da vida de nossa diocese: críticas, experiências, desejos, sugestões, casos concretos. Tudo será anotado devidamente. Tudo será aproveitado no momento oportuno. Tudo será sistematizado. O importante é que os participantes possam exprimir-se, manifestar-se com plena liberdade.

Do material, certamente de primeira ordem, que se coletará na segunda etapa, se fará uma primeira síntese — contribuições de todas as comunidades — para o trabalho dos animadores sinodais, na terceira etapa, já agora em nível de paróquias.

Lembro que nas reuniões da segunda etapa — nas comunidades — poderão participar também outras pessoas interessadas, que se sintam ligadas à Igreja ou capazes de colaborar.

É fácil verificar, destas colocações, a importância dos animadores sinodais para o desenvolvimento e para o bom êxito do Sinodo.

COMISSÃO DIOCESANA DA FAMÍLIA

Por uma pastoral libertadora

A Comissão Diocesana da Família se coloca a serviço das paróquias e comunidades em três campos de ação:

1. *Preparação para o Casamento*: Visando um melhor entrosamento, aprofundamento e propostas comuns de ação, a Comissão está promovendo um Encontro com os Animadores de Cursos de Noivos.

Será no dia 20 de setembro, a partir das 8 horas, no Seminário Diocesano Paulo VI. Inscrições e informações já a partir de agora, com a Coordenação, pelo telefone 767-1328 ou na reunião do Regional.

2. *Encontros nas Comunidades*: A Comissão se coloca à disposição das paróquias e Comunidades, para encontros de Famílias nas comunidades, por ocasião de tríduos, festas, celebrações...

3. *Centro de Atendimento Familiar (CAF)*: Funcionando nas dependências da Catedral, o CAF tem por objetivo ouvir, caminhar, orientar pessoas e/ou grupos, principalmente na área psicológica. São 5 psicólogos, 1 Assistente Social e alguns voluntários, que se revesam em plantões, em diversos dias e horários.

Um Olhar Sobre a Baixada

Aug. St. Cam.

POVAO ASSUMINDO OS SERVIÇOS DE SAÚDE

Discutiu-se uma porção de coisas, hesitou-se muito, antes de assinar o convênio. Argumentos contra, argumentos a favor, de peso visivelmente igual. Não é função da Igreja assumir tarefas que são obrigações do governo! A Igreja pára de ser oposição ao sistema, cede o papel de consciência crítica da sociedade! O governo, com verbas e projetos, está cooptando a Igreja! É aí que nossa Igreja vira burocracia governamental, vendendo a função das denúncias proféticas! Após anos e anos de resistência, estamos aderindo! A Igreja não é mais aquela!

O certo é que, passadas as numerosas e acaloradas discussões, foi assinado o convênio Caritas-Inamps, para a dinamização dos postos de saúde paroquiais. No momento, em 24 destes nossos postinhos comunitários, está havendo prestação organizada e sistemática dos serviços de saúde às populações mais distantes, em nossos bairros. No terreno minado das hesitações, surgiu também a plantinha de uma rica pergunta: Este convênio não representa também ocupação de espaços por nosso povo? Não é mesmo ocupando devagar os pequenos espaços possíveis que nosso povo vai ganhando a guerra?

O certo também é que batalhavam ar-

gumentos favoráveis à aceitação do projeto. O projeto é ocasião para a comunidade assumir seus serviços de saúde! A comunidade é quem vai ser a verdadeira dona, acompanhadora, fiscalizadora, cobradora de serviços a que tem direito! Nosso povo organizado tem o direito de gerir verbas que são dinheiro seu, de seus impostos, e não do governo! Protestar e cobrar é bom e necessário, mas assumir a gerência de tarefas concretas do bem comum representa também boa escola, na caminhada libertadora! No final, porém, persiste a interrogação: — Um convênio assim tem mais pontos positivos ou negativos?

Tem pontos positivos e pontos negativos, como tudo na vida. Mas duas impressões se insinuam particularmente fortes. Ambas emocionantes! É uma beleza assistir o povinho de nossos bairros assumindo, na maior assiduidade e competência, os encaminhamentos necessários de seu posto de saúde local. Tratam o posto de saúde da comunidade como se fosse mesmo coisa deles, propriedade querida deles, quase família deles! Já é o começo da virada do povinho semialfabetizado enfronhar-se, dentro do maior equilíbrio, no papel de supervisores autorizados de profissionais universitários; numa demonstração do que todos sabemos: no Brasil, o que existe de melhor é seu povo!

Para junto deste povo se achegaram profissionais universitários, formados sem culpa no individualismo insensibilizado e no argentarismo selvagem da medicina capitalista. Estes jovens profissionais de saúde, engajados no convênio Caritas-Inamps, estão sendo os produtores de nossa segunda emoção, em demonstração de que os mais moços ainda não tiveram tempo de se corromper. De repente, sem alardes, na maior espontaneidade das coisas vivas que nascem e crescem, assistimos aqueles rapazes e moças descobrir a riqueza imensa, que é nosso povo, a se apaixonar por ele, a querer-lhe bem, a sentir-se feliz em prestar-lhe serviço. Alguns deles, frequentemente, nem tomam conhecimento do relógio e avançam graciosamente nas horas.

Na aridez da ganância capitalista, os profissionais de saúde do nosso convênio comunitário começam a descobrir a verdadeira mina de ouro, que é a riqueza humana deste povo brasileiro, tão bem representado na Baixada. O povão converteu a Igreja que queria converter-se. O povão está convertendo filhos seus desgarrados pelos labirintos dos interesses individualistas. Bloqueadores de quaisquer realizações humanas maiores. É o crisol de nossa Baixada transformando matéria-prima em ouro puro!

Aug. 18 Cam

Nosso Projeto Baixada para alfabetização de adultos

Equipe da Caritas Diocesana

Já estamos na metade do ano, no terceiro ano do Projeto, e a cada momento temos mais consciência do nosso papel diante da grave situação do ensino para adultos. A permanência da Caritas neste ano de 1988, muito mais do que querer contemplar o desejo dos nossos 700 alunos, teve o sentido de canalizar nossa experiência e força política contra o Estado. Entendemos ser necessário um enfrentamento do problema da Educação de Adultos pelas Secretarias estaduais e municipais.

Nesse sentido temos tido conversas com outras 5 entidades do Projeto Baixada (MAB, MUB, CANAL MERITI, BAR DOS CAVALEIROS e Centro de Integração da Taquara), a fim de traçar uma estratégia conjunta. De concreto existe a proposta da criação de uma Comissão Paritária para estudar as formas do Estado assumir esse segmento da Educação. Da comissão fariam parte um representante de cada entidade, e técnicos da Secretaria Estadual de Educação.

No próximo ano, 1989, queremos ver o analfabetismo sendo combatido de forma séria pelo Estado, e não mais através de convênios de duração limitada e sem qualquer segurança para os profissionais. Nos três anos de funcionamento do Projeto Baixada, pudemos aperfeiçoar formas de participação popular e uma pedagogia encarnada na nossa realidade, que fazemos questão de ver implantada no sistema oficial de ensino. As comunidades religiosas e Associações de Moradores estão sendo chamadas a enfrentar esse desafio.

REPRESENTANTES DAS COMUNIDADES

A exemplo do Projeto Comunitário de Saúde, que vem sendo acompanhado por representantes das comunidades onde funcionam



Nossos mutirões e comunidades aprendendo a ler as letras e a vida, para serem, de fato, os verdadeiros homens e mulheres com poder de decisão.

23 Mini-Postos. O Projeto de Alfabetização se esforça para criar o seu Conselho de Representantes. A idéia é de cada uma das 47 Paróquias e Comunidades escolherem 2 representantes para acompanhar o Projeto. Caso a sua comunidade ainda não tenha feito a escolha, procure fazê-la antes da próxima Assembléia que se realizará no dia 9 de julho, às 14 horas, no salão da Caritas.

AS CARTEIRAS CHEGARAM

A falta de carteiras era um dos sérios problemas das turmas de alfabetização. Conseguimos amenizar um pouco a situação adquirindo 340 carteiras, que foram distribuídas às Comunidades de acordo com suas necessidades e interesse. As carteiras foram compradas com o dinheiro que sobrou do convênio do ano passado.

PRÊMIO INTERNACIONAL

Com quase 7 mil alunos, 335 profissionais e um índice de aprovação em torno dos 70%, o Projeto Baixada de Alfabetização está concorrendo ao Prêmio Internacional de Alfabetização oferecido pela UNESCO, órgão das Nações Uni-

das que cuida da Educação. Um vídeo do Projeto, feito pelo cineasta Sílvio Tendler, autos de "Os anos JK" e "Jango", será exibido na França ao júri do concurso. Até setembro sairá o resultado. Em breve o vídeo poderá ser visto por todos os alunos e comunidades.

SÓ ATÉ O FIM DO MÊS

As turmas do Projeto de Alfabetização têm um mínimo de 15 alunos e um máximo de 25. Nos locais onde este número mínimo não for alcançado a comunidade deve ajudar ao monitor para que até o final do mês possa estar completa a classe.

Vários recursos podem ser utilizados, como o de aviso nas celebrações, visitas as outras igrejas ou às casas do bairro.

Onde, apesar do esforço, o número não for alcançado, os representantes da comunidade, juntamente com os integrantes da reunião de Pólo, decidirão sobre o que será feito podendo chegar ao fechamento da classe. Algumas comunidades estão com poucos alunos frequentando as aulas. São elas: Vila Elisabeth; Nova Aurora; São Lucas; Mariléia e Carmari.



Ônibus aumenta hoje e ¹⁸⁻⁷⁻⁸⁷ Nova Iguaçu é policiada ^{PH}

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Entra hoje em vigor o aumento de 20% nas passagens dos ônibus do município de Nova Iguaçu, o mais populoso da Baixada Fluminense. O reajuste foi autorizado pelo juiz Pedro Diniz Pereira, da 5ª Vara Cível. Para evitar que ocorra quebra-quebra como o que se registrou no Rio, no dia 30 de junho, o comando da Polícia Militar do Estado colocou em prontidão todos os soldados do 20º Batalhão de Nova Iguaçu e ainda providenciou reforço.

Haverá policiais guardando todos os pontos de ônibus de Nova Iguaçu, assegurou o comandante do 20º BEM, coronel Humberto Araújo da Fonseca. Ele não acredita na pos-

sibilidade de quebra-quebra: "O povo é pacífico e já está esperando o aumento". Nova Iguaçu, com quase três milhões de habitantes, é considerada uma das cidades mais violentas do mundo.

O reajuste de 20%, que elevará as passagens de Cz\$ 4,00 para Cz\$ 4,80, entraria em vigor na semana passada, mas foi sustado no dia 8, por liminar impetrada pelo vereador Mauro Vasconcelos. Uma semana depois, o mesmo juiz, Pedro Diniz Pereira, cassou a liminar concedida. Na quinta-feira, o prefeito Paulo Leone, eleito pelo PDT e atualmente no PFL, baixou novo decreto restabelecendo o aumento para hoje. Para o prefeito, o aumento "é irrisório para desandar em quebra-quebra".

Polícia prende por 5 horas 19 franceses que trabalhavam na Baixada

A missão francesa que veio conhecer a realidade social da Baixada Fluminense comprovou na prática, na sexta-feira, a violência policial de que é vítima constante aquela região. Com a denúncia anônima de que um grupo de franceses ocupara o Ciep do Parque Alian, em São João de Meriti, pelo menos 10 agentes da Polícia Federal, de metralhadoras em punho, cercaram o colégio, revistando o local e levando detidos cinco dos 16 jovens franceses que lá estavam hospedados há 20 dias, a convite da própria escola.

Na sede da Superintendência de Polícia Federal, na Praça Mauá, os estrangeiros foram submetidos a rigoroso interrogatório, tiveram apreendidos filmes e fitas de vídeo — com imagens da Baixada — e um deles foi agredido por um policial que não entendia francês. Integrantes da Federação Mundial das Cidades Irmãs, organização social não governamental — os voluntários franceses concluíram o programa de colaboração social e ontem mesmo deixaram o Rio, de volta a Paris, com a impressão de que o povo da Baixada é “muito acolhedor”, apesar das condições sócio-econômicas.

Atitude Estranha — Embora os franceses tenham evitado abordar o incidente ocorrido sexta-feira, alegando razões diplomáticas, o vice-presidente da Federação das Associações de Moradores de São João de Meriti, Sérgio Bonato, afirmou considerar “muito estranho a Polícia Federal não ter tomado conhecimento do trabalho social dos franceses”, divulgado pelos jornais no dia 11 deste mês, um dia após a chegada do grupo.

Pode ter ocorrido uma preocupação da Polícia Federal em evitar que se mostre no exterior a situação que a gente vive aqui, na Baixada — suspeita Sérgio Bonato, acrescentando que a Polícia pode ter usado os franceses como “cobaias” de uma ação em represália à organização do movimento social na Baixada Fluminense.

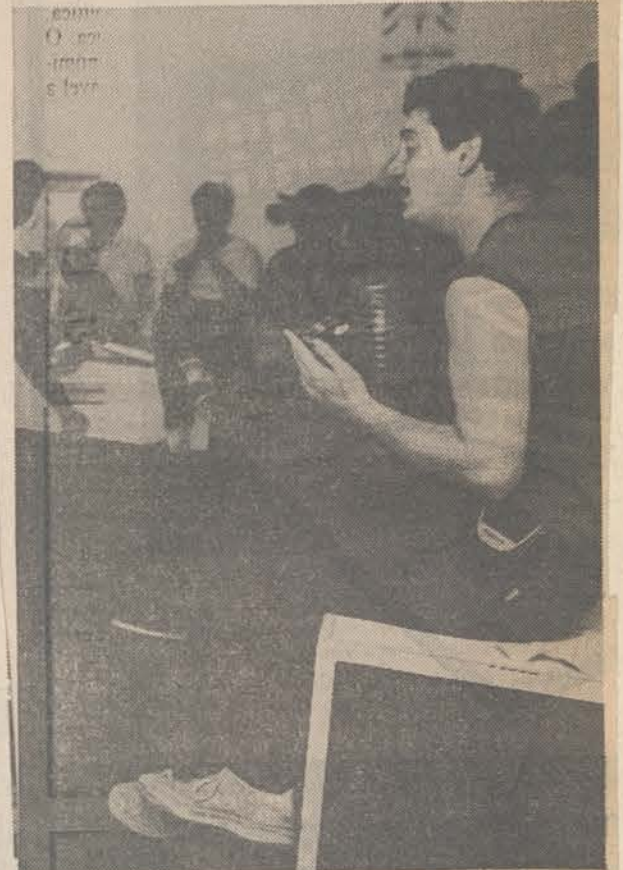
Bonato informou, ainda, que lideranças católicas da região foram contatadas, durante a semana passada, por um homem que se dizia pastor evangélico e indagava a respeito de qual seria a ligação dos franceses com o bispo de Duque de Caxias, o Mauro Morelli, de conhecida linha progressista. Ele se disse ainda amigo do pastor Mozart Noronha — que é conhecido na região — mas negou qualquer vínculo com o desconhecido.

O coordenador do grupo das Cidades Irmãs, Jean-Charles Catalan, 27 anos, garantiu que o grupo não realiza qualquer atividade política, mas apenas colaborou no início da construção do Centro Comunitário de São João de Meriti. Um dos detidos — apesar de mostrar passaporte —, Catalan contou apenas que eles foram liberados somente após a intervenção do cônsul-adjunto francês no Rio, Francis Blondet, que foi à Polícia Federal.

Catalan não quis entrar em detalhes sobre a ação policial, mas observou que vai contar tudo às autoridades francesas, porque ainda não entendeu nada do que ocorreu. De 11h30min às 16h30min, de sexta-feira, os franceses estiveram sob o controle da Polícia Federal, desde que os agentes cercaram o Ciep Josué de Castro, na Rua Amônia — Parque Alian, revistando bagagem por bagagem. Na operação comandada pelo delegado Alfredo, foram detidos Catalan, Alain Pointet, Alzira Martins — filha de português — e Bernard Piras, electricista de 27 anos, que levou um *pescoção* por não falar português.

Vários moradores que há 20 dias mantinham contatos com os franceses confirmaram a inusitada ação policial, que teria contado até com o apoio de um helicóptero. A maior surpresa foi em consequência de os franceses terem avisado de seu trabalho até o Comando do 21º BPM, de São João. Apesar de tudo, um dos franceses, Alain Pointet, 24 anos, fez questão de frisar que a Baixada não é tão violenta quanto sua fama: “Não fui assaltado por nenhum ladrão”.

Luiz Bettencourt



Os franceses passaram cinco horas detidos

UM OLHAR SOBRE A BAIXADA - Frei Luís Thomaz

A IGREJA VIVE NA MISÉRIA?

O último retorno da excitação hadalativa sobre violência na Baixada Fluminense reencarnou Joãozinho Trinta em um delegado de vigilância aqui do pedaço. Esforçando-se por destrinchar e servir a um cônsul holandês, que fazia na Baixada o safári da miséria, o caldo de cultura gerador da característica máxima da área, nosso delegado disparou sua escopeta intelectual apontada para a Igreja. A "Revista de Domingo" do "Jornal do Brasil" (12-07-87) registrou o estrago: "Se acabar com a miséria, acabam com 80% da Igreja". Como se percebe, é a aplicação teológica da filosofia carnavalesca nilopolitana, cujo mergulho mais rasante consignou-se na pérola conhecida de todos: — "Quem gosta de miséria é intelectual!"

Será verdade que a Igreja vive da miséria e que a preocupação por ela não passa de fixação dos intelectuais? O esclarecimento dos termos nos há de ajudar na honesta colocação do problema. Miséria não é teorização. Em vez de porcentagens e gráficos, ela é a condição real em que vive grande parte do povo brasileiro, destituído de tudo em país imenso e rico, capaz de produzir a abastança geral. Mas não a produz, porque o projeto não é este. O projeto avança na direção contrária, pela contramão da história, concentrando riqueza e poder em poucas mãos, à custa do suor derramado e mal pago das maiorias nacionais. A realidade é esta, mas o que importa é manter a pose!

Esclarecido de que miséria se trata, vamos aos outros termos da equação. O rigor filosófico exige que separemos as ovelhas dos cabritos. Há o intelectual que se preocupa com a miséria e o intelectual insensível a ela. De um lado, o típico intelectual brasileiro elitista e alienado. Para ele, o que menos interessa é o intelecto. Ele não perde tempo nas viagens em busca do conhecimento engajado e transformador da iniquidade. Isso não leva aos cofres nem aos tronos. O que se busca é o brilho exterior, plumas e paetês, a participação nas pompas do poder, nas migalhas do poder, mesmo às custas do hímen moral. Os palácios e as academias oficiais constituem a geografia preferida destes importantes senhores, aliciados para esclerosar os impulsos revolucionários do verdadeiro conhecimento.

Situações análogas se repetem na Igreja. Em um dos lados, colocaram-se hierarcas anti-populares, que assumem segurar a função subjugante e legitimadora que a religião pode exercer e tem exercido em nossa história. A marca deles é o autoritarismo sem diálogo. Resultado de sua presença é o retardo na assunção da autonomia, por parte de nosso povo oprimido e religioso. O Evangelho é pregado como fundamento e motivação para a ordem social. Não se coloca a ilegitimidade de uma ordem que termina sendo desordem fratricida, imposta pelos donos de dinheiro e poder, assegurada pelas armas militares, aspergida por eclesiásticos mais leais aos opressores do que às suas vítimas.

Existe ainda o lado onde se encontram os verdadeiros intelectuais e os pastores do povão brasileiro. Eles não gostam da miséria nem vivem dela. São outros os que têm motivo de gostar da miséria, porque vivem dela, enricam com ela, amontanham seus bens às custas dela. Intelectuais e religiosos comprometidos com seu povo, em vez de gostar, denunciam a miséria, rompem solitariamente o silêncio monstruoso de nossas consciências, conclamam para sairmos da insensibilidade ou indiferença e passarmos a assumir as dores e os anseios dos nossos irmãos, miserabilizados pela irresponsabilidade comum. Nosso povo precisa de pastores que deixem um pouco de lado os sadios e ricos, a fim de dar a atenção necessária às ovelhas mais necessitadas. Na Igreja do Brasil, é graça divina que pastores assim constituam a maioria.

Na guerra ideológica pela conquista dos espaços entra em campo a propalada distinção entre progressistas e conservadores. Os progressistas são qualificados oficialmente como atropeladores despudorados dos tesouros antigos que os antepassados ajuntaram. Nisso, joga-se, sobre o passado, um véu de santidade que ele não possuía de forma tão generalizada. Com tal jogada, dribla-se o imperativo de conversão e mudança. Os conservadores seriam aqueles que, abnegadamente, assumem a defesa dos valores perenes, ameaçados por indivíduos dissipados e inquietos. Proponho substituir a terminologia por coerentes e incoerentes com o Evangelho. Coerentes seriam os que se colocam no lado dos pobres e se acompanham dos pobres. Não porque gostem de miséria e dela vivam, mas para animar e azeitar a máquina da mudança, que é o povão brasileiro se unindo e se organizando, assumindo a autonomia de suas opções na caminhada libertadora.

Carta do Bispo Diocesano sobre a Romaria da Terra (20-9-87)

Sept. 17
Cam.

MEUS IRMÃOS, MINHAS IRMÃS EM JESUS CRISTO,

Em setembro do ano passado celebramos a Romaria da Terra, em Pedra Lisa, área sofrida e problemática de nossa diocese. Este ano a segunda Romaria da Terra, do Estado do Rio, terá lugar em Pinheiral, Diocese de Barra do Piraí — Volta Redonda.

Romaria é uma caminhada de Fé. Milhões de brasileiros peregrinam todos os anos para Aparecida, num gesto de confiança na Virgem Santíssima. Nas áreas sofridas do Nordeste também milhões de brasileiros vão em piedosa romagem até o Santuário de São Francisco de Canindé, confiando ao Pobrezinho de Assis as suas piedosas esperanças.

Caminhada de Fé em Aparecida e em Canindé. Caminhada de Fé também nas Romarias da Terra que nos últimos anos acontecem pelo Brasil afora. Aí vamos em romaria de amor aos nossos irmãos oprimidos e sacrificados. Aí vamos em cumprimento do grande mandamento da caridade, pois a nossa Fé nos ensina, com Jesus, que o mandamento do amor de Deus e o mandamento do amor dos irmãos são fundamentais e inseparáveis. Ou na formulação de João (1Jo 3,16) "Nisto conhecemos o Amor: ele (Jesus) deu a vida por nós, e nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos." "Aquele que ama a Deus ama também o seu irmão."

(1Jo 4,21).

Em face do sofrimento de tantos irmãos nossos que procuram pelo trabalho digno receber o necessário para uma vida digna, sem pesar nada sobre o Governo e a sociedade; em face das deturpações tradicionais que colocam a propriedade estéril acima do trabalho fecundo e fecundante em face da opressão legal que esmaga os irmãos ansiosos de terem o seu pedacinho de terra: não podemos ficar indiferentes, omissos, acovardados.

A Romaria da Terra, ordeira e pacífica, mas clara e firme, quer ser um sinal de nossa Fé, de nossa Esperança e de nosso Amor. Somos Povo de Deus, Povo escolhido, Povo da Aliança, Povo sacerdotal, Povo messiânico. Não podemos assim ficar parados e medrosos diante do espetáculo escandaloso de pessoas batizadas no sangue de Jesus — donos de terra abandonada — oprimirem seus irmãos também batizados no sangue de Jesus que querem trabalhar com o suor de seu rosto, para viverem com a dignidade de filhos de Deus.

Embora eu esteja longe neste dia, peço a nossos irmãos e irmãs da Baixada Fluminense e da Diocese de Nova Iguaçu que vão numerosos a Pinheiral, numa Romaria de Fé que abrirá os olhos dos cegos para o sofrimento dos irmãos.

Abençoando-os de coração.

Seu irmão Bispo, Adriano.

2.ª ROMARIA DA TERRA — Direito do Trabalhador

Sept. 17
Cam.

Será realizada no dia 20 de setembro de 1987, no MUTIRÃO DA PAZ, em Pinheiral, distrito de Piraí, na Diocese de Volta Redonda, a 2ª ROMARIA-CAMINHADA DA TERRA. Para a caminhada estão convidados lavradores, operários, comunidades, mutirões, associações, movimentos populares...

Romaria é uma caminhada que o povo faz para um lugar que tem um sentido muito especial: lugar onde o povo sofre, luta, resiste. E a terra é um desses lugares. E lá Deus também está, porque Ele prometeu aos seus filhos uma terra para ser distribuída entre todos os irmãos.

O Estado do Rio de Janeiro celebrou sua 1ª Caminhada, no ano passado, em Pedra Lisa — Nova Iguaçu. O lema foi «Terra é Vida», e lá se juntaram mais de 5 mil pessoas.

Este ano, a 2ª Caminhada será em Pinheiral, no MUTIRÃO DA PAZ, uma ocupação dos SEM-TERRA, que estão aí desde junho de 1986. Já passaram por muitos sofrimentos, pois a terra é disputada por um rico grileiro, que os ameaça de todas as formas.

O lema da Romaria-Caminhada, deste ano é: «TERRA: DIREITO DO TRABALHADOR E LEI DE DEUS». E será um dia de caminhada, e oração, de reflexão e encontros, de cantos e alegria, mas também de denúncia. Denúncia da política dos governos que não fixa o trabalhador na terra, nem realiza a Reforma Agrária e a Reforma Urbana. Denúncia da violência impune dos grandes e também do Governo, que semeiam os conflitos e assassinam os trabalhadores.

Será um dia de continuação da luta para que o povo oprimido conquiste sua libertação! Reserve seu ônibus. Levem sombrinha ou chapéu de palha. Levem lanche e água. Levem símbolos, cartazes, faixas, cantos, teatro sobre o tema. Levem seus instrumentos musicais!

Levem seu entusiasmo, sua força de lutar, sua garra comunitária! Terra plantada — Fome liquidada!

Vamos participar da 2ª CAMINHADA DA TERRA. Terra repartida — Povo com Vida!



Viagem de Dom Adriano

Nossa Diocese

13-9-87 CML D. ADRIANO - BISPO DIOCESANO

FREI LUIZ THOMAZ — interino

VIAGEM DE DOM ADRIANO —

Nosso bispo empreendeu mais uma de suas maratonas anuais à Europa. Foi visitar igrejas locais e instituições alemãs, austríacas e suíças, que cooperam com nossa Diocese. Pode até ser que exista quem pense diferente, mas dou testemunho de experiência própria: são umas quatro semanas totalmente cansativas, com debates, reuniões e discussões todos os dias e todas as noites. As pessoas e entidades que organizam a programação estão convencidas; esse tipo de presença da Igreja do Brasil é fundamental para a conscientização das Comunidades no Primeiro Mundo, a respeito dos problemas e carências de nossas Comunidades. Visitas de líderes cristãos como Dom Adriano são ainda importantes, pois denunciam as injunções entre a riqueza dos países ricos e a miséria de nossos países pobres.

CONGRESSO NACIONAL DA UNIAO E CONSCIENCIA NEGRA — Foi em

Nova Iguaçu, domingo passado, em nosso Centro de Formação de Moquetá. Uma centena de lideranças negras escolheu nossa cidade, na oprimida Baixada Fluminense, para levar avante a reflexão sobre a histórica opressão e marginalidade social da raça negra, em nosso país. Em ocasiões assim, acontecem os milagres, figurados no Evangelho: caídos recebem a ordem de levantar-se e andar; derrubados assumem a dignidade humana como direito deles também; entristecidos pela inferiorização social se verticalizam e abrem o sorriso dos que se libertaram: alegria tão fundamental que não aceitam mais que os outros sejam privados do acesso a ela; e colocam-se à disposição da caminhada libertadora dos seus irmãos oprimidos, na certeza cristã: os milagres são hoje operados pela força de Deus que se manifesta em seu povo se organizando.

CONGRESSO INTERDIOCESANO DE PROFESSORES CRISTAOS —

Aconteceu também em nosso Centro de Formação, em Moquetá. Participaram livremente professoras e professores cristãos das Dioceses de Itaguaí, Volta Redonda, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Foram repassados os problemas fundamentais do Ensino Religioso. Preocupações meramente teóricas? Problemas meramente teológicos? De forma nenhuma! Basta você ligar seu radinho de manhã pelas estações; ou dar uma volta em uma de nossas cidades; aí você vê que o problema evangélico nada tem de distante: está intimamente próximo às preocupações diárias de nossa população. Como se aproveita essa religiosidade natural de nosso povo! Como se usa o Nome de Deus para enganar este povo! Como o Nome de Deus tem sido usado, para impedir que o povo se conscientize e use sua força histórica!

CONGRESSO INTERDIOCESANO DE PROFESSORES CRISTAOS —

Muitas dezenas de professores cristãos das nossas quatro Dioceses vizinhas passaram a última quarta-feira mergulhados nesta discussão. Como ajudar a criança e o jovem a descobrir que Deus é Libertador? Como ajudá-lo a descobrir que o Nome de Deus foi constantemente usado em vão, para domesticar as pessoas, para amedrontar a liberdade humana, para impedir que o ser humano se despregue e se realize, assumindo sua autonomia? O Congresso de Professores Cristãos, em Nova Iguaçu, aprofundou as certezas de sempre: ajudar nossos jovens a encontrar-se com Deus não é simples transmissão didática de conteúdos religiosos escolares. Deus onipresente se encontra e se revela em muitos lugares; entre nós, sobretudo nas situações sociais de aniquilamento do irmão. Para não ser discurso religioso insequente, nossa fé pessoal e comunitária é sobretudo trabalho de resposta às interrogações que Deus Pai nos faz, no sofrimento e na morte do irmão.

DESAPROPRIACAO DA FAZENDA SAO BERNARDINO — A notícia foi

divulgada pelo jornal "O Dia", da semana passada. Em poucas linhas, sem mencionar detalhes. A gleba teria sido desapropriada, em benefício dos ocupantes, agricultores pobres. O Presidente da República teria assinado o decreto de desapropriação, para fins de reforma agrária. Nestas horas, o ato final do processo, como é noticiado, parece fruto da unanimidade dos governantes. Mas não é! Neste Brasil de milhões de quilômetros quadrados de terra rica e boa, muitos milhões de famílias de agricultores pobres são forçados a emigrar para as desumanas periferias das cidades grandes. Aqui, a maior parte vegeta em subempregos, desligada de suas raízes familiares, afetivas e comunitárias. Tanto sofrimento leva grande parte deste povo a construir soluções, com sua própria iniciativa e força. Foi o que sucedeu em São Bernardino: os governantes assinaram, debaixo, uma caminhada que foi construída pela força e pela sadia teimosia do povo organizado. Os agradecimentos desta vitória devem ser debitados sobretudo à garra daqueles agricultores os quais, contra toda esperança, levaram a mão do Presidente a assinar a desapropriação.

POSTOS DE SAUDE DA CARITAS

A esse título, foram feitos comentários, na coluna "Na Baixada", de "O Dia" — (08-09-87). Os comentários do jornal sirvam para nos animar a todos: "Decorridos apenas três meses, após sua implantação, o serviço de Minipostos de Saúde do Inamps — que já instalou 23 — é um sucesso garantido. Esses minipostos fazem parte do Programa S.O.S. Baixada, do Ministério da Saúde, mas desenvolvido pela Caritas Diocesana. Diante do sucesso, outras 30 comunidades do Município esperam inscrição, para receber os benefícios dos minipostos. A idéia original dava à Prefeitura Municipal a administração dos minipostos mas, por não ter a municipalidade cumprido as metas fixadas pelo Ministério da Saúde, a tarefa foi entregue à Caritas Diocesana."

Comissão vai apurar morte

Da Sucursal do Rio

O presidente da Comissão de Investigação dos Crimes de Extermínio na Baixada Fluminense (conhecida por Comissão da Violência) e vice-governador do Rio, Francisco Amaral, 55, disse ontem, depois de se encontrar com o novo secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, que a comissão vai "avocar para si" a apuração dos crimes ocorridos na Baixada Fluminense desde a posse do secretário, após ser feita uma triagem e ficar esclarecido quais deles são realmente consequência da atuação dos grupos de extermínio. Ontem, foram mortas mais quinze pessoas no Grande Rio, o que aumenta para 92 o número de pessoas assassinadas na região desde a posse de Saboya, na última sexta-feira.

Ontem, Saboya esteve em Teresópolis (95 km ao norte do Rio) para acompanhar o enterro do delegado Roberto Luís Ferrone, morto anteontem por dois homens não encontrados até as 20h de ontem. À tarde, Saboya deu posse ao novo corregedor de Polícia, Peter Gers. Entre os policiais que compareceram à posse estava o delegado da Delegacia de Roubos e Furtos, Hélio Vício. Após a posse, Saboya recebeu os sete membros da Comissão da Violência, que lhe pediram maior agilidade na avocação dos processos. Eles esperam que, após pedirem o processo, possam, imediatamente, começar as investigações.

Amaral, em entrevista coletiva, disse que a Comissão não divulgou

para o secretário a lista dos policiais suspeitos de participar dos grupos de extermínio porque os nomes ainda estão sendo investigados. A Folha apurou que a lista não foi entregue porque o secretário não a pediu. O vice-governador do Rio disse também que desconhece a causa do aumento da violência na Baixada Fluminense. Segundo ele, na gestão do ex-secretário Marcos Heusi Neto (antecessor de Saboya), o número de crimes havia diminuído na região.

Foram expulsos da Polícia Militar ontem três PMs envolvidos na venda de armas para os traficantes do morro Dona Marta, em Botafogo, zona sul do Rio. São eles os sargentos Djalma Roberto do Nascimento e Gilcemar Roberto Bahia e o cabo

DA S. PAULO

Quinta-feira, 17 de setembro de 1987 — CIDADES — MORTES — A - 13

Mortes na Baixada Fluminense

Sérgio Gomes da Silva. No último dia 3, quatro policiais já haviam sido expulsos da corporação.

Exoneração

O diretor da Delegacia de Vigilância e Capturas da Polícia Interestadual (Polinter), Mauro Magalhães, disse ontem, em entrevista coletiva na Secretaria de Polícia Civil, que pediu exoneração do cargo após tomar conhecimento de que a denúncia do delegado Luís Antonio Leandro Bordiak — que o acusou, em depoimento na Corregedoria de Polícia, de extorquir US\$ 22 mil (Cz\$ 1,1 milhão), uma escopeta e um revólver de uma agência de turismo — chegara aos jornais. Magalhães negou as acusações. O assessor de imprensa

da Secretaria de Polícia Civil, Haroldo Machado, disse que Magalhães apenas colocou seu cargo à disposição.

A diligência que gerou a denúncia ocorreu no final de agosto, quando o delegado Nicolau Matuk esteve na Henrique Viagens Ltda., designado por Magalhães para apurar a denúncia do próprio Bordiak, de que lá haveria grande quantidade de cocaína em pasta e em pó. Segundo Magalhães, Matuk nada encontrou de irregular.

A acusação foi feita no dia 8, quando Bordiak compareceu espontaneamente à 3ª DP para assumir a responsabilidade pela colocação de três bananas de dinamite sem detonador, quatro dias antes, na agência

de turismo. A Secretaria de Polícia Civil revelou que Bordiak deixou a Polinter em fevereiro último, três meses antes de Magalhães assumir.

No depoimento, Bordiak dissera que era lotado na Polinter e fora afastado por saber da extorsão.

Magalhães disse que não conhece Bordiak e chamou-o de doente mental. Para ele, existe uma campanha da imprensa contra os delegados "que trabalham". Há menos de um mês, o detetive João da Silva Bistene, da equipe de Magalhães, foi condenado a treze anos e meio de prisão por extorsão, sequestro e desaparecimento do jóquei chileno Francisco Irigoyen Jimenez e três pessoas, em 84.



Nossa Diocese

D. ADRIANO - BISPO DIOCESANO

Viagem de Dom Adriano

FREI LUIZ THOMAZ — interino

VIAGEM DE DOM ADRIANO — Nosso bispo empreendeu mais uma de suas maratonas anuais à Europa. Foi visitar igrejas locais e instituições alemãs, austríacas e suíças, que cooperam com nossa Diocese. Pode até ser que exista quem pense diferente, mas dou testemunho de experiência própria: são umas quatro semanas totalmente cansativas, com debates, reuniões e discussões todos os dias e todas as noites. As pessoas e entidades que organizam a programação estão convencidas: esse tipo de presença da Igreja do Brasil é fundamental para a conscientização das Comunidades no Primeiro Mundo, a respeito dos problemas e carências de nossas Comunidades. Visitas de líderes cristãos como Dom Adriano são ainda importantes, pois denunciam as injunções entre a riqueza dos países ricos e a miséria de nossos países pobres.

CONGRESSO NACIONAL DA UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA — Foi em Nova Iguaçu, domingo passado, em nosso Centro de Formação de Moquetá. Uma centena de lideranças negras escolheu nossa cidade, na oprimida Baixada Fluminense, para levar avante a reflexão sobre a histórica opressão e marginalidade social da raça negra, em nosso país. Em ocasiões assim, acontecem os milagres, figurados no Evangelho: caídos recebem a ordem de levantar-se e andar; derrubados assumem a dignidade humana como direito deles também; entristecidos pela inferiorização social se verticalizam e abrem o sorriso dos que se libertaram; alegria tão fundamental que não aceitam mais que os outros sejam privados do acesso a ela; e colocam-se à disposição da caminhada libertadora dos seus irmãos oprimidos, na certeza cristã: os milagres são hoje operados pela força de Deus que se manifesta em seu povo se organizando.

nesta discussão. Como ajudar a criança e o jovem a descobrir que Deus é Libertador? Como ajudá-lo a descobrir que o Nome de Deus foi constantemente usado em vão, para domesticar as pessoas, para amedrontar a liberdade humana, para impedir que o ser humano se despregue e se realize, assumindo sua autonomia? O Congresso de Professores Cristãos, em Nova Iguaçu, aprofundou as certezas de sempre: ajudar nossos jovens a encontrar-se com Deus não é simples transmissão didática de conteúdos religiosos escolares. Deus onipresente se encontra e se revela em muitos lugares; entre nós, sobretudo nas situações sociais de aniquilamento do irmão. Para não ser discurso religioso inconsequente, nossa fé pessoal e comunitária é sobretudo trabalho de resposta às interrogações que Deus Pai nos faz, no sofrimento e na morte do irmão.

DESAPROPRIAÇÃO DA FAZENDA SÃO BERNARDINO — A notícia foi divulgada pelo jornal "O Dia", da semana passada. Em poucas linhas, sem mencionar detalhes. A gleba teria sido desapropriada, em benefício dos ocupantes, agricultores pobres. O Presidente da República teria assinado o decreto de desapropriação, para fins de reforma agrária. Nestas horas, o ato final do processo, como é noticiado, parece fruto da magnanimidade dos governantes. Mas não é! Neste Brasil de milhões de quilômetros quadrados de terra rica e boa, muitos milhões de famílias de agricultores pobres são forçados a emigrar para as desumanas periferias das cidades grandes. Aqui, a maior parte vegeta em subempregos, desligada de suas raízes familiares, afetivas e comunitárias. Tanto sofrimento leva grande parte deste povo a construir soluções, com sua própria iniciativa e força. Foi o que sucedeu em São Bernardino: os governantes assinaram, abaixo, uma ca-

CONGRESSO INTERDIOCESANO DE PROFESSORES CRISTÃOS — Aconteceu também em nosso Centro de Formação, em Moquetá. Participaram livremente professoras e professores cristãos das Dioceses de Itaguaí, Volta Redonda, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Foram repassados os problemas fundamentais do Ensino Religioso. Preocupações meramente teóricas? Problemas meramente teológicos? De forma nenhuma! Basta você ligar seu radinho de manhã pelas estações; ou dar uma volta em uma de nossas cidades; aí você vê que o problema evangélico nada tem de distante: está intimamente próximo às preocupações diárias de nossa população. Como se aproveita essa religiosidade natural de nosso povo! Como se usa o Nome de Deus para enganar este povo! Como o Nome de Deus tem sido usado, para impedir que o povo se conscientize e use sua força histórica!

CONGRESSO INTERDIOCESANO DE PROFESSORES CRISTÃOS — Muitas dezenas de professores cristãos das nossas quatro Dioceses vizinhas passaram a última quarta-feira mergulhados

minhada que foi construída pela força e pela sã teimosia do povo organizado. Os agradecimentos desta vitória devem ser debitados sobretudo à garra daqueles agricultores os quais, contra toda esperança, levaram a mão do Presidente a assinar a desapropriação.

POSTOS DE SAÚDE DA CARITAS — A esse título, foram feitos comentários, na coluna "Na Baixada", de "O Dia" — (08-09-87). Os comentários do jornal sirvam para nos animar a todos: "Decorridos apenas três meses, após sua implantação, o serviço de Minipostos de Saúde do Inamps — que já instalou 23 — é um sucesso garantido. Esses minipostos fazem parte do Programa S.O.S. Baixada, do Ministério da Saúde, mas desenvolvido pela Caritas Diocesana. Diante do sucesso, outras 30 comunidades do Município esperam inscrição, para receber os benefícios dos minipostos. A idéia original dava à Prefeitura Municipal a administração dos minipostos mas, por não ter a municipalidade cumprido as metas fixadas pelo Ministério da Saúde, a tarefa foi entregue à Caritas Diocesana."

Ok! Ft Caminhole

Baixada, Morros e a Bandidagem de Direita

Com o título de barões das biroscas, o admirável Hélio Pellegrino publicou no Jornal do Brasil (9-9-87) considerações sobre as guerrilhas urbanas do Rio. Do alto da sabedoria do nosso Hélio Pellegrino, contemplemos a Baixada Fluminense. E, com ele sintamos: a atual violência urbana, nos morros e baixadas, nada tem de revolucionário. É o capitalismo selvagem se reproduzindo nas periferias, bandidos assumindo lideranças populares para reproduzir a opressão, a violência e o inferno, em cima dos mais pobres e indefesos.

«O morro é o gueto, o apartheid — a pobreza absoluta posta à margem. A favela existe porque a reforma agrária não é feita. Levas e levas de párias migrantes se deslocam do campo para a cidade grande. A miséria do campo é inerarrável. As populações camponesas, atraídas pela miragem da cidade grande, se movem no sentido de sua sinistra luz. As grandes cidades incham, a mão-de-obra aviltada pelo subemprego — ou desemprego — se encarpita nos morros. Os mais valentes e aguerridos sucumbem à tentação da delinquência, incrementada pelo status quo social e político.»

«O morro é sintoma da doença brasileira, pus que escorre da chaga produzida pela injustiça. Para que se possa tratar a ferida, é necessário submeter o capitalismo selvagem a uma cirurgia radical. É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar no campo o homem do campo. É preciso rever o conceito de propriedade, derrubando-o de sua posição de fetiche. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos. Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos. Não esqueçamos que o latifúndio, em nosso país, tornou-se aliado da burguesia nacional.»

«O processo de industrialização foi, em seu início, liderado pelos barões da aristocracia rural. Não houve, entre nós, contradição grave entre o latifúndio e o capitalismo nascente e crescente. Essas forças sociais, ao contrário, sempre estiveram juntas e aliadas. O capitalismo selvagem brasileiro, tal como está, atende com perfeição aos interesses das classes possuidoras. Existe, no país, uma nata de ricos, que nada fica a dever aos potentados in-

ternacionais. A concentração de renda e a despossessão dela decorrente criam entre nós um desnível social dos mais altos do mundo.»

«Qualquer transformação da sociedade brasileira, no sentido da democracia, da justiça e da igualdade, provoca nos estratos dominantes choro e ranger de dentes. A dita burguesia progressista é «apenas uma fotografia na parede. Mas como dó!» Por isso, é mais barato e lucrativo manter o sintoma do que enfrentar e desarraigar a doença. Não convém que ela seja operada, ou melhor: a doença o é apenas para as grandes massas espoliadas. Para os dominadores, constitui sarna capaz de transformar-se, ao fim das contas, em cafuné e delírio. Eis o motivo profundo pelo qual as favelas seguem e prosseguem. Não há interesse em erradicá-las, uma vez que tal medida implicaria transformações sociais lesivas ao egoísmo da classe dominante.»

«A favela, portanto, cresce e se multiplica ao preço de que suas lideranças fiquem nas mãos de traficantes e de delinquentes. A ordem perversa dos morros, ao contrário do que parece, faz o jogo do conservantismo de direita... Os poderes vigentes entregam a favela a Zaca, a Dên's, a Cabaludo, a Escadinha, uma vez que estes pró-homens da miséria do povo não querem resolvê-la politicamente, mas estabilizá-la e estruturá-la, sem riscos para a Vieira Souto...»

«Delinquência desse tipo é coisa de direita — nunca de esquerda. Dizer-se que a favela, como está organizada, constitui perigo revolucionário, é afirmação ingênua — ou de má fé. Não há revolução sem consciência política, levada a um grau inigualável de lucidez e paixão. Se as favelas existem é porque, como tais, não representam perigo maior para a ordem política e social. As classes dominantes brasileiras sabem se defender com a crueldade e a eficiência necessária. O esmagamento da guerrilha no Brasil, após o golpe de 64, dá desse fato um testemunho inesquecível... Os trabalhadores que habitam o morro precisam organizar-se politicamente para enfrentar, passo a passo, a estrutura de poder da delinquência. Com a finalidade de desobstruir, em nome da verdadeira luta de classes, o caminho da justiça e da paz.»

Seite 4 11. 10. 1987 *Kul*

Priester mit Tauschein

Der brasilianische Bischof von Nova Iguaco, Adriano Hypolito, hat in Duisburg die Weihe verheirateter Männer zu Priestern gefordert. Wegen der pastoralen Situation in Lateinamerika sei die Zulassung sogenannter „Viri probati“ zum Priesteramt notwendig. Hypolito gilt als einer der profiliertesten Bischöfe Brasiliens und wurde besonders bekannt durch seinen Einsatz für die Rechte der Arbeiter. Sein Engagement brachte ihm Entführung und mehrfache Attentate ein.

REGIÃO I

CONSELHOS COMUNITÁRIOS:
ADMINISTRAR OU PASTOREAR?

O Conselho Regional I reuniu, no dia 11 de setembro, na Catedral, 22 de seus 35 representantes, para uma reflexão sobre os *Conselhos Comunitários*. A reflexão foi coordenada pelo Pe. Valdir de Oliveira, vice-reitor do Seminário Diocesano Paulo VI.

Pe. Valdir começou dizendo que "numa sociedade onde o povo é marginalizado, o desafio que se apresenta à Igreja é o da integração entre *"Comunhão e Participação"*.

A Igreja deve "enfrentar esta situação com estruturas pastorais aptas, organizadas e, com certa unidade". Mas a realidade se mostra como um sinal positivo e, ao mesmo tempo, negativo: de um lado está a consciência, ainda que vaga, de uma Pastoral de Conjunto ou de um Plano Pastoral; Sinodos, Conselhos e o desejo dos leigos de participar. De outro lado, sobrevivem estruturas tradicionais, que não ajudam a vivência comunitária. Há a tentação da burocracia: Cúria, Secretarias, Comissões... e, há pessoas ou grupos que dificultam a organização e a participação.

CAMINHADA TRANSFORMADORA

Diante desta realidade é necessário uma revisão das Estruturas Eclesiais, que deve satisfazer às exigências da situação histó-

ca e ter os olhos fixos na natureza da Igreja e, estar orientada para a catolicidade, a comunhão e participação.

Será preciso que a Igreja viva o Mistério da Comunhão, através do sinal visível que é a Comunidade, a Palavra de Deus e os Sacramentos. Esta comunhão, que une todos os batizados, exige que existe multiplicidade de *funções*, pois Deus suscita vários ministérios e carismas para a vida e a missão da Igreja. Esta comunhão deve ainda levar o homem à plena comunhão de vida com Deus, na Comunidade visível da Igreja.

O exercício da comunhão exige, portanto, que a *Ação Pastoral* seja global, orgânica e articulada e, as estruturas devem ser, periodicamente, revistas e reajustadas.

AINDA TEMOS MUITO O QUE FAZER

Os participantes da reunião, concluíram que os Conselhos Comunitários são mais administrativos do que pastoral. Alguns até criam um Conselho Pastoral para suprir esta falha.

Verificou-se ainda, que o rodízio de pessoas é fraco e que, não se conhece o suficiente às atribuições do Conselho Comunitário. Outra constatação é que, quando há eleições, se escolhe pessoas com dom administrativo e pouco pastoral.

CATEQUISTAS DE NOVA IGUAÇU
NO ENCONTRO DO LESTE I

A Diocese de Nova Iguaçu participou do Encontro de Catequese do Regional Leste I, realizado em Arrozal — Volta Redonda, nos dias 16, 17 e 18 de outubro.

Dos 76 participantes das diversas Dioceses do Regional, 12 eram de Nova Iguaçu: Maria Terezinha dos Santos Fater (N. Sr^ª de Fátima e S. Jorge), Luiz Gustavo Nascimento de Oliveira (Santa Maria), Ercília Maria Silvério da Silva (N. Sr^ª da Conceição-Nilópolis), Maria do Socorro Gonçalves da Silva (Parque Flora), Clara Coca (Catedral), Nestor José da Costa (Seminarista — Comendador Soares), Maria de Fátima Freire Gomes (N. Sr^ª Conceição — Bel-

ford Roxo e Coordenadora da Comissão Diocesana de Catequese), Marlene Almeida Silva Pinto (Cabuçu), Sandoval Lopes Araújo (Comendador Soares e vice-Coordenador da Comissão Diocesana de Catequese), Maria José de Araújo (Califórnia), Silvana (Lajes) e Zélia de Moura Coelho (Paracambi).

O objetivo que norteou o Encontro foram critérios para uma visão da realidade, ministério da Palavra, catequese/serviço e metodologia.

Tudo correu em clima de amizade, que tornou possível a discussão e a conquista de pontos comuns.

DIA DE ZUMBI E DA CONSCIÊNCIA NEGRA JOVEM NEGRO É ORDENADO PADRE

Zumbi dos Palmares derramou seu sangue pela causa negra. Queria ver seu povo livre e tratado como gente.

O dia 20 de novembro, quando ele foi assassinado, é o dia dos negros, assumiremos os anseios de liberdade de Zumbi e de lutar para fazer crescer a consciência de luta contra a situação de escravidão em que vivem, como negros, hoje.

Despertado para esta consciência, Ailton Izaias da Silva, jovem negro, nascido e criado em meio aos pobres, quer ordenar-se padre para servir ao Povo de Deus, sobretudo o empobrecido e marginalizado, no meio do qual, em sua maioria, se encontra o povo negro, ao qual Ailton quer servir com atenção e dedicação pastoral.

"OUVI O CLAMOR
DESTE POVO"... NEGRO

A Congregação dos Missionários do Sa-

grado Coração (MSC), Ailton e sua família, estão convidando as comunidades da Diocese de Nova Iguaçu, para juntos celebrar esse 20 de novembro, na esperança de que, a exemplo de Zumbi, os negros e aqueles que são solidários à causa do negro, continuarão a lutar pela libertação, pedindo em voz alta ao Deus da Vida que ouça o clamor deste povo... negro.

Vale lembrar que Ailton mora na Casa dos Missionários do Sagrado Coração, em Heliópolis, e estuda no Seminário Diocesano Paulo VI.

No dia 20 de novembro (sexta-feira), às 20 horas, na Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, será ordenado padre. O bispo ordenante será o Arcebispo da Paraíba, D. José Maria Pires, que também é negro.

Todos estão convidados a celebrar com Ailton, e a viver com ele, o lema da Campanha da Fraternidade de 1988: "OUVI O CLAMOR DESTE POVO" (Ex 3,7).

CEED

IGREJA POVO DE DEUS

PALAVRA DO BISPO

É certo: sem Jesus Cristo não há Igreja. Na atual economia da salvação, podemos dizer que a Igreja nasce de Jesus Cristo, do seu lado perfurado na Cruz. Jesus Cristo é o fundador da Igreja. É o autor da Igreja.

E no entanto é possível dizer, em certo sentido, que a Igreja nasce do Povo. Como?

Basta pensar que sem Povo não existe Igreja. Se os apóstolos no seu tempo, e hoje os sucessores dos Apóstolos anunciam que Jesus Cristo é o salvador e a salvação da Humanidade, é necessário que os ouvintes digam o seu sim e recebam, de início, o Batismo e depois os demais sacramentos. Mas não basta que cada um receba os Sacramentos. É necessário que tenham todos juntos, implícita ou ao menos implicitamente, a consciência de que formam uma comunidade santa. Aí, nasceu a Igreja, como Igreja particular, como Igreja concreta.

A Palavra de Deus é uma oferta do Amor e da Graça. Não é uma imposição ou uma violentação da vontade livre do homem. Daí porque todo esforço do Apóstolo, por mais bem intencionado que seja, ainda não basta para fazer nascer a Igreja aqui e agora. Nenhum Apóstolo, em nenhum tempo ou lugar, tem o poder de fundar Igreja. O seu dever e direito é anunciar o salvador. Começa então um processo novo de participação do homem ou, antes, do Povo, participação que pode levar à aceitação ou também, à rejeição. Aceitando a novidade da salvação que Jesus Cristo oferece pela boca do Apóstolo, o Povo se faz Igreja.

Se o Apóstolo não encontrar corações abertos para a Palavra de Deus, pregará no deserto. Não se realizará Igreja. E não se realizará, porque falta a aceitação.

O Apóstolo sempre é enviado por Jesus

através da Igreja, para fazer a Igreja crescer na medida da graça do Espírito e na medida da liberdade de aceitação dos homens. Mas quando as pessoas aceitam a Palavra de Deus que é uma palavra libertadora, e assim fazem Igreja aqui e agora, o Apóstolo não se coloca em posição dialética, mas, de um modo ou de outro, se integra na nova Igreja. Assim podemos compreender a Palavra de S. Paulo, escrevendo aos romanos: "Desejo muito vê-los, para comunicar-lhes algum dom espiritual que os fortaleça; ou melhor: para no meio de vocês nos confirmarmos uns aos outros na profissão da mesma fé, sua e minha." (Rom 1,11-12). Diante da fé dos romanos, Paulo sentiu-se Igreja com eles, faz parte integrante da Igreja de Roma.

De passagem é bom lembrar que o Apóstolo se sente ligado a todas as Igrejas particulares, nunca se sente como senhor e dono, como alguém que, por seu carisma de Apóstolo, se julga superior à comunidade eclesial. Aliás, Jesus não quer outra coisa dos seus Apóstolos. Quem não se recorda da cena dos filhos de Zebedeu, pedindo pessoalmente ou através da mãe, o direito de ocupar os primeiros lugares? Diante da indignação dos outros (que talvez quisessem a mesma coisa), Jesus toma a palavra e diz: "Vocês sabem que os chefes das nações as governam despoticamente e os grandes abusam do poder que têm sobre elas. Mas entre vocês não será assim. Antes quem quiser tornar-se grande entre vocês, será seu servidor, e quem aspirar a ser o primeiro do meio de vocês, será o seu escravo, a exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate pela humanidade." (cf Mat 20, 26-28). (A.H.)



UM OLHAR SOBRE A BAIXADA

Mais uma Assembléia dos Grupos de Terra

Frei Luís Tomaz

O salão da Cáritas não coube. Precisou ficar gente sentada do lado de fora. O pessoal atendeu massivamente à convocação. Não só aquele dia, sábado passado, 24 de outubro, mas na série cumprida das reuniões anteriores. Era mais uma Assembléia Diocesana dos grupos ligados a problemas de terra urbana e rural. Entre nós, são algumas dezenas de comunidades vivendo o problema da insegurança na posse da terra ou moradia: favelinhas de ocupações, favelas em beira de valões, mutirões de campo e cidade, e conjuntos habitacionais. Todos com sua história particular de lutas, afim de conseguir aquele mínimo de condições de vida para suas famílias.

A mencionada Assembléia foi preparada e transcorreu dentro da boa pedagogia. Sem falsas modéstias! Vimos o áudio-visual da *Sono Viso* sobre Reforma Agrária no Brasil. Isso para começo de discussão. Há quem conteste esta didática e a rotule de indutora, preferindo que se parta logo para a polémica dos pontos-de-vista. Atrás disso, pode estar o autoritarismo inconsciente, que priva um povo sem escolaridade das informações e instrumentos teóri-

cos, dos quais foi privado e aos quais tem direito, e cujo repasse constitui uma das funções dos intelectuais orgânicos. Aquela opinião é visivelmente repudiada pela maioria silenciosa e os sapatinhos de cristal são inescrupulosamente calçados pelos infectíveis discursadores de esquerda, cuja incompetência pedagógica e operacional, tanto tem contribuído para mover os moinhos da direita brasileira.

O objetivo inicial da Assembléia, de nossos grupos de terra, era examinar, mais uma vez, a distância que vai, no Brasil, entre o discurso e os fatos. O INCRA acabara de ser extinto. Esse INCRA, que com todos os seus defeitos, disfunções e corrupções, ainda era o único órgão executor de algum tipo de Reforma Agrária. De um lado, o bordão demagógico de tudo pelo social; do outro, o sistema brasileiro continuando impávido na perversa direção de sempre: nossos ricos e poderosos enricando e se apoderando, às custas do povo trabalhador, na mesma paz de consciência dos antigos donos de escravos. De um lado, a proposta pedagógica fundamentada na fraterna curiosidade e no receptivo silêncio para acolher e enriquecer-

se com a visão do companheiro; do outro, o atropelamento desta boa pedagogia, substituída pela gritaria odienta e hidrófoba. Fico pensando: mais criminoso é quem ocasionou esta corrupção dos simples.

Estas assembléias têm sido convocadas pela Comissão de Justiça e Paz. Intrusão? Parece que não. Aqui vale pouco ou muito o provérbio americano: quem ajuda a carregar é que tem direito a dar opinião.

A Comissão de Justiça e Paz, preenchendo suas finalidades estatutárias, acompanha desde o começo, há muitos anos, umas duas dezenas ou mais de mutirões, cujos representantes compõem as citadas Assembléias: ocupações que deram certo por causa da luta organizada dos moradores. Por causa também da presença, assessoria e acompanhamento da nossa Justiça e Paz. Tal presença, como a repetição das Assembléias, vai continuar, porque os plenários democraticamente assim o decidiram.

E não haverá aumento da força popular, pelos caminhos da discórdia, presunçosamente evidente em qualquer um de nós que se arvora em dono do processo e em libertador do nosso povo.



Reforma Agrária: Grupos ligados à terra tiveram Assembléia no Salão da Cáritas.

Uma luta dos jovens trabalhadores

Apresentando características e problemas específicos, a Juventude Trabalhadora é, hoje, a maior parte da classe operária.

A cada ano, milhões de jovens abandonam a escola para se entregar ao trabalho e, como parte integrante da classe trabalhadora, acabam vivendo as mesmas condições de vida, trabalho e aspirações da classe.

Frente a essa realidade é que militantes do JOC — Juventude Operária Católica, em Nova Iguaçu, vêm se organizando com o dinamismo e a força de transformação que possuem. Isto enquanto jovens que procuram contribuir para que o conjunto dos trabalhadores consiga avançar em suas conquistas. Estes jovens militantes buscam dar uma continuidade às discussões e propostas de ação levantadas no 4º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, realizado em São Paulo, no início de setembro.

A JOC EM NOVA IGUAÇU

A JOC é um movimento organizado de jovens trabalhadores, orientado e dirigido pelos próprios jovens, comprometidos com um ação transformadora.

Como Movimento, assume a responsabilidade da luta de toda a massa popular. É um Movimento autônomo de formação a partir da ação da Juventude Trabalhadora e, está organizado a nível nacional, estadual e por cidade. Em cada nível existe uma coordenação eleita pelos próprios militantes.

Em Nova Iguaçu, a coordenação do Movimento está se desenvolvendo com alguns grupos de base, localizados em Miguel Couto, Vila de Cava, Queimados e Chatuba. Em seu último encontro, realizado na sala da JOC, no CEPAL, a coordenação a nível de cidade, dirigiu as discussões para a realização de uma Assembléia de Jovens Trabalhadores realizada no dia 1º de novembro, em Heliópolis.

A Assembléia contou com a participação dos grupos de base de Nova Iguaçu e os militantes da JOC de São João de Meriti. Teve como objetivo, definir os trabalhos e a organização dos jovens militantes, que pretendem, hoje, fortalecer o Movimento a nível de Baixada Fluminense.

RUMO A UM FUTURO MELHOR

A divulgação e a troca de experiências participativas que esses militantes da JOC estão vivendo, parece ser um caminho a seguir na orientação dos jovens rumo à construção de um futuro melhor.

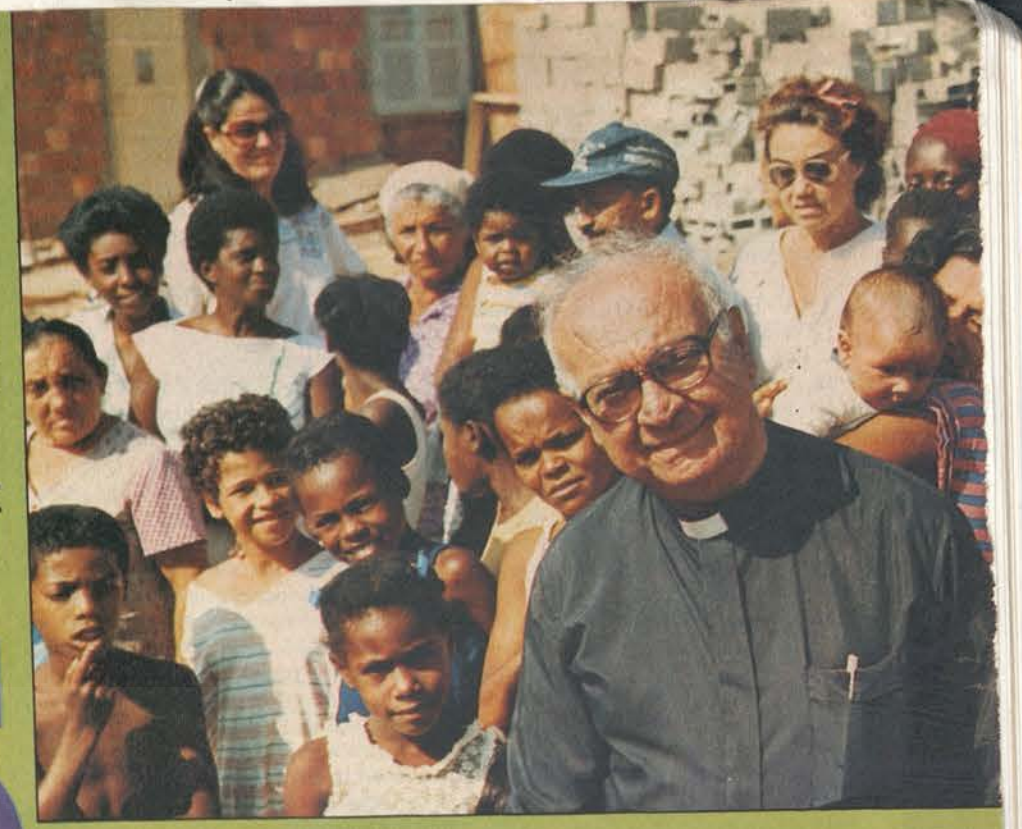
A juventude deve compreender a importância que tem, como organização de jovens trabalhadores, quando desejam mudar verdadeiramente a realidade em que vivem.

Precisamos valorizar as iniciativas de ação de cada jovem, esperando críticas que lhes sirvam para viver o compromisso cristão de libertação da classe trabalhadora.

Entrevista

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

25 ANOS A SERVIÇO DO POVO



Localizada na Baixada Fluminense — conhecida como uma das regiões mais violentas do Rio —, a diocese de Nova Iguaçu celebra 25 anos de criação.

Durante esse tempo a proposta de ação pastoral de d. Adriano Hipólito, bispo da diocese desde 1966, encontrou algumas resistências. Mesmo assim, conseguiu fazer uma bela caminhada. É sobre essa caminhada que d. Adriano fala, com exclusividade, ao leitor de *Família Cristã*

FC — Há quanto tempo o senhor é bispo nesta diocese e como desenvolveu a pastoral?

Dom Adriano — Tenho a graça de viver há quase 19 anos como bispo em Nova Iguaçu, e considero graça de Deus servir numa diocese apresentada como a "mais difícil" do Brasil.

Ao tomar posse, em novembro de 1966, recebi informações aterradoras: pior diocese do Brasil, alta criminalidade, domínio absoluto das seitas e da umbanda, etc. Este quadro da realidade poderia ter-me causado medo. Mas, francamente, não me deixei impressionar, e com alegria comecei o meu serviço. Agora devo confessar que não errei em minhas intuições. Pelo contrário. Confirmei minha esperança. A problemática é complexa, sem dúvida, mas em compensação o povo é bom e aberto, rico em valores espirituais, apesar de viver em meio a tanto sofrimento.

FC — A diocese de Nova Iguaçu celebra 25 anos de criação. O que significa esse tempo na vida de uma diocese como a sua?

Dom Adriano — Pela abundância de problemas que existem nesta região e por sermos uma diocese marcada pelo Concílio Vaticano II, temos o dever de parar um pouco, agradecer ao Pai as maravilhas acontecidas e divisar alguns aspectos para o futuro.

FC — O jubileu foi aberto no início do ano. Como foi desenvolvido até hoje?

Dom Adriano — Ele foi aberto com a consagração da Catedral de Santo Antônio, no dia 26 de março. Foi uma festa que, dentro das muitas possibilidades da liturgia de hoje, teve a marca da participação do povo. Foi uma aproximação real daquilo que deve ser a liturgia: a celebração dos filhos de Deus.

Para o encerramento, no dia 25 de março do próximo ano, está prevista a inauguração do Seminário Diocesano Paulo VI. Além disso, sem que estivesse programado, foram ordenados, em nossa diocese, quatro novos sacerdotes, no dia 11 de agosto último. Quer dizer, a programação do jubileu foi organizada com muito carinho, e vai aconte-

NEUZA KLEIN

FAMÍLIA CRISTÃ

CENTRO DE ESTUDOS DA FAMÍLIA



ando na alegria, às vezes, na improvisação, mas com a colaboração de toda a comunidade.

FC — Dentro do "previsto", houve outros momentos fortes de celebração?

Dom Adriano — No dia 22 de setembro, comemoramos o Ano Internacional da Juventude e, ao mesmo tempo, o jubileu da diocese. Fizemos uma concentração de jovens, no intuito de conscientizá-los a respeito de sua missão na Igreja e da necessidade de cada um contribuir no enriquecimento da comunidade local com os valores juvenis. Também nesse dia, Nova Iguaçu homenageou a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Esta iniciativa partiu de várias comunidades, e aceitei-a com alegria, porque vejo na CNBB um elemento imprescindível à ação da Igreja no Brasil e à unidade da Pastoral em nossas dioceses. O Vaticano II oficializou as conferências episcopais. Dentro disso, a CNBB mantém-se na obediência ao Papa, respeitando também a vida das dioceses.

De 1964 para cá, nos anos de repressão, os bispos souberam, com firmeza e sensibilidade, garantir a liberdade da Igreja, defendendo os direitos humanos e imprimindo traços de unidade ao trabalho pastoral. Foram anos de fogo para todos nós. A CNBB saiu-se muito bem na prova. Por isso mereceu a homenagem do povo da Baixada, que sempre encontrou, nesse organismo, apoio e solidariedade.

FC — Percebe-se, pela programação, que há outros aspectos na celebração do jubileu...

Dom Adriano — O programa inclui

dois tipos de comemorações particulares: as missões populares e a visita pastoral do bispo às diversas paróquias. Na preparação do jubileu pensamos, a princípio, nas missões tradicionais com padres vindos de fora. Porém, na impossibilidade de contar com eles, as paróquias se organizaram com missionários da própria comunidade, a maioria leigos. E tem dado certo.

Quanto às visitas pastorais, devo confessar que o contato com o povo é para mim um processo de fecundação e animação espiritual. Sempre que partilho a vida do povo dentro do meu serviço episcopal volto ricamente remunerado. Sinto que esse povo me dá muito mais do que aquilo que de mim recebeu, e isso me ajuda a ser melhor servidor dos meus irmãos. Estou visitando paróquia por paróquia. Sinto-me, com isso, intensamente gratificado.

FC — Quanto à participação ativa dos leigos na pastoral, ela atenua o trabalho do padre?

Dom Adriano — A participação dos leigos na pastoral orgânica e sistemática é muito importante. O Concílio Vaticano II deu a eles, em níveis pastorais, alguns encargos que antes eram atribuídos somente ao clero: o múnus profético, régio e sacerdotal. O novo *Direito Canônico* legisla também, com muita clareza, sobre a participação mais atuante dos leigos, de tal modo que a Igreja, que é o bispo e o padre, mas é também o povo de Deus, ou os leigos, aparece mais integrada na sua missão de anunciar o Salvador e a salvação.

Isso não significa, porém, um alívio na ação pastoral do padre. Acredito que a acentua um pouco mais, dado que as comunidades mais ativas sentem-se com o direito de exigir maior assistência e presença do sacerdote.

FC — E a pastoral vocacional, está bastante desenvolvida?

Dom Adriano — No encerramento do jubileu, no próximo ano, vamos inaugurar o seminário que não só estará à disposição de dioceses vizinhas, como também das congregações religiosas. Apesar de todas as dificuldades materiais e humanas, valeu a pena iniciar esta empresa. Como fugir da necessidade de formar nossos futuros padres? Somos apenas 60. Destes, dois terços vêm de outras nações e o restante, de vários Estados do País. Por isso, com muita alegria, cultivamos as pessoas vocacionadas. Se pensarmos seriamente no que afirmei antes — que a participação maior dos leigos pede uma participação maior do padre —, vemos que a falta de sacerdotes se constitui num dos problemas intereclesiais mais preocupantes. Isso também com relação às congregações femininas.

FC — Assumir a realidade, refletir so-

bre os acontecimentos e enfrentar os problemas têm sido características marcantes desta Igreja particular. Quais foram os fatores que contribuíram para essa integração povo e Igreja?

Dom Adriano — O primeiro foi o Concílio Vaticano II. O segundo, a revolução de 1964. Nossas comunidades estavam começando sua caminhada eclesial sem o peso das tradições vindas através das gerações. Cheguei aqui imediatamente após o encerramento do Concílio, e, encontrando os bons fundamentos lançados por meus dois antecessores, era claro o rumo da pastoral a ser tomado.

Os 20 anos que vivemos dentro desse regime levaram a Igreja do Brasil a assumir sua missão profética. Ela, que em 1964 se deixou envolver pelo anticomunismo das elites dominantes, descobriu-se, na sua essência mais profunda, como povo de Deus. E fez uma alegre e dolorosa caminhada de distanciamento em relação a esquemas de poder político, econômico e militar. No futuro será contada esta história de uma Igreja que se desencontra dos poderosos para se encontrar



O POVO DE DEUS ASSUME A CAMINHADA

com os humildes. E como pagou caro essa conversão profunda, durante os anos de repressão. Estes dois fatores, um eclesial e outro político, contribuíram, a seu modo, para a pastoral se voltar para o povo, se realizar com o povo, trazer a marca do povo.

FC — Falando em povo, as maiores dificuldades da Baixada estão relacionadas apenas com o problema econômico?

Dom Adriano — Os problemas do povo da Baixada são fruto de uma lamentável esquizofrenia social, que tem marcado tragicamente nossa Pátria. De um lado, uma elite alienada e privilegiada, que tem o poder na mão: elite cultural, política, militar e empresarial. Do outro, as grandes massas vivendo à margem do processo social. São

TRI-SEGURO CONSUL

Uma novidade que vai mexer com o mercado de Freezers

Depois do sucesso do lançamento do sistema duplo-alarma contra queda de temperatura de seu Freezer Vertical, a Consul surpreende o mercado e os consumidores, mais uma vez este ano, com outra proposta revolucionária: TRI-SEGURO CONSUL para suas linhas de freezers.

O TRI-SEGURO CONSUL representa uma grande garantia e tranquilidade para quem tem um Freezer Consul em casa. Através dele, estarão assegurados também, durante o período de garantia, os alimentos acondicionados no freezer.

SEGURO ATENDIMENTO

Provando a eficiência do Pronto Serviço Consul

Todo proprietário de um Freezer Consul, de uso doméstico, pode contar, a partir de agora, com um atendimento preferencial. Em qualquer hora, local ou situação. E para isto basta chamar o Pronto Serviço Consul que o atendimento será rápido e efetivo. Em caso de dúvida ou necessidade de maiores informações, o cliente Consul pode ainda recorrer ao LDCC — Linha Direta Consul Consumidor, ligando para 255-8866, da cidade de São Paulo e (011) 800-8866, do Interior de São Paulo e de outros Estados.

As despesas com a ligação ficam por conta da Consul.

SEGURO REPOSIÇÃO

A certeza de se ter a Consul sempre trabalhando por você

Nos casos em que for necessária a remoção do Freezer Consul de uso doméstico, para manutenção ou reparos, a equipe de Pronto Serviço Consul já leva na bagagem um freezer estepe para conservar os alimentos durante o período de conserto.

SEGURO ALIMENTO

É a Consul dando todas as garantias para seus clientes

Além de todo o sistema de segurança dos Freezers Consul (duplo alarme contra queda de temperatura, lâmpadas piloto), a Consul foi além: se por algum defeito de fabricação, comprovado pela equipe Consul, os alimentos acondicionados nos freezers de uso doméstico se deteriorarem, a Consul garante uma taxa-seguro em ORTNs para cada tamanho de freezer.

Freezers 280/320 litros - 9 ORTNs
Freezers 180/220 litros - 8 ORTNs
Freezers 115/170 litros - 4 ORTNs

É como diz a nova campanha da Consul, assim se vai vivendo, ligando emoções a emoções. Afinal, emoção para a Consul é poder oferecer para seus clientes, cada vez mais, todas as garantias para um melhor produto.



Nas visitas pastorais, sempre uma aproximação maior com o povo na realidade em que vive.

dois Brasis num só. Dois povos distantes pela cultura, formação, costumes, perspectivas, realidade cotidiana, literatura, religião, etc., coexistindo num povo aparentemente único.

FC — Todo o dinamismo da diocese está fundamentado na atuação de movimentos. Eles são muitos?

Dom Adriano — Toda a diocese tem sido um grande movimento. Mas posso ressaltar alguns grupos mais dinâmicos: o Centro de Pastoral Catequética, que há muitos anos é um fator de notável formação e atuação; Clube de Mães, Cáritas Diocesana; Comissão Diocesana de Justiça e Paz com atuação destacada na defesa dos direitos humanos; Pastoral Operária e da Terra, em seus respectivos campos de trabalho, e uma comissão diocesana de Pastoral da Juventude, que promete muito. Nas Comunidades de Base há um trabalho de conscientização política, com a preocupação constante de não comprometer as comunidades com qualquer partido político ou candidato. Temos ainda o movimento Amigos de Bairro, que nos anos de repressão nasceu e cresceu à sombra e no espaço da Igreja, sem ser, no entanto, um trabalho pastoral no sentido estrito. Tudo o que foi realizado leva-nos a cantar com gratidão as maravilhas do Senhor. Mas falta muito ainda para merecermos o nome de Igreja de Jesus Cristo em sentido pleno.

FC — Quais os princípios que orientam o dinamismo dessas atividades junto ao povo?

Dom Adriano — Temos colocado nossa pastoral em "estado e dinâmica de Igreja", que pela pregação, vida, estrutura e infra-estrutura anuncia Jesus Cristo Salvador e salvação. Esta Igreja está marcada, na sua essência, pelo mistério da Páscoa, que é tanto cruz quanto ressurreição. Ela é, ainda, o povo de Deus, família dos filhos de Deus, corpo de Cristo. Serve e é um serviço, e faz

opção fundamental e radical pelos pobres. Esses são princípios fundamentais que orientam nosso esforço e compromisso. Mais que tudo, dão à pastoral um alicerce cristológico e eclesiológico, que não pode ser confundido com nenhuma ideologia. Neste sentido somos convictos de formar a grande família de Deus, pois todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai. Este princípio tem boas consequências para bispo, padres e fiéis: vivem sem barreiras artificiais de constrangimento e distanciamento, que atrasam a propagação do Evangelho. Os laços familiares permitem e exigem uma gostosa relativização dos conflitos, diferenças, preferências e também faltas. Nesta visão, compreendemos mais facilmente a resposta de Jesus quando Pedro perguntava se devia perdoar até sete vezes ao irmão: "Eu não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mt 18,21-22). Quanto mais aprofundarmos em nossa vida o sentido dessas linhas pastorais, mais corajosamente seremos Igreja de Jesus Cristo.

FC — De toda essa caminhada, qual a lição que permanece?

Dom Adriano — Nesse contexto todo de trabalho de Igreja, poder-se-ia acrescentar uma sexta linha pastoral: "Igreja que é germe e começo do Reino de Deus". Entendo e coloco uma participação bem maior e mais decisiva do povo de Deus no chamado "governo" da Igreja. Um governo que não tem muita analogia com os governos das nações, mas com a maneira de Jesus portar-se na sua vida terrena. É uma tragédia para mim, e mais ainda para a Igreja, quando identifico meu ministério de bispo com o modelo político (presidente, governador, prefeito); com o governo militar (comandante no quartel) ou com o modelo empresarial (patrão de operários que devem produzir). Aí estaria a deturpação do meu serviço. Meu modelo está em Jesus Cristo e na maneira de governar dele.

O irmão-bispo D. Adriano: 21 anos servindo à Baixada

Funcionários e seus familiares, agentes de Pastoral, padres, freiras, seminaristas e amigos de D. Adriano celebraram, no sítio de Tinguá, os 21 anos da chegada do irmão-bispo à Diocese de Nova Iguaçu. O churrasco de confraternização reuniu cerca de 250 pessoas. Foi um momento de encontro e de descontração, one se comemorou também os 82 anos de vida de Monseñor Arthur, vigário da Paróquia de São Sebastião, em Olinda.

Depois do almoço, o bispo cortou o bolo comemorativo dos seus 21 anos de Diocese. Os funcionários do CEPAL ofereceram a ele, como presente uma estola. Emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem.

SUA CHEGADA, UMA BENÇÃO PARA O POVO

Dom Adriano chegou à nossa Diocese, em 6 de novembro de 1966. Nomeado pelo Papa Paulo VI como 3º bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano — que até então era

bispo auxiliar de Salvador, na Bahia — encontrou, em sua chegada, uma Igreja que não se preocupava muito com as condições em que o povo vivia. Uma Igreja fora da realidade, que falava bonito, mas de pouca ação.

A passagem de D. Adriano por nossa Diocese tem sido marcada por transformações: aumentaram o número de comunidades, nas reuniões, o Evangelho ilumina os problemas de cada dia, eleições democráticas têm marcado as mudanças de lideranças em Conselhos e Comissões, cresceu a participação dos leigos nos serviços e ministérios. As grandes decisões foram tomadas em Assembléias, onde a maioria dos participantes eram os cristãos engajados. E ultimamente, o 1º Sinodo Diocesano tenta repensar nossa transmissão de fé e propor caminhos pastorais que melhor atendam às necessidades do Povo de Deus presente na Baixada.

UMA MAIORIDADE FELIZ E SOFRIDA

O anúncio e a denúncia profética, assumida pela Diocese, custou a D. Adriano.

um seqüestro, com espancamento e ameaças de morte, em 22 de setembro de 1976. E em 20 de dezembro de 1979 uma bomba destruiu o sacrário da catedral e profanou a Santíssima Eucaristia.

Mas se a Igreja mudou com a chegada do bispo em Nova Iguaçu e com o comprometimento da Diocese com a causa do povo bom e sofrido da Baixada, o mesmo não aconteceu a nível político e social. Segundo D. Adriano "a situação da Baixada continua a mesma. Há falta de segurança". E "o momento político brasileiro é "vergonhoso".

A FESTA CONTINUA

No próximo ano mais duas comemorações marcarão a vida de Dom Adriano e da Diocese. No dia 18 de janeiro, o bispo faz 70 anos e em fevereiro celebra o seu jubileu de prata episcopal.

Toda a Diocese se une em orações e se alegra com seu bispo. Desejando que o Senhor o proteja, guarde e o conserve como pastor, irmão e guia de nossa Diocese e do povo da Baixada.



D. Adriano: 21 anos servindo a Baixada.

Posseiros de Babi pedem ajuda

As 32 famílias que, há cerca de dois anos ocuparam uma vasta extensão de terras, na localidade de Babi, estão na eminência de serem despejadas.

As terras ficam próximas da antiga linha de trem "Maria Fumaça", que ia de Belém Roxo à Xerém. Antes da ocupação essas terras serviam de lixeira. Aí os posseiros encontraram até restos de cadáveres humanos.

Ocupada a terra, apareceram logo os supostos proprietários. As famílias buscaram, então, auxílio de entidades que contribuíram com remédios, alimentos e material para construir as barracas. E os posseiros se revezavam na construção de barracas, da cozinha comunitária e no serviço de vigilância, impedindo assim que as barracas fossem destruídas.

Semanas atrás os posseiros foram comu-

nicados que a Ação de Despejo estava prestes a ser executada. Desde então, o clima no Mutirão rural de Babi é de apreensão. Tudo o que foi plantado está em ponto de colheita: mandioca, milho, banana, quiabo, feijão... Além disso, existem as casas, construídas com material fabricado pelo próprio movimento.

Os posseiros pediram ajuda à Diocese, através da Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Procuraram auxílio do Estado na Secretaria de Assuntos Fundiários. E agora buscam o apoio e a solidariedade, de todos os que compreendem como é importante possuir um pedacinho de chão para morar e para plantar.

Como Alexandre e Chicó — que se dizem donos das terras —, se mostram dispostos a dialogar, é possível que se encontre uma solução que beneficie os companheiros de Babi.



Natal do Povo

Natal do Povo de Deus:
 - da criança abandonada que na esperança da acolhida estende a mão,
 - do homem trabalhador que luta para ganhar o pão,
 - da mulher de todas as classes que esperam por igualdade,
 - do preto que, por causa da cor, é sempre marginalizado,
 - do índio sem terra para plantar, sem saúde e sem lar,
 - do mendigo esquecido, que todos passam sem olhar,
 - da Reforma Agrária que todos esperam e precisam acreditar,
 - de todos os que morreram, por causa da verdade,
 - daqueles que se doam para o povo evangelizar,
 - Enfim, Natal para todo o Povo de Deus, que no sofrimento aprendeu a amar.

(Maria da Conceição M. Pereira — Paróquia de Santa Maria — N. Iguaçu)

MINHANDO



INFORMATIVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
 ANO I — Nº 12 — DEZEMBRO DE 1987

A ORDENAÇÃO DO NEGRO AILTON

Não vou reportar a ordenação sacerdotal do Ailton, na Catedral de Nova Iguaçu. Tem coisa que não dá para descrever. Nossos níveis profundos são irreportáveis e a própria fotografia só capta a exterioridade. E de forma bem estática. Na celebração eclesial daquela sexta-feira à noite, atingiram-se níveis bem mais profundos e essenciais do que a mera preocupação jornalística. Foi um daqueles raros momentos de harmoniosa convergência entre tudo o que possuímos de mais puro, de mais parecido ao modelo original de felicidade, segundo o qual nos ensinam que fomos criados.

A pessoa foi criada com níveis diferentes de possibilidades existenciais. Níveis mais superficiais e níveis mais profundos. Na busca da alegria ou, se quiserem, da felicidade, atravessamos momentos de vibração, os quais curtimos através das atitudes apropriadas: cantamos, dançamos, assoviámos, batemos palmas. Saímos do esconderijo de nós mesmos, porque perdemos o medo, no sentimento de sermos irmãos. Pois bem, tais atitudes não apenas se intensificam mas mudam de essência, quando produzidas pelo nível profundo da religiosidade.

Aí, tendência e necessidade da alegria bate à porta de sua própria fonte.

Plantamos as raízes de sua alegria nas terras divinas do seu nível religioso, o ser humano faz caminhada de volta, que o aproxima à humanidade original, pura e feliz como saiu das mãos do Criador, naquela manhã do sexto dia. Um destes momentos de graça foi intensamente vivido na Catedral de Nova Iguaçu, durante a ordenação sacerdotal do negro Ailton. Ailton negro e pobre, descendente de escravos. Tudo o que nossa Igreja tem de melhor, mais forte e poderoso reuniu-se, em seu máximo esplendor, por causa e em função do Ailton pobre e negro, alçado agora ao trono do qual os poderes foram, em sua cegueira, derrubados.

O Ailton pobre e negro, agora glorificado em sua ordenação para o serviço ao Povo de Deus, confirma profundas intuições. Não é o grande que liberta o pequeno. Não é a burocracia eclesiástica que vai libertar o Povo de Deus. Não são os códigos formais que abrirão as portas para o Povo de Deus passar. Passos à frente serão dados, se o Povo oprimido de Deus der passos à frente. Na liturgia e nas celebrações, serão conquistados espaços, se o Povo ini-

bido de Deus, em sua criatividade e inocência, atropelar os formalismos bem comportados e estereis, afim de fazer valer sua espontaneidade e a riqueza de seus sentimentos, de sua música, de sua dança. Nessa hora, não são os profissionais da religião, mas o Povo santo de Deus que diz presente!

O acontecimento eclesial da ordenação do Ailton traz muitos recados a nós, burocratas religiosos. Lembra a imensa responsabilidade da Igreja oficial, quando ela impede que passos libertadores sejam dados; que a liturgia seja expressão da alma do povo; que a alegria espontânea, abrindo as portas do melhor de nós mesmos, seja impedida de comparecer à festa, pela presença impiedosa dos ritualismos formalistas. Estes têm mais a ver com manutenção de poderes e menos com povo oprimido celebrando a libertação.

Não entendo como a administração central de nossa Igreja não percebe isso, não vê o pecado que estamos cometendo: por causa de formalismos autoritários, impedimos que o Povo espoliado de Deus tenha acesso ao serviço libertador de mistérios, menos dificultados pela ânsia insensata de patrulhamento em cima do Espírito. (FLT)

Catedral superlota na festa dos Reis Negros

dez. 87
Cim.

Ó, que coisa bonita/ Ó que coisa bonita/
acolher negro-irmão, sem discriminação/
Ó, que coisa bonita.

Nada melhor que uma estrofe desse canto, que foi o inicial, para expressar a alegria e beleza que foi a ordenação sacerdotal de AILTON IZAÍAS DA SILVA, negro, 33 anos, e pertencente a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. O acontecimento realizado na Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, no dia 20 de novembro — Dia Nacional da Consciência Negra — atraiu cerca de duas mil pessoas que se emocionaram com o desenrolar da festa que teve vários destaques: dezenas de grupos de cultura afro-brasileiras, padres de várias regiões do país, o Bispo Diocesano Dom Adriano Hipólito e o Bispo Ordenante Dom José Maria Pires, antes conhecido por "Dom Pelé" e agora carinhosamente apelidado "Dom Zumbi", numa alusão ao fato de dedicar sua vida à luta dos negros, como ele.

Desde o início se percebia que esta ordenação, geralmente uma coisa cheia de formalidades, seria diferente. À medida em que se desenvolvia a celebração o povo ia se contagiando com o ritmo, a alegria, o calor humano que se irradiava pelos ares gerando um clima de verdadeira KIZOMBA, palavra africana que significa confraternização.

"DEUS OUVE O CLAMOR DE SEU POVO"

Obertal Xavier, seminarista e membro do Grupo de Agentes de Pastoral Negros da Baixada, afirmou que "ganhar um padre é motivo de festa para a Igreja; ganhar um padre negro é motivo de festa duas vezes, para uma Igreja que quer e precisa tanto assumir o clamor do povo negro". Com relação as dificuldades que o Movimento Negro vem enfrentando na Arquidiocese do RJ — onde inclusive não se adotará o lema oficial da Campanha da Fraternidade-88, que abordará a questão do negro — Obertal respondeu: — "A ordenação de Ailton, no Dia de Zumbi, e com a presença de Dom José Maria Pires, não representa um ato de desagravo, mas estamos com isso dando uma lição na Arquidiocese do Rio de como se viver um clima de fraternidade, de partilha, com todos, vivendo a dimensão da fé como irmãos".

Na homilia, Dom Zumbi lembrou que "para o negro, ontem era a escravidão, hoje é a discriminação. O preconceito, que não é uma coisa provocada pelo negro, está enraizado na sociedade em que vivemos, voltada para o lucro e o prazer. Uma situação iníqua, presente também na Igreja. Na verdade, a escravidão não foi abolida em 1888. Ela persiste ainda hoje. Ou não são escravos os que sobrevivem com um salário-mínimo?" Finalizando, o Arcebispo da Paraíba fez:

vibrar toda a assistência quando afirmou: — "Deus ouve sempre o clamor de seu povo. No passado, escolheu Moisés para livrar os Hebreus da escravidão do Egito. Hoje, ouvindo o clamor do povo negro, Deus escolheu Ailton, para lutar pela libertação de seu povo".

FRATERNIDADE QUE SUPERA INJUSTIÇAS

"Tá caindo fulô/ Tá caindo fulô/ lá no céu, cá na terra/ é, tá caindo fulô/... Cantava a multidão, no ritmo forte dos atabaques, enquanto o novo padre, dançando, era cumprimentado pelos colegas mais antigos. Muitos destes não resistiam e, embora um tanto desajeitados, ensaiavam uns passinhos, o que levava a multidão ao delírio. No final da celebração, de forma apoteótica, Ailton recebeu emocionado a maior ovação de sua vida, com as duas mil pessoas gritando freneticamente Ailton, Ailton...

Na recepção que se seguiu os comentários eram unânimes: a Igreja de um modo geral e, a de Nova Iguaçu particularmente, nunca mais será a mesma após esta festa. Além de ganhar mais um padre, ela recuperou a alegria da vida no canto e na ginga do povo negro. O Deus da libertação mostrou que a fraternidade supera as injustiças e que, como irmãos, estamos na mesma luta: a construção de seu Reino, a partir do amor ao próximo e da igualdade.



de J. Thomaz



Um olhar sobre a Baixada

MORRO AGUDO, O MUTIRÃO CAÇULA

Frei Luís Thomaz

De uns anos para cá, vêm acontecendo coisas. Parece que se esvazia o balão da sacralidade da propriedade privada. No Brasil todo, multiplicam-se, aceleradamente, os casos de ocupações rurais e urbanas. Frequentemente motivadas pela fé no mesmo Deus, usado antes para justificar a situação dos destituídos. Entra em recesso a pregação de céu e inferno e, em seu lugar, entra a de Egito e Terra Prometida; opressão e libertação; indignidade inafiançável em história pessoal que não se repete ou cidadania plena, neste único mundo e nesta única vida que Deus nos deu como sendo dela a geografia única.

Em Nova Iguaçu, sucede mais um mutirão para ocupação de terras para morar, este agora em Morro Agudo. Na proximidade dos mutirões de Jardim Iguaçu e Metropolitano, ambos vitoriosos e estabelecidos. Visitando o mutirão caçula, na manhã do terceiro dia, alguém lembrou do Egito, na véspera da partida; ou de Israel, no dia da chegada: as formiguinhas do povão de Deus enfiando estacas no meio do capinzal, sem ligar para ameaças, os olhos brilhando na determinação de ter conquistado a chance de realizar o direito fundamental de possuir casa para a família. Debaxo dos plásticos, a alegria de estar morando, finalmente, no que é seu.

Parece tão pouco, mas quanta luta até a vitória! É quase nada, mas quantos passos foram dados para chegar até ali. Aparentemente insignificante, mas portador de insuspeitadas mudanças. É muito mais do que mudança de endereço. No processo, escondem-se largos passos de aproximação ao Brasil diferente; ao povo brasileiro menos desrespeitado; ao mundo novo ou, se quiser, ao Reino de Deus. Se quiser mais ainda, aproximação à propriedade como direito e necessidade de todos; moradia e segurança ajudando a realizar as famílias, e não algumas famílias. A propriedade, de fato, é sagrada, por isso precisamos lutar para que todos tenham acesso a ela.

Reafirmo: nestes mutirões populares de ocupação, estão acontecendo coisas muito importantes. A limitação do espaço obriga a apenas fazermos enumeração, que pode ser posteriormente explicitada. O povão, em suas organizações muitas vezes rudimentares, está atropelando a legalidade burguesa cartorial. A legalidade não é mais buscada em pedaços de papel, mas no direito de todos. Os mutirões de Nova Iguaçu simplesmente avacalham os separatismos humanos em nome das igrejas. Esvaziam as pretensiosas ortodoxias particulares, destituindo-as da condição de critério para afirmar o que é verdade e o que não é.

O irmão-bispo D. Adriano: 21 anos servindo à Baixada

Funcionários e seus familiares, agentes de Pastoral, padres, freiras, seminaristas e amigos de D. Adriano celebraram, no sítio de Tinguá, os 21 anos da chegada do irmão-bispo à Diocese de Nova Iguaçu. O churrasco de confraternização reuniu cerca de 250 pessoas. Foi um momento de encontro e de descontração, one se comemorou também os 82 anos de vida de Monseñor Arthur, vigário da Paróquia de São Sebastião, em Olinda.

Depois do almoço, o bispo cortou o bolo comemorativo dos seus 21 anos de Diocese. Os funcionários do CEPAL ofereceram a ele, como presente uma *estola*. Emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem.

SUA CHEGADA, UMA BENÇÃO PARA O POVO

Dom Adriano chegou à nossa Diocese, em 6 de novembro de 1966. Nomeado pelo Papa Paulo VI como 3º bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano — que até então era

bispo auxiliar de Salvador, na Bahia — encontrou, em sua chegada, uma Igreja que não se preocupava muito com as condições em que o povo vivia. Uma Igreja fora da realidade, que falava bonito, mas de pouca ação.

A passagem de D. Adriano por nossa Diocese tem sido marcada por transformações: aumentaram o número de comunidades, nas reuniões, o Evangelho ilumina os problemas de cada dia, eleições democráticas têm marcado as mudanças de lideranças em Conselhos e Comissões, cresceu a participação dos leigos nos serviços e ministérios. As grandes decisões foram tomadas em Assembléias, onde a maioria dos participantes eram os cristãos engajados. E ultimamente, o 1º Sinodo Diocesano tenta repensar nossa transmissão de fé e propor caminhos pastorais que melhor atendam às necessidades do Povo de Deus presente na Baixada.

UMA MAIORIDADE FELIZ E SOFRIDA

O anúncio e a denúncia profética, assumida pela Diocese, custou a D. Adriano

um seqüestro, com espancamento e ameaças de morte, em 22 de setembro de 1976. E em 20 de dezembro de 1979 uma bomba destruiu o sacrário da catedral e profanou a Santíssima Eucaristia.

Mas se a Igreja mudou com a chegada do bispo em Nova Iguaçu e com o comprometimento da Diocese com a causa do povo bom e sofrido da Baixada, o mesmo não aconteceu a nível político e social. Segundo D. Adriano "a situação da Baixada continua a mesma. Há falta de segurança". E "o momento político brasileiro é "vergonhoso".

A FESTA CONTINUA

No próximo ano mais duas comemorações marcarão a vida de Dom Adriano e da Diocese. No dia 18 de janeiro, o bispo faz 70 anos e em fevereiro celebra o seu jubileu de prata episcopal.

Toda a Diocese se une em orações e se alegra com seu bispo. Desejando que o Senhor o proteja, guarde e o conserve como pastor, irmão e guia de nossa Diocese e do povo da Baixada.



D. Adriano: 21 anos servindo a Baixada.

Deq. p. 7 Cam.

Ocupações de terra e justiça social

PALAVRA DO BISPO Adriano, Bispo Diocesano

Em nossa Diocese, em nosso Estado do Rio de Janeiro, em todo o Brasil têm acontecido inúmeros casos de ocupações ou invasões de terras abandonadas, tanto do Governo como de particulares.

Por que acontecem as ocupações?

O motivo mais profundo é a insegurança social, é a crise econômica, e a recessão que tomou conta do Brasil nos últimos tempos. O Povo humilde dos assalariados, que recebem de um a dois salários-mínimos, vê-se obrigado a fazer funcionar seus humildes e pacíficos instrumentos de defesa.

Que instrumentos são estes?

Muitos operários fazem bistates em sábados e domingos, assumem horas-extras, vendem as férias. Em muitas famílias de operários as mulheres assumem também toda espécie de trabalho, para fortalecerem o orçamento familiar. E não são raros os casos de colocarem também os filhos, em tenra idade, a fazer toda espécie de trabalhos.

Esses instrumentos não bastam para enfrentar os constantes aumentos de aluguel, de gêneros alimentícios, de serviços públicos, de escola, de remédios, de roupas. Os aumentos salariais são sempre inferiores à taxa oficial de inflação, uma taxa média que não corresponde à realidade concreta do trabalhador assalariado. Daí por que, na fantasia criadora do pobre, ele procura descobrir outros instrumentos de compensação e de defesa.

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolas do país: do Norte fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e, sobretudo, do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídos pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se trata, geralmente, de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao sabor das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem o que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, do Grande Rio. E aqui vêm com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou laranjais, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver com os olhos gulosos de terra boa, e com o coração oprimido pela miséria crescente se acendem de desejos: ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonde só existia a carência?

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer, pelo trabalho, sobreviver dignamente. Quer, pelo tamanho das terras abandonadas, fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e para os outros. Quer, pelo casamento da semente com a terra, contribuir para o progresso do Brasil.

Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o pedo da propriedade privada, mal entendida, acionado pela Justiça antiquada, pela polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos jagunços alugados ou forçados pelos grandes proprietários. Contra o irmão pequeno, com o qual se identifica Jesus Cristo (basta ler o capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus), se aliam violentas e solidárias as elites do poder: Justiça, Polícia, proprietárias, empresários, grandes jornais e revistas, televisão e rádio.

Se visitarmos uma dessas ocupações, logo no início, veremos no rosto sofrido destes irmãos e irmãs nossos, filhos do mesmo Pai, mas cidadãos de segunda ou terceira classe a alegria dos puros e a esperança dos profetas. Por que não ajudá-los na procura de uma solução justa e cristã? Humana e social?

Palavra do Bispo O SÍNODO BOLE COMIGO

(Dom Adriano Hypolito)

É para mim, que estou há mais de 21 anos na Baixada Fluminense, necessário perguntar de vez em quando, por que a Divina Providência me transportou nas asas da graça do Espírito Santo, do Nordeste para a Diocese de Nova Iguaçu. Quem somos nós para compreender os desígnios de Deus? Diante do mistério de Deus temos de exclamar todos os que temos Fé, com S. Paulo: "Ó profundidade das riquezas e da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e imprecrutáveis os seus caminhos!" (Rom 11,33).

Mas se não podemos compreender os planos de Deus, podemos e devemos abrir os olhos para a realidade da Baixada Fluminense, com seus ricos valores e seus lamentáveis desvalores, com seus desafios, com suas esperanças e desesperos, com seu bom Povo abandonado e marginalizado; podemos e devemos repassar, em momentos de calma, todas as maravilhas que Deus tem operado no seu Povo e através do seu Povo; podemos e devemos avaliar nossa atuação de ministros de Jesus Cristo e dos irmãos.

E desta visão e compreensão da realidade tiramos motivos bastantes de gratidão para com Deus que nos escolheu e nos chamou para o ministério do Evangelho na Baixada Fluminense.

Aquí se insere o Sínodo em minha vida pessoal e na minha missão de irmão-bispo. Segundo o Concílio Vaticano II "os bispos recebem do Senhor, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, a missão de ensinar a todos os Povos e pregar o Evangelho a toda criatura, a fim de que os homens todos, pela Fé, pelo batismo e pelo cumprimento dos mandamentos alcancem a salvação" (LG 24). Mais

adiante o mesmo documento acrescenta: "Entre os principais deveres dos bispos sobressai o de pregador do Evangelho. Pois os bispos são os pregoeiros da Fé que levam novos discípulos a Cristo. São os mestres autênticos dotados da autoridade de Cristo que pregam ao Povo a eles confiando a Fé que deve ser crida e praticada." (LG 25).

A missão essencial do bispo é transmitir a Fé. Por isto mesmo o nosso Sínodo, que tem por tema precisamente "transmitir a Fé" e por lema "A Baixada busca o Deus libertador", me impõe uma revisão séria e profunda da minha Fé em todos os seus aspectos fundamentais. Estas e muitas outras perguntas básicas tenho de fazer constantemente, a partir do tema e do lema do nosso Sínodo:

* Como é que Deus, como Pai, está presente na minha vida e no meu serviço de bispo da Igreja? de bispo que exerce o seu ministério na Baixada?

* Que é Jesus Cristo para mim, na vida de cada dia, em qualquer tarefa pastoral? Jesus Cristo é de fato meu salvador, libertador, redentor?

* Que atitude assumo habitualmente em face do mistério e da loucura da Cruz?

* Que espaço, que lugar, que importância atribuo ao Espírito Santo na minha vida e atuação de irmão-bispo?

* Que tipo de autoridade exerço: autoridade de serviço, alegre e generoso prestado aos irmãos, sobretudo aos pequenos e humildes, ou autoridade de dominação e poder?

Janeiro de 1988



Sínodo: A Baixada busca Deus Libertador.

* Que conseqüências práticas tem para mim o fato de que, à luz da Fé, todos, sem exceção, somos filhos do mesmo Pai e, por isto, irmãos num sentido profundo e real?

* Que preferência concreta e constante dou aos irmãos pequenos, com os quais Jesus Cristo se identifica (Cf. Mat 25, 31-46)?

São perguntas, entre outras, que devem mexer profundamente comigo e com minha maneira de ser bispo na Baixada Fluminense.

Jan. 88
Cam.

A oposição da construção civil se organiza na Baixada

P. Luís C. Bruno

O Sindicato da Construção Civil é um dos mais pelegos do Rio de Janeiro e seu presidente está no poder há 37 anos. Em 1986, a Oposição tentou concorrer nas eleições, mas foi derrotada. Os trabalhadores, porém, não entregaram os pontos, estão firmes na luta. No dia 21 de novembro, um grupo deles se reuniu na Paróquia São Simão no Lote XV, para tentar se organizar a nível de Baixada. Estavam representados 10 bairros, de

Nilópolis e Xerém. Os participantes mostraram muita garra e vontade de fazer um trabalho de base bem firme com os companheiros da categoria. De lá para cá, já realizaram mais duas reuniões e prepararam um boletim com mensagem de Natal e prestação de contas das lutas que a Oposição levou em frente, depois das eleições. A próxima reunião será sempre no Lote XV — Igreja São Simão, no dia 16 de janeiro de 1988, às 14 horas. Todos que acreditam nesta luta estão convidados.

“VÓS MESMOS MATAIS OS ÍNDIOS, EXIGINDO DELES O OURO”

D. Pedro Casaldáliga*

A nota dos 17 bispos presidentes das Regionais da CNBB deu a definição exata dessa campanha de calúnias levantadas contra o CIMI: “Uma conjuração contra os povos indígenas”.

Deus e sua Igreja só incomodam quando atingem os interesses dos outros deuses e suas Igrejas: o lucro, as empresas; o capital, as multinacionais. O lucro das mineradoras, neste caso.

O que sempre buscou a prepotente cobiça dos sucessivos impérios que vêm deprimindo a Ameríndia é a terra dos povos primeiros que a habitaram e a salvaram: a terra toda, o solo e o subsolo; os potosís, os carajás.

A imprensa, chamada “grande” — porque é porta-voz das grandes cobiças — está se comportando apenas, fidelíssima, como “a voz de seu amo”. O “Estado de São Paulo” fala pelo que é, em fidelidade ao Deus a quem serve. De muito atrás, os “bandeirantes” sabem massacrar povos indígenas e roubar-lhes as terras...

Uma pergunta trágica, paira no ar nesta hora de transições para o Brasil: Com ares liberais e sotaque democrático, a Nova República conseguirá passar à história — por convivência, por omissão — como etnocida e genocida, acertadora do tiro de misericórdia nos já tão poucos remanescentes da Terra de Santa Cruz?

Os senhores constituintes têm a palavra diante da História (e diante de Deus).

Ignorar, retalhar, impedir os direitos básicos dos povos indígenas na Nova Constituição seria suficiente para que ela fosse simplesmente rejeitada como iníqua. “Não se constitui o futuro de um país, negando suas raízes, assassinando os verdadeiros pais da pátria”.

Qualquer pessoa relativamente informada em Direito Internacional sabe que os povos indígenas são “outros”, com exigências de identidade e autonomia, que nin-

guém pode impedir. O Brasil é pluriétnico e plurinacional, evidentemente que sim! “Vocês são povos, nações”, proclamava solenemente João Paulo II, diante de Marçal Tupã-I, naquele encontro pré-martirial da sacada histórica de Manaus.

Isso não impede que o Estado seja um só. Um só Brasil, com muitos povos dentro.

Qualquer pessoa minimamente realista — suficientemente honesta, em todo caso — sabe também que a pretensão desses povos é apenas sobreviver, sendo eles e onde estão, onde sempre estiveram, em sua casa, já tão reduzida! Imaginar detrás dessa pretensão mínimas conspirações independentistas, furutos impérios Yanomami, que atentariam à soberania nacional — tão reduzida também ela, pelo EMI e as multinacionais insuspeitas! — é mais do que imaginação: é perversa estupidez. E mentir, caluniar, agitar, para impedir o Direito, para avacalhar a Constituição, para legalizar o novo definitivo massacre.

O direito sagrado dos indígenas e “o privilégio da União” não podem prejudicar os interesses dos Marinhos e Lacombes? Os índios e seus missionários devem ser sacrificados novamente, em benefício dos invasores moderníssimos?

“Porantim” — que é um jornal “em defesa da Causa Indígena” e que significa oportunamente “remo-borduna-memória” —, em seu número deste mês de setembro, dá resposta cabal à “campanha difamatória que põe em risco a causa indígena na Constituinte”.

A CNBB e o CMI (Conselho Mundial de Igrejas) acabam de contestar evangelicamente às calúnias e à cobiça, fazendo eco às mais autênticas vozes missionárias dos primeiros dias da invasão. “Sois vós mesmos que matais os índios, exigindo deles o ouro”, gritava, desde o púlpito, aos 30 de novembro de 1511, o profeta frei Antonio de Montesinos...

* D. Pedro Casaldáliga é bispo de São Félix do Araguaia (MT).



D. Adriano: dados biográficos



Ao timoneiro, firme no leme, os nossos parabéns.

- 1918 (18/01) — Nascimento em Aracaju, Sergipe.
 1925-1931 — Curso primário em Aracaju, São Cristóvão-Sergipe.
 1931-1936 — Curso secundário: Salvador-Bahia; João Pessoa-Paraíba e, Rio Negro-Paraná, no Seminário Franciscano.
 1937 (14/01) — Recebe o hábito de Franciscano, em Pesqueira-Pernambuco.
 1937 — Noviciado em Pesqueira (PE)
 1938 (15/01) — Profissão de Votos temporários, em Pesqueira.
 1939-1940 — Estudo de Filosofia em Olinda-Pernambuco.
 1940-1942 — Estudo de Teologia em Salvador-Bahia.
 1941 (15/10) — Profissão de votos perpétuos, em Salvador-Bahia.
 1942 (18/10) — Ordenação Sacerdotal em Salvador: bispo ordenante Dom Frei Basílio Olímpio Pereira, bispo emérito de Manaus (1926-1941).
 1943 — Transferência para o Seminário Franciscano de Santo Antônio, em Lagoa Seca-Paraíba.
 — Conclusão do Estudo de Teologia, em Lagoa Seca (PB).
 1943-1948 — Professor de Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Música, Regente do Orfeão do Seminário Franciscano, em Lagoa Seca (PB).
 1945-1947 — Prefeito auxiliar de disciplina no mesmo Seminário.
 1948 (12/07) — Viagem para Portugal.
 1948-1951 — Trabalho de investigação da História da Igreja no Brasil e da História dos Franciscanos no Brasil, nos arquivos de Portugal, sobretudo Lisboa.
 1951-1961 — Professor de Português, Literatura, Latim, Alemão, Geografia do Brasil, História do Brasil, Música, Regente do Orfeão do Seminário Franciscano de Lagoa Seca (PB).
 — Prefeito de Estudos, no Seminário (1952-1960)
 — Prefeito de Disciplina no Seminário (1955-1957)
 — Definidor (Conselheiro) da Província Franciscana de Santo Antônio, Recife-Pernambuco (1952-1961).
 — Redator de um Folheto Vocacional chamado "Mais Vocações", Lagoa Seca (PB) e Salvador (BA) (1959-1965)
 1961 — Transferência para Salvador-Bahia.
 1961-1963 — Diretor Espiritual dos teólogos franciscanos, em Salvador, e do Seminário Maior da Arquidiocese da Bahia.
 1961-1962 — Visitador Geral da Província Franciscana da Imaculada Conceição e Visitador do Capítulo Provincial, em São Paulo (SP).
 1962 (22/11) — O Papa João XXIII o nomeia Bispo-Auxiliar de Salvador, Bahia, junto ao Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva.
 1963 (17/02) — Ordenação Episcopal na Igreja de São Francisco da Bahia, sendo sagrante Dom Frei Anselmo Pietrulla, então bispo de Rui Barbosa-Bahia e, D. Walfrido Teixeira Vieira, então bispo-auxiliar de Salvador.
 1963-1966 — Bispo-auxiliar do Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva e do bispo administrador-apostólico D. Eugênio Sales.
 — Atividades mais importantes: catequese, religiosas, crismas na Catedral, Seminário.
 1963-1965 — Participação no Concílio Vaticano II (três últimos períodos), em Roma.
 1966 (29/08) — Paulo VI o transfere para Nova Iguaçu.
 1966 (06/11) — Tomada de posse em Nova Iguaçu-Rio de Janeiro.
 1976 (22/09) — Sequestro.
 1977 (outubro) — Membro do Sinodo Episcopal sobre Catequese, em Roma.
 1977 (10/10) — Recebe o título de Doutor Honoris Causa em Teologia, na Universidade Alemã de Tübingen.
 1979 (janeiro) — Membro da 3ª Conferência Episcopal Latino-Americana, em Puebla, no México.
 1986 (06/11) — Celebração dos 20 anos de bispo diocesano de Nova Iguaçu.
 1987 (14/01) — Jubileu de Ouro (50 anos) de Vida Religiosa Franciscana.
 (18/10) — Aniversário de Ordenação sacerdotal (45 anos).
 1988 (18/01) — Aniversário de Nascimento (70 anos).
 (17/02) — Jubileu de Prata (25 anos) de Ordenação Episcopal.

Um olhar sobre a Baixada

Caminhada popular em hora de crepúsculo

FREI LUÍS THOMAZ

Tenho contado, em reuniões e homilias, a saga escrita pelo grupo de famílias faveladas, que realizou a ocupação urbana, no Bairro Metropolitano. Os restos quebrados do povo brasileiro resistindo à polícia e à justiça, instrumentos de legitimação e manutenção de nossa iniquidade social. A cidadania indignada verticalizando o pescoço e levantando a cara à altura dos surpresos prepotentes. Mulheres desdentadas, vestidas em shortes miseráveis, largadas dos maridos, jogadas na vida, sobreexistindo sozinhas, deitando-se na frente de tratores advindos para varrer seus barracos da face da sagrada propriedade particular.

O Bairro Metropolitano é apenas parábola de tantos outros grupos de pobres, ajuntados em mutirões, na conquista do barraco para morar. Só ali perto, estão os mutirões de Jardim Iguaçú, Gama I, Gama II e Gama III. E agora acontece a ocupação de Morro Agudo, o mutirão Metropolitano II. Com as mesmas dificuldades, iguais truculências autoritárias e o mesmo insuspeitado heroísmo daqueles restos quebrados do povo brasileiro resistindo. Neste caso, como nos casos citados e em tantos outros, a Comissão de Justiça e Paz foi chamada a dar sua presen-

ça. Com a autoridade moral que possui, ficando no lado da comunidade ameaçada, obrigando, assim, a luta do povo a pesar e descer o prato da balança.

Passada a fase heróica da ocupação, a comunidade tende a acomodar-se. Esfria o calor da solidariedade, as pessoas dão-se as costas e deixam de sentir que estão no mesmo barco; volta o cada um por si e a insensibilidade de todos. O pessoal se desmobiliza e reassume a cabeça do sistema. Escasseiam as assembleias, as comissões vão se diluindo. Multiplicam-se os casos de venda dos barracos. A pedra, carregada até em cima com tanto esforço, cai de novo no buraco do individualismo. O pessoal vai deixando esvaír-se o clima que leva à única saída possível, que é a consciência da necessidade de se manter mobilizado. Tanto esforço terá sido em vão?

Todo grupo que se organiza e caminha precisa das auto-avaliações permanentes. Tendo caminhado junto na fase heróica inicial, rejeitando veementemente o determinismo inevitável da mentalidade capitalista, instada pela solidariedade fraterna da comunhão inicial, a Comissão de Justiça e Paz pensou o seguinte: proporcionar o

espaço, para que nossos mutirões se reencontrem, se auto-avaliem, replanejem os passos seguintes, se vacinem contra a desmobilização. Temos prestado esse serviço, sentido como obrigação gestada pela solidariedade nascida da luta comum dos inícios de cada mutirão. A alternativa seria o pulo cómodo para fora do barco.

Nossas assembleias dos mutirões começam sempre com a celebração da Palavra de Deus. Na última, refletiu-se o trecho do profeta Isaías xingando seu povo. Isaías não investiu, no caso, contra os assírios que invadiram Israel, nem contra o rei Senaquerib, que levou seu povo para o exílio da Babilônia. Denunciou prioritariamente a desmobilização do povo e seu descomprometimento com o Deus único e libertador. Hoje, Isaías investiria contra nosso divisionismo interno movido por interesses menores; nossa substituição blasfema do serviço pela concorrência; a troca da unidade do povo pela briga dos grupos querendo poder. Em tal clima escurecido, ocupam espaço os bichos da noite. Nas trevas do desamor, perdemos o rumo; e o esquerdismo desvaído faz então, mais uma vez, o jogo da direita.



Cai a noite sobre o movimento popular?

Anzahl der
Eigentümer
(in 1000 ha)

2 603,5

LANDREFORM

Moradores de bairros na serra do Mar serão transferidos para a Baixada

24/1/88 FSP

Da Reportagem Local

O governador Orestes Quércia anunciou ontem que irá remover das encostas da serra do Mar, onde pelo menos oito pessoas morreram no deslizamento de domingo passado, as três mil famílias que residem nos bairros-cota. A remoção, no entanto, não afasta a possibilidade de novas tragédias decorrentes do desmatamento da serra. Outros deslizamentos, com consequências ainda mais graves, poderão ocorrer na encosta onde está situado o Pólo Petroquímico de Cubatão, segundo admitem técnicos da Cetesb e do IPT.

Segundo o engenheiro José Pedrosa, 38, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), esse fenômeno ocorreu quando desceu da encosta uma grande enxurrada, arrastando pedras, árvores e entulhos de construção, tirando do leito original o córrego conhecido por Cachoeira. Este córrego corta ao meio o bairro-cota (derivado de instalações de canteiros de obra) conhecido por 95/100, instalado há quase 40 anos à margem da rodovia Anchieta, desde que foi construída.

Com o nome de "corrida de lama", fenômeno semelhante poderia ter acontecido nas encostas onde estão instaladas as 23 indústrias de Cubatão. Bastava ter chovido, durante três horas seguidas, a mesma quantidade de água que caiu durante 60 minutos no cota 95/100, segundo afirmou Pedrosa. Isso aconteceria em função do desmatamento provocado pela poluição naquela parte da serra do Mar, tornando passível de deslizamento toda a terra que cobre os morros.

Propagação de gases

As consequências inevitáveis desta possível chuvarada na encosta das indústrias seriam, além das mortes pelo deslizamento de lama, a propa-

gação de gases tóxicos como amônia ou produtos inflamáveis. A possibilidade foi admitida também pelo coordenador do grupo de ação de emergência, da Comissão para Restauração da Serra do Mar, Luís Antônio de Melo Awazu, engenheiro da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb).

De acordo com Awazu, 31, a Cetesb faz fiscalizações semanais nas oito indústrias localizadas nos pontos mais críticos ao pé da serra, com o objetivo de manter em níveis mínimos seus reservatórios de produtos tóxicos.

"Se essas medidas preventivas não funcionarem como um relógio, uma calamidade de proporções mais graves poderá acontecer na região, atingindo primeiramente a Vila Parisi, onde vivem 3.500 pessoas", disse.

Depois de uma reunião com o prefeito de Cubatão, Oswaldo Passareli, o governador Orestes Quércia disse que todas as famílias dos quatro bairros-cota serão transferidas para uma área localizada próxima ao futuro Ceasa da Baixada Santista, na primeira ligação entre as rodovias Anchieta e Imigrantes.

O comandante da Polícia Militar do Estado de São Paulo, coronel Theseo Bueno de Toledo, disse que a partir de hoje haverá forte policiamento para impedir novas ocupações nos bairros-cota.

O número de desabrigados em decorrência das chuvas fortes que têm caído sobre São Paulo desde sexta-feira já chega a 400 e a Prefeitura ainda não providenciou um alojamento de emergência para abrigá-los.

Segundo Jaime Corrêa de Arruda Sobrinho, coordenador da Comissão Municipal de Defesa Civil, responsável pelo auxílio aos desabrigados, por enquanto a Comissão tem se limitado a transportá-los para casas de parentes e amigos.

Bombeiros encontram dois corpos

Dois corpos não identificados de um menino e uma menina de aproximadamente 7 e 2 anos de idade foram encontrados ontem à tarde pelos bombeiros e integrantes da Defesa Civil de Cubatão (62 km a sudeste de São Paulo) que continuam as buscas e remoção das vítimas do deslizamento provocado por uma tromba-d'água que desabou na madrugada do último domingo, arrastando oito barracos e matando pelo menos oito pessoas na favela da cota 95, localizada no km 53 da via Anchieta.

O corpo do menino foi encontrado na ponte da Eletropaulo e o da menina, nas instalações da Indústria Santista de Papéis, atingida pelo

deslizamento e localizada a 500 metros da favela. Eles foram removidos para o Instituto Médico Legal de Santos, onde familiares das vítimas desaparecidas deveriam fazer o reconhecimento.

Os integrantes da Defesa Civil da Prefeitura Municipal de Cubatão removeram 31 famílias, num total de 150 pessoas, para a Escola Estadual Zenon Cleantes de Moura, na Vila Fabril, onde permanecerão alojadas até a construção de novas moradias.

Desaparecidos

Até as 19h de ontem duas pessoas ainda estavam desaparecidas — Jo-semira Corrêa de Almeida, idade desconhecida, e uma outra ainda não identificada.

Governo investe em meteorologia

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inemet) vai contratar 600 novos técnicos até 1990 com salários superiores em até cinco vezes aos atuais. As contratações, autorizadas em dezembro pelo presidente da República, José Sarney, fazem parte de um plano de expansão do órgão, que este ano contará com um orçamento de Cr\$ 614,9 milhões, seis vezes maior do que o destinado pelo governo federal em 1986.

Emilson França de Queiroz, 45, novo diretor-geral empossado na última sexta-feira, diz que a prioridade é garantir, a partir de agora, serviços mais eficientes para a população. Junto com a recuperação da rede de estações de superfície, que deverá ser iniciada em breve, o Inemet vai desenvolver um plano de integração com outras áreas para garantir informações mais precisas para o meio ambiente, a produção de energia, a defesa civil e, principalmente, a agricultura.

O novo diretor acredita que o país poderá reduzir cerca de 10% as perdas agrícolas provocadas por ad-

versidades climáticas. Se hoje o Brasil produz 70 milhões de toneladas, este aumento em função de previsões mais precisas e imediatas poderia significar 7 milhões de toneladas. Estas perdas, de acordo com a Organização Mundial de Meteorologia (OMM) ficam em média em torno de 30%.

Discussão

O ex-diretor geral, que ontem ainda recolhia os seus papéis na sede do Inemet em Brasília, Antônio Divino Moura, 42, disse que o aumento do quadro funcional, dos salários e do orçamento foi resultado de um trabalho que começou em 1986, após dois anos de discussão com a Secretaria do Planejamento (Seplan) e Secretaria da Administração Pública (Se-dap).

O Inemet possui hoje mil funcionários, sendo 800 técnicos e 200 da administração. O quadro técnico crescerá gradualmente até 1990 com o preenchimento das 600 novas vagas. E os salários foram reforçados a partir desse mês para garantir o nível e a capacitação.

Imigrantes registra trânsito lento

Os paulistanos que passaram o fim-de-semana prolongado pelo feriado municipal nas praias da Baixada Santista, encontraram bastante dificuldades para retornar à capital. Os que deixaram para subir a serra na última hora, no final da noite de anteontem ou durante a madrugada de ontem, chegaram atrasados ao trabalho. A viagem de volta, que em dias normais é feita em cerca de uma hora e em no máximo duas nos dias de maior movimento, não pôde ser feita em menos de quatro horas desde a tarde de segunda-feira até as 14h de ontem. Alguns motoristas levaram seis horas para fazer o trajeto de volta.

A grande demora teve como causa a queda de várias barreiras e deslizamentos na serra do Mar. Duas barreiras, nos quilômetros 40 e 44 da via Anchieta, cederam e interditaram a pista ascendente da rodovia (sentido Santos-São Paulo) desde a madrugada de domingo. A operação descida foi cancelada pela Dersa e a subida foi realizada pelas duas pistas da rodovia Imigrantes que, segundo a

Dersa, registrou um fluxo de cerca de 6.200 veículos por hora.

Da noite de sexta-feira até a manhã de segunda, 197 mil veículos desceram a serra em sentido ao litoral sul do Estado e 240 mil subiram até o final da tarde de ontem. A diferença ocorreu em razão das férias de janeiro estarem terminando. Muitas famílias que foram desde o final do ano para as praias estão voltando para o retorno às aulas e ao trabalho.

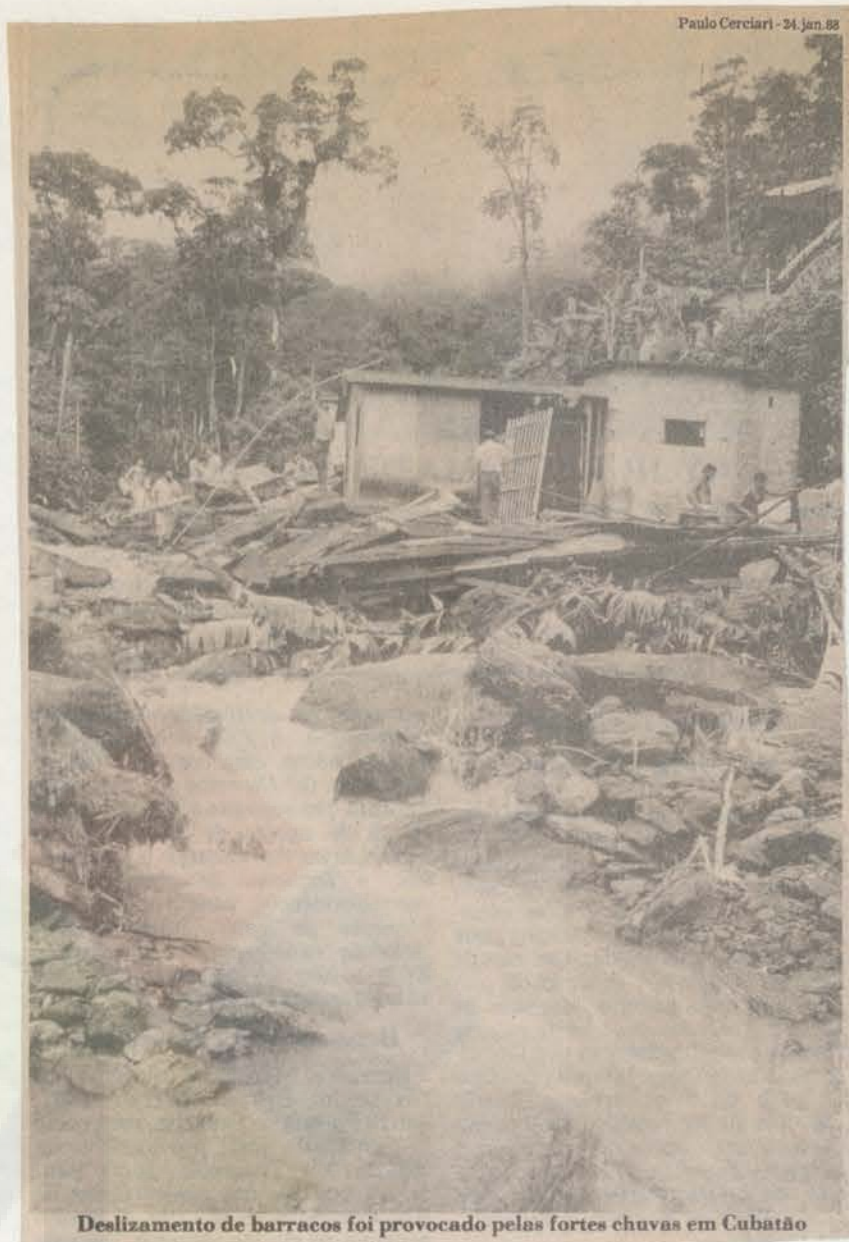
A Dersa registrou 30 acidentes sem gravidade neste fim-de-semana prolongado e desde a noite de sexta-feira foram registrados 350 pedidos de socorro por dia. A Polícia Rodoviária Estadual não tem ainda um levantamento dos acidentes ocorridos no sistema Anchieta/Imigrantes, mas registrou cerca de 23 mil infrações em todas as estradas estaduais que dão acesso à capital.

A pista ascendente da via Anchieta ainda não foi liberada. Técnicos da Dersa, da Secretaria e do Ministério dos Transportes estão estudando as condições da rodovia para decidirem quando ela poderá ser reaberta.

Márcia Zoet



Motoristas provenientes da Baixada enfrentam engarrafamento na Imigrantes



Paulo Cercari - 24 Jan 88

Deslizamento de barracos foi provocado pelas fortes chuvas em Cubatão

Infância na Baixada: Escolaridade e Trabalho

(DADOS DO IBASE)

ESCOLARIDADE

Os dados vêm mostrar que cada vez mais a questão da escolaridade em regiões de baixa renda vem passando pela qualidade de ensino e não quantidade de escolas. Apesar de 82% das crianças e adolescentes de 7 a 17 anos frequentarem escola, 80,3% sabem ler e escrever, 67% estudam em colégio público, o número de pessoas (mães e filhos), reclamando do ensino, das condições do colégio e das dificuldades de aprendizado é grande. Cerca de 25% das mães, quando perguntadas sobre o que falta para seus filhos, declaram ser "melhores condições de estudo", 5,4% das pessoas de 7 a 17 anos disseram ser seu maior problema "as dificuldades de aprendizado".

TRABALHO

Entre os 7 e 17 anos, são 68% realizando algum tipo de trabalho ou tarefa (inclusive doméstica). Desses apenas 10% são empregados, o que geralmente significa não ter carteira assinada (64%) e trabalhar mais de 8 horas por dia (39%). Seguramente são os nossos ajudantes de obra, de mecânico, de metalúrgico, entregador de mercadorias, trabalhadores em escritório.

Entretanto, a maioria das crianças e adolescentes nesta faixa etária trabalha principalmente no próprio domicílio, nos afazeres domésticos. Esta é uma realidade muito presente em famílias de bai-



Nossos escolares da Baixada, estudando e se preparando para quê?

xa renda. As crianças, principalmente meninas, desempenham papel fundamental na organização da casa. Cumprindo pequenos ou grandes serviços, participam da divisão do trabalho, sendo introduzidas, também, na divisão sexual do trabalho.

Assim é que as meninas aparecem trabalhando mais do que os homens, já que são mais absorvidas nos trabalhos domésticos.

Entretanto, meninos e meninas começam a trabalhar mais cedo. São 45% entre 3 a 6 anos, 53% entre 7 a 10 anos, 25% de 11 a 14 anos, e 8% de 15 a 17 anos.

Sobre a remuneração dos serviços que realizam sabemos que apenas 32% recebem algum dinheiro. E mesmo o que ganham é muito pouco. Pegando apenas aqueles

que declaram renda mensal, onde se concentram os empregados, vemos que os ganhos não ultrapassam a média de Cz\$ 644,80. Um dinheiro que termina por cobrir gastos com roupas, calçados e objetos de uso pessoal (45%) e com alimentação (24%).

Portanto, na medida em que conhecemos e compreendemos a realidade das crianças e adolescentes de Nova Iguaçu, os estereótipos de violência e marginalidade são afastados. Talvez fique nítida outro tipo de violência, cotidiana, a situação da pobreza, gerando pessoas com horizontes cada vez mais limitados. Mesmo onde não existem o abandono ou a miséria absoluta, estão em jogo, cada vez mais, as esperanças pela melhoria da qualidade de vida.

Brasilien: Wirtschaftskrise fordert Opfer

Der Abstieg in die Favela

oi. Lohnstop, aber die Preise explodieren: Durch dieses Rezept zur «Sanierung» der brasilianischen Wirtschaft haben zahlreiche Brasilianer in nur wenigen Monaten über die Hälfte ihrer Kaufkraft verloren. Eine der Folgen: viele Zugehörige der unteren Mittelschicht können ihren Lebensstandard nicht mehr aufrechterhalten, müssen aus ihrer Wohnung ausziehen in eine Favela.



Die Sorge des Bischofs. Dom Adriano Hippolito, Bischof von Nova Iguaçu, kümmert sich persönlich um die Probleme von Sebastião in der Favela Livio do Vale. (Bilder: Oswald Iten)

Nova Iguaçu ist eine dieser Vorstadt-wucherungen Rio de Janeiros. Vor zwanzig Jahren gab es hier noch keine Elendsquartiere, sagt Bischof Dom Adriano Hippolito. Inzwischen sind die Favelas zu Millionenstädten angeschwollen.

Lirio do Vale ist erst vor wenigen Monaten entstanden – eine Brettersiedlung, halb auf einen Schmutzwasserkanal hinausgebaut. Zunächst wollten Polizisten und private Wächter die ersten Ankömmlinge, die sich Notunterkünfte aus Karton zimmerten, verjagen. Aber die Gerechtigkeitskommission der Kirche, eine von der Caritas unterstützte Gruppe, verhinderte dies mit Hilfe eines Anwalts. Inzwischen haben die Favelados mit dem Landbesitzer, einem Bauunternehmer, eine Einigung erzielt und Strom- und Wasserleitungen gezogen.

Höchstens einen Hungerlohn

Sebastião Victor Cordeiro ist einer jener Bewohner Lirios, die aus der Stadtwohnung in die Favela ziehen mussten. Zwar verdient er über zwei Minimallohne; aber nach der

Mieterhöhung wären zwei Drittel seines Einkommens auf die Wohnungsausgaben entfallen. Seinen Job als Fotolaborant in der Stadt konnte er glücklicherweise behalten. Aber sein Arbeitsweg dauert nun jeden Tag vier Stunden in überfüllten Verkehrsmitteln; das kostet 20 Prozent seines Salärs.

Die Kinder Sebastãos gehen nicht mehr zur Schule. Stattdessen tragen sie zum Unterhalt der Familie bei – mit dem Sammeln von Konservenbüchsen. Damit «verdienen» sie pro Monat etwa sieben Franken.

In der Bude Sebastãos erinnert der Kühlschrank an die vergangenen besseren Zeiten. Aber vielen Favelados geht es noch schlechter als ihm. Nach den Worten von Sada Baroud von der lokalen Caritas verdienen weniger als 55 Prozent der Einwohner Nova Iguaçus den Minimallohn. Für eine menschenwürdige Existenz selbst in einer Favela wären aber mindestens fünf solcher Hungerlöhne erforderlich.

1312188

Forum der Katt.

In Lirio do Vale sind zahlreiche Bewohner einer christlichen Basisgemeinde aktiv. Der vor ein paar Jahren von einer rechtsextremen Bande entführte und gefolterte Bischof Adriano gehört zu den Pionieren dieser aktiven Christenbewegung. Die Finanzen dafür sammelt Dom Adriano vor allem im Ausland, etwa bei der Caritas Schweiz oder bei Privatpersonen. Ein deutscher Rentner zum Beispiel bezahlt in Lirio die Sozialarbeiterin und das Gesundheitsprogramm. (Bischof Adriano Hippolito wird am 12./13. März in Schaffhausen weilen. Red.)

Aktive Basisgemeinden

Die christliche Basisgemeinde kümmert sich um zahlreiche Einzelschicksale. Die noch nicht fünfzehnjährige Ana Celia erwartet bereits ihr erstes Kind. Ohne den Rückhalt der Gemeinschaft müsste sie ihr Kind im Dreck der Favela gebären; und schliesslich würde ihr nicht viel mehr als die Prostitution übrigbleiben. So aber findet sie Beschäftigung in den Gemeindeprojekten.

Auch Maria do Carmo Gomes profitiert von der Basisgemeinde, in der sie selbst aktiv mitwirkt. Sie lebte drei Jahre lang mit einem deutschen Ingenieur zusammen, von dem sie zwei anerkannte Kinder hat. Seit er nach Deutschland zurückgekehrt ist, lässt er nichts mehr von sich hören... Die Kirche leistet eine Überbrückungshilfe. Ausserdem versucht Dom Adriano mit Hilfe einer Schulklasse in

Deutschland, den säumigen Vater an seine Pflichten zu erinnern. In Nova Iguaçu mit seinen 1,5 Millionen Einwohnern unterstützt die lokale Caritas einige Dutzend Selbsthilfegruppen. Dabei wird Caritas nie von selbst aktiv, sondern leistet Finanz- und Organisationshilfe an Leute, die ihr Los selbst verbessern wollen. Deshalb ist der Wirkungsgrad der eingesetzten Gelder erstaunlich hoch.



Allein gelassen. Maria, unter anderem mit zwei ihrer Söhne, für die ein deutscher Ingenieur keine Alimente bezahlt.

Bischof Adriano Hypolito besucht Schaffhausen am 12./13. März: Kantonsschule, Zwinglikirche, Pfarrkirche Hallau.



Auf Hilfe angewiesen. Die 15jährige Ana Celia ist bereits schwanger. In der christlichen Basisgemeinde findet sie Rückhalt.

Drenagem de rios poupa Baixada de calamidades

Regina Barreiros

Os recursos estão chegando depois da catástrofe, mas o fato é que o financiamento do programa de drenagem dos rios Sarapuí e Pavuna-Meriti poupará as populações da Baixada Fluminense e da Zona Oeste e dos subúrbios do Rio de futuras calamidades. Quem garante é a Superintendência Estadual dos Rios e Lagoas (Serla), autora do projeto, que tramita nos corredores da burocracia desde setembro, aguardando a liberação do dinheiro federal, decidida agora, na esteira da tragédia.

A drenagem dos rios que atravessam a Baixada Fluminense custará CZ\$ 6 bilhões, estando prevista a construção de uma barragem dentro do campo de treinamento de Gericinó (do Exército, em Bangu), no curso médio do Rio Sarapuí. Uma chuva como a deste verão, não correrá livremente rio abaixo quando a barragem estiver pronta. Uma estrutura hidráulica de controle de vazão fechará a passagem quando o volume de água ultrapassar 40 metros cúbicos:

— Posso garantir que vamos resolver 70% do problema das enchentes na bacia do Rio Sarapuí, na Baixada — assegurou o vice-presidente da Serla, engenheiro Paulo Areal, explicando que a barragem poderá ficar pronta em um ano, enquanto a conclusão do programa completo de drenagem está prevista para 1990.

O programa prevê a canalização de quatro rios principais — além do Sarapuí, também Pavuna, Acari, e Meriti (nome que o Pavuna recebe depois do encontro com o Acari). Este conjunto de rios, e seus pequenos afluentes, cortam quatro municípios da Baixada Fluminense — Du-

que de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu — enquanto apenas o Rio Acari exerce influência sobre um conjunto de subúrbios do município do Rio, da zona oeste (a partir de Bangu), passando por Realengo, Vila Kennedy e até Irajá. Aproximadamente 2 milhões de pessoas residem neste vasto território e serão diretamente beneficiadas pela drenagem dos rios — conforme a previsão oficial.

As obras, por extensão, prometem eliminar outros pontos de estrangulamento que emergem com as chuvas. Um pequeno curso de água como o Rio dos Cachorros, afluentes do Rio Acari na altura de Irajá, responde pelas enchentes da Avenida Brasil nesta área, de acordo com os engenheiros da Serla.

Outros afluentes do Sarapuí e do Pavuna-Meriti, dentro do município de Duque de Caxias (a partir de um trecho do Rio—Petrópolis e até a divisa com São João de Meriti) vão contar com um sistema de comportas, para evitar refluxo da água dos rios principais para eles nos períodos de chuva intensa e prolongada. Estes pequenos rios sofrem influência direta das marés, por ficarem muito próximos à Baía de Guanabara, e demoram a escoar a água, favorecendo as enchentes, quando há grandes temporais. Por isto o programa de drenagem prevê a construção de comportas, que interromperão a passagem para o rio principal nas épocas de cheias, quando a chuva intensa coincide com os horários de maré alta — como aliás ocorreu no Rio agora, segundo a Serla.

O conjunto de obras inclui ainda a execução de travessias e a manutenção em rios já canalizados mas obstruídos pelo abandono.

Padres fazem

manifesto

Terça-Feira, 08.03.1988 — JORNAL DE HOJE — Página 5

ao Governador

A Diocese de Nova Iguaçu em nome de toda comunidade da Baixada Fluminense enviou ontem uma veemente carta de protesto ao Governador Moreira Franco denunciando a situação de abandono e esquecimento em que hoje em dia os municípios da Baixada se encontram. Em primeira instância foi marcado um protesto em frente ao Palácio Guanabara para mostrar a população carioca a verdade sobre o saldo das enchentes que assolaram o povo sofrido e carente da região. Avisado sobre a manifestação popular que se desencadearia, o Vice-governador Francisco Amaral telefonou para a Cáritas Diocesana e pediu para que o aguardassem pois viria pessoalmente para tentar evitar um maior tumulto na porta do Palácio e, aproveitando a sua presença, ele prometeu ser o porta-voz perante o Governador para a resolução da questão em pauta.

Cumprindo o que havia tratado por telefone, o Vice-governador chegou para reunir-se com os líderes do movimento: Padre Agostinho Pretto, Vigário Geral; Padre Renato Stormak, Coordenador de Pastoral; Frei Luis e Sada Baroud David, Presidente da Cáritas Diocesana; no entanto a decisão de manter a manifestação foi defendida pelas lideranças, embora recebessem a promessa de que o Governador está olhando por Nova Iguaçu.

— Não podemos medir o problema com emoção, temos um grupo de trabalho formado pela Secretaria de Habitação e de Obras e Promoção Social para enfrentar o problema dos desabrigados, no entanto, isto é para um médio a longo prazo. Não



Frei Luiz Thomás exibiu o manifesto elaborado pela Diocese

podemos resolver de uma hora para outra, o problema é crônico — disse Francisco Amaral.

Contida na Carta de protesto enviada ao Palácio Guanabara, um preâmbulo chamava a população da Baixada Fluminense para atentar para a reivindicação real dos problemas. "A transformação da chuva em flagelo foi gerado pela situação de completo abandono em que tem sido diuturnamente obrigada a vegetar a população da Baixada Fluminense. Muito mais do que as presentes chuvas, vem literalmente destruindo nosso povo, em verdadeiro genocídio físico e moral, a irresponsabilidade administrativa com que sempre foi tratada esta nossa periferia urbana", revelava o trecho da carta.

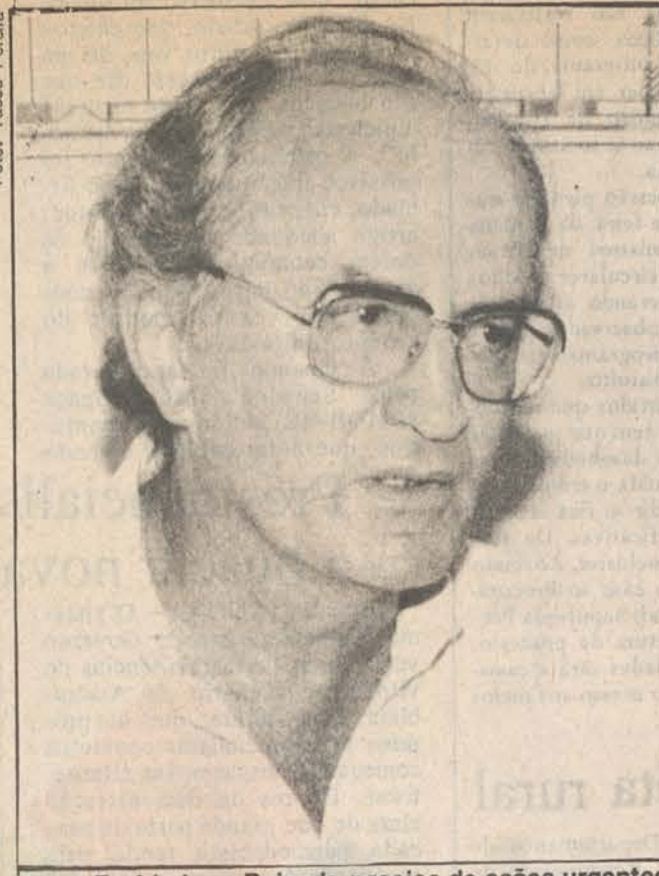
A principal denúncia é contra as autoridades que fazem das enchentes a principal desculpa pela situação calamitosa em que a Baixada pode chegar. Porém esquecem-se os governantes que o

reduto eleitoral que sempre é lembrado em 15 de novembro, antes das chuvas a situação já era precária, vindo agora somente a piorar com a falta de infraestrutura que as galerias e rios da cidade mostram para o escoamento das águas pluviais e esgotos domésticos.

O Vice-governador falou do projeto do governo do Estado em dragar todos os rios da baixada e disse que esta obra é de grande valia, no entanto, revelou que é bastante difícil já que a maioria das margens são habitadas pela população "ribeirinha" e as máquinas usadas para o desassoreamento muitas vezes não tem nem acesso devido a aglomeração dos barracos. Outro inimigo das redes de esgotos e que contribuem para o assoreamento dos leitos dos rios e canais, é o lixo caseiro que muitos, sem saber das consequências, despejam sobre esses locais.

813188 Ad 14

Foto: Tadeu Pereira



Diocese faz manifesto ao Governador

Em nome da comunidade da Baixada Fluminense, a Diocese de Nova Iguaçu e a Cáritas Diocesana enviaram ontem uma carta de protesto ao Governador Moreira Franco denunciando o estado de abandono e esquecimento em que hoje a população da Baixada convive. Encarando as chuvas como uma consequência apenas agravante, as comunidades fizeram um protesto em frente ao Palácio Guanabara para mostrar a todos a real situação que no dia-a-dia são obrigadas a enfrentar. Ao tomar conhecimento de que a manifestação seria mesmo realizada, o Vice-governador Francisco Amaral veio até à Cáritas para tentar uma negociação, porém, não conseguiu anular o movimento. Página 5.

Para Frei Luiz, a Baixada precisa de ações urgentes das autoridades.

CEDIM

OAB de Nova Iguaçu culpa o Fórum por atrasar processos

8/3/88 y d H

A Ordem dos Advogados do Brasil, 1ª Subseção de Nova Iguaçu, está promovendo um movimento de denúncia às autoridades e à comunidade iguaçuana do péssimo estado em que se encontra o Fórum desta Comarca. Segundo o Dr. Júlio Cezar da Silva, presidente da 1ª Subseção da OAB, a falta de condições do espaço físico do Fórum, inclusive com riscos de incêndio, é a causa principal da lentidão da Justiça na Baixada Fluminense.

Entre as irregularidades denunciadas em manifesto da OAB Nova Iguaçu, no prédio atual do Fórum, "construção ultrapassada, mal-conservada, e sem espaço para implantação de novas Varas", o elevador está parado, há vazamento na caixa-d'água, sujeira nas imediações, arquivos superlotados, ratos, baratas, falta de material básico de escritório (papel, xerox) e de recursos humanos. A partir dessa constatação, os advogados iguaçuanos concluíram que é necessária e urgente a construção de um novo Fórum, para que eles possam atender melhor e com mais rapidez à demanda cada vez maior da população que busca Justiça.

Nova Iguaçu, depois do Rio de Janeiro e Niterói, é a comarca que tem o maior número de processos distribuídos, segundo estatística publicada no Diário Oficial de 06.01.88. No entanto, comparado às Comarcas de Niterói, Duque de Caxias, São Gonçalo e São João de Meriti, o Fórum de Nova Iguaçu é o que apresenta o mais baixo nível de produção.

— Os processos, geralmente, levam anos para serem solucionados, e a população, por não ter conhecimento das dificuldades que a atual situação do Fórum representa, culpa os advogados. A busca de justiça se torna uma verdadeira angústia na Baixada Fluminense — afirma o Dr. Júlio Cezar da Silva.

Entre as reivindicações de um abaixo-assinado por 600 advogados de Nova Iguaçu, está a instalação da 4ª Vara de Família, com a criação da Vara de Órfãos e Sucessões, o que agilizará o atendimento à população. Segundo o Diretor do Fórum, Nelson Carvalhal, que também está na luta pela melhoria de condições de trabalho naquela instituição, o Tribunal da Justiça teria liberado uma verba, em ca-

ráter de emergência, para algumas reformas no prédio. Apesar disso, o presidente da OAB/Nova Iguaçu insiste na necessidade da construção de um novo Fórum.

A primeira etapa dessa luta, segundo o Dr. Júlio Cezar da Silva, é a divulgação da idéia e a conscientização da própria classe de advogados, que em Nova Iguaçu chega a mil profissionais, além da comunidade em geral, que também deve participar dessa reivindicação, já que será a maior beneficiada. O próximo passo é marcar entrevista com o Presidente do Tribunal de Justiça para se encontrar uma solução do problema.

Além de considerar viável a construção de um novo prédio para o Fórum de Nova Iguaçu, Dr. Júlio Cezar afirma que essa seria a única solução para atender à enorme demanda dos que precisam da Justiça nesse município, cuja população é aproximadamente de 2.000.000 de habitantes, que aguardam ansiosamente a agilização do serviço forense.



A OAB não vê outra saída se não a construção de um outro fórum para o município.



Nas paredes externas são visíveis as rachaduras que põem em perigo toda a construção.

K. B.
Dienstag, 8. März 1988
Nummer 47 Preis: 90 Rappen
AZ 9008 St. Gallen 84. Jahrgang

Ostschweizer



Bischof Hypolito nahm kein Blatt vor den Mund

Das Volk verelendet

St. Gallen. rh. Man traute seinen Ohren nicht: So deutlich und ungeschminkt hat wohl schon lange kein Kirchenmann die soziale Verelendung in der Dritten Welt beim Namen genannt wie der Bischof der brasilianischen Stadt Nova Iguaçu, Adriano Hypolito. Gestern forderte er in St. Gallen, die Kirche müsse sich klar auf die Seite der Entrechteten und gegen die herrschenden Elite stellen – die zentrale Forderung der Befreiungstheologie.

Obwohl keine Militärdiktatur mehr, gebe es in Brasilien eine «chronische Verletzung der Menschenrechte», kritisierte Hypolito, von der nicht gesprochen werde. Die herrschenden Kreise kümmerten sich nicht um die Armut, es gehe ihnen nur um den Machterhalt. Ihnen sei die Kirche verhasst, weil sie sich für das «Volk am Rand» einsetze. Was der engagierte Bischof sonst noch sagte, darüber ein Bericht im Regionalteil.

O DA LAVOURA

19 A 25 DE MARÇO DE 1988

N.º 3.691

NOVA IGUAÇU (RJ) — ANO LXXXI

Moreira em Nova Iguaçu visita obras e faz novas promessas

A visita do Governador Moreira Franco a N. Iguaçu, realizada no dia 14 de março, não convenceu a população local de que irá cumprir suas promessas de campanha para a região da Baixada Fluminense. Com o menor índice de popularidade já atribuído a um Governador de Estado, Moreira teve que se deslocar para Nova Iguaçu antes de completar um ano de administração, como que para cumprir a sua afirmação de que de 6 em 6 meses iria transferir o governo para a Baixada.

Depois de ter feito visitas a diversos locais, concedeu entrevista coletiva a imprensa, quando anunciou a construção de um hospital em Queimados e mais 14 mini-postos de saúde. A promessa não agradou aos integrantes do Movimento Popular pre-

sente ao auditório do Senai, no bairro da Luz. Segundo levantamento do Conselho Comunitário de Saúde, existe o pedido de pelo menos 50 novos mini-postos e de mais unidades mistas que estão sendo construídas pelo INAMPS para serem administradas pelo Estado.

No campo da segurança, Moreira Franco evitou comentar a sua promessa de que iria acabar com a violência nos primeiros seis meses de governo. Ao invés disso, fez questão de determinar ao Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, que anunciasse a construção de mais 5 delegacias em Nova Iguaçu. As áreas ainda não estão definidas, o que só depende da liberação dos terrenos por parte do Prefeito Paulo Leone.

A grande expectativa, no

entanto, foi para saber o quanto de recursos seria destinado a reconstrução de Nova Iguaçu, que foi duramente atingida pelas enchentes de fevereiro. Em sua fala deixou claro que gira em torno de Cz\$ 3 bilhões. Através do MAB (Federação das Associações de Moradores) e da Igreja Católica, ele ficou sabendo que a prioridade é a limpeza dos rios Sarapuí e Botas (com afluentes) e reconstrução de casas para as famílias desabrigadas: 3 mil.

Sempre acompanhado do vice-governador, Francisco Amaral, e de um grupo de políticos do PMDB, Moreira Franco ficou pouco tempo no município, mas orientou os secretários para que colocassem suas realizações e metas futuras. No dia 15, a visita foi feita em Caxias.

Lá inaugurou um CIEP e fez novas promessas de atendimento as vítimas das enchentes.

CONFRONTO

Enquanto visitava a Baixada, Moreira Franco era alvo de uma manifestação de protesto promovida pela ... FAMERJ (Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro), no Largo do Machado. Também este-

ve presente ao local, partidários do PMDB que acabaram entrando em choque com os representantes das associações de moradores. A briga só não assumiu maiores proporções, porque a ... FAMERJ preferiu sair do local, de modo a não oferecer perigo aos integrantes da manifestação. A polícia assistiu a tudo sem intervir.



Nossa Diocese

D. ADRIANO - BISPO DIOCESANO

Teologia e luta de classes

Frei LUIS THOMAZ — (interino)

Vocês se lembram do torturador personificado por Jô Soares: às cobranças da justiça e convivência social diferente às do tempo da ditadura, o ex-torturador respondia com a ameaça indignada: "Revanchismo

ministro Anibal Teixeira, católico praticante e confesso, mas dado a práticas perfeitamente inconfessáveis."

CEDIM

nao!" Bem ou mal comparando, é assim a reação emocional de setores da nossa Igreja, quando se menciona a luta de classes: "Luta de classes não!" Como se precisássemos propor a luta de classes, como se ela não houvesse sempre existido, como se ela não estivesse aí, à nossa frente, para ser vista por quem não quer passar por cego ou avestruz de cabeça enterrada. É o que recorda nosso Hélio Pellegrino, herdeiro do grande Tristão de Athayde, em sua crônica do JB (9-3-88), da qual transcrevemos passagens indispensáveis ao conhecimento do nosso povo. Vamos lá:

"Dizer que a Igreja Católica não aceita a teoria da luta de classes é tão estranho quanto a afirmativa de que repele a lei da gravidade... O acontecimento ou não da luta de classes não constitui matéria de julgamento subjetivo... Após nossa expulsão do Eden, a história do mundo tem sido a história da luta de classes, sendo esta uma descoberta crucial de Marx. Pode-se lastimar que assim haja sido — e ainda seja — mas esta é hoje uma evidência científica da qual não podemos fugir."

"A Igreja reconhece, com ênfase, a existência dos pobres no mundo, tanto assim que faz, em seu favor, uma opção preferencial. Ora, a pobreza econômica, em nossos dias, é consequência da brutal opressão e espoliação, impostas pelas nações ricas às nações pobres. A pobreza é, pois, testemunho da injustiça, que torna inevitável a luta de classes. Optar pelos pobres é tomar partido nessa luta. Se vejo na rua um adulto sádico espancando um menor, não posso fazer opção por este menor sem tentar libertá-lo às mãos do seu algoz. Se, em nome de belos princípios humanitários ou religiosos, me declaro contra qualquer tipo de luta e deixo de participar da solução concreta, em verdade opto pelo espancador, contra o espancado."

"Aí está — às escâncaras — a luta de classes, para quem queira vê-la. Aí estão a iniquidade, a cupidez, o egoísmo e a impiedade dos ricos. No Terceiro Mundo, milhões de seres humanos morrem de fome. A imagem de Deus, à qual se assemelham, é neles vilipendiada. Assistimos, no mundo, a uma crucificação do Cristo em escala planetária, sob forma da miséria a que estão condenados dois terços da população da Terra."

"Não há libertação que não seja encarnada, construída através de uma práxis libertadora. Se a luta de classes existe aí está, não há outra maneira de fazer uma opção pelos pobres que não seja uma prática revolucionária no sentido da transformação da sociedade. Os pobres precisam ser salvos, e esta salvação, em nome da qual o Cristo morreu na cruz, só se dará, honrada, concreta e fraternalmente, através da disposição para a luta — no campo da luta de classes."

"Não existe, para o ser humano, espiritualidade desencarnada. Se isto fosse possível, Deus teria salvo o homem por decreto, e não mandaria seu Filho ao mundo, para ser, entre nós, uma plena e esplêndida prática do divino. Cristo nasceu, viveu e morreu. Ele foi, assim, verdadeiro homem e, na ação de sê-lo, através de sua prática humana, garimpou e resgatou a luz de Deus que há no coração de todos os homens, até ressurgir dos mortos. A luz do divino, aliás, não reside apenas no coração dos homens, mas no coração da matéria!"

"São Francisco de Assis falava aos bichos e aos elementos — água, terra, fogo, vento — por serem todos criaturas e presenças de Deus. A matéria é portadora do sagrado, e a reverência às suas formidáveis energias não ofende a divindade nem a renega, necessariamente. Marx, materialista e ateu, pelo esforço de sua vida — e de sua obra — a serviço dos pobres, está mais próximo à verdade cristã do que, suponhamos, o ex-

VIAGEM DO BISPO DIOCESANO — Dom Adriano continua, por mais alguns dias, prestando um serviço fraterno às comunidades cristãs da Suíça. Foi convidado pela entidade eclesial suíça Ação Quaresmal dos Católicos. Apresenta, nos grupos e paróquias, entidades sociais e meios de comunicação, os problemas da dependência e espoliação dos países ricos sobre os países pobres. E as consequências dessa relação injusta, na forma de toda espécie de carência, indignidade e morte. Mais uma semana e Dom Adriano estará de volta, ajudando nossa caminhada diocesana com sua presença segura.

CÁRITAS SUÍÇA VISITA CÁRITAS DIOCESANA — Em sua viagem ao Brasil supervisionando projetos de cooperação recíproca, passou dois dias conosco o bom amigo René Meier, um dos diretores da Cáritas Suíça. Em Nova Iguaçu, aquela entidade tem ajudado incessantemente a Cáritas Diocesana e a Comissão de Justiça e Paz. Num tipo de ajuda que não cria dependências nem subserviências. Irmãos de sociedade economicamente afluentes assumindo, na medida do possível, as dores e sofrimentos de irmãos brasileiros, através de projetos essencialmente libertadores, isto é: motivadores da caminhada popular rumo à autonomia.

OUTRA VISITA: O DIRETOR DA MISSÃO CENTRAL DOS FRANCISCANOS — Chama-se Padre Andreas Muller e a sede da Missão Central funciona num bairro de Bonn, capital da Alemanha. A Missão Central dos Franciscanos, através do Padre Andreas Muller, tem cooperado substancialmente, nos últimos anos, com os projetos comunitários de nossa diocese. Nossa Cáritas e Justiça e Paz têm muito o que agradecer àqueles nossos irmãos e confrades do mundo germânico; não só por eventuais ajudas a projetos de nossas comunidades mas, sobretudo, pelo apoio, a nível de Europa, à teologia da libertação e à caminhada de nossos grupos populares e comunidades eclesiais.

ENTIDADES DE AJUDA E ENCHENTES NA BAIXADA — A visita destes nossos amigos, representantes das entidades de ajuda aos projetos do Terceiro Mundo, foi por nós aproveitada, a fim de apresentarmos o problema dos desabrigados, na Baixada, pelas últimas enchentes. Discutimos juntos sobretudo a possibilidade de financiamento para casas populares, em favor dos desabrigados. Tratando-se de projeto complexo e de longo curso, a discussão vai continuar, até chegarmos à explicitação de projetos concretos em favor de casas populares. Nós, da Diocese, como gostaríamos de, com o coração, darmos uma lição aos Poderes Públicos brasileiros: por exemplo, puxando a construção de um projeto piloto de casas para famílias operárias, em conjuntos habitacionais que evitem a mesmice e a indignidade dos conjuntos que vemos por aí, caros, feios e desumanos.

UNICAMP ENTRANDO NA COOPERAÇÃO POPULAR — Foi a semana de visitas importantes e gratas. Uma representação da UNICAMP (Universidade de Campinas, SP) veio mostrar-nos o resultado de seus muitos anos de pesquisa e procura, para a confecção de uma casa popular humana, bonita, variada e barata. Eles conseguiram. Nós vimos os slides. Ao preço máximo de 200 mil cruzados, a UNICAMP, em seu projeto, mostrou que é possível criarmos habitações populares, dignas da riqueza espiritual e da sacralidade variada da família. Foi o primeiro contato com eles. Os contatos continuam. Insistiremos: estamos comprometidos neste processo de humanização da casa da família operária, em nossa Baixada Fluminense. As sementes estão sendo plantadas, elas darão frutos, vocês voltarão a ouvir sobre isso. Eis um projeto realmente libertador!

Bibliothek
18252
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN



Institut für Brasilienkunde